

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

TIAGO AMARAL SALES

**EDUCAÇÕES MENORES EM HIV/AIDS:
O QUE PODE A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM CARTOGRAFIAS
AUDIOVISUAIS?**

UBERLÂNDIA

2022

TIAGO AMARAL SALES

**EDUCAÇÕES MENORES EM HIV/AIDS:
O QUE PODE A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM CARTOGRAFIAS
AUDIOVISUAIS?**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito necessário à obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

UBERLÂNDIA

2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S163 Sales, Tiago Amaral, 1996-
2022 EDUCAÇÕES MENORES EM HIV/AIDS: O QUE PODE A EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM CARTOGRAFIAS AUDIOVISUAIS?
[recurso eletrônico] / Tiago Amaral Sales. - 2022.

Orientadora: Lécia de Fátima Dinelli Estevinho.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.468>
Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Estevinho, Lécia de Fátima Dinelli ,
1963-, (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 18/2022/322, PPGED				
Data:	Doze de agosto de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	[13:30]	Hora de encerramento:	[17:03]
Matrícula do Discente:	12013EDU039				
Nome do Discente:	TIAGO AMARAL SALES				
Título do Trabalho:	"EDUCAÇÕES MENORES EM HIV/AIDS: O QUE PODE A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM CARTOGRAFIAS AUDIOVISUAIS?"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciência e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Criações em Arte e Vida"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Francieli Regina Garlet - UFSM; Fabíola Simões Rodrigues da Fonseca - UNICAMP; Daniela Franco Carvalho - UFU; Sandro Prado Santos - UFU e Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Lucia de Fátima Dinelli Estevinho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/08/2022, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabíola Simões Rodrigues da Fonseca, Usuário Externo**, em 13/08/2022, às 13:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 15/08/2022, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francieli Regina Garlet, Usuário Externo**, em 15/08/2022, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Prado Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/08/2022, às 08:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3834211** e o código CRC **DA638305**.

Por todos que se foram pelas pandemias de HIV/aids e de covid-19.

Ao meu pai, Wisley (in memoriam), por sempre me incentivar nos caminhos acadêmicos. À Chiara que, em meio ao caos, mostra que a vida é possível.

Às pessoas que, contrariando a lógica biomédica e as perversas marcas do medo, do ódio e da aversão, insistem em viver, resistir, persistir, desejar e amar com HIV/aids.

Por que forjar desprezo pelos vivos

E fomentar desejos reativos?

Caetano Veloso

Continuo a pensar que quando tudo parece sem saída,

sempre se pode cantar.

Por essa razão escrevo.

Caio Fernando Abreu (2014, p. 21)

AGRADECER E ABRAÇAR

Escolhi melhor os pensamentos, pensei

Abracei o mar...

Gerônimo e Calazans

À vida, pela sua força transbordante.

Aos encontros, pelo tanto que me permitem aprender.

Aos que vieram antes de mim, pelos caminhos abertos para que pudesse trilhá-los.

Aos tantos que estiveram comigo, possibilitando esta longa e intensa travessia.

Aos professores e professoras, que tanto me ensinam e inspiram durante toda a minha formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro com a bolsa de doutorado.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), à Faculdade de Educação (FACED) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) pelo acolhimento durante o Mestrado e Doutorado em Educação.

À minha orientadora, professora doutora Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, pela parceria no trabalho.

À professora doutora Daniela Franco Carvalho, ao professor doutor Sandro Prado Santos, à professora doutora Fernanda Monteiro Rigue, à professora doutora Fabíola Simões Rodrigues da Fonseca e à professora doutora Francieli Regina Garlet, pela participação na banca de defesa deste trabalho.

Ao UIVO: Matilha de estudos em criação, arte e vida, pelos diálogos intensivos e afectivos.

À minha família, sobretudo à minha mãe, Sandra Ferreira do Amaral, ao meu pai, Wisley Falco Sales (*in memoriam*), ao meu irmão, Lucas Amaral Sales, e ao meu padrasto, José Marcos do Couto Santos, pelo apoio durante toda a minha formação.

Aos colegas de pós-graduação, sobretudo aos do PPGED/UFU, do UIVO e do grupo Orientação com Afeto, pela parceria na caminhada.

Ao Grupo de Incentivo à Vida (GIV), à Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids (RNP+) e ao coletivo HIV/arte pela oportunidade de tanto aprender.

Sim

*Não há por que esquecê-la,
embora sua chegada seja iminente.*

Cata-se a Vida a cada dia.

Ela é a cada dia. É.

Não me sacrifico.

Inquieto-me.

*Sorrio como empalideci na
tarde em que soube de supetão da sua chegada iminente.*

Às vezes, me deito de costas para o teto do quarto.

Braços estendidos transbordam a largura da cama.

Abrem o corpo em cruz.

Aguardo a iminência.

Como se ela acontecesse já. Já.

Observo-me, sou eu não sendo eu.

*Tenho sido sem ter
sido.*

*Tento ser sem ter
sido.*

Não somos todos?

Tudo saber e nada conhecer.

*Em céu de brigadeiro
o avião do corpo se desgovernou num átimo de segundo.*

Felicidade.

*Pergunto à Vida se ainda faz
sentido lhe emprestar sentido.*

Responde-me que sim.

Silvano Santiago (2018, p. 27)

É hora de mais uma vez reinventar as formas de se fazer vida nesse presente pouco propício à existência “humana”. Nós, da cor da terra, herdeiras das sabedorias indígenas, já sobrevivemos ao fim do mundo, também pandêmico, no século XVI. Sobrevivemos ao mesmo tempo que perdemos o nosso mundo. Nós, pretas, atravessamos calunga grande e aqui fundamos presença. Nós, travestis, transvestigeneres, bichas, sobrevivemos à pandemia do vírus do HIV, arma tecnobiológica normativa. Nós viemos de sobrevivências seculares do patriarcado matador. É o tempo de lembrar dessas técnicas de resistência que herdamos e utilizá-las nesse momento que enfrentamos. Pensar em casulos, ver as potências interiores para armar-se de vida, individual e coletivamente. Fase de buscar em nossas raízes as respostas que nos farão vivas e saudáveis para o caminho que nos espera. Olhar para dentro de si e lembrar o que nos faz encarnar o aqui e agora. Mirada essa que não seja narcisista como a cultura eurobranca tanto tentou nos ensinar, mas para imaginar as formas como Yemanjá e Oxum usam seus espelhos, reflexos que trazem ensinamentos de vencer guerras.

DESEJO QUE SOBREVIVAMOS, POIS JÁ SOBREVIVEMOS

(KURY; CAPELOBO, 2020, s. p.)

RESUMO

Esta tese busca, a partir da cartografia de produções audiovisuais, imbricar-se na mobilização de educações menores em HIV/aids e pensar no que pode uma educação em ciências e biologia por meio das escritas advindas do encontro entre o pesquisador e os filmes. Embasa-se teórico-epistemologicamente nas filosofias da diferença, sobretudo no aporte de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, na medida em que se articula uma caixa de ferramentas que possibilite pensar em múltiplos conceitos, como nas questões metodológicas da cartografia, da educação, das políticas em torno da vida, do corpo, do desejo e da pandemia de HIV/aids. Para tal, são elencados três filmes – o documentário brasileiro *Carta para além dos muros* (2019), o documentário estadunidense *Como sobreviver a uma praga* (2012) e o filme francês *120 Batimentos por Minuto* (2017) – que se engendram a partir da temática central do HIV e da aids. Atenta-se, a partir das composições audiovisuais, às formas de narrar a pandemia de HIV/aids pelas imagens e sons; às pedagogias por elas produzidas; às tensões entre discursos e práticas científicas; produção de subjetividade e de diferença. Pelos filmes e as educações possíveis a partir deles, tece-se narrativas que se fazem nas conexões entre ciências, artes e filosofias. Os territórios pandêmicos são mobilizados, sobretudo, a partir do HIV/aids, mas também se conectam com a emergência do Sars-Cov-2, visto que a tese foi produzida em meio ao ápice da disseminação de covid-19 e carrega as marcas de ambas as pandemias, mobilizando e conectando percepções de cada uma delas. Compreende-se que as criações audiovisuais movimentam pedagogias, produzem modos de aprender e podem ser ponto de partida para ensinagens. A dimensão política, militante e coletiva da educação menor é elencada a partir das cartografias audiovisuais e tangenciada com as questões em torno do HIV e da aids. Tal pesquisa dialoga com o campo da educação em ciências e biologia ao perceber que tais filmes permeiam questões científicas em suas narrativas, como as relacionadas à pandemia de HIV/aids, na medida em que também possuem a potência de educar. Busca-se, a partir das cartografias audiovisuais, encontrar pistas de como infectar a educação em ciências e biologia, tão alinhada aos discursos biomédicos, às lógicas assépticas do corpo e do desejo, com outras formas de lidar com tais questões, com as relações humano-vírus, com a vida, o prazer, a doença e a morte, ensaiando possíveis desconstruções de estigmas e instaurando territórios que possam permear, fissurar e instaurar currículos, disciplinas, aulas e práticas docentes que sejam porosos à diferença e à multiplicidade. Percebe-se que, ao mobilizarem tais temas, os filmes, ao tangenciarem as narrativas científicas e biomédicas maiores, também as fraturam, possibilitando brechas em tais discursos e práticas, na medida em que engendram formas outras de narrar uma pandemia, por meio das dimensões da força da vida, da luta coletiva, do desejo, mesmo em meio à dimensão da doença, do medo e da morte. Por fim, traça-se um ensaio-manifesto acerca do que podem as educações menores em HIV/aids.

Palavras-chave: Cartografia. Cinema. Educação em Ciências e Biologia. HIV/Aids. Territórios Pandêmicos.

ABSTRACT

This thesis seeks, from the cartography of audiovisual productions, to be involved in the mobilization of minor education in HIV/AIDS and to think about what an education in science and biology can do through the writings arising from the encounter between the researcher and the films. It is theoretically and epistemologically based on the philosophies of difference, especially on the contribution of Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault, insofar as a toolbox is articulated that makes it possible to think about multiple concepts, as in the methodological issues of cartography, education, policies around life, the body, desire and the HIV/AIDS pandemic. To this end, three films are listed – the Brazilian documentary *Carta para Além dos Muros* (2019), the American documentary *How to survive a plague* (2012) and the French film *120 Beats per Minute* (2017) – which are engendered from the central theme of HIV and AIDS. From the audiovisual compositions, attention is paid to the ways of narrating the HIV/AIDS pandemic through images and sounds, to the pedagogies produced by them, to the tensions between scientific discourses and practices, production of subjectivity and difference. Through the films and the possible educations from them, narratives are weaved that are made in the connections between sciences, arts and philosophies. Pandemic territories are mobilized, above all, from HIV/AIDS, but they are also connected with the emergence of Sars-Cov-2, since the thesis was produced amid the peak of the spread of covid-19 and bears the marks of both pandemics, mobilizing and connecting perceptions of each. It is understood that audiovisual creations move pedagogies, produce ways of learning and can also be a starting point for teaching. The political, militant and collective dimension of minor education is listed based on audiovisual cartographies and related to issues surrounding HIV and AIDS. Such research dialogues with the field of science and biology education, realizing that such films permeate scientific issues in their narratives, such as those related to the HIV/AIDS pandemic, insofar as they also have the power to educate. From the audiovisual cartographies, we seek to find clues on how to infect science and biology education, so aligned with biomedical discourses, the aseptic logics of the body and desire, with other ways of dealing with such issues, with human-virus relations, with life, pleasure, illness and death, rehearsing possible deconstructions of stigmas and establishing territories that can permeate, crack and establish curricula, subjects, classes and teaching practices that are porous to difference and multiplicity. It is noticed that, by mobilizing such themes, the films, by touching the larger scientific and biomedical narratives, also fracture them, allowing gaps in such discourses and practices, for as they engender other ways of narrating a pandemic, through the dimensions of the force of life, of collective struggle, of desire, even in the midst of the dimension of illness, fear and death. Finally, an essay-manifest is drawn up about what minor education in HIV/AIDS can.

Key-words: Cartography. Cinema. Science and Biology Education. HIV/AIDS. Pandemic Territories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Aberturas à vida.....	68
Imagem 2 – Vazios ocupados.....	73
Imagem 3 – Lutas e protestos.....	91
Imagem 4 – Lutas e protestos.....	91
Imagem 5 – O preço.....	94
Imagem 6 – Vazios	95
Imagem 7 – Lutas pela vida	96
Imagem 8 – Lutas pela vida	96
Imagem 9 – Lutas pela vida	96
Imagem 10 – Tensões e fricções.....	98
Imagem 11 – Entre silêncios e gritos.....	100
Imagem 12 – Entre silêncios e gritos.....	100
Imagem 13 – Entre silêncios e gritos.....	100
Imagem 14 – Jesus tem aids?	102
Imagem 15 – Marcas.....	102
Imagem 16 – Gritar!.....	103
Imagem 17 – Encontros afetivos	104
Imagem 18 – Encontros afetivos	104
Imagem 19 – Encontros afetivos	105
Imagem 20 – Encontros afetivos	105
Imagem 21 – Encontros afetivos	105
Imagem 22 – Encontros afetivos	105
Imagem 23 – Protestos: invasão-ocupação laboratorial.....	121
Imagem 24 – Partículas-vírus ou paisagens-virais	122
Imagem 25 – Educação militante: saberes e práticas em resistências	123
Imagem 26 – Celebração-viral ou contaminações de vida.....	130
Imagem 27 – Lutas e lutos políticos	131
Imagem 28 – Devires: danças anticorpos-vírus.....	132
Imagem 29 – Transa ou desejos em fluxos entre corpos-vivos.....	135
Imagem 30 – Protestos, lutas e lutos coletivos em tentativas de quebrar silêncios.....	136
Imagem 31 – Contágios subjetivos.....	137

Imagem 32 – Rio-vaso-sanguíneo em contaminações.....	137
Imagem 33 – Outras linhas.....	166
Imagem 34 – Por uma educação aberta à vida!.....	168
Imagem 35 – Corpos, f(r)estas, educações, e... ..	170

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
ACT UP	<i>AIDS Coalition to Unleash Power</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPs	Centros de Atenção Psicossocial
CDC	Centro de Controle e Prevenção de Doenças
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DST	doenças sexualmente transmissíveis
F.D.A.	<i>United States Food and Drugs Administration</i>
FACED	Faculdade de Educação
GAPPA	Grupo de Apoio ao Portador e Prevenção à Aids
GIV	Grupo de Incentivo à Vida
GPECS	Grupo de Pesquisas em Corpo, Gênero, Sexualidade e Educação
GPV-RJ	Grupo Pela VIDDÁ do Rio de Janeiro
GRID	Deficiência Imunológica Relacionada a Homossexualidade
HIV	<i>human immunodeficiency virus</i>
HSH	homens que fazem sexo com outros homens
INBIO	Instituto de Biologia
IST	infecções sexualmente transmissíveis
ONG	Organização Não Governamental
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
ProPed	Programa de Pós-Graduação em Educação
REnBio	Revista de Ensino de Biologia
RNP+	Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids
SIDA	síndrome da imunodeficiência adquirida
SUS	Sistema Único de Saúde
UDI	usuários de drogas injetáveis
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFU Universidade Federal de Uberlândia
USP Universidade de São Paulo
VIH vírus da imunodeficiência humana

SUMÁRIO

1	TRAJETOS, CONEXÕES. FORMAÇÕES, PESQUISA	18
1.1	Primeiras notas	19
1.2	O sim	20
1.3	Con-versar, a-travessar	22
1.4	Corpo, desejo e territórios pandêmicos	24
1.5	Pesquisar e mobilizar em HIV e aids hoje?	29
1.6	Delineando uma cartografia	33
2	UMA CAIXA DE FERRAMENTAS	37
3	CARTA PARA ALÉM DOS MUROS BIOLÓGICOS: PISTAS DE UMA BIOLOGIA MENOR E AFETOS POSSÍVEIS COM UM DOCUMENTÁRIO SOBRE HIV/AIDS	57
3.1	Abrindo portas, saltando muros	58
3.2	Cartografias para além dos muros	64
3.3	Infecções, contágios e pistas de uma educação e(m) biologia menor	78
4	OS VENTOS DO NORTE TAMBÉM PODEM MOVER MOINHOS? “COMO SOBREVIVER A UMA PRAGA” E RESPOSTAS À PANDEMIA DE HIV/AIDS	84
4.1	Sentindo os ventos...	85
4.2	Entre ventos e ventanias: Como sobreviver a uma praga?	91
4.3	O que venta no Sul?	108
5	120 BATIMENTOS POR MINUTO: EDUCAÇÃO, CURRÍCULOS E O QUE PODE UM FILME NOS AFETAR EM RELAÇÃO AO HIV/AIDS?	114
5.1	Imagens, sons, educação: encontros	115
5.2	Trajetos: Cartografias em batimentos, cenas e afetos	120
5.3	Transbordamentos e contágios afetivo-educativos	138
6	O QUE PODEM AS EDUCAÇÃO MENORES EM HIV/AIDS?	148
6.1	Narrativas em cena	150
6.1.1	Cena 1: Cotidianos	150
6.1.2	Cena 2: Atravessamentos	153
6.1.3	Cena 3: (Des)encontros	155
6.2	Afecções em cena	158

6.3	Borrando imagens, criando vidas outras	164
6.4	Linhas finais, caminhos abertos	172
	REFERÊNCIAS.....	176

1 TRAJETOS, CONEXÕES. FORMAÇÕES, PESQUISA

Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas, continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?

Clarice Lispector (2019a, p. 11)

Que exista alguém dentro de nossa forma de escrever, de nossa forma de pensar, de nossa forma de viver. Seja a que for. Que mantenhamos, ao menos, a mínima dignidade de escrever sem mentir e sem mentir para nós, de pensar sem mentir e sem mentir para nós, de viver sem mentir e sem mentir para nós. Num presente cada vez mais difícil e nunca garantido. Numa primeira pessoa cada vez mais impossível, mas sempre perseguida. Numa distância crítica cada vez mais problemática e mais cética, mas cada vez mais livre. Ao mesmo tempo no singular e no plural. Escrevendo. Pensando. Vivendo. Sempre no devir. Ensaando. De outro modo.

Jorge Larrosa (2004, p. 42)

Cata-se a vida que habita em mim, tece-se com a vida dos outros que vivem em mim e comigo, busca-se formas de, inventivamente, criar possibilidades outras de viver. É esta a aposta deste trabalho: imbricar-se, nas escritas, nas cartografias, nos encontros entre corpo e imagens, e sons, e... e... e...¹ conectando-se às múltiplas possibilidades de aprender e de ensinar com os filmes, de estar atento à vida, de dialogar com as ciências e com a biologia, de mobilizar as questões que permeiam a pandemia de HIV/aids² e de ensaiar formas outras de narrar os atravessamentos pandêmicos que compõem um território³.

Inicialmente, para abrir esta tese, nesta primeira seção, traço algumas notas sobre o fazer cartográfico, os meus trajetos e os desejos-escritos(as), indo (e voltando), em ziguezague, até chegar nos objetivos de pesquisa, na dimensão viral, nas narrativas pandêmicas e nos filmes. Em seguida, está um capítulo teórico-metodológico operado ao modo de caixa de ferramentas (FOUCAULT; DELEUZE, 2019) e, na continuação, teço três textos imbricados a partir de cartografias audiovisuais⁴, cada um advindo dos encontros com uma produção cinematográfica. Por fim, mobilizo um ensaio-manifesto pensando no que podem educações menores em HIV/aids, articulando afectos atravessados ao longo da tese e da pesquisa com os filmes, com as educações, com as ciências, com as artes, com as filosofias e... Inspirado em Caio Fernando Abreu (2014, p. 125), suplico: “[...] por enquanto, por favor, tente entender o que tento dizer.”

¹ Utilizo “e... e... e...” diversas vezes no texto, em referência a Gilles Deleuze e Félix Guattari (2019) e o conceito de rizoma.

² Em referência ao vírus da imunodeficiência humana, o HIV, e à síndrome da imunodeficiência adquirida, a aids.

³ Ao me referir a um território, durante a tese, mobilizo noções espaciais-geográficas e filosófico-conceituais propostas por Deleuze e Guattari.

⁴ É importante ressaltar que, ao mobilizar as questões da cartografia das produções audiovisuais nesta pesquisa, o faço por meio dos afectos acionados pela cartografia no encontro com os filmes e no modo com que forjo vias por meio da escrita, das conexões e da experimentação com imagens para dizer disso que me atravessa e afecta diante desse encontro.

1.1 Primeiras notas

O trabalho de tentar dizer como começou tudo, traçando certa genealogia⁵ e tecendo as considerações iniciais de uma etapa tão longa e importante de uma vida, como um doutorado e uma tese, não é algo simples. As linhas de escrita que se seguem são movimentadas por múltiplas afecções que atravessaram o corpo-autor em seus encontros com corpos-outros. O campo de partida é a educação, em interseção com a educação em ciências e biologia⁶, advinda da minha formação inicial e da Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática, território no qual esta pesquisa se tece, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Em decorrência de se situar em tal espaço, já anuncio, desde o início, a sua contagiante afirmação transdisciplinar que acontece nos encontros entre educação e(m) ciências, artes e filosofias.

Escrevo pelos afetos que me deslocam. São as dúvidas que movimentam as páginas que aqui se seguem e não possuem um início nem fim bem definidos, pois se borram, misturam e conectam. Algumas linhas em aberto têm a função de dar espaço aos caminhos por vir. Escrevo, inspirado em Jorge Larrosa (2004), sem mentir para mim: traço minhas percepções construídas a partir de encontros, também em flertes com fantasias, narrativas oníricas e ficções que possibilitem mais potência para a escrita, a imaginação, o devir, o pensamento e a mobilização de formas de incidir no mundo.

São escritas em conexões, que se fazem quase que em danças neste trabalho que acontece em linhas: linhas de escrita, linhas de forças, linhas de pensamento, linhas de potência, linhas duras, linhas segmentares, linhas de fuga. Linhas... Uma cartografia que, como afirma Gilles Deleuze em seus diálogos com Claire Parnet (DELEUZE; PARNET, 1998), são os estudos das linhas. Misturadas, estas linhas ganham velocidades pelos encontros, ensaiando possibilidades outras também de pensar, viver e existir no contemporâneo. Sempre em devir.

Como já questiona Lispector (2019a) em seu livro *A Hora da Estrela*, escrevo por ter mais perguntas do que respostas, e começar do início, talvez, seja impossível, pois as coisas começaram antes mesmo de acontecerem.

⁵ Inspirado na genealogia foucaultiana (FOUCAULT, 2019).

⁶ Opto por manter em minúsculo, ao longo da tese, as palavras ciências, ciências biológicas, biologia e educação, exceto ao me referenciar a um espaço específico de formação, como uma graduação, pós-graduação, linhas de pesquisa, como em “doutorado em Educação” e “graduação em Ciências Biológicas”.

1.2 O sim

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim à outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história, havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o que, mas sei que o universo jamais começou.

Clarice Lispector (2019a, p. 11)

Sim. Dizer sim, aceitar. Eu aceitei entrar nestes trajetos, pude escolher, tive este privilégio – mas será que restava outro caminho?

Na ação afirmativa que Lispector (2019a), em *A hora da estrela*, diz ser o começo de tudo, percebo a agência que tenho tido em minha vida, dizendo sim, aceitando, incidindo, atuando. Digo sim todos os dias: sim ao ar que me permite estar vivo na medida em que também oxida as minhas células, sim aos afectos que me atravessam feito flechas, sim aos múltiplos encontros entre humanos e não humanos que me fazem companhia e estão juntos comigo, sim às aprendizagens imbricadas a partir deles: digo sim à vida, ao hoje, ao que já foi e ao que será. No sim, existe o embrião de tudo o que ainda pode ser, moléculas do porvir.

Escrever é também dizer sim, é um encontro com estes outros que me compõem. Percebo que realizar uma pós-graduação é confrontar, diariamente, uma gigantesca dimensão de questionamento e, quiçá, de ignorância que nos compõe, encontrando possibilidades de sustentar essa incompletude de nossas vidas⁷. E, dentro destes vazios, das ausências, dos desconhecimentos, acho forças para seguir, criar perguntas, questionar e me movimentar com a alegria de aprender nos/pelos/em meio aos encontros. Caminhar entre vazios e cheios, como relatei no artigo *Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia* (SALES, 2022a).

Esta é uma escrita em primeira pessoa, às vezes no singular, às vezes no plural. *Sometimes*, flerto com uma tentativa de distância e, assim, podem aparecer algumas linhas em terceira pessoa. Quando escrevo no singular, tento caminhar mais solitário no isolamento do trabalho de pesquisa, que nunca é uma solidão vazia: é permeada de encontros, como afirmam Deleuze e Parnet (1998):

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. Não se pode fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é, talvez, a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e, às vezes, sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14)

⁷ Alguns dos afetos vividos ao longo da pós-graduação foram materializados no texto *Formação? Tempo? Pesquisa? Uma carta à pós-graduação* (SALES, 2021).

É nesta solidão extremamente povoada que este trabalho cresce, germina, rizoma, alastra e se desenvolve em várias direções, em Z de zigzag (DELEUZE; PARNET, 1995). Sempre solitário e nunca sozinho. Sempre coletivo e preñado de devires. Nesses encontros, a escrita vai se fazendo por meio de muitas mãos, cabeças, bocas, corpos. É uma escrita feita de corpo inteiro: escritas de uma vida, de várias vidas que se encontram. O singular e o plural podem se misturar nos trajetos das escrituras, assim como noções temporais, pois estas linhas não possuem uma origem certa: começam a nascer junto do nascimento de uma vida que se confunde, mistura e dissolve com outras vidas. Vida-pesquisador? Vida-educador? Vida-tese?

Pensar é deixar-se perder pelo deserto, uma aventura no espaço liso, selvagem, potencialmente letal. [...] Linha de fuga, o refúgio no deserto ou em ilhas perdidas no meio do oceano imenso, pensar é a louca corrida da superação, não uma batalha, uma guerrilha ou uma briga a se comprar. (SILVA; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 39-40)

Linhas... de pensamento, de escrita, de vida, como mobilizam Tomaz Tadeu da Silva, Sandra Corazza e Paola Zordan (2004), me inspirando na criação artesanal das linhas desta tese. São linhas, sobretudo, de vida.

Uma vida... “Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa” (DELEUZE, 2002, p. 12). O que cabe de uma vida nas linhas escritas? Quais vidas habitam e são criadas nestas linhas? Quais vidas inusitadas se materializam na escrita e quais se repetem? O que de novo é criado, o que de velho é atualizado, o que de morto vive e o que de vivo morre pela escrita? Quais afetos compõem o corpo-escrito materializado em palavras que se misturam com o corpo que escreve e os corpos que se encontram? “Potência completa, beatitude completa” em uma vida que caminha, que constrói seus trajetos, que cai, tem os seus tombos, se levanta, anda, corre, dança, deita, dorme, acorda e dá cambalhotas⁸. Linhas de vida em múltiplas velocidades.

⁸ A dimensão das cambalhotas é uma menção a um comentário da professora Daniela Franco Carvalho, minha orientadora de mestrado, durante a defesa da dissertação, no começo de 2020, pouco antes de ingressar no doutorado: “O Tiago gosta de dar cambalhotas”, em referência ao meu apreço em mudar, deslocar e a-travessar territórios outros de pensamento e vida, em derivas intensivas. Na banca de defesa da tese, a professora Francieli Garlet, atravessada pela dimensão das cambalhotas que eu aqui brevemente opereei, trouxe uma citação potente de Sandra Corazza (2007, p. 122) para compor: “Entre uma linguagem e outra [...] existem pontos de silêncio, vazios de linguagem, vácuos de ângulos classificatórios, pontos de vista não perspectivados, enunciados ainda a serem articulados. [...] Só aqui é possível produzir abalos; provocar mudanças no que somos capazes de ver e de dizer; dar alegres cambalhotas; radicalizar nossas relações com o poder e o saber; partir as linhas; mudar de orientação; desenhar novas paisagens; promover outras fulgurações. Enfim, artistar, inventando novos estilos de vida e, portanto, de práticas”. É nestas possibilidades de artistar nas alegres cambalhotas possíveis na pesquisa-vida em educação que estas escritas investem.

As linhas desta tese materializada neste arquivo começaram a ser escritas no início de 2020, com o ingresso de um jovem professor de ciências e biologia no doutorado em Educação, na Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Tais linhas, traduzidas em palavras, iniciam junto de um corpo-vivo interessado em pensar e em estudar o que (se) vive. Fecundação? Nascimento? Infância-adolescência-vida-adulta? Vida? Encontros corpóreos e desejosos, embriologia, hospital. Gênese? Família? Árvore? Rizoma? Parto, peito, berço, cama, chão, rua, escola, festa, universidade, e... e... e... doutorado? Linhas que vão se traçando diariamente, digitadas e sentidas. Linhas vividas, marcadas na pele. Linhas de sangue e carne viva, viscerais. Linhas “de sangue, de sonho e de América do Sul”⁹. Linhas escritas pelos afetos, ou melhor, linhas que são afetos materializados em palavras. Linhas que criam mundos... Multilinhas, multimundos¹⁰. Linhas que borram passado, presente e futuro, mas falam sempre de um agora que é sentido, escrito, lido, reescrito, mudando e se transformando.

1.3 Con-versar, a-travessar

A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência.

Preciado (2020, p. 32)

Como cheguei aqui? Ao dizer “aqui”, me refiro a esta escrita, à sua emergência e a tudo que ela agencia. Ao (re)escrever estas linhas, percebo que “aqui” são muitos lugares. O aqui é algo parecido com uma travessia¹¹, um trajeto, um punhado de encontros e afetos materializados em escrituras. Letras, palavras-travessias, vírgulas, pontos e vírgulas, pontos finais, aspas, parênteses, traços, espaços, reticências, instaurando territórios, mobilizando encontros.

“Atravessar é, ao mesmo tempo, saltar um muro vertical infinito e caminhar sobre uma linha traçada no ar” (PRECIADO, 2020, p. 33). Inspirado em Paul Preciado e nos seus relatos de travessias entre-gêneros, tenho me entregado: “Entreguei-me à travessia” (PRECIADO, 2020, p. 33). Viver as travessias que a pesquisa-vida em nós mobiliza é estar atento aos

⁹ Música *A palo seco*, de Belchior.

¹⁰ Inspirado na fala de Ailton Krenak presente na live *Filosofia ameríndia: por um outro modo de pensar e viver...* Mediada por Suely Rolnik, que aconteceu na plataforma do Youtube do Canal Agenciamentos Contemporâneos no dia 23 de junho de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g4_hnApXhrU&ab_channel=agenciamentos. Acesso em: 23 jun. 2021.

¹¹ Algumas escritas que também se fizeram como travessias, sobretudo em relação à pandemia de covid-19, mas também rizomando com as tantas questões afectivas e formativas permeadas nesta tese, foram materializadas no texto-arquivo *Travessias em poéticas virais* (SALES, 2022c).

nascimentos e às mortes que caminham conjuntamente com a força do devir, do movimento de a-travessar. “A travessia exigia, ao mesmo tempo, flexibilidade e determinação. A travessia exigia perdas, mas as perdas me forçavam a inventar a liberdade” (PRECIADO, 2020, p. 36).

Esta tese situa-se em uma universidade brasileira pública e gratuita, “um bem público a serviço do Brasil”, como marcado em seus muros¹², em um programa de pós-graduação que me possibilitou (trans)formações, com o financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que permitiu imersões nos trajetos, em um processo de doutoramento. A tese é a materialização de uma grande travessia – ou, quiçá, múltiplas travessias – que não se finda nela, mas ganha força pelas linhas de escrita-vida aqui traçadas. A travessia da pós-graduação, das leituras, das escritas, dos diálogos, dos ensaios, das interlocuções, das tensões e dos desejos se misturam com as travessias pandêmicas¹³, imbricando territórios em suas fecundas diferenças, sobreposições e contaminações.

A primeira constatação é de que cheguei vivo e cheio de ânsias. Por estar vivo, posso escrever e, por ter ânsias, me movimento à procura de forças para criar estas linhas. No doutorado, ingressei ainda com vinte e três anos, momentos antes da emergência pandêmica da covid-19, acontecimento este que é importante para situar as escritas que se seguem. Nos estudos das humanidades e em suas múltiplas conexões rizomáticas com campos outros, em territórios possíveis de fecundas transdisciplinaridades, consolidei reticências em meus trajetos-formações. Encantei-me com as disciplinas pedagógicas e, antes mesmo de finalizar a licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ingressei no mestrado em Educação, também na UFU, mas agora não mais no Instituto de Biologia (INBIO/UFU): fiz morada na Faculdade de Educação (FACED/UFU) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU), território o qual segui habitando no doutoramento.

No início do doutorado, me restava escutar com atenção o que demandava vazão em mobilizações de pesquisa-vida. Neste turbilhão que é a rotina de um pós-graduando, tive um bom encontro que mudou totalmente a direção do meu mestrado e seguiu participando intensamente nos trajetos do meu doutoramento: um encontro uivante. No fim de 2018, experimentei os meus primeiros contatos com o *Uivo: Matilhas de estudo em criação, arte e vida*, grupo de pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mobilizando produções em conexões que se fazem no meio: entre artes,

¹² A frase “UFU: um bem público a serviço do Brasil” encontra-se no muro que circunda o Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, no qual se encontra a Faculdade de Educação e o Programa de Pós-Graduação em Educação, território que me foi ninho durante o mestrado e agora no doutorado em Educação.

¹³ Penso nos acontecimentos pandêmicos – trajetos, territórios, travessias – a partir das pandemias de HIV/aids e, mais recentemente, emergindo junto do início da escrita deste trabalho, com a covid-19.

filosofias da diferença, ciências, educações e... e... e... em forças dos uivos, das matilhas, do coletivo.

Sobre o *Uivo*, Tamiris Vaz e Lúcia Estevinho (2020) afirmam que:

O grupo tem se reunido por um desejo de fazer ressoar potências que, em tempos de crise, nos provocam à necessidade de fazer inversões em ações coletivas capazes de mover corpos para fora da existência formatada, de exercitar o constante movimento de estar nas bordas. Para ser uivo, o grito não está só. Não conseguimos ser um uivo individualizado, pois com ele nasce a necessidade de intercessores, de perto e de longe. Matilha. Heterogêneos que se tornam coletivo no atuar, no uivar. (VAZ; ESTEVINHO, 2020, p. 12, tradução nossa¹⁴)

A força do coletivo a partir dos primeiros flertes com a *Matilha Uivo* me ajudou a ganhar velocidades em direção à produção de minha pesquisa. Juntos, lemos Deleuze, Guattari, Foucault, Kafka, Rolnik e outras escritas instigantes que dialogam com seus pensamentos, discutimos artigos, livros, vídeos, ensaios, produções artísticas, filmes. Comemos e bebemos juntos. Criamos juntos. Nos encontramos na universidade, na praça, na manifestação e no bar. Nos colocamos em movimentos de criação. Com a chegada da pandemia de covid-19 – acontecimento que compõe densamente parte do que intitulo aqui de territórios pandêmicos – nos reinventamos e continuamos as nossas reuniões também pelas telas, janelas e virtualidades, até o momento de nos vermos presencialmente, à procura sempre dos encontros que fossem possíveis e, no esvaziamento de possibilidades, em momentos de esgotamento, procurar pelos impossíveis e pelos fluxos por vir.

1.4 Corpo, desejo e territórios pandêmicos

O vírus do amor
Dentro da gente
Beira o caos
42 graus de febre contente...

Rita Lee e Roberto Carvalho

A dimensão do corpo é uma das principais questões que me inquietam na escrita e na criação acadêmica. Pensar em corpo é abrir-se à multiplicidade de possibilidades de vida, ao

¹⁴ O trecho original foi publicado em espanhol e é “el grupo se ha reunido por un deseo de hacer resonar potencias que en tiempos de crisis nos provocan la necesidad de hacer inversiones en acciones colectivas capaces de mover cuerpos hacia fuera de la existencia formateada, de ejercitar el constante movimiento de estar en los bordes. Para ser aullido, el grito no está solo. No conseguimos ser un aullido individualizado, pues con él nace la necesidad de intercesores, de cerca o de lejos. Manada. Heterogéneos que se tornan colectivo en el actuar, en el aullar” (VAZ; ESTEVINHO, 2020, p. 12).

que habita dentro de nossas carnes, de nossos desejos, de nossas subjetividades, ao que carrega a potência de instaurar caos na tentativa de organizar uma existência. As discussões acerca do que constitui o “outro” também me instigam. Corpo e outro. Outros corpos, outros-eus, quiçá a dissolução do eu... devir, devir-outro... movimentos que fraturam e borram as noções de corpo, de eu e outro. Estudar o outro é colocar em questão o que é o eu, o que sou, o que fui e o que estou em vias de ser.

Percebi que me encontrava, nas minhas pesquisas, neste trajeto de outridades, de diferenças, levando-me às tantas alianças conceituais que aqui me acompanham. Constatei que habitava em mim um desejo enorme de me aventurar, dentro do território da educação, nos campos de estudos de corpo, gênero e sexualidade, assim como nos estudos *queer*, na procura de experimentar, mobilizar e imbricar nas possibilidades de pesquisa-vida que cartografem tantas existências outras. Na verdade, posso dizer que já os habitava desde o início da graduação em Ciências Biológicas, por encontros acadêmicos, ou quiçá, antes, como saberes encarnados, experimentados e experienciados. De algumas formas, flerto com tais campos nas escritas que se seguem, rizomando-os com espaços outros de pensamento e vida.

Nesta tese, me encontro como um corpo nômade, à deriva, na preparação do corpo vibrátil (ROLNIK, 2016) necessário para traçar as cartografias que demandam vazão. Questiono como essas movimentações acontecem. Seriam derivas programadas? Derivas direcionadas? Direções difusas, ora confusas e esquizas, ora organizadas. Derivas-rizomas, mesmo nos territórios arborescentes. Subversão de ordens e normas, busca por possibilidades variadas ao trilhar todos os caminhos desejados possíveis. “Beber o suco de muitas frutas, o doce e o amargo, indistintamente. Beber o possível, sugar o seio da impossibilidade”, como cantam os Secos e Molhados¹⁵.

Ao começar a ensaiar a tese, pensei em cartografar existências LGBTQIA+, corpos outros, corpos meus e dos outros, próximos e distantes, em suas conexões com a educação. Em decorrência da formação inicial em Ciências Biológicas e por situar-me na linha de pesquisa que mobiliza as questões em torno da educação em ciências, busquei possibilidades de traçar conexões entre estes territórios. As ciências da natureza atravessam os corpos constantemente, em investimentos para discipliná-los e instaurar verdades sobre a vida. Os conhecimentos científicos também produzem estes corpos com os seus discursos, em redes de saber e poder, pois, como evidenciou o filósofo Michel Foucault (1999, p. 31), “O poder produz saber. [...] [o] poder e saber estão diretamente implicados; [...] não há relação de poder sem constituição

¹⁵ Música *O doce e o amargo* de João Ricardo e Paulo Roberto Mendonça.

correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder.”

Me coloquei a pensar nas tantas formas que os campos de estudo biológicos e suas interfaces com as possibilidades de educações se relacionam com essas existências outras. Nesses tempos de procura, fui atravessado por pandemias, imergindo em seus territórios. Pandemias que permearam os meus antepassados, me impactaram, também os outros que comigo convivem. Pandemias causadas por agentes infecciosos que, ao adentrarem os corpos humanos, podem descarrilar-se em mortes. Tais pandemias colocam em questão a convivência humana com outras formas de vida, na medida em que evidenciam atritos e crises globais do Antropoceno.

O que está em jogo em uma pandemia? Vida? Contágio? Morte? Como os corpos (r)existem e se produzem em territórios pandêmicos? Quais vidas se tecem nesses espaços de tensão? Corpos-vivos? Corpos-vírus?

A emergência pandêmica da covid-19 chegou e desestabilizou tudo que se mostrava consolidado: “Vírus: tudo que é sólido se desfaz no ar”¹⁶, como intitula Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 5) um de seus capítulos do livro *A cruel pedagogia do vírus*. A pandemia de covid-19 mudou drasticamente a minha rotina, ocasionou a morte de muitas pessoas próximas, como a do meu pai¹⁷, me afastando – sobretudo nos anos de 2020 e 2021 – fisicamente de amigos, parentes e dos meus afazeres presenciais na universidade, de aulas, reuniões e atividades de educação e pesquisa que aconteciam nesses espaços, demandando formas de (re)inventar a vida que fosse possível.

Este caos-pandêmico me pegou de surpresa e desestruturou muito do que conhecia do mundo e das possibilidades de viver. Mesmo sabendo, por meio de meus estudos biológicos, que, de tempos em tempos, novos vírus e agentes infecciosos surgem ou chegam até os humanos, jamais imaginava que poderia viver as experiências relacionadas à emergência pandêmica advinda da covid-19. A partir desse acontecimento pandêmico, fui levado a me (re)adaptar, algo que não foi possível sozinho: demandou uma força coletiva. Na formulação de formas de atravessar tal situação, imergi nas leituras e pesquisas que materializaram esta tese. Assim, a dimensão viral se faz presente em todas as linhas, tanto pela iminência de

¹⁶ Neste título, Boaventura de Sousa Santos (2020) faz um trocadilho com o célebre livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman (1998).

¹⁷ Tal acontecimento da morte de meu pai marcou intensamente o meu ano de 2020, bem como os percursos acadêmicos. Juntamente à minha orientadora, Lúcia Estevinho, escrevi o texto *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES; ESTEVINHO, 2021). A escrita deste texto é um importante referencial para situar o que chamo de “territórios pandêmicos”.

contágio no período de escritas quanto pelos devires que adentro pelas experimentações de escrita e pelos encontros – sobretudo com os filmes – que aqui me concentro ao focar em uma pandemia outra, a de HIV/aids.

Um dos exemplos de potência da união entre vidas durante a pandemia de covid-19 foi com o *Uivo*. Por intermédio do grupo, nos apoiamos em momentos que faltava ar, abrindo janelas possíveis para nos encontrar e respirar:

Dentro de casa, a princípio, quase fomos sufocando pelo luto da “falta” de um mundo que, em sua imperfeição, ainda nos possibilitava estar juntos, lendo, discutindo conceitos, aprendendo e criando no contexto acadêmico. Começamos, então, a abrir janelas em busca de alguma lufada de vento capaz de mover nossos corpos ainda inertes pelo choque da mudança. Notamos que as janelas que dispúnhamos já não davam conta dos tantos ares que nos atravessavam nestes novos processos de existir. Talvez nossos modos de olhar para as janelas, de nos debruçarmos e imaginarmos um fora como algo apartado do “dentro” de nossos lares, também já não dessem conta de tantos sufocamentos, necessidades de sobreviver e de aprender a viver de outras maneiras. Abrimos a janela do computador na busca por outros modos de respirar. Nossos rostos enquadrados por molduras virtuais nos fazem perceber as tantas outras janelas que solicitam abertura. Nos ocorre que essas aberturas não pedem passagem apenas como recortes das paredes arquitetônicas, mas exigem que nossos corpos encontrem aberturas para novas sensações. Para não sucumbir à ausência de abraços-físicos, precisam se abrir a outros modos de abraçar: pela palavra, pela imagem digital, pelo olhar que sorri, pelo aceno que acalenta. (SALES *et al.*, 2020, p. 378)

O artigo *Tricotando Janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar* (SALES *et al.*, 2020) foi uma escrita coletiva produzida em 2020 pelo Uivo, nos meses iniciais da pandemia de covid-19, ensaiando alternativas às angústias e sufocamentos, na medida em que produzimos possibilidades de respiros e encontros. Na medida em que escrevíamos, também pensávamos no que vivíamos e criávamos saídas para perseverar. Foi uma escrita artesanal e visceral, feita a muitas mãos, cabeças, corpos-por-inteiro, janelas, ares, medos e desejos de encontros. Tais tessituras também me impulsionaram para seguir agenciando palavras na tentativa de entender as experiências (LARROSA, 2011) que me passavam.

Quando se habita um território pandêmico, as respostas vão se borrando e as perguntas emergem feito facas, cortando o corpo. Urgia a dúvida: seguir em meio a que? Engasgados com as políticas mortíferas, ou, como diria o Achille Mbembe (2018), com as necropolíticas, também me debrucei para pensar nessas artimanhas de um Estado-nação brasileiro genocida, que negava a pandemia de covid-19 e os conhecimentos historicamente construídos relacionados às ciências que poderiam ter sido utilizados para preservar tantas existências ceifadas, negligenciando medidas de proteção da vida e levando a centenas de milhares de mortes que poderiam ser evitadas.

Um país onde foram ceifadas centenas de milhares de vidas em decorrência da pandemia de covid-19, destacando-se negativamente dos demais vizinhos sul-americanos, com os seus gestores se posicionando com frases como “é só uma gripezinha” e “e daí?”¹⁸, é um país marcadamente necropolítico. Um país com tantos milhares de mortos viveu um luto coletivo durante o período pandêmico, não se findando nele: luto pelas mortes físicas, pela ausência da possibilidade de velar e se despedir de seus entes e pela frieza de um Estado que se nutre a partir destas mortes.

A escrita acadêmica também mostrou-se, para mim, como processo de cura das dores advindas da pandemia, das “marcas-feridas” (ROLNIK, 1993) em mim engendradas, tratando-as. A partir dos traumas pandêmicos, dos lutos – sobretudo pela morte de meu pai – e da necessidade urgente de encontrar formas possíveis de respirar, escrevi, junto da professora e, também, orientadora de doutorado, Lúcia Estevinho, o texto *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES; ESTEVINHO, 2021). Nele, cartografamos os territórios pandêmicos da covid-19, expurgando o veneno do luto em meio às sufocantes políticas de mortes, conectando também, mesmo que de forma breve, a pandemia de covid-19 com a de HIV/aids. Nesta escrita (SALES; ESTEVINHO, 2021), propomos pistas de como permanecer vivo, atravessando esses duros territórios e neles incidindo:

Escapar-do-território-pandêmico, escapar-no-território-pandêmico. Territórios permeados por lutos, traçados por linhas tênues que separam vida e morte. Mas não pense que são territórios rígidos e imutáveis: territórios que estão em constante transformação, tensão-de-disputa em movimentos de desterritorialização, territorialização e reterritorialização. Assim, nos colocamos em movimento, embrenhando à procura de brechas. (SALES; ESTEVINHO, 2021, p. 288)

Ao cartografar estes territórios, colocamo-nos atentos às possibilidades de respirar, aos possíveis que se anunciavam entre os desérticos espaços da assepsia pandêmica. Fomos traçando, inicialmente, o que seguiu-se reverberando nas escritas que compõem esta tese: pensar e mobilizar educações menores em HIV/aids em meio à pandemia de covid-19. Para tais movimentos de pesquisa, debruçamo-nos em múltiplas obras que possibilitassem tangenciar as formas de narrar a pandemia de HIV/aids, mas decidimos atentarmo-nos, nesta tese, ao cinema e, em específico, a três filmes que traçam narrativas em torno da pandemia de HIV/aids, cartografando-os.

¹⁸ Falas do, naquele momento, presidente do Brasil, no início da pandemia no país, no ano de 2020.

As cartografias audiovisuais aqui imbricadas buscam questionar o que pode uma educação em ciências e biologia conectada com estas questões em torno da pandemia de HIV/aids. A paixão pelas produções audiovisuais, juntamente da felicidade – e facilidade – de nelas poder me debruçar dentro de casa, pelas telas possíveis, em meio à impossibilidade de estar presencialmente em muitos espaços nos períodos de maior turbulência da covid-19 – sobretudo nos anos de 2020 e 2021 –, como escolas e museus, foram alguns dos fatores que impulsionaram na escolha por deter-me aos filmes. Por tais escritas terem sido forjadas em meio à pandemia de covid-19, carregam marcas de um pensar (em) um contexto pandêmico atravessado por outro, defendendo que, após a emergência do Sars-Cov-2, as formas de produzir discursos e práticas em torno do HIV e da aids também mudaram.

1.5 Pesquisar e mobilizar em HIV e aids hoje?

Ao vivenciar a necropolítica associada à pandemia de covid-19, recorro da pandemia de HIV/aids que adentra, nos anos 2020, na sua quinta década de emergência mundial, encontrando-se presente e em movimento globalmente. No mundo, dezenas de milhões de pessoas morreram em decorrência de complicações causadas por meio da infecção pelo HIV e do seu adoecimento, que ocorre na ausência de tratamentos, desencadeando a aids. Outras dezenas de milhões vivem atualmente com o vírus. Tal território pandêmico é um exemplo da força mortífera da necropolítica mundial: milhões vieram a óbito nos primeiros anos sem acesso a nenhum medicamento eficaz, em situações de negligência total, questões estas tangenciadas nos filmes aqui cartografados e nas escritas a partir deles imbricadas. Os principais grupos afetados pela aids no início de tal emergência pandêmica foram os gays, as travestis/mulheres trans, os negros, os usuários de drogas injetáveis e as prostitutas, evidenciando os porquês de tamanho descaso necropolítico, e sendo um prato cheio para a instauração da noção estigmatizante dos “grupos de risco”¹⁹.

O HIV e a aids são temas que acompanham a vida de todos nós, mas alguns grupos foram mais afetados, como LGBTQI+s, em decorrência de múltiplos fatores sócio-políticos que os vulnerabilizam perante tal infecção e possível adoecimento. Para, sobretudo, gays, homens bissexuais, homens que fazem sexo com outros homens, mulheres trans e travestis, sua presença se faz marcante em diferentes momentos nas últimas quatro décadas, tanto nos corpos positivos

¹⁹ Tal questão da emergência da noção de “grupos de risco” na pandemia de HIV/aids é relatada e problematizada por Eduardo Jardim (2019).

para a infecção, quanto nos imaginários, nos discursos, nas redes de saber e poder produzidas, nos estigmas construídos a partir da criação falha e criminosa dos ditos “grupos de risco”, noção que volta a aparecer e ganhar força agora, com a pandemia da covid-19.

Nestas duas pandemias citadas anteriormente – a de aids e a de covid-19 –, as vidas humanas são atravessadas pela dimensão biopolítica, conceito desenvolvido por Foucault (2005, 2019), tangenciada pelas instituições biomédicas, afirmando os grupos que podem – e como podem – viver e os que devem ser deixados à própria sorte, ou seja, à morte iminente. Ambas as pandemias têm se modificado e reconfigurado rapidamente. Ao pensar em HIV/aids na década de 2020, cenários outros se apresentam: possibilidades de viver com o vírus, quando o diagnóstico não se apresenta mais, necessariamente, como sentença rápida de morte, em decorrência dos avanços biomédicos e tecnológicos, sobretudo por meio do advento dos medicamentos antirretrovirais²⁰. Mas, mesmo assim, um número considerável de pessoas segue adoecendo pela aids e falecendo por complicações que, em perspectivas biomédicas, poderiam ser tratadas e evitadas, nos deixando algumas questões sintetizadas nas perguntas: o que perdura no contemporâneo e tem levado tantas pessoas à morte em decorrência do HIV e da aids ainda hoje? De quais formas participamos na manutenção desta situação? Estaria o ensino de ciências e biologia, tão articulado com a transposição de saberes e práticas biomédicas – historicamente engajados com a criação e manutenção de estigmas e preconceitos em torno da pandemia de HIV/aids – aos espaços escolares, também movimentando esta situação?

Os discursos biomédicos afirmam que, atualmente, é possível sobreviver à infecção pelo HIV, desde que o sujeito humano se adeque aos protocolos médicos, aderindo ao tratamento medicamentoso e seguindo as regras medicalizantes²¹. O termo sobrevida, advindo dos dispositivos médicos, permeia a vida infectada, marcando-a, mesmo que, com os avanços

²⁰ Grupo de medicamentos direcionado ao controle das infecções pelos retrovírus, grupo de vírus do qual o HIV faz parte.

²¹ Com o intuito de evidenciar tais afirmativas, trago algumas notícias midiáticas publicadas nos últimos anos em jornais de grande circulação no Brasil – cuja problematização daria um interessante artigo que pode ser produzido futuramente – não com o intuito de afirmar e reforçar os enunciados nelas presentes, mas de exemplificar e deixar ressoando aos olhares atentos e questionadores que possam se encontrar com esta tese acerca de como tais questões permeiam/produzem e são permeadas/produzidas pelos dispositivos médicos, científicos e midiáticos: *Com tratamento, expectativa de vida de infectados com HIV já está ‘perto do normal’, diz estudo*, publicada na BBC em 2017 (<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39853651>); *15 coisas que as pessoas que vivem com HIV gostariam que você soubesse*, publicado no Portal Uol, na seção Viva Bem – Saúde em 2020 (<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/12/22/15-coisas-que-as-pessoas-que-vivem-com-hiv-gostariam-que-voce-soubesse.htm>); *Expectativa de vida de latino-americanos com HIV aumentou desde 2003: Pesquisa publicada no “The Lancet HIV” mostra que a expectativa de vida de soropositivos subiu para 61,2 anos no Haiti e para 69,5 anos em países da América Latina*, publicado na Revista Galileu, do O Globo, na seção Saúde, o ano de 2021 (<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2021/04/expectativa-de-vida-de-latino-americanos-com-hiv-aumentou-desde-2003.html>). Acesso em: 20 jul. 2022.

biotecnológicos, seja possível garantir, segundo tais enunciados biomedicalizantes, a qualidade de vida e a saúde, e não apenas a sobrevivência, já que existem recursos altamente eficazes no controle do vírus nos corpos infectados – mas seriam os remédios o bastante para garantir a potência, o fluxo e a força de vida com HIV? E, mesmo assim, apesar da existência antirretroviral, a pandemia de HIV/aids não se encontra controlada – seria possível, de fato, controlá-la? E como? A que custo? Tecnologia biomédica já temos, o que falta para tal?

Em via contrária de ser freada, esta pandemia segue-se em ritmo de crescimento no número de infecções, e ainda com uma imensa quantidade de mortes: cerca de 770 mil pessoas morreram no mundo no ano de 2018²², em decorrência de complicações causadas pela infecção do vírus e pela aids. Grande parte destas mortes poderia ser evitada, caso essas pessoas tivessem acesso a um diagnóstico precoce, a um tratamento adequado e condições socioeconômicas para uma adesão eficiente aos medicamentos. E por que não tiveram? Tal questão me afeta de forma semelhante às inquietações em torno das mortes pela covid-19: por que tanta negligência com estas pandemias? Descaso este que se repetiu, assim como aconteceu e acontece com a aids, recentemente com a covid-19.

Pensar nestas pandemias é levar em consideração a dimensão das mortes e das necropolíticas. É estar atento às perversidades do Estado e do mercado, sobretudo da indústria farmacêutica, perpassadas pelas múltiplas facetas do saber-poder médico. Todavia, pensar em pandemias é também levar em conta as múltiplas vidas: existências afetadas de tantas formas... corpos que vivem, sobrevivem, persistem, em movimentos de resistência e invenção ativa de outros modos de habitar o mundo a partir das experiências singulares. Vidas que têm as suas subjetividades e desejos afetados intensamente por estes territórios pandêmicos. Vidas infectadas, em trans-formação, em mudança, em dores e delícias. Vidas que, para além da dimensão viral, infectam os cotidianos com olhares outros: proliferando vida, contagiando espaços com a re-existência diária. Vidas à procura de potências, com desejos intensivos mesmo entre tantas tensões e violências.

Quando decidi que o meu tema de pesquisa na tese de doutoramento seria relacionado ao HIV e à aids, o fiz por perceber que, ao conectar estas questões do vírus e da doença, poderia também atravessar campos do corpo, do desejo, do prazer, do (homo)erotismo, das dissidências, da educação, das pedagogias cotidianas, das redes de saber e poder, bem como das múltiplas formas de resistência. Pensar em HIV/aids é, sobretudo, estar atento à vida, mesmo que

²² Dados coletados no site da UNAIDS Brasil (2022).

intensamente tangenciada com a dimensão subjetivadora dos enunciados do adoecimento e da morte.

Herbert Daniel (DANIEL; PARKER, 2018) nos ensinou, em meados da década de 1980, que não existem apenas corpos com HIV/aids, mas sim uma sociedade com HIV/aids. Na medida que o vírus infecta vidas, o preconceito e o estigma se movimentam para a precarização dessas existências, participando da manutenção de tantas mortes. Assim, me coloco nesta tese em um movimento de pensar que não é apenas um corpo, seja ele de quem for, que vive com HIV/aids, mas toda uma sociedade permeada pelo vírus: biológico, virtual, material, político, social, econômico, histórico, subjetivo, linguístico, discursivo. Vírus que, da fricção dos corpos e te(n)são dos desejos, quando escapa às capas plásticas, atravessa da carne e do sangue aos ambientes hospitalares, espaços midiáticos, chegando aos livros didáticos, às salas de aula e às práticas docentes, tanto em sua materialidade biológica quanto discursiva, nos diferentes enunciados (re)produzidos nestes territórios.

Algumas questões me inquietavam e lanço-as como possibilidades de atravessar afectivamente, em palavras cortantes e infectantes ao vento²³, quem com elas se encontre: De quais formas você é afetado pelo HIV e pela aids? Como as tramas de poder, saber e controle da medicina e da indústria farmacêutica se capilarizam em torno da sua existência, reforçando discursos de medicalização da vida? De que maneiras a culpa e a moral que acompanham as experimentações de desejo, prazer e erotismo se entremeiam nos seus corpos? Em algum momento de sua vida já lembrou da geração – em especial de homens gays, mulheres trans, travestis e hemofílicos – dizimada pela aids nas décadas de 1980 e 1990 ou pelas centenas de milhares de mortes que continuam ocorrendo anualmente até a década de 2020, e, contemporaneamente, sobretudo de jovens mulheres nos países da África Subsaariana? Você já percebeu alguma situação cotidiana que faça parte da complexa trama que é imbricada pelo estigma em torno das vivências com HIV e das experimentações eróticas que fogem da heteronormatividade? Já se questionou em como esta pandemia afeta a sua vida, esteja você vivendo ou não com HIV/aids?

Percebo ser urgente questionar, problematizar e tangenciar o preconceito que circunda o diagnóstico positivo para o HIV e o estigma que, de alguma forma, mata socialmente mais de 800 mil brasileiros que, apesar de²⁴, resistem e insistem em manter-se vivos, dia após dia, em

²³ Trabalho estas questões em torno das palavras cortantes, afectantes e infectantes no texto *Palavras violentas, palavras que cortam, rachar as palavras: flertes, encontros e devires entre Leonilson e Foucault* (SALES, 2022b).

²⁴ Inspirado nas falas de Ulisses destinadas à Lori, no livro *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres*, de Clarice Lispector (2019, p. 23): “Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer.

coexistências corpóreas possíveis com o vírus, mediadas pela biomedicina. Como podemos mobilizar formas outras de lidar com tais questões? “Um pouco de possível, senão eu sufoco...” suplica Deleuze (2013, p. 135) ao se recordar do trabalho de pensamento e vida de seu amigo Foucault. Quais possíveis residem nas vivências nesta pandemia? Poderiam as narrativas artísticas, como nos filmes e documentários aqui cartografados, embrionar outros modos de ver, lidar e habitar a pandemia de HIV/aids?

Outras perguntas me inquietaram nesses trajetos: Quais narrativas são produzidas sobre a pandemia de HIV/aids acerca dos corpos vivendo com HIV e adoecidos pela aids? Que pedagogias estas formas de narrar uma pandemia agenciam? Detive-me na tese, sobretudo, às produções audiovisuais, entrelaçando-as com outras formas de mobilizar tais territórios pandêmicos, buscando formas de tensionar as potências e possibilidades da educação em ciências e biologia com a pandemia de HIV/aids. Atentei-me nelas a uma percepção para além do que se vê com os olhos e se escuta com os ouvidos, mas que acontece com todo o corpo, um “corpo-vibrátil”, como denominou Suely Rolnik (2016), um corpo cartógrafo. Imaginários, sons, narrativas, palavras, subjetividades, afetos. E pedagogias pelas-nas forças que educam, ensinam e se formam nos processos múltiplos de vida, sempre políticas, permeando escolas, veículos de comunicação, culturas, corpos e imaginários.

1.6 Delineando uma cartografia

Percebo e afirmo que esta pesquisa situa-se, de forma transdisciplinar, no território da educação em ciências e biologia, em suas ramificações e desdobramentos com campos outros, como o ensino, a educação em saúde, e... e... e... na medida em que agencia possibilidades de, na-pela educação, mobilizar os conhecimentos científicos em conexões com afectos e perceptos artísticos e conceitos filosóficos. Tais movimentos de pensamento, investigação, experimentação, escrita e criação são animados para debruçar, sobretudo, no território pandêmico do HIV/aids, em meio aos períodos da emergência da covid-19, conectando-os com as dimensões de vida, morte, saúde, doença, desejo, prazer, e... e... e...

Os filmes foram interlocutores que possibilitaram adentrar – na medida em que também os produzem – nos espaços de possíveis educações menores em HIV/aids. Dessa maneira, as imagens e os sons me movimentam na imbricação das aprendizagens que acontecem pelos

Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive, muitas vezes, é o próprio apesar de que nos empurra para a frente”.

encontros. A título de *problema de pesquisa*, percebo que – sem me limitar a ela – uma questão principal permeia esta tese: O que podem produções audiovisuais atravessadas pelas questões em torno do HIV e da aids movimentar em termos de uma educação menor em ciências e biologia?

O *objetivo principal da pesquisa* é, com e a partir de cartografias de produções audiovisuais, mobilizar educações menores (GALLO, 2002)²⁵ em HIV/aids, conectando-as com a educação em ciências e biologia. Para tal, foram tangenciados rizomaticamente saberes artísticos, biomédicos, antropológicos, educacionais, filosóficos, e... animando-os em poéticas de vida e de desejo em torno da pandemia de HIV/aids, cartografando tais movimentos, estando atento às pedagogias agenciadas nas relações entre corpo, sexualidade, desejo, saúde, prazer, doença, vida e morte.

Outros *objetivos mais específicos* são:

- a) atentar às formas de narrar a pandemia de HIV/aids em produções audiovisuais e às tensões por elas produzidas entre as questões científico-biomédicas e as múltiplas subjetividades presentes nos filmes e por elas afetadas;
- b) tensionar o que pode a educação em ciências e biologia em suas relações com a pandemia de HIV/aids a partir de cartografias de produções audiovisuais;
- c) cartografar as pedagogias produzidas na construção e publicização destas narrativas fílmicas tecidas em torno do HIV/aids e quais educações elas agenciam, conectando-as com outras pedagogias pandêmicas criadas e atualizadas com a emergência da covid-19;
- d) delinear as linhas duras, segmentares e de fuga que se produzem em torno do HIV e da aids, e os aprenderes a eles relacionados nos filmes escolhidos;
- e) agenciar, a partir das narrativas fílmicas, possibilidades de investir em educações menores em HIV/aids que possam permear campos múltiplos da ensinagem e da aprendizagem, como a educação escolar e o ensino de ciências e biologia, se expandindo para outros territórios possíveis por meio de seu caráter político, militante e coletivo.

Para tal, escolhi três filmes que tangenciam centralmente as questões em torno do HIV e da aids, traçando com eles cartografias audiovisuais²⁶. No terceiro capítulo desta tese, *Carta*

²⁵ Inspirado, sobretudo, no conceito de menor mobilizado por Deleuze e Guattari (2017) e na sua transposição conceitual agenciada por Gallo (2002), propondo uma educação menor.

²⁶ Utilizo cartografias audiovisuais, cartografias de produções audiovisuais, cartografias fílmicas e cartografias cinematográficas como sinônimos para as cartografias traçadas a partir dos afetos imbricados nos encontros entre o pesquisador-cartógrafo e os filmes.

para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/aids, teço escritas a partir do documentário brasileiro *Carta para além dos muros* (2019), pensando em como tais narrativas audiovisuais podem imbricar-se na instauração de uma educação em ciências e biologia menor, fissurando a educação maior ligada às questões biomédicas e aos discursos e práticas hegemônicos. No quarto capítulo, *Os ventos do Norte também podem mover moinhos? “Como sobreviver a uma praga” e respostas à pandemia de HIV/aids*, articulo-me com o documentário estadunidense *Como sobreviver a uma praga* (2012), tensionando, a partir das imagens e sons em torno da luta contra a aids, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990 com o coletivo ACT UP, em possíveis educações menores em HIV/aids que se façam na mobilização coletiva e militante em defesa da vida, em movimentos de luta e solidariedade. O quinto capítulo, *120 Batimentos por Minuto: educações, currículos e o que pode um filme nos afetar em relação ao HIV/aids?*, se faz a partir do encontro com o filme francês *120 Batimentos por minuto* (2017), atravessando a superfície dos estudos curriculares para questionar como as imagens e os sons em torno do HIV e da aids podem transbordar as telas e agenciar ensinagens e aprendizagens em torno da força do desejo e da vida, da potência do corpo e da importância política do coletivo.

Invisto que tais cartografias audiovisuais podem infectar a educação em ciências e biologia ao problematizar e colocar em questão os discursos e práticas biomédicos, a higienização do desejo, a instauração da infecção do HIV e do adoecimento pela aids como fim certo da vida e a assepsia dos corpos impactados por tal pandemia. Eis aí a aposta central da tese em torno das educações menores em HIV/aids a partir das narrativas filmicas. Dessa forma, percebo potências múltiplas nas imagens e nos sons, transbordando em afecções capazes de (nos) educar a criar relações outras com o vírus, a saúde, a doença, a pandemia, e as suas ressonâncias em nossas vidas a partir de educações menores, de caráter coletivo, político e militante.

Os três capítulos que se seguem e que consistem no corpo central da tese – junto desta seção introdutória, da caixa de ferramentas e do ensaio-manifesto que compõe a última seção – , a partir das cartografias audiovisuais, foram escritos no formato de artigos e enviados anteriormente para avaliação em revistas acadêmicas, sendo duas do campo da educação e uma em torno de questões inter/transdisciplinares de corpo, gênero e sexualidade, porém destinada a um dossiê de educação. Eles foram aceitos e publicados nos respectivos periódicos. Posteriormente, passaram por uma releitura e revisão, recebendo algumas modificações para

aqui comporem. Vale ressaltar que outros textos²⁷ em torno da temática do HIV e da aids na educação, em suas conexões entre ciência, arte e filosofia, também foram produzidos no decorrer do meu processo de doutoramento, mas decidi restringir o foco deste trabalho às relações entre educação, cinema e HIV/aids, e às escritas delas advindas.

Em decorrência da tese constar na mobilização de três textos publicados anteriormente como artigos, juntamente das seções iniciais e finais, percebo ser importante ressaltar que algumas citações e pensamentos se repetem, de forma breve, ao longo dos capítulos. Isto ocorre em decorrência de sua questão formal/estrutural *multipaper*²⁸ e, ao percorrer diferentes narrativas audiovisuais em torno da pandemia de HIV/aids, certas interlocuções conceituais demandaram a presença em diferentes linhas. Vale ressaltar que as avaliações e os pareceres recebidos como devolutiva para a publicação destes influenciaram – e potencializaram, a meu ver – os trajetos de pesquisa e escrita. Tais marcas também acontecem a partir de uma escrita em zigzague, indo e voltando, traçando rasuras na feitura de suas cartografias.

As escritas são embasadas teórico-epistemologicamente nas filosofias da diferença, sobretudo no aporte dos filósofos franceses Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault. As questões metodológicas do trabalho se centraram em torno da cartografia de produções audiovisuais, sendo aprofundadas ao longo dos textos, visto que cada escrita e imersão em um dos filmes necessitou de diferentes interlocuções às suas feitura. Como possibilidade de permear as teorias aqui mobilizadas, opera-se, na próxima seção, com uma caixa de ferramentas que possibilita atravessar e colocar em movimento múltiplos conceitos, como nas questões da cartografia, da educação, das políticas em torno da vida e do HIV/aids.

²⁷ Três outros textos escritos em torno das dimensões do HIV/aids, de produções artísticas e das educações por elas agenciadas são: *A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença* (SALES, no prelo), aceito na *Revista Pro-Posições*; *Entre tesões, tensões e prevenções: HIV/aids e contaminações com as obras de Adriana Bertini*, publicado na *Revista ClimaCom* (SALES, 2020a); e *“The AIDS Memorial”*: histórias de amor, perdas e lembranças em pedagogias de afetos, produzido conjuntamente de Daniela Franco Carvalho e presente na *Revista Textura* (SALES; CARVALHO, 2021).

²⁸ Formato de tese em que se estrutura a partir de diferentes textos anteriormente escritos e publicados, geralmente ao modo de artigo/paper.

2 UMA CAIXA DE FERRAMENTAS

Uma teoria é uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione.

Gilles Deleuze em diálogo com Michel Foucault (2019, p. 132)

Deleuze, no célebre diálogo com Foucault, intitulado *Os intelectuais e o poder*, presente na coletânea *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 2019), afirma que uma **teoria** é uma **caixa de ferramentas**, precisando ser útil. Também, nesta mesma conversação, os autores refletem que toda teoria é, em si, uma prática, na medida em que mobiliza ações e que está em movimento.

Esta tese, como definido em suas linhas iniciais, busca mobilizar **educações menores em HIV/aids** a partir de **cartografias audiovisuais**, por meio do encontro com produções cinematográficas, tangenciando as possibilidades de **afetar e infectar a educação em ciências e biologia**. Múltiplos conceitos são aqui mobilizados a partir de **flertes**²⁹ com diferentes autorias e, com a articulação de uma **caixa de ferramentas** (FOUCAULT; DELEUZE, 2019), busco atravessá-los nesta seção, criando um espaço que não objetiva esgotá-los, mas deixá-los mais palpáveis e próximos a quem com este trabalho se encontrar, possibilitando que articule-os como **ferramentas conceituais** em seus **pensamentos e vidas**. Teço-a em **zigzague** (DELEUZE; PARNET, 1995), importante noção da filosofia deleuziana que trata dos movimentos em Z, indo e voltando nos conceitos, feito uma agulha que tatua uma pele³⁰, traçando linhas de uma **cartografia**. Procurando marcar as principais ferramentas aqui utilizadas, destaco-as duplamente nesta seção, em itálico e negrito.

Tal pesquisa se situa no campo **pós-estruturalista**. Segundo Michael Peters (2000, p. 10), o pós-estruturalismo é “como uma resposta especificamente filosófica ao status pretensamente científico do estruturalismo e à sua pretensão a se transformar em uma espécie de megaparadigma para as ciências sociais”. Peters (2000) afirma que pode-se perceber tal campo como um movimento engendrado por múltiplos autores, sobretudo Foucault, Deleuze e Derrida em sua primeira geração, em “uma complexa trama formada de muitas e diferentes correntes” (PETERS, 2000, p. 46), desenvolvendo

²⁹ O flerte é um modo mobilizado na tese de se aproximar com diferentes conceitos, ideias e movimentações de pensamentos de múltiplas autorias sem nelas necessariamente se limitar ou aprofundar, caminhando pelas superfícies e deglutindo o que fosse necessário para traçar estas cartografias.

³⁰ Teço algumas breves escritas acerca das palavras/conceitos/marcas que nos atravessam e ressoam em tatuagens no corpo no texto *Palavras violentas, palavras que cortam, rachar as palavras: flertes, encontros e devires entre Leonilson e Foucault* (SALES, 2022b).

[...] formas peculiares e originais de análise [...] com frequência dirigidas para a crítica de instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (a “leitura”, a “escrita”, o ensino, a televisão, as artes visuais, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica). (PETERS, 2000, p. 34)

Assim, “o pensamento pós-estruturalista é uma obra em andamento” (PETERS, 2000, p. 46). Dentro deste movimento contemporâneo que está em constante produção, atualização e tensionamento, estas escritas situam-se teórico-metodológico-epistemologicamente no campo das *filosofias da diferença*. Ao dissertar acerca das relações entre as filosofias da diferença e a educação, Gallo (2010) afirma que:

Alguns filósofos franceses contemporâneos, e dentre eles destaco – por afinidades eletivas – *Deleuze* e *Foucault*, empenharam-se em pensar uma “filosofia da diferença”, que parte do *princípio da multiplicidade* e não da unidade. A filosofia da representação, desde Platão, passando por Descartes e atravessando a filosofia moderna, remete sempre à unidade. Daí sua dificuldade de lidar com o outro enquanto outro, pois no limite tudo o que há se reduz ao Uno. *A filosofia da diferença recusa o Uno e pensa o mundo como múltiplo*. E, assim, o outro ganha novo sentido. (GALLO, 2010, p. 8, grifos meus)

Esta tese embebe-se em tais correntes filosóficas que versam em torno da diferença e da multiplicidade. Diversas *linhas* são tangenciadas aqui, visto que:

Indivíduos ou grupos, somos feitos de *linhas*, e tais linhas são de natureza bem diversa. A primeira espécie de linha que nos compõe é *segmentária*, de *segmentaridade dura*³¹ [...]. Ao mesmo tempo, temos linhas de *segmentaridade bem mais flexíveis*³², de certa maneira moleculares. [...] Ao mesmo tempo ainda, há como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. Essa linha é simples, abstrata, e, entretanto, é a mais complicada de todas, a mais tortuosa: é a linha de gravidade ou de celeridade, é a *linha de fuga*³³ e de maior declive. [...] Temos tantas

³¹ Acerca das linhas duras, Deleuze segue no seu diálogo com Parnet exemplificando: “a família-a profissão; o trabalho-as férias; a família-e depois a escola-e depois o exército-e depois a fábrica-e depois a aposentadoria. E a cada vez, de um segmento a outro, nos dizem: agora você já não é um bebê; e na escola, aqui você não é mais como em família; e no exército, lá já não é como na escola... Em suma, todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam em todos os sentidos, pacotes de linhas segmentarizadas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146).

³² Acerca das linhas de segmentaridade ou linhas moleculares, Deleuze segue no seu diálogo com Parnet afirmando que: “Não que sejam mais íntimas ou pessoais, pois elas atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 147).

³³ Acerca das linhas de fuga, Deleuze segue no seu diálogo com Parnet refletindo que: “a linha que o centro de gravidade deve descrever é, certamente, bem simples, e, pelo que ele acreditava, reta na maioria dos casos... mas de outro ponto de vista, tal linha tem algo de excessivamente misterioso, pois, segundo ele, ela não tem

linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146-147, grifos meus)

Linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga. Linhas políticas³⁴: “A política é uma experimentação ativa, porque não se sabe de antemão o que vai acontecer com uma linha” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 112). ***Linhas de escrita, linhas de vida***. Múltiplas linhas... Nesta tese, movimento-me, então, em torno de diferentes linhas, atento às suas modulações.

Conceitos advindos dos campos das filosofias da diferença são mobilizados para debruçar em questões que se fazem em torno da ***vida*** e da ***educação*** como instâncias múltiplas, pensando nas potências que habitam nos encontros entre diferenças e nas conexões possíveis.

O termo-conceito-instituição-acontecimento ***vida*** é mobilizado diferentes vezes ao longo destas páginas. Tal palavra é polissêmica, agenciando múltiplas definições, percepções, afecções e extrapolações. Percebo uma vida como uma possibilidade de existência. Segundo Deleuze (2002, p. 12), “Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa”. Para o autor (DELEUZE, 2002, p. 14), “Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos”, sendo feita de “virtualidades, acontecimentos, singularidades” (DELEUZE, 2002, p. 16). São múltiplas as maneiras de ***existir***, como reflete David Lapoujade (2017) em *Existências Mínimas*, ao pensar nos virtuais. Segundo o autor, “Todos existem, mas cada um a seu modo” (LAPOUJADE, 2017, p. 14).

Ao longo da tese, em alguns momentos, alinho-me às percepções científico-biológicas de ***vida***, sobretudo ao tensionar os discursos biomédicos e ao trazer a dimensão ***biopolítica***, conceito proposto por Foucault (2005, 2019) para pensar nas políticas em torno da vida e da morte, gerindo-as, agenciando-as, incidindo nelas. Ao me aproximar de tais percepções da vida, não nego as outras formas – aquém e além – da biologia e da percepção orgânica de vida (bio), mas busco conectá-las e expandi-las, estando à procura de caminhos profícuos de conexões

nada senão o caminho da alma do dançarino...” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 147), afirmando que “essa linha parece surgir depois, se destacar das outras, se conseguir se destacar. Pois, talvez haja pessoas que não têm essa linha, que têm apenas as duas outras, ou que têm apenas uma, que vivem apenas sobre uma. No entanto, de outra maneira, essa linha está aí desde sempre, embora seja o contrário de um destino: ela não tem que se destacar das outras; ela seria, antes, primeira, as outras derivariam dela. Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 147).

³⁴ Deleuze fala destas três linhas na seção intitulada *Políticas* do livro *Diálogos*, com Parnet (1998), nos dando pistas da dimensão política que nelas reside, juntamente dos agenciamentos possíveis e perigos com cada uma delas.

transdisciplinares. Assim, ressalto que percebo e afirmo a vida para aquém e além da *bio*, do *organismo*, das instituições bio-lógicas, da matéria em sua percepção de organização linear átomo-molécula-célula-tecido-órgão-sistema-corpo. A vida é, também, a vida biológica, mas extrapola, extravasa, instaura formas outras de se agenciar, de se (re)produzir.

O *corpo* é um espaço de vida, de peças e pedaços que se articulam, como Jean-Luc Nancy (2012) reflete:

Corpus: um corpo é uma coleção de peças, de pedaços, de membros, de zonas, de estados, de funções. Cabeças, mãos e cartilagens, queimaduras, suavidades, emissões, sono, digestão, horripilação, excitação, respirar, digerir, reproduzir-se, recuperar-se, saliva, coriza, torções, câibras e grains de beauté. É uma coleção de coleções, corpus corporum, cuja unidade resta uma questão para si própria. Mesmo a título de corpo sem órgãos, ele tem uma centena de órgãos, cada um dos quais puxa de um lado e desorganiza o todo que nunca mais chega a se totalizar. (NANCY, 2012, p. 51)

Mas será que tal dimensão do corpo se restringiria à materialidade da pele? “Por que nossos corpos devem terminar na pele? Por que, na melhor das hipóteses, devemos nos limitar a considerar como corpos, além dos humanos, apenas outros seres também envolvidos pela pele?” (HARAWAY, 2000, p. 92). Tais questões colocadas por Donna Haraway me inquietam a pensar que um corpo se produz em articulações com outros corpos, não se limitando à pele e à nossa percepção de bio-logia e corpo-humano – percepção esta que é também produzida, reforçada e atualizada pela educação em ciências e biologia.

Na tese, busco tensionar a dimensão da *vida* e do *corpo* com o conceito foucaultiano de *biopolítica*, com as táticas de gerir os saberes e as práticas em torno da carne e das experiências. Segundo Foucault (2019),

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no *corpo*, com o *corpo*. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 2019, p. 144, grifo meu)

As instituições bio-médicas, intensamente atreladas às ciências da natureza e ao seu ensino, se engendram a partir das políticas em torno da vida. Pensar em biopolítica é articular tal conceito com a dimensão do *racismo de Estado*, ferramenta conceitual também proposta por Foucault (2005) para debruçar nas formas de matar utilizadas pelo Estado em torno de grupos específicos. Foucault (2005, p. 73) afirma que esse é “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais

da normalização social”, um “racismo biológico e centralizado” (FOUCAULT, 2005, p. 96) que deu força para grandes genocídios, como o nazismo.

Tais dimensões incidem em torno das *dissidências*, das formas de vida que fogem das prescrições do que é tido como padrão na sociedade, das *minorias*:

As *minorias* e as *maiorias* não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades... Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. (DELEUZE, 2013, p. 214)

Tais *minorias* são, como afirma Deleuze (2013), movimentadas por um *devir*, algo que fissa a dureza identitária-representacional da *maioria*. Diferentes minoridades são aqui tangenciadas: as existências infectadas pelo HIV e adoecidas pela aids, as dissidências de *raça*³⁵ e de *gênero*³⁶, as tantas formas que fogem ao “europeu médio adulto macho habitante das cidades” (DELEUZE, 2013, p. 214) heterossexual branco e cisgênero. Tais dissidências – étnico-raciais, de gênero, de formas de experimentar o desejo, de configurações corpóreas e... e... e... – são também *vidas infames*, como bem escreveu Foucault em *A vida dos homens*

³⁵ Foucault (2005, p. 304-305) no curso *Em Defesa da Sociedade* tece reflexões acerca da raça e do racismo, ligadas à dimensão da biopolítica: “Com efeito, que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incubiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incubiu: uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma censura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico”. Assim, o racismo terá funções como “fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder” (FOUCAULT, 2005, p. 305) e uma relação com a morte do tipo em que “A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 2005, p. 305).

³⁶ Em torno do gênero estão jogos de poder, como reflete Guacira Louro (2012, p. 16): “Os jogos de poder que constituem as relações de gênero são mais intrincados e sutis do que parecem à primeira vista”. Segundo a autora, ao debruçar-se no filme *Chega de Saudade*, pensando nas formas de educação pelo cinema que dialogam com as questões de gênero e sexualidade, é preciso ter atenção, cuidado e não ser ingênuo para observar essas relações e em suas tensões, pois: “São jogos exercidos, muitas vezes, com cumplicidade e malícia, eventualmente com violência ou consentimento, mas, sempre, com ingredientes de resistência. Como em outros jogos, as posições dos participantes podem ser transitórias e moventes; quem assume a iniciativa e o protagonismo num momento pode, em outro, se submeter. E pode se submeter para, adiante, ganhar uma nova posição. Se as formas de exercer o poder nessas relações (e em tantas outras) são, frequentemente, discretas e quase invisíveis, as formas de resistir ou de escapar à submissão são, igualmente, sutis e múltiplas. Por isso é ingênuo reduzir as relações de gênero a uma equação formada pelo binômio homem dominante *versus* mulher dominada. Os enredos e as estratégias desses encontros são bem mais complexos. Além disso, jogos de poder não se exercitam apenas no campo do gênero e da sexualidade, mas se dão, ao mesmo tempo, em muitos outros domínios, embaralhando os confrontos” (LOURO, 2012, p. 16).

infames (2003) acerca das vidas sem fama, *silenciadas*³⁷, apagadas no correr da história, mas que insistem em proliferar e se tecer em singularidades.

O conceito de *necropolítica*, proposto pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), também coaduna com estas discussões ao expandir as dimensões *biopolíticas* foucaultianas juntamente das percepções da sociedade de controle, propostas por Deleuze, articuladas na manutenção de uma política que se faz em torno da morte. Mbembe (2018, p. 71) propôs a “noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar ‘mundos de morte’”, sugerindo também que o “necropoder embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (MBEMBE, 2018, p. 71). Percebo que, mais do que apenas armas de fogo, a necropolítica compreende as políticas que se nutrem a partir de mortes, sejam estas mortes físico-corporais, ceifando viventes e seus corpos, sejam mortes em vida, ou mortes sociais, as quais aniquilam as existências dos sujeitos, mesmo que estes continuem respirando, trabalhando, pagando seus impostos, estando biológico-organicamente vivos, porém marginalizados e excluídos, em existências precarizadas. Indo além, mobilizando intensamente ambos os conceitos – o de biopolítica e o de necropolítica –, a autora Berenice Bento (2018) propõe que percebamos que tais questões em torno da gestão da vida e manutenção da morte de grupos vulnerabilizados e segregados – minorias, dissidências – se faz a partir de uma *necrobiopolítica*.

Todas estas dimensões que se fazem em torno da gestão da vida e da morte são caras para debruçar nos contextos pandêmicos. Na tese, mobilizo estas questões principalmente em torno da pandemia de *HIV/aids*, tecendo conexões com a de *covid-19* e como ambas se afetam. Utilizo a grafia *HIV* em maiúsculo em referência ao vírus da imunodeficiência humana (VIH nas demais línguas latinas, sendo HIV a abreviação para *human immunodeficiency virus*, em inglês), um retrovírus, também o agente potencialmente causador da *aids*, processo de adoecimento desencadeado por sua infecção na ausência de tratamento por meio dos medicamentos antirretrovirais. Por ser a abreviação de uma sigla, mantenho HIV em maiúsculo, mas há quem decida mantê-la em minúsculo, como fazem Ramon Mello (2018) em seu célebre livro *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids*, e Atílio Butturi Junior (2019, p. 638),

³⁷ André Bocchetti (2022) traça interessantes considerações sobre as sufocantes políticas em torno do corpo, disciplinando-o e, sobretudo, silenciando-o, tecendo tais questões com a pandemia de covid-19 e com as redes de poder traçadas em torno da vida. O autor também pontua que, para além das táticas de controle, o silêncio pode ser usado ativamente como tática de resistência e re-existência.

como um gesto de “memória dos primeiros militantes brasileiros, que pretendiam indicar a força da resistência no modo de inscrever as palavras”.

Já a palavra *aids* decido utilizá-la, de acordo com as normas atuais gramaticais da língua portuguesa, totalmente em minúsculo por se referir ao nome aportuguesado de uma doença que, mesmo no passado sendo a sigla em inglês para síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA, nas demais línguas latinas; *acquired immunodeficiency syndrome*, em inglês), é, atualmente, amplamente utilizado em nosso vocabulário cotidiano no Brasil, assim como sífilis, dengue e, mais recentemente, a covid/covid-19 que começou sendo articulada como sigla COVID-19.

Percebo que as diferentes formas de se referir aos vírus e aos processos de adoecimento a eles associados são produzidas em contextos históricos, geográficos e culturais, não sendo estáticas, mudando, se transformando e atualizando. Por meio de meu contato com o movimento social de HIV/aids, juntamente da participação de cursos, debates e com leituras acadêmicas em torno destas questões durante o doutoramento, entendo que utilizar a palavra AIDS em maiúsculo foi, em muitos momentos, ligado à dimensão do pânico e do medo em torno da doença. Também há quem decida mantê-la em caixa alta como forma de evidenciar a seriedade de se falar em AIDS, como o faz a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)³⁸ em suas publicações. Tais modos de escrita são políticos. Perceber estas variações, assim como outras existentes – AIDS, AID\$, aid\$, em torno da palavra aids, e positHIVo, arHIVismo, com o HIV –, é atentar-se às dinâmicas presentes na língua, na sociedade e nos movimentos político-subjetivos associados.

Faço aqui a escolha de me referir às questões que permeiam o HIV e a aids de *pandemia de HIV/aids* em decorrência do caráter mundial de tal emergência, porém reforço que esta afeta diferentes lugares e tempos de formas variadas, o que levou, por exemplo, Herbert Daniel e Richard Parker (2018) a pensarem em múltiplas epidemias. Mobilizo estas e tantas outras ferramentas teórico-conceituais para pensar nos *territórios pandêmicos*, articulação que tenho feito a partir do conceito de *território* engendrado por Deleuze e Guattari (2019) com a dimensão pandêmica, tanto do HIV/aids, quanto da covid-19. Tangencio de forma mais ampla tal percepção destes territórios em *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES; ESTEVINHO, 2021).

Por estarmos vivos, também estamos vulneráveis ao que nos atravessa. No entanto, certas existências são vulnerabilizadas por questões históricas, sociais, políticas e subjetivas.

³⁸ É possível ter acesso às publicações da ABIA em seu site oficial. Disponível em: <https://abiaids.org.br/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Tal conceito de *vulnerabilidade* é caro às questões em torno da pandemia de HIV/aids e, mais recentemente, de covid-19. Essas dimensões se entrelaçam com as das dissidências e das minorias. Neste caminho, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2020) afirma, sobretudo em relação à emergência da covid-19, que:

Os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico. Os seus corpos estão à partida mais vulnerabilizados pelas condições de vida que lhes são impostas socialmente pela discriminação racial ou sexual a que são sujeitos. Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões etc. Realizam tarefas que envolvem mais riscos, quer porque trabalham em condições que não lhes permitem proteger-se, quer porque são cuidadoras da vida de outros que têm condições para se proteger. Por último, em situações de emergência, as políticas de prevenção ou de contenção nunca são de aplicação universal. São, pelo contrário, selectivas. Por vezes, são abertas e intencionalmente adeptas do darwinismo social: propõem-se a garantir a sobrevivência dos corpos socialmente mais valorizados, os mais aptos e os mais necessários para a economia. Outras vezes, limitam-se a esquecer ou negligenciar os corpos desvalorizados. (SANTOS, 2020, p. 26-27)

Pensar nessas vulnerabilidades não é rotular determinados grupos como os únicos afetados pela pandemia e, muito menos, como os por ela responsáveis, como aconteceu com a noção de “grupo de risco”³⁹ na aids e, mais recentemente, voltando com força por meio da emergência da covid-19. “A vulnerabilidade não está, de modo essencial, no corpo da mulher, do jovem negro, do indivíduo gay, das travestis, transexuais ou transgêneros, do usuário de drogas, mas nas relações sociais que constroem essas vidas como vidas que não importam”, afirmam Fernando Seffner e Richard Parker (2016, p. 6) ao pensarem nas questões do HIV e da aids.

A própria dimensão do *vírus* é aqui tensionada em diferentes perspectivas, ora se aliando às ciências, sobretudo as biológicas, ora expandindo-as, na possibilidade filosófico-subjetiva de atentarmos-nos à potência que reside nestas formas de existência. Segundo Emanuele Coccia (2020, p. 209), “Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, flutuando – a pura potência da metamorfose”. Coadunando com tais mobilizações, Santiago Diaz (2020, p. 171)

³⁹ Sobre a noção de “grupo de risco”, Eduardo Jardim (2019, p. 44) afirma que esta “foi criada pela Epidemiologia em meados do século XX. Inicialmente, ela serviu para indicar a probabilidade da ocorrência de uma doença, ou de qualquer outro fator relacionado à saúde em uma população, durante um período de tempo. Era uma indicação estatística. Com a chegada da aids, vários outros significados se agregaram, desvirtuando o conceito original. A noção de grupo de risco deixou de ter um valor estatístico e passou a designar entidades culturalmente definidas, como homossexuais e usuários de drogas injetáveis. Estas comunidades, definidas na forma de tipos – o gay, o drogado – já não eram consideradas sujeitas a risco, mas passaram a ser elas próprias um perigo para o resto da população. Apenas mais um passo e atribuiu-se a elas a responsabilidade pela doença”.

afirma que “o vírus é uma potência do vivente e, como potência, não tem valor declarado de antemão. É apenas uma força crescente que se expande e muda de acordo com suas relações e variações, como o pensamento”.

A dimensão de *vida* e de *morte* é intensamente tangenciada pela *pandemia de HIV/aids*, como já enfatizou o professor e militante Jorge Beloqui, em 1992:

Passando do bando dos soronegativos ao dos soropositivos, encharcamos-nos da idéia de finitude da nossa vida. E, assim, com a idéia de que nossa morte dar-se-á num futuro mais próximo, trazemos a vida mais para o presente, buscando dar-lhe um sentido que seja mais significativo para nós. Mas *tomar contato com a finitude da nossa vida é simplesmente passarmos do bando dos imortais para o bando dos mortais*. Disso segue, em particular, que quem se pensa não portador não pensa na própria morte. (BELOQUI, 1992, p. 28, grifos meus)

Beloqui (1992), logo nos primeiros anos de tal pandemia, ao denunciar a negação de tantas instituições – inclusive acadêmicas – da vida civil plena das pessoas infectadas pelo HIV e acometidas pela aids, tensiona a dimensão da finitude da existência a partir do contato com o vírus. Percebo que, com a emergência da covid-19, muitos que também se sentiam imortais tiveram um contato mais próximo com a possibilidade da morte – se é que ela já esteve em algum momento distante –, chocando-os, sendo, para muitos, algo insuportável. Entre as bio-necro-políticas e o reconhecimento da morte como dimensão da vida, existem imensos e intensos territórios a serem cartografados.

É em meio a estes territórios pandêmicos que esta pesquisa se imbrica. Para se movimentar, foi demandada uma possibilidade metodológica que estivesse articulada com tais ferramentas conceituais, que lhe desse rigor e fluidez para estar atenta aos encontros necessários e possíveis. Assim, mobilizei a *cartografia*. Usualmente presente em estudos geográficos, a cartografia foi transposta por Deleuze e Guattari (2019) na criação de um conceito filosófico. A partir de tal agenciamento teórico-filosófico, Suely Rolnik (2016) propôs a cartografia como uma metodologia de pesquisa da *subjetividade*, ou seja, do que produz e constitui um sujeito. Posteriormente, tal possibilidade de investigação foi empregada em diversos campos das humanidades, como a educação.

Sobre o fazer cartográfico mobilizado nas pesquisas, Rolnik (2016) afirma que:

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos

vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 2016, p. 23)

Os flertes teórico-conceituais aqui mobilizados consistem em características das cartografias que se materializam na tese. Para tal, degluti o que fosse frutífero, potente e fértil aos movimentos de pesquisa-vida, dando vazão ao que demandava passagem, aos fluxos, em uma pesquisa realizada com a imbricação corpórea, com a presença ativa, potencializando o corpo vibrátil (ROLNIK, 2016) do cartógrafo, estando poroso e atento às múltiplas possibilidades cotidianas de aprender e ensinar, sobretudo por meio das imagens e sons, conectando com a educação em ciências e biologia, território de partida e constante retorno.

A cartografia consiste em acompanhar processos (BARROS; KASTRUP, 2014). Thiago Oliveira e Marlucy Paraíso (2012), ao agenciarem a cartografia como método de pesquisa em educação, refletem que esta, na medida em que percorre os territórios educativos, também se coloca ativamente na tarefa de criar, de imbricar-se nas multiplicidades percorridas. Mobilizar a cartografia nas pesquisas em educação é justamente acompanhar tais movimentos que se fazem nos processos formativos, nas ensinagens e aprendizagens, e é a isto que tal pesquisa se propõe.

A tarefa do cartógrafo é estar atento às mudanças subjetivas, aos processos de subjetivação e dessubjetivação, às tensões e forças que se agenciam, às *relações de poder* e às *resistências* que emergem, visto que, como afirmou Foucault (2014a, p. 138), “[...] não há relação de poder sem resistência” e ambas se entrelaçam, produzindo realidades. Sobre tais questões, é importante ressaltar que “O poder não existe. [...] o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 2019, p. 369). Tal poder se exerce nas relações, sendo algo produtivo na medida em que imbrica mobilizações discursivas e práticas que impactam nas vidas a ele entremeadas.

Os territórios cartografados foram três filmes, percorrendo as suas narrativas imagéticas e sonoras, atravessando-os e sendo também por eles atravessado. Dessa forma, o corpo do cartógrafo que lhes escreve imergiu nas narrativas audiovisuais sem nelas se limitar, expandindo-as na medida em que estava atento às possibilidades de com elas e a partir delas aprender. Assim, mobilizei *cartografias audiovisuais*, produzidas a partir dos *afetos*⁴⁰ – aquilo

⁴⁰ O conceito de afeto mobilizado por Rolnik (2018) está em consonância com os afectos Deleuze-Guattariano. Aqui, mobilizo-os como sinônimos.

capaz de “tocar, perturbar, abalar, atingir” (ROLNIK, 2018, p. 53) – imbricados pelo encontro do pesquisador com os filmes.

Cartografar um filme é caminhar pelas forças e potências que vibram em uma produção cinematográfica, ganhando velocidade por entre os afetos que me atravessam, fugindo de rigidezes e pretensões de construir certezas absolutas. Para tal, busquei realizar um exercício cartográfico próximo do narrado por Rolnik (2016), no qual o cartógrafo

Fica sabendo de histórias e mais histórias, ouve música sem parar, assiste um monte de filmes, peças de teatro, shows e festivais [...], visita exposições, participa de debates, lê jornais, revistas, livros, *lê, lê, lê... ouve. Vê. E, sobretudo, deixa seu corpo vibrátil se permear por todas essas intensidades.* (ROLNIK, 2016, p. 149, grifos meus)

Já que “Toda cartografia tem suas linhas de vida e suas linhas de morte” (ROLNIK, 2016, p. 174), estive atento a estas diferentes linhas que se entrelaçam e emaranham entre vida-e-morte. Tais escritas cartográficas se fazem a partir dos *encontros*, das *conexões* e das *afecções* por eles produzidas. É aí que reside a *potência educativa das cartografias audiovisuais* e a possibilidade de infectar os campos, sobretudo, da *educação em ciências e biologia*.

Aqui, assumo a *educação* como empreendimento coletivo que acontece a partir dos *encontros* – com seres humanos e não humanos, com filmes e... e... e...

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2010, p. 1)

A própria dimensão corporal é permeada intensamente pelos *encontros*: “Deleuze insiste: um corpo não cessa de ser submetido aos encontros, com a luz, o oxigênio, os alimentos, os sons e as palavras cortantes – um corpo é, primeiramente, encontro com outros corpos, poder de ser afetado” (PELBART, 2008, p. 12). Encontros entre humanos e vírus, entre imagens e sons: encontros formativos, constitutivos e educativos. Nos encontros, aprendemos e nos produzimos.

Outra perspectiva para pensar e viver a *educação* também tangenciada nestas escritas é a que traz Guilherme Corrêa e Ana Preve (2011):

Educação é qualquer movimento que produz uma modificação. Um movimento do pensamento, um movimento do corpo, um movimento no espaço, qualquer coisa que produza variação em termos de compreensão ou de perspectiva ou de visão. A educação, assim, não conduz necessariamente ao bem, à felicidade ou ainda a um ideal de humano e de sociedade. Educação e processos educacionais não são bons. E não são maus. São processos de modificação. (CORRÊA; PREVE, 2011, p. 187, grifos meus)

Mobilizo e teço ambas as percepções da educação nas escritas aqui traçadas: que ela se faz a partir dos encontros que produzem modificações, que tangenciam abalos nas vidas, nos corpos, nos espaços. É importante demarcar que, ao falar de educação, atravessa-se as questões escolares, mas não se limita a elas, visto que a **educação** é diferente da **escolarização**:

A escolarização, por sua vez, é, também, educação, só que vinculada a objetivos institucionalizados. Almeja-se com ela um tipo de homem e um tipo de sociedade. A escola funciona dentro desses objetivos como máquina, aparelho ou dispositivo que pode ser acionado pelo centro de decisões de qualquer poder (religioso e/ou político e/ou econômico) que esteja em vigência, onde se processa a fabricação desses indivíduos ideais e, na lógica desses poderes, conseqüentemente, da sociedade. A escola tem como ação fundamental a uniformização das mais diversas formas de sociabilidade e modos de vida ao recobri-los com o véu da cidadania: condição essencial para a ação do Estado. A escolarização pressupõe garantias e delas depende. Desse modo, inventar espaços próprios para a educação, controlar o tempo em que se desenvolvem as atividades, selecionar saberes aos quais se confere caráter de universalidade, inventar uma relação saber-capacidade, obrigar à frequência, desqualificar outras práticas em educação, seriar, avaliar e certificar são garantias vitais do processo de escolarização. O rompimento de qualquer uma dessas garantias põe em risco, a ponto de impedi-lo, o funcionamento da maquinaria escolar. A escolarização tem um fim na formação do cidadão útil, enquanto a educação não. (CORRÊA; PREVE, 2011, p. 187-188, grifos meus)

Busco, a partir das cartografias de produções audiovisuais, tangenciar a educação em ciências e biologia, reverberando também em seu ensino e nos processos ligados à escolarização, intentando criar fissuras nas linhas duras que atravessam a formação certificatória. Percebo que tais questões em torno do HIV e da aids são caras às narrativas produzidas e tangenciadas nas disciplinas escolares de ciências e biologia, quanto na formação de professores de tais componentes curriculares. Nesses espaços de educação formal, produz-se e atualiza-se muito do que é problematizado aqui na tese, na medida em que abarcam a potência de também fissurar tais discursos e práticas.

O **cinema** também é afirmado como território educativo, como espaço de pedagogias (LOURO, 2000; MIGLIORINI; BARROSO, 2016), poroso ao que ressoa aquém e além dos espaços escolares. Muito é possível aprender com e a partir de um filme (MEYER; SOARES, 2005). Dessa forma, as escritas se fazem, dentro da educação, nas conexões entre **ciências**, **artes**

e *filosofias*, inspiradas nas inquietações Deleuze-Guattarianas deslocadas conceitualmente por Gallo (2000) para pensar questões educativas:

Há três ordens de saberes que mergulham e recortam o caos, produzindo significações: a *filosofia*, que cria *conceitos*; a *arte*, que cria *afetos*, *sensações*; e a *ciência*, que cria *conhecimentos*. Cada uma é irredutível às outras e elas não podem ser confundidas, mas há um diálogo de complementaridade, uma interação transversal entre elas. (GALLO, 2000, p. 59, grifos meus)

Assim, a pesquisa-tese se agencia, inspirada no conceito de *rizoma* (DELEUZE; GUATTARI, 2019):

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há, nesta conjunção, força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). (DELEUZE; GUATTARI, 2019, p. 48-49)

De maneira rizomática, sempre no meio, espaço que as coisas ganham velocidade, conecto, na-com a educação, diferentes campos. Busco articular os conceitos filosóficos, os prospectos científicos e os afectos e perceptos artísticos (GALLO, 2000), mobilizando-os transversalmente em suas conexões rizomáticas possíveis a partir dos atravessamentos vividos nos encontros com as narrativas audiovisuais, na imbricação ativa de ensaiar *educações menores* (GALLO, 2002) em HIV/aids com os filmes, e a partir deles.

Tal proposta se faz por meio dos conceitos de *maior* e *menor* propostos por Deleuze e Guattari (2017). Essa dimensão do menor foi posteriormente transposta por Gallo (2002) para mobilizar uma *educação menor*⁴¹ que se faça cotidianamente, por meio de seu caráter em matilha, militante e político. Me alinho com outras minoridades imbricadas na educação em suas conexões com as ciências: uma *educação em biologia menor* (SANTOS; MARTINS, 2020; SANTOS; SILVA; MARTINS, 2021) e uma *educação em saúde menor* (BASTOS, 2020). Por meio do caráter coletivo e contagiante, busco mobilizar, a partir das cartografias audiovisuais, pistas de múltiplas *educações menores em HIV/aids*: no plural, nas alianças proliferantes entre educação-ciência-saúde que se façam nas conexões com a *arte* e a *filosofia*.

⁴¹ Na seção 3.3. *Infeções, contágios e pistas de uma educação e(m) biologia menor*, presente no próximo capítulo, aprofundo nestas questões em torno da educação menor.

A dimensão da *arte* é tangenciada, tanto nos filmes, quanto na imbricação estético-poética das escritas, como possibilidade de resistência e de re-existência, incidindo formas outras de falar de HIV/aids, já que “A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha. [...] Quando um povo se cria, é por seus próprios meios, mas de maneira a reencontrar algo de arte. [...] A utopia não é um bom conceito: há antes uma ‘fabulação’ comum ao povo e à arte” (DELEUZE, 2013, p. 215). As formas de se re-criar também são assumidas como arte: artistagens cotidianas na produção de modos de vida, ou até *a vida como obra de arte*, como se debruçou Foucault (2014b) em seus estudos éticos:

O que me espanta é que em nossa sociedade a arte só tenha relação com os objetos e não com os indivíduos ou com a vida; e também que a arte seja um domínio especializado, o domínio dos especialistas que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que um quadro ou uma casa são objetos artísticos, mas não a nossa vida? (FOUCAULT, 2014b, p. 222)

Formas de vida, modos de existência: obras de arte na produção cotidiana, nas fabulações, nas experimentações. A vida dos personagens dos filmes, as vidas impactadas pela pandemia de HIV/aids, as nossas vidas: todas estas e outras existências são tangenciadas como criações artísticas. A educação também é afirmada como atividade artesanal imbricada nos encontros, nos entres.

Ao pensar em pandemia, vírus, corpo e vida, tangencia-se intensamente a dimensão da *saúde*. Busco, assim, me alinhar com uma noção de saúde próxima ao que Leonardo Oliveira e Guilherme Corrêa (2020, p. 14) propõem: uma “noção de saúde que abra espaço à multiplicidade do pensamento e que encontre potências de vida na doença e não apenas uma ausência de saúde”. Os autores afirmam que:

Aqueles cuja situação de saúde se afaste, de maneira observável, da considerada normal – e normal é um dos maiores e mais importantes abrigos do ideal – devem ser reconduzidos a estados normais de saúde. O estado doentio percebido como desvio em relação ao ideal faz com que se queira um restabelecimento da saúde. É esse modo de pensar que guia as práticas de saúde majoritárias tornadas universais, as quais acabam desqualificando, encobrendo, deslegitimando práticas menores. (OLIVEIRA; CORRÊA, 2020, p. 17)

A noção de “saúde e doença como acontecimento”, proposta por Emília Biato (2021, p. 137), também é aqui tangenciada. Dessa forma, busco tensionar as perspectivas de saúde majoritárias que se colocam em oposição à doença, fissurando-as e ensaiando formas outras de mobilizar e educar(se) em saúde pelas cartografias audiovisuais.

A dimensão do *cuidado* é aqui tangenciada como questão que se relaciona com a saúde e a vida. O referencial foucaultiano é aqui contemplado para permear o *cuidado de si*: “Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si” (FOUCAULT, 2010a, p. 269). Junto do cuidado de si, está a dimensão da *coragem da verdade*, também aprofundada por Foucault. É necessário, então, conhecer a si e ao mundo para poder cuidar de si e do outro, para saber lidar com a verdade, para poder dizer a verdade. “Cuidar de si e dizer a verdade constituem, em suma, artes do pensamento e da experiência de alteridade”, afirmam Fabiana Marcello e Rosa Fischer (2014, p. 172).

A *educação em saúde* é um campo intensamente atrelado à *educação em ciências e biologia*, como reflete Vinícius Bastos (2020):

Durante a década de 1990, questões atreladas à saúde coletiva, como a epidemia de HIV e AIDS, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, entre outras, ganharam lugar de destaque nos ambientes escolares. Com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998, a saúde e a orientação sexual passam a serem consideradas temas transversais às disciplinas que compõem os currículos escolares. No entanto, devido a uma concepção biológico-higienista desses temas, a responsabilidade por abordar suas questões sempre foi atribuída aos professores de Ciências ou Biologia, ou ainda a algum profissional da área da saúde convidado a realizar palestras. Profissionais que, na melhor das intenções, se apropriavam de seus saberes e discursos biomédicos para demarcar práticas que promoviam a saúde e a doença, regulando modos de viver a sexualidade. (BASTOS, 2020, p. 212)

Dessa forma, sigo nas cartografias audiovisuais, objetivando tensionar o que pode uma educação em ciências e biologia que articule tais noções minoritárias para tangenciar as questões associadas à pandemia de HIV/aids. Busco mobilizar pistas, a partir dos filmes, de possíveis caminhos atravessados pelos questionamentos feitos por Vinícius Bastos (2020):

O que pode um professor de Biologia diante a epidemia do HIV e AIDS? Como trabalhar questões atuais da epidemia sem recorrer ao discurso biomédico como primeira instância? Como contribuir para minimizar o estigma social associado ao HIV? Que experimentações são possíveis? (BASTOS, 2020, p. 214)

Para tangenciar estas questões em torno da pandemia de HIV/aids na educação em ciências e biologia, um conceito de suma importância é o de *dispositivo*. Sobre o dispositivo, Foucault (2019) afirma que:

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, *o dito e o não dito são elementos do dispositivo*. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses

elementos. [...] Entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 2019, p. 364-365, grifos meus)

Deleuze (1989, p. 155) afirma que o dispositivo é formado por múltiplas linhas e que “Desemaranhar as linhas de um dispositivo é em cada caso levantar um mapa, cartografar, recorrer a terras desconhecidas”. Logo, imbricar-se em cartografias é também colocar-se ativamente no papel de incidir nos dispositivos.

Foucault pensou no dispositivo por meio das questões em torno da *sexualidade*. Para o filósofo, a sexualidade é produzida em determinados contextos histórico-sociais, em meio a relações de *poder* entremeadas pela dimensão da produção de *saber*, já que “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 31). Dessa forma, produz-se o *dispositivo de sexualidade* (FOUCAULT, 2013, 2019). Assim, o sexo e os discursos e práticas em torno dele constituem-se em “um conjunto heterogêneo que estava recoberto pelo dispositivo de sexualidade que produziu, em determinado momento, como elemento essencial do próprio discurso e talvez do próprio funcionamento, a ideia de sexo” (FOUCAULT, 2019, p. 384). Instituições médicas, religiosas e escolares estão intensamente imbricadas na produção e atualização de tal dispositivo. No quesito da escolarização, as disciplinas de ciências e biologia atuam fortemente nesses processos.

Associada ao sexo e a este dispositivo, está a dimensão da busca incessante por uma verdade, obtida por meio de práticas de *confissão*: “a confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção verdadeira sobre o sexo” (FOUCAULT, 2013, p. 72). Demanda-se que se diga uma suposta verdade essencial e profunda sobre os prazeres, os desejos, os corpos, as relações, as infecções e as vidas: nos confessionários cristãos, nos consultórios médicos, nas salas escolares.

A aids também foi produzida como um dispositivo (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009; PERLONGHER, 1987). Sobre tal mobilização, Néstor Perlongher (1987) afirma que:

Um dispositivo como a AIDS – não a doença em si, mas a moralização desencadeada em torno dela. Para obter o disciplinamento do corpo, deve-se confessar certas intimidades escabrosas, como penetrações, ejaculações dentro ou fora do ânus etc. Se a moral pública não permitisse falar coisas assim, a AIDS seria – como foi a sífilis – uma “doença secreta” – e fruiria talvez da auréola heróica da aventura clandestina. Entretanto, uma campanha como a da AIDS exige como pré-requisito que tudo o que diz respeito à corporalidade possa ser dito, mostrado, exibido, assumido; a partir disso é que se pode diagnosticar e regulamentar. Antes, os anormais estavam *fora*: fora da

família e fora do consultório. Agora, já podem entrar e receber conselhos. (PERLONGHER, 1987, p. 74)

A *aids como um dispositivo* foi produzida e atualizada ao longo do tempo da pandemia. Aprofundando no tema, escrevi o artigo a ser publicado na *Revista Pro-Posições*, intitulado *A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença*, (SALES, no prelo). Tal dispositivo em torno do vírus e dos processos de adoecimento a ele associados foi *cronificado* por meio das mudanças biomédicas, como reforçam Atilio Butturi Junior (2019) e Butturi Junior e Camila Lara (2018).

Permeando a pandemia de HIV/aids, tangencio, durante a tese, em diferentes momentos, ao mobilizar as questões em torno do corpo e da vida, como possibilidade de fissurar o dispositivo da sexualidade e a aids como um dispositivo, as noções de *desejo* e *prazer*, segundo os referenciais das filosofias da diferença. Ambas as dimensões apresentam caráter político e potência revolucionária.

Sobre o *desejo*, em problematizações à psicanálise, Deleuze, em seus diálogos com Parnet (1998), afirma que:

O desejo é o sistema dos signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente em um campo social. Não há eclosão alguma de desejo, em qualquer lugar que seja, pequena família ou escola de bairro, que não questione as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões e agenciamentos. Mas a psicanálise corta e achata todas as conexões, todos os agenciamentos, ela odeia o desejo, odeia a política. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 94-95)

Também questionando a psicanálise e o seu uso da noção de *desejo*, Foucault (2015) coloca em xeque o uso da noção de sexualidade e propõe pensarmos na dimensão do *prazer*:

[...] atualmente, a própria noção de sexualidade deve ser verdadeiramente reavaliada, ou melhor, deve-se fazer dela uma nova avaliação. [...] Não seria necessário, então, fazer valer, contra essa noção médico-biológico-naturalista da sexualidade, uma outra coisa? Os direitos do prazer, por exemplo? [...] Creio, por exemplo, que é muito difícil lutar nos termos da sexualidade sem que, em dado momento, se seja apanhado na armadilha por noções tais como doença da sexualidade, patologia da sexualidade, normalidade da sexualidade. Daí a necessidade de colocar o problema de outra forma. Eis porque, de uma maneira que atualmente está apenas em esboço, para a qual não tenho ainda conteúdo, adiantaria um pouco, se assim preferir, o tema do prazer. Parece-me que ele escapa às conotações médicas, naturalistas e que carregam junto com elas a noção de sexualidade. Não há, no fim das contas, prazer “anormal”, não há “patologia” do prazer. (FOUCAULT, 2015, p. 5)

Foucault (2015, p. 6) segue problematizando sobre o desejo segundo as visões psicanalíticas: “dize-me qual é teu desejo e te direi quem és, te direi se és doente ou não, te direi

se és normal ou não e, em consequência, poderei desqualificar teu prazer ou, ao contrário, requalificá-lo”. Importante ressaltar que Foucault (2015, p. 7) reconhece que “o uso que Deleuze e Guattari fazem da noção de desejo é inteiramente diferente” à sua problematização das “capturas médico-psicológicas” (FOUCAULT, 2015, p. 7). Segundo Rolnik (2016, p. 31), o desejo é o “processo de produção de universos psicossociais; o próprio movimento de produção desses universos”.

Dessa forma, ao reconhecer a potência de ambas as percepções – a de desejo e de prazer⁴² –, trago-as para estas escritas. Mobilizá-las não é negar a dimensão da **sexualidade**, mas colocá-la em questão e problematizar o que está em jogo em seu uso, sobretudo na manutenção do dispositivo da sexualidade, tema presente – e em disputa, entre silenciamentos e produções discursivas e práticas – na educação em ciências e biologia ao tangenciar dimensões de corpo humano, da reprodução, da genética, continuando ao abordar as infecções sexualmente transmissíveis (IST) e, dentre elas, o HIV e a aids, por exemplo.

As tantas dimensões da aids como um dispositivo, do corpo, da sexualidade, da saúde, da doença, da vida, da morte, do desejo e do prazer são tangenciadas nesta tese, em cartografias, a partir da articulação com as produções audiovisuais e com as suas potências educativas. Tais questões são tangenciadas no formato **multipaper**, a partir de três capítulos inicialmente publicados como artigos em periódicos. Vale ressaltar que cada um dos textos foi produzido em um período e destinado a uma chamada específica que demandava diferentes questões, porém todas voltadas às conexões entre educação, gênero e sexualidade. As escritas foram avaliadas por pareceristas, modificadas e publicadas no ano de 2021. Posteriormente, para compor esta tese, os textos foram relidos e atualizados para comporem o corpo deste trabalho. Assim, um longo trajeto marcado pela imersão nas leituras no campo das filosofias da diferença, juntamente de cursar disciplinas⁴³ no Programa de Pós-Graduação em Educação da

⁴² Importante reforçar, mais uma vez, que mobilizo a dimensão do desejo segundo leituras Deleuze-Guattariana, também de Rolnik, e a de prazer com as referências foucaultianas.

⁴³ As disciplinas que percorri ao longo do doutorado foram imprescindíveis à minha formação enquanto professor e pesquisador, compondo as cartografias que imbricam-se na materialização das linhas que compõem esta tese. No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU), realizei os componentes curriculares obrigatórios: *Pesquisa em Educação*, com a professora doutora Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, e *Teorias da Educação*, com o professor doutor Carlos Alberto Lucena; e os eletivos: *Tópicos Especiais em História e Historiografia da Educação III: Michel Foucault – poder, governo, subjetividade e educação*, com o professor doutor Selmo Haroldo Resende; *Tópicos Especiais em Saberes e Práticas Educativas II – Artes do Corpo e Educação*, com o professor doutor Narciso Laranjeira Telles da Silva; *Tópicos Especiais em Saberes e Práticas Educativas III: Currículos, Multiculturalismo e Estudos Decoloniais*, com o professor doutor Astrogildo Fernandes da Silva Junior; e *Tópicos Especiais em Educação em Ciências e Matemática III: Conexões entre Ciências, Artes e Culturas*, com as professoras doutoras Daniela Franco Carvalho e Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, além das professoras convidadas Fabíola Rodrigues da Fonseca e Camila Lima Coimbra. Também cursei as seguintes disciplinas como aluno externo em outras instituições: *Saúde-Doença*,

Universidade Federal de Uberlândia e em outras instituições, permeia estas cartografias desde as suas escritas iniciais nos anos de 2020 e 2021, que, mesmo publicizados anteriormente, não se encontram *ipsis litteris* às versões presentes nas revistas: foram também revisados mais uma vez, atualizados e modificados em decorrência das demandas da tese e de minhas mudanças de percepções.

Na produção desses textos, que aconteceu nos encontros com os filmes, a dimensão da *experiência* foi intensamente tangenciada. Segundo Larrosa (2011, p. 5), a experiência é o que “me passa” e, com ela, escrevi a partir do que transbordava. Para Jean Clandinin e Michael Connely (2011, p. 49), a “Experiência acontece narrativamente”. Dessa forma, tangencio aqui a dimensão das *múltiplas formas de narrar uma pandemia*⁴⁴, focando na cartografia de produções audiovisuais e na problematização das narrativas hegemônicas e maiores, geralmente atreladas aos discursos biomédicos, tão presentes na educação em ciências e biologia, bem como no seu ensino escolar.

Juntamente das filosofias da diferença, tal trabalho infectou-se também com o contato com campos dos *estudos culturais*⁴⁵ – que versam em torno dos estudos da cultura – e *decoloniais/pós-coloniais*⁴⁶ – criticando os processos colonizatórios e vislumbrando possibilidades para além deles. Tais perspectivas foram necessárias para problematizar o *sistema colonial capitalístico* que nos circunda, cafetinando as nossas vidas e o nosso desejo, como dissertou Rolnik (2018). A potência viral presente na *infecção* foi transposta aqui, em um *devir-vírus*, a partir da experiência de proximidade com os vírus advinda dos territórios pandêmicos – se é que já estivemos distantes deles em algum momento, pensando na convivência humano-vírus.

Longa Duração e Políticas de (In)Visibilidades no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), com o professor doutor Lucas Pereira de Melo, contando com a participação de professores convidados como Richard Parker e Carlos Guilherme do Valle; *Estudos Queer e Educação* no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ), com o professor doutor Thiago Ranniery Moreira de Oliveira; *Seminários Avançados: Michel Foucault – Textos Escolhidos*, ministrada pela professora doutora Rosa Maria Bueno Fischer e *Seminários Avançados: Metodologias para todos e para ninguém*, coordenada pela professora doutora Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan e composta pela participação de múltiplos docentes convidados, sendo ambas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS); e *Corpo, Gênero e Sexualidade*, oferecida pelo professor doutor Fernando Altair Pocahy no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ).

⁴⁴ Inspirado no título do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação – *Outros modos de narrar o mundo* (<https://www.sbece.com.br/>), que aconteceu em 2022 e, o qual, pude participar com a apresentação de dois trabalhos e, dentre eles, o *Pistas de uma educação menor em HIV/aids: reflexões a partir de filmes*, levando esta tese para espaços outros.

⁴⁵ Leituras como Guacira Lopes Louro (2000, 2012) e Tomaz Tadeu da Silva (1999) me inspiram nos diálogos com os estudos culturais.

⁴⁶ As conexões com tal campo de estudo se fazem, sobretudo, a partir de leituras de Boaventura de Sousa Santos (2020) e Aníbal Quijano (2005), principalmente no quarto capítulo.

Por fim, é importante ressaltar, mais uma vez, a artesanidade destas escrituras, agenciadas em criações de pensamento e de vida nas conexões entre ciências-artes-filosofias. Em si, tais linhas são também educativas: retratam processos formativos, questionam pedagogias e carregam a potência de problematizar as ensinagens e aprendizagens em ciências e biologia, as relações com a saúde, a doença, a vida, a morte, o corpo, o desejo, o prazer, a sexualidade, os seres humanos e os não humanos. Sem mais delongas, apagam-se estas luzes introdutórias, deixa-se a caixa de ferramentas em aberto para que possa ser retomada nas escritas que se seguem e começa-se um trajeto pelas linhas imbricadas entre imagens e sons que atravessam uma pandemia.

3 CARTA PARA ALÉM DOS MUROS BIOLÓGICOS: PISTAS DE UMA BIOLOGIA MENOR E AFETOS POSSÍVEIS COM UM DOCUMENTÁRIO SOBRE HIV/AIDS⁴⁷

Este texto foi escrito, inicialmente, para o *Dossiê Temático – Gênero, Sexualidade e Ensino de Biologia – entre práticas, políticas e resistências* da *Revista de Ensino de Biologia (REnBio)*, espaço no qual foi primeiramente publicado. A sua escrita ocorreu em parceria com a professora, que também foi minha orientadora de doutorado, Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho. Logo, apresenta marcas de uma feitura (no) plural. O respectivo dossiê de sua publicação consiste em um marco nos estudos da educação e do ensino em ciências e biologia no Brasil, como afirma o editorial deste volume:

Temos a satisfação de inaugurar uma nova fase da Revista de Ensino de Biologia (REnBio) da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), com a publicação deste dossiê temático “Gênero, Sexualidade e Ensino de Biologia: entre práticas, políticas e resistências”, o primeiro a ser publicado na única revista brasileira destinada, especificamente, ao Ensino de Biologia. Essa abertura marca historicamente as disputas políticas para o reconhecimento e o prestígio dessas discussões como epistemologicamente possíveis nos territórios da Educação em Biologia, demarcando as lutas políticas no ensino, na pesquisa e na extensão dos organizadores dessa proposta, em que defendemos, intransigentemente, a impossibilidade de conceber um Ensino de Biologia despartado das discussões de corpo, gênero e sexualidade. (SANTOS; SOUZA; BASTOS, 2021, p. 15)

Ao ver a chamada do dossiê nas redes sociais por meio do Grupo de Pesquisas em Corpo, Gênero, Sexualidade e Educação (GPECS/UFU), do qual tenho participado durante o doutoramento, de imediato, quis habitar aquele espaço de pensamento e movimento no campo de estudos do ensino de ciências e biologia. Por ser formado em licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas e realizar o meu doutorado na linha de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática, esta tese vai se fazendo nas brechas e conexões também com as ciências naturais e, sobretudo, as ciências biológicas.

⁴⁷ Este texto foi publicado, inicialmente, na *Revista de Ensino de Biologia – REnBio*: SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Carta para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/AIDS. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 290-311, 2021. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.484>. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/484>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Essa coletânea foi organizada por Sandro Prado Santos⁴⁸; Marcos Lopes de Souza⁴⁹; e Felipe Bastos⁵⁰. Poder compor o primeiro dossiê especificamente dos estudos de corpo, gênero e sexualidade no ensino de biologia em tal importante revista para o meu campo de formação e atuação é uma alegria para mim e para esta tese. Na escrita deste capítulo, cartografamos o nosso encontro com o documentário brasileiro *Cartas para além dos muros* (2019), dirigido por André Canto. As leituras das cartas de Caio Fernando de Abreu, nas quais o escritor fala abertamente acerca da sua sorologia positiva ao HIV também foram marcantes na experimentação do documentário, escrita e pensamento nas conexões possíveis entre a produção audiovisual e potencialidades de uma educação menor em ciências, biologia e em HIV/aids.

3.1 Abrindo portas, saltando muros

Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas, por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer.

Caio Fernando Abreu (2014, p. 124)

Em 21 de agosto de 1994, o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, em sua seção do jornal *O Estado de São Paulo*, publicou um texto intitulado *Primeira carta para além do muro*⁵¹. Esta carta é repleta de enigmas, em uma linguagem povoada por imagens vindas de afetos intensos, porém difíceis de serem decodificadas em um primeiro momento. Nas semanas seguintes, outras cartas também enigmáticas e direcionadas para “além do muro” foram publicizadas. Por entre anjos e famosos já falecidos como Cazuza, Freddie Mercury e Hervé Guibert, Caio Fernando vai traçando uma tênue e intensa cartografia em torno de uma “Coisa

⁴⁸ Doutor em Educação, pesquisador nos seguintes temas: “corpo, gênero, sexualidade, desobediências sexuais e de gênero no espaço escolar, sobretudo, no âmbito da Educação em Ciências e Biologia”, e professor na Universidade Federal de Uberlândia. Informações retiradas do Currículo Lattes do pesquisador. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1276426419124799>. Acesso em: 04 jul. 2022.

⁴⁹ Doutor em Educação, pesquisador nos temas de “ensino de ciências e biologia; diversidade de gênero, sexual, étnico-racial e educação; formação docente e as questões de gênero e sexualidade; a interface entre sexismo, racismo e homofobia nas escolas”, e professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Informações retiradas do Currículo Lattes do pesquisador. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2396459642306557>. Acesso em: 04 jul. 2022.

⁵⁰ Doutor em Educação, pesquisador na “área de educação escolar, com foco em ensino de ciências e biologia, cultura, gênero e diversidade sexual e preconceito”, e professor de ciências e biologia no Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora. Informações retiradas do Currículo Lattes do pesquisador. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6430970460987731>. Acesso em: 04 jul. 2022.

⁵¹ Este texto, juntamente das demais “cartas para além do muro” e diversos outros escritos de Caio Fernando Abreu, foi posteriormente organizado no livro *Pequenas Epifanias* (ABREU, 2014).

Estranha” que aconteceu com ele. Na terceira carta, cujo título era *Última carta para além dos muros*, uma cortina se cai em meio às narrativas-confissões:

Gosto sempre do mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior, te escrevo agora assim, mais claramente. Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha ou medo. Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV positivo. (ABREU, 2014, p. 131)

Caio denomina de “Coisa Estranha” um microorganismo que invadiu – ou, quiçá, adentrou – o seu corpo, fazendo nele morada e desestabilizando fortemente a sua vida até então. “O Teste”, com letras iniciais maiúsculas assim como a “Coisa Estranha”, autentica a verdade de um diagnóstico ditado pela medicina: o escritor fora infectado pelo HIV. Naquele período, meados da década de 1990, a pandemia de HIV/aids assolava intensamente o mundo e gerava um gigantesco número de óbitos. Com pouquíssimas possibilidades de tratamento, a infecção era associada diretamente à morte. Dois anos depois, Caio faleceu em decorrência da aids.

Os primeiros casos de aids foram notificados no Brasil no começo da década de 1980, período em que ocorria a saída do país da ditadura militar, ingressando no seu processo de redemocratização. Impulsionado por movimentos que buscavam direitos e maior liberdade para as minorias sociais – mulheres, pessoas LGBTQ+, negros, dentre outros –, aquele era um período de sonhos de outros “Brasis”. Abruptamente, a liberdade que se apresentava para tantos corpos foi impactada por uma doença desconhecida que levava rapidamente à morte das pessoas por ela acometidas. Demorou-se anos para descobrirem o agente causador da aids – o vírus da imunodeficiência humana (HIV, sigla em inglês adotada no Brasil, ao contrário de outros países de línguas latinas, que utilizam o VIH) –, e conseguirem produzir testes para sua detecção e medicamentos eficazes para seu tratamento. As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por milhões de mortes em decorrência da aids mundo afora, sendo milhares destas no Brasil.

Os grupos inicialmente intensamente impactados foram as populações mais vulnerabilizadas para a pandemia: homossexuais, pessoas trans/travestis, hemofílicos, usuários de drogas, trabalhadores do sexo/prostitutas. Estas populações foram rotuladas como “grupos de risco”⁵² pelas ciências médicas, gerando processos de intensificação do preconceito, estigma

⁵² O termo “grupo de risco” é estigmatizante e pode gerar maiores processos de discriminação em relação às pessoas mais afetadas pela pandemia, afastando-as do acesso à informação, assim como das possibilidades de prevenção e tratamento ao HIV/aids, na medida em que gera marcas do estigma em suas vidas e experimentações possíveis. Atualmente, busca-se substituí-lo pela reflexão acerca das vulnerabilidades que determinadas populações são colocadas sócioeconômico-histórico-culturalmente em relação à pandemia de HIV/aids.

e marginalização social que nelas impactavam, perdurando até hoje. Em meados da década de 1990, descobriu-se que a combinação de diferentes medicamentos antirretrovirais poderia frear a proliferação do HIV nos corpos infectados e, finalmente, surgiram tratamentos que fossem capazes de evitar as mortes das pessoas com HIV/aids. Em 1996, por decisão judicial inédita e graças ao movimento social de HIV/aids, o governo brasileiro garantiu o fornecimento gratuito de tratamento e medicação para as pessoas vivendo com HIV/aids do Brasil pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com a aprovação da Lei 9.313 (BRASIL, 1996), consistindo em um feito revolucionário no mundo em relação ao enfrentamento da pandemia.

Hoje, mais de duas décadas depois, a aids continua a causar um grande número de mortes e a afetar a vida de inúmeras pessoas mundo afora: segundo a UNAIDS, em 2019, cerca de “690.000 [500.000–970.000] pessoas morreram por causa de enfermidades relacionadas à AIDS” (UNAIDS, 2020, p. 1). Também em 2019, segundo a UNAIDS (2020), chegou-se à marca de cerca de 32 milhões de mortes em decorrência da aids e, naquele mesmo ano, existiam aproximadamente 38 milhões de pessoas no mundo vivendo com HIV. Em relação ao Brasil, “em 2019, foram diagnosticados 41.909 novos casos de HIV e 37.308 casos de aids”, registrando “10.565 óbitos por causa básica aids” (BRASIL, 2020, p. 8). Nestes territórios virais brasileiros, centenas de milhares de pessoas já morreram em decorrência da aids: “Desde o início da epidemia de aids (1980) até 31 de dezembro de 2019, foram notificados no Brasil 349.784 óbitos, tendo o HIV/aids como causa básica” (BRASIL, 2020, p. 24). Atualmente, mais de 800 mil pessoas vivem com o vírus no Brasil.

À procura de instaurar verdades, as ciências biológicas, entremeadas pela medicina, destrincham os corpos como forma também de controlá-los, de exercer poder. Um poder sobre a vida, ou biopoder, como chamou o filósofo Michel Foucault (2019):

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 2019, p. 144)

Os corpos, os seus desejos e as possibilidades de experimentações do prazer já estavam na mira biomédica antes do período em que a pandemia de HIV/aids se alastrou, por meio do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2013). Não demorou para que as existências vivendo com HIV/aids fossem também capturadas por esta estratégia biopolítica, como chamava Foucault (2019). A medicina e a biologia são ciências em torno da vida que vasculham, buscam

padrões, constroem estatísticas, rotulam. Assim, criaram-se discursos e práticas sobre a doença e o vírus a partir do momento em que estes foram encontrados pelas investigações biológicas, escrutinando os sujeitos por eles afetados.

O antropólogo Néstor Perlongher (1987, p. 70) afirma que não é surpreendente que, “no caso da AIDS, na medida em que o vírus se transmite por via sexual, os conselhos médicos veiculem um disciplinamento das práticas sexuais, especialmente das homossexuais”, dessa maneira, “o poder médico pode estar extraíndo, do episódio da AIDS, uma espécie de *mais-valia* moral”. Nessas práticas e discursos médicos, instauram-se verdades na medida em que são apagadas as vivências e experiências das tantas pessoas afetadas pela pandemia de HIV/aids, moldando subjetividades a partir de saberes e poderes médicos, do pânico moral, do medo e do silenciamento compulsório.

Escrever uma carta para além dos muros biológicos é atravessar a dureza das ciências naturais e chegar em espaços permeados por subjetividades e desejos: territórios da vida. É também atuar ativamente nos processos de subjetivação, fissurando as redes de saber e poder hegemônicas, em micropolíticas e brechas para, quem sabe, rachar as perversidades dessas linhas enunciativas instituídas pela biologia, pela medicina, pela igreja e pelo Estado que estigmatizam, rotulam, operam sobre os corpos, desterritorializando-as. Tais processos são intensamente reforçados pela escolarização, sobretudo nas disciplinas de ciências e biologia. Estariam, então, os muros biológicos, tidos como de estudo da vida, afastados da vida?

Talvez, atravessar os muros biológicos seja também forjar, dentro da biologia, possibilidades outras de entender a vida e com ela interagir. Formas diferentes de se relacionar com o corpo-humano, corpo-biológico, corpo-afetivo, corpo-cultura. Quiçá, poderiam também criar outras maneiras de se relacionar com um corpo-vírus? Ao pensar nas existências virais, tomar deles a força de suas infecções para devir e infectar espaços, corpos e vidas com afectos e perceptos. Nessas linhas que se seguem, mais do que falar de um retrovírus, buscamos cartografar dimensões subjetivas, históricas, culturais, sociais e afetivas da pandemia de HIV/aids, em escritas-encontros advindas dos atravessamentos vividos com o documentário *Carta para além dos muros* (2019). Cartografar, inspirados nos pensamentos de uma filosofia que caminhe pela diferença. Percorrer territórios em movimentos de fuga aos muros e às suas durezas:

Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema “vazar” como se fura um cano. [...] Fugir é traçar uma

linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 30)

Fugir da rigidez, das estruturas maiores sedentas por dominação, disciplina e controle, escapar das redes de saber e poder que aprisionam, aprendendo a manipular estas tramas que nos atravessam para forjar formas outras de vida, sabendo que cair em suas duras linhas é possível a cada momento, processo que também pode ser vazado por outras rotas de fugas. Para tal, traçamos cartografias audiovisuais em escritas-encontros pelo documentário *Carta para além dos muros* (2019)⁵³, mapeando-o: território aberto que dialoga também com os escritos de Caio Fernando Abreu, discursos biológicos, médicos e histórias de vidas que vivem e convivem com o HIV e a aids, na medida em que também forja (contra)pedagogias e possibilita educações menores. O documentário é tido aqui por nós como um território capaz de potencializar discussões sobre corpos, gêneros, sexualidades e vidas permeadas pelo HIV e pela aids, sobretudo no Brasil, em conexões intensivas e diálogos possíveis com a educação e o ensino de ciências e biologia.

Ao pensarem no que se pode “aprender com – e a partir de – um filme”, Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005, p. 36) refletem que “as experiências do olhar nos interpelam e, de diversas formas, nos dizem sobre modos possíveis de sermos homens, mulheres, mães, jovens e outras tantas identidades sociais que constituem o ‘ser humano’”. Nos encontros com imagens e sons, vamos construindo, desconstruindo e reconstruindo nossas subjetividades. Assim, produções audiovisuais carregam uma grande potência de um aprender por meio do encontro, do contato, do corpo que olha, escuta, sente e se afeta, possibilitando agenciamentos e mobilizações outras nas vidas que experienciam estes atravessamentos.

O filme documental *Carta para além dos muros* (2019) foi produzido e dirigido por André Canto, estreado no ano de 2019 em diversos cinemas Brasil afora. Hoje⁵⁴, este encontra-se também disponível na plataforma de filmes e séries *Netflix*, que o descreve como uma narrativa da “evolução do vírus HIV no Brasil ao longo de três décadas e mostra o estigma

⁵³ O site da Associação Brasileira de Cinematografia traz a sinopse e ficha técnica de *Carta para além dos muros* (2019). A sinopse: “Reconstrução da trajetória do HIV e da AIDS, com foco no Brasil, por meio de entrevistas com médicos, ativistas, pacientes e outros atores, além de farto material de arquivo. Do pavor inicial às campanhas de conscientização, passando pelo estigma imposto às pessoas vivendo com HIV, o documentário mostra como a sociedade encarou essa epidemia em sua fase mortífera ao longo de mais de duas décadas”. A ficha técnica: Direção: André Canto. Roteiro: André Canto, Gabriel Estrela, Gustavo Menezes e Ricardo Farias. Produção: André Canto. Fotografia: Carlos Baliú. Trilha Sonora: Roberto Prado. Estúdio: Canto Produções. Montador: Ricardo Farias. Distribuidora: Descoloniza Filmes. Disponível em: <https://abcine.org.br/site/carta-para-alem-dos-muros/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁵⁴ Desde o momento de escrita inicial deste capítulo, no início de 2021, até julho de 2022, o filme permanecia disponível nesta plataforma.

imposto a quem vive com a doença”⁵⁵. Segundo o site da UNAIDS, por meio “da costura desta complexa colcha de retalhos, o filme investiga e expõe o estigma e a discriminação como produtos de uma sociedade que insiste em manter marginalizadas as pessoas que vivem com HIV, mesmo 30 anos depois do início da epidemia” (UNAIDS, 2019, s. p.).

Nosso encontro com o documentário aconteceu por meio das redes sociais, ao acompanhar profissionais da saúde e pessoas vivendo com HIV que falam abertamente de suas sorologias positivas ao vírus, como também de suas vivências. A produção audiovisual foi divulgada nestes meios – páginas de influenciadores digitais, coletivos e organizações que abordam temáticas relacionadas ao HIV/aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis – e chegou até nós em um bom encontro. Assistindo-o, nos afetamos de múltiplas formas, levando-nos por trajetos da história do HIV e da aids no Brasil, em diálogo com acontecimentos mundiais. Percebemos uma grande potência no documentário de, mesmo em flertes com discursos biomédicos, fugir das narrativas unicamente biologizantes, permeando as vidas afetadas pelo vírus com sensibilidades, dando vazão às subjetividades marcadas pela pandemia.

Partindo do lugar de professores e pesquisadores da educação em ciências e biologia, algumas questões nos movimentaram, em consonância com Vinícius Bastos (2020, p. 214): “O que pode um professor de Biologia diante da epidemia do HIV e AIDS? Como trabalhar questões atuais da epidemia sem recorrer ao discurso biomédico como primeira instância? Como contribuir para minimizar o estigma social associado ao HIV? Que experimentações são possíveis?”. Assim, nos colocamos no movimento de cartografar essa produção audiovisual a partir de nosso encontro com ela, caminhando por suas forças e potências, pensando no documentário como trajeto de afetos-educativos: na medida em que o corpo que assiste se afeta, também desestabiliza as noções anteriormente existentes, carregando a potência de embrionar germes de devires, de deslocamentos, de mudanças, de pensamentos outros. Estes caminhos perpassados pelas produções audiovisuais podem contagiar os territórios das casas, dos cinemas e das escolas. Poderiam também chegar às aulas de biologia? E, quiçá, quebrar estes muros: muros da escola, da casa, do cinema, das ciências. Movimentos em desejos de rachar as barreiras que incidem na manutenção dos estigmas e da biomedicalização total da vida.

⁵⁵ Presente no site da plataforma *Netflix*. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81213977>. Acesso em: 28 jan. 2021.

3.2 Cartografias para além dos muros

Cenas em um ônibus que se misturam com um olhar comum. Paisagens cotidianas das regiões mais movimentadas da capital paulistana que, enquanto se deslocam, também se misturam com uma narrativa. Sem mostrar o seu rosto, uma voz relata um diagnóstico biomédico com dia e data que marcaram uma existência, desestabilizando-a, deslocando-a. Seria o fim de uma vida? Seria, quem sabe, o começo de outra forma de habitar o mundo?

Paisagens recentes da capital paulistana em meio a arranha-céus, concretos e fluxos de pessoas que se deslocam para o “verão do romantismo”⁵⁶ no Rio de Janeiro em 1982, entre praias, sungas, biquínis e celebrações. Clima festivo em relatos de um passado que não existe mais. *Topless*, celebração, beijo, prazer, desejo, tesão. Sexo? Narrativas de saudades que coexistem com uma nova forma de morte até então desconhecida que se coloca. “É impensável que qualquer um de nós pudesse, de repente, se familiarizar com a rotina da morte. Se fazer da tragédia humana uma rotina ou banalizar isso tudo é que me parece surpreendente”⁵⁷. Os relatos do passado da dermatologista Valéria Petri, médica que diagnosticou os primeiros casos de aids na América Latina, se misturam com falas recentes dela, construindo cartas-cartográficas do HIV no Brasil e no Sul global⁵⁸.

O filme vai se construindo em composições de recortes de imagens e sons do passado costuradas com narrativas atuais. Os arquivos de outros tempos – da década de 1980 ao período próximo da gravação do documentário – se passam em lugares diversos: centros urbanos, praias, hospitais, materiais jornalísticos mundiais, shows, dentre outros. As cenas também nos transportam ao movimento da capital paulistana em um trajeto que conecta com a atualidade do momento no qual o filme foi gravado, antes da emergência pandêmica da covid-19. Já as falas atuais acontecem em uma sala-estúdio, espaço cinza com portas vermelhas abertas. Por entre as portas, é possível ver cenas de movimentos de uma grande cidade. O que pede passagem nestas portas? Quais vazões possibilitam?

O vermelho das portas nos afeta em relação ao sangue e desejo. Vermelho-vivo que também dialoga com imagens do HIV e da aids. Vermelho vivo de portais abertos para uma

⁵⁶ Para expressões utilizadas no filme, as colocamos entre aspas.

⁵⁷ Trecho da fala da médica Valéria Petri, presente no minuto 7 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

⁵⁸ Utilizo aqui a noção de Sul Global em diálogo com as epistemologias do Sul, como propõe Boaventura de Sousa Santos: “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural” (SANTOS, 2020, p. 15). Este Sul se refere aos territórios marginalizados e que fogem do Norte global, hegemônico e imperialista.

cidade do presente, viva e cheia de pessoas. Vermelho do sangue que circula nesses corpos? Vermelho da urbanidade movimentada por vidas? Vermelho do HIV e da aids que marcaram e continuam marcando intensamente estas tantas existências? Os personagens, ao narrarem múltiplas histórias no filme, o fazem ao lado direito destas grandes portas com imagens do movimento paulistano em sua abertura, enquanto estão sentados, mas as cadeiras que os acomodam vão se alterando ao longo dos trajetos audiovisuais. Assim como as pessoas que lá estão são diferentes, as poltronas também mudam, em diversidades de narrativas, espaços, tempos e experiências.

Trajetos entre Norte e Sul. Primeiros rastros de uma pandemia que se disseminou mundo afora. Manchas, “bolhas assassinas”, Sarcoma de Kaposi⁵⁹. Diagnósticos, terror, morte, preconceito. Medo. Aversão. Homens, “cafajestes”, “invertidos”. “Promiscuidade”, “peste”, “doença que veio dos Estados Unidos”. “Grupos de risco”: “quatro H: homossexuais, heroinômanos, hemofílicos e haitianos”. Construção de imagens binárias de uma doença do outro, de grupos específicos, segundo o médico infectologista Ricardo Tapajós⁶⁰. “Peste-gay” e “Câncer Gay”: tanto a doença quanto o estigma afetando diretamente os homossexuais. Falas de acadêmicos e ativistas vão compondo os trajetos-documentais iniciais em costuras com cenas que remetem a um contexto pandêmico inicial, enquanto se rememora os começos, as dores de um passado, na década de 1980, repleto de sofrimento e povoado por perdas sem fim.

Dentre as tantas falas, está a de Luiz Mott, antropólogo, professor e fundador do Grupo Gay da Bahia, importante instituição de pesquisa e militância acerca das questões das dissidências de gênero e sexualidade no Brasil. Mott relembra narrativas que o afetaram:

[...] a peste gay, o câncer cor de rosa, está matando gays, homossexuais. Isto me deixou profundamente preocupado porque eu me dei conta de que a gente estava começando a sair do armário, o movimento gay, o movimento homossexual, como era chamado na época, e surge uma doença sexualmente transmissível e que afeta, sobretudo, a minha população, a minha tribo, os gays, os homossexuais⁶¹.

Estas questões ressaltam a complexa tensão vivida naquele momento: a abertura pelo fim da ditadura às existências que fugiam das normas hegemônicas *versus* o surgimento de uma infecção potencialmente mortal que as assolava, gerando medo na medida em que reforçava o estigma e o preconceito. Tais questões demandaram, naquele período, a criação de formas

⁵⁹ O Sarcoma de Kaposi é um tipo de câncer comum em pessoas com aids, gerando manchas e lesões nos tecidos acometidos, como a pele e mucosas.

⁶⁰ Falas do médico Ricardo Tapajós presentes nos minutos 11-12 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

⁶¹ Falas de Luiz Mott, presentes no minuto 13 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

outras de se articular coletivamente, de se relacionar e de lutar pela vida das pessoas LGBTQIA+.

Tensões do Norte-e-do-Sul entre poder médico e resistência das dissidências sexuais. Nestas tramas, o protagonista do documentário, Caio, começa a mostrar a sua cara⁶² sem revelar o seu rosto, na medida em que vai entrelaçando as suas narrativas com as tantas outras que se fazem presentes. Com nome fictício, Caio descobriu sua sorologia positiva para o HIV cerca de um ano antes de gravar as entrevistas. Suas falas vão se misturando com outros relatos, em cartografias dos trajetos do vírus no Brasil.

Entre narrativas e tensões de poder e controle, resistências também se fazem presentes dentro das instituições médicas, em combates à transmissão do HIV e do preconceito, pois como afirma Michel Foucault (2013, p. 105), “onde há poder, há resistência”. Em muitos momentos, o protagonismo médico manteve-se hegemônico, tanto na construção de narrativas ao longo da história do HIV/aids quanto no documentário, por meio do poder de falar e de instaurar verdades. Nesta produção audiovisual, mesmo os discursos articulados por médicos fogem, pelas brechas, das visões ultra medicalizantes da vida, abrindo-se para caminhos menores das memórias, das histórias, dos desejos e das subjetividades. Nessas tramas maiores e dominantes, vozes de pessoas que vivem e convivem com o vírus vão se compondo em uma ressonância.

“Eu acho que existe uma epidemia médica, mas existe também uma espécie de epidemia moral em torno disso. As pessoas, às vezes, têm medo da aids tanto pela morte quanto pelo estigma. Eu acho que seria muito interessante que essa coisa não fosse nem criminalizada nem estigmatizada”, afirma Herbert de Souza⁶³, conhecido por Betinho, militante em defesa das pessoas com HIV/aids e outras causas sociais, como a *Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida*. Betinho era hemofílico e, como os seus irmãos e tantos outros que possuíam a hemofilia nos primeiros anos de emergência da pandemia de HIV/aids, foi infectado pelo vírus e faleceu em decorrência da aids.

Narrativas sobre a década de 1980 vão se costurando com as de Caio, personagem principal do documentário que conta suas experiências contemporâneas em relação ao HIV. Ora cenas de um passado distante, ora cenas próximas do presente. Entre elas, uma dura linha permanece entremeando-se: o estigma. De forma parecida que Betinho denunciou décadas atrás, o estigma continua aterrorizando as vidas afetadas pelo vírus, próximo ao que acontecia no passado, colocando-as em lugares de monstruosidade, perigo e marginalidade, mesmo que

⁶² Inspirado na música Brasil, de Cazuza.

⁶³ Trecho da fala de Herbert de Souza presente no minuto 28 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

tanto se tenha avançado, tecnológico e biomedicamente, do início da pandemia até os momentos em que o documentário foi gravado. Caio reflete sobre os seus anseios, medos e afetos em relação à descoberta de sua sorologia, evidenciando os tantos muros que ainda se formam em torno das vivências com HIV e aids no Brasil contemporâneo.

Gerações dizimadas no passado: hemofílicos, homossexuais, travestis, prostitutas, populações marginalizadas... Nas cenas, um passado e um presente aparecem-se embaralhados. “Eu acho que a aids caiu como uma luva, modelinho perfeito da direita e da igreja. [...] Eles nunca estiveram tão elegantes com uma coisa, e deselegantes”⁶⁴, relata o cantor, poeta e compositor Cazuza por meio de sua voz, enquanto imagens de grafites que se inspiram nele e em outros artistas, como Caio Fernando Abreu, aparecem em uma movimentada região de uma cidade, transportando-nos em seguida para uma imagem de Cazuza com os braços abertos e com um sorriso no rosto (Imagem 1). Braços abertos pela sua entrega à vida, ao mundo e à sua fragilidade? Braços-asas para poder voar? Braços abertos para ser crucificado? Braços abertos das cobaias de uma direita cristã ultraconservadora? Enquanto a voz de Cazuza continua o relato, uma interposição de áudios nos transporta para uma de suas músicas ao fundo, pouco a pouco tornando-se o som principal da cena... “Me tire dessa jaula, irmão, não sou macaco desse hospital maquiavélico...”⁶⁵

⁶⁴ Relatos de Cazuza presentes nos minutos 34-35 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

⁶⁵ Música *Cobaia de Deus*, de Cazuza e Angela Ro Ro, a qual aparece durante o minuto 35 do documentário *Carta para além dos muros* (2019) na voz de Cazuza.

Imagem 1 – Aberturas à vida



Legenda: Imagem de Cazuzu presente no minuto 57 do documentário, na qual o poeta e cantor brasileiro está de braços abertos e sorrindo.

Fonte: *Carta para além dos muros* (2019).⁶⁶

“O papel da igreja nessa história toda foi um papel criminoso”⁶⁷, afirma Drauzio Varella ao aparecer sentado no cenário dos relatos atuais do documentário, porém com uma diferença: entre as portas vermelhas, é possível ver um grafite em um muro de uma rua movimentada com uma imagem de Jesus, enquanto carros e pessoas passam. Varella relembra da oposição que o cristianismo fazia em relação ao uso da camisinha, colocando como solução o sexo dentro do casamento. Oposição conservadora-criminosa em relação à aids com “cheirinho de restauração”, como afirma Néstor Perlongher (1987, p. 52).

Pedagogias do terror, do medo e da violência em momentos que a aids era praticamente uma sentença de morte. Pedagogias que permeiam múltiplos espaços, que são produzidas pelas mídias, pelos discursos religiosos, pelas práticas médicas, atravessando os espaços escolares, fortemente presentes nas disciplinas de ciências e biologia, produzindo modos de lidar com o corpo, o desejo e a vida por meio do horror e do pânico. Quantas destas pedagogias ainda

⁶⁶ Disponível em: <https://esqrever.com/2020/04/12/carta-para-alem-dos-muros-e-uma-tremenda-viagem-a-historia-do-vih-sida-no-brasil/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

⁶⁷ Trecho da fala do médico Drauzio Varella presente no minuto 38 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

continuam sendo propagadas nas campanhas governamentais, nos livros didáticos e nas argumentações de professores e professoras no ensino básico e superior?

Relatos de mulheres vivendo com HIV/aids participam do trajeto-filmico. Denise Martin (1997) já afirmava, em meados da década de 1990, as condições que vulnerabilizam estas existências em relação ao HIV e à aids. A autora, em uma revisão bibliográfica, traz diversas situações que tensionam e intensificam estas vulnerabilidades:

A dificuldade da mulher exigir do parceiro o uso da camisinha; o não-questionamento sobre o comportamento do parceiro; a crença na capacidade das mulheres de conhecerem seus parceiros; a importância da fidelidade e da confiança; o fato de as mulheres já usarem outro método de contracepção; o questionamento do comportamento do companheiro poder levar ao abuso verbal, violência ou perda do parceiro; a dependência financeira do parceiro; a crença de que a camisinha reduz o prazer sexual; o tabu de falar sobre sexo; o fato de a mulher pedir para usar camisinha poder significar uma condenação de seu próprio comportamento; o não-uso da camisinha significar o desejo de uma relação estável; a associação do uso da camisinha com comportamentos desviantes e imorais... (MARTIN, 1997, p. 91)

Medicamentos, coquetéis, medos e efeitos colaterais. Mais uma vez aparece o personagem Caio sem que o seu rosto seja mostrado, enquanto sobe uma escada rolante saindo do metrô no bairro República⁶⁸, região central de São Paulo – espaço historicamente marcado pela presença, luta e resistência LGBTQIA+ –, sendo possível avistar o Edifício Itália, ícone dos movimentos arquitetônicos modernistas brasileiros e do crescimento econômico da capital paulistana. Dessa vez, o protagonista do documentário relata seus desconhecimentos e pavores em relação ao que pensava ser o atual tratamento do HIV, tendo referências apenas dos remédios e métodos existentes no passado, como o AZT⁶⁹. Em seguida, o antropólogo e presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), Richard Parker, juntamente do psicólogo, antropólogo e vice-presidente da ABIA, Veriano Terto Júnior, contam, no documentário, que antes dos primeiros medicamentos de tratamento da aids serem aprovados no Brasil, comissários de bordo traziam escondidos estas substâncias para ajudar pessoas que estavam doentes⁷⁰, em cenas que se entrecruzam com os seus corpos sentados próximos às portas vermelhas e imagens do passado de voos, aeroportos e aviões.

⁶⁸ Dentro desta mesma estação de metrô, na parte subterrânea, está o Museu da Diversidade Sexual, importante espaço educativo e militante em torno das dissidências de gênero e sexualidade no Brasil. A localização do museu não é por acaso: a região central paulistana é, historicamente, ocupada por grande população LGBTQIA+ de diferentes partes do país e mundo que lá se encontram. Disponível em: <https://museudadiversidadesexual.org.br/>. Acesso em: 04 jul. 2022.

⁶⁹ Abreviação para zidovudina, um dos primeiros antiretrovirais aprovados e comercializados para tratamento de pessoas vivendo com HIV/aids.

⁷⁰ Relatos presentes nos minutos 51-52 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

Cenários de solidariedade em meio ao caos e à morte. Em seguida, o historiador do cinema brasileiro, cineasta e ator Jean-Claude de Bernardet, juntamente do relato de outras pessoas que vivem com HIV há décadas, relembra os efeitos colaterais “infernais” vividos no passado devido ao complexo e tóxico tratamento que existia naqueles momentos. Diarréias, mais de trinta comprimidos diários e lipodistrofia fazem parte do que foi sentido e que tanto afetou tais corpos. Paradoxalmente, em paralelo e conexão com estes relatos de décadas de vivência com HIV, médicos contam do começo da terapia combinada de antirretrovirais, levando a uma melhora rápida de pacientes que estavam fortemente doentes.

A ativista e professora Nair Brito foi a primeira pessoa no Brasil a conseguir ter os remédios para a aids custeados pelo governo, participando do que desencadeou em uma revolução no país. Cenas do documentário relatam sua trajetória para ter esta conquista que, posteriormente, reverberou em tantas outras vidas, na medida em que a decisão que concedeu o seu direito a um tratamento custeado pelo governo foi expandida para todos vivendo com HIV e aids no Brasil. Nair Brito, juntamente de diversas outras pessoas vivendo e convivendo com HIV e aids no Brasil, por meio da militância, atuou diretamente na defesa de seus direitos de permanecerem vivas e com saúde. Em 1996, foi aprovada a Lei nº 9.313, que garante que “Os portadores do HIV (vírus da imunodeficiência humana) e doentes de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) receberão, gratuitamente, do Sistema Único de Saúde, toda a medicação necessária a seu tratamento” (BRASIL, 1996, s. p.). Avanços como o acesso universal e gratuito a medicamentos que freiem a ação viral só foram possíveis graças a posicionamentos coletivos de enfrentamento da infecção e dos processos de adoecimento, em ações de defesa das vidas por ela afetadas.

Relatos do passado, palavras do presente, olhos no futuro. Caio, personagem principal do documentário, nome fictício, professor. Suas narrativas vão se enveredando com as tantas outras do filme, porém, por ter a sua sorologia recém-descoberta somada a diferentes fatores e complexidades, ele não se mostra completamente em relação ao HIV. Ao não desvelar o seu corpo nem revelar o seu nome oficial de registro, Caio escancara outras cenas da experiência de viver com HIV: imagens do estigma que levam a um silenciamento compulsório, ao medo de falar de si e de expor-se.

Em cenas seguintes, a educadora social Brunna Valin expõe abertamente as suas experiências vivendo com o vírus, afirmando também os porquês e como se expressar: falar para dividir suas vivências, compartilhar informações. Falar das experiências, do que se vive, do que passa (em) um corpo, (em) uma vida, como afirma Larrosa (2011). Experiência como

território da pluralidade: “a experiência, portanto, é o espaço em que se desdobra a pluralidade. A experiência produz pluralidade” (LARROSA, 2011, p. 17).

Falar e criar com as experiências é produzir em territórios de diferenças, em movimentos potentes, plurais e resistentes. Tanto a fala quanto o silêncio são pedagogias. Em relação ao HIV e à aids, o *silêncio* pode se basear em uma pedagogia do medo, solidificada pelo estigma e discriminação, enquanto o *falar* em uma pedagogia de resistência, força e informação, criando rachaduras em muros tão duros e antigos. Também podemos pensar que o *falar* possa estar associado aos processos que Foucault (2013) denunciou da confissão, quando se é levado a falar as suas verdades, a confessar-se – à igreja, à medicina, à escola, ao Estado, ao outro... – incessantemente as suas intimidades e os seus segredos, e o *silêncio*⁷¹, quando não imposto e nem obrigatório, mas desejo de guardar para si, como possibilidade de cultivar a intimidade, a privacidade. São múltiplos movimentos que se agenciam em torno das falas e silêncios relacionados ao HIV e à aids.

Nas próximas cenas, um relato nos desloca para contextos do presente. Sentada em uma cadeira vermelha, combinando com as portas abertas e com seu batom, a médica infectologista e ativista Márcia Rachid⁷² aparece em cena afirmando que:

A doença não sumiu. A infecção pelo HIV está aí, mas as pessoas fingem que ela não existe, porque ela não tem mais cara. E aí com isso ela também se transforma no mesmo pesadelo de 30 anos atrás, porque as pessoas não sabem lidar quando aparece. E aí eu vejo uma pessoa jovem que entra em desespero por causa de um diagnóstico de uma coisa que eu digo assim “você está chorando por causa de qual problema? Porque este problema aí que você está chorando eu vi há trinta anos atrás, hoje em dia não tem mais não”. Aí a pessoa leva um susto, porque a não revelação de uma coisa que deveria ter sido simplificada faz com que o mistério permaneça. E aí vem a história do “precisamos falar sobre isso”.

Na fala de Márcia, paradoxos mostram que, mesmo que contemporaneamente as pessoas se infectem pelos mesmos vírus de décadas atrás, potencialmente mortíferos, existem possibilidades outras para suas vidas: tratamentos, qualidade de vida, atingir a indetectabilidade e tornar-se intransmissível, podendo explorar os seus desejos e prazeres, caso desejem, sem o uso de preservativo e sem a possibilidade de transmissão do HIV às parcerias, gerar filhos que nascerão sem se infectar, viver sem desenvolver aids ou morrer em decorrência deste vírus. Uma vida hipoteticamente “quase normal”, segundo a medicina, mas pela existência de

⁷¹ Bocchetti (2022) traça interessantes reflexões acerca destas dimensões que atravessam as perversas tramas do silenciamento e também as potências de silenciar-se em determinados contextos.

⁷² Trecho da fala da médica Márcia Rachid, presente no minuto 65 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

tamanho estigma em torno da infecção pelo HIV, o diagnóstico leva a processos de deslocamento e marginalização de uma vida. Outro atrito é pensar que, mesmo com um tratamento altamente eficaz e com poucos efeitos colaterais, milhares de pessoas continuam morrendo todos os dias em decorrência da aids no mundo, inclusive no Brasil. Para estas tantas pessoas os exames, remédios e cuidados não chegam a tempo: seja pela ausência de um sistema de saúde que lhes contemple, pela pobreza ou pelo estigma que afastam dos diagnósticos e da adesão aos medicamentos antirretrovirais. Talvez, os muros do preconceito e da desigualdade continuem tão duros e grandes quanto décadas atrás, urgindo a necessidade de saltá-los, rachá-los, quebrá-los.

A dimensão do diagnóstico também é tangenciada nas narrativas trazidas por Márcia. Tal, afirmativa biomédica que rotula um sujeito como detentor de determinada questão, o marca, o produz e, de certas formas, também o mata ainda em vida: imbrica em (im)possibilidades de lidar com a sua existência humana juntamente da presença viral. Questionamos: será mesmo que é apenas o HIV que mata? Qual é o impacto do diagnóstico em uma vida marcada tanto pelo vírus quanto pelas narrativas biomédicas? Quão forte é também a morte decretada por um diagnóstico HIV+?

Seguindo no documentário, cenas do centro de São Paulo vão se modificando até chegarem em uma cadeira vazia que, na verdade, está ocupada: Caio, o personagem que não mostra o seu rosto, fala enquanto estas imagens vão se modificando (Imagem 2). O sujeito-sigiloso é um espaço sem ninguém, invisível, escondido pelo preconceito na medida em que encontra brechas para poder falar. Ao mesmo tempo, ele é muitos, é uma multidão de pessoas que vivem e resistem, que falam dentro do que lhes é possível, nos espaços em que se sentem seguros. O anonimato traz certa ambiguidade em um filme que busca trazer justamente a presença de pessoas que vivem (n)a pandemia, mas também retrata a realidade de tantos que, sentindo em todo o corpo as marcas do HIV, da aids e de tudo a eles associados, aparentemente escondidos, encontram brechas para se expressarem e seguirem as suas trajetórias-vidas.

Estaria Caio, também, ao não se mostrar, garantindo o seu direito ao sigilo e quebrando os dispositivos confessionais? Quantos que nem este direito tem, sendo violado por profissionais da saúde, colegas do trabalho ou familiares perversos, por exemplo, dentro de violentas redes que, forçosamente, incitam a dizer e fraturam as possibilidades de intimidade? Em suas falas, Caio indaga os porquês de seu sofrimento ser tão diferente e por ele considerado como maior do que caso fosse diagnosticado com diabetes. Este sofrimento existe, dentre inúmeros fatores e complexidades, pois, por se transmitir principalmente por meio do sexo, o

HIV e a aids carregam os tabus, moralidades, estigmas e preconceitos ligados à sexualidade, aos desvios do sexo, do gênero, da norma, da moral cristã, da heteronormatividade, e os sujeitos infectados pelo vírus são marcados de múltiplas formas ao receberem o diagnóstico.

Imagem 2 – Vazios ocupados



Legenda: Cena presente no minuto 64 do documentário. Nela, uma cadeira branca vazia divide o espaço com portas vermelhas, enquanto o personagem Caio realiza as suas falas e imagens do centro paulistano passam ao fundo.

Fonte: *Carta para além dos muros* (2019).⁷³

As cenas seguintes focam no contemporâneo, no presente, no agora. Discussões seguem-se considerando o HIV como “doença crônica manuseável”, como afirma o médico Artur Timerman⁷⁴ ao citar as classificações defendidas pela Organização Mundial da Saúde. Seria hoje o HIV algo simples de se controlar, manusear? Quais problemáticas existem no discurso que rotula as experiências soropositivas para o HIV como vivências permeadas por uma “doença crônica”?

A antropóloga Thurka Sangaramoorthy (2018) problematiza a noção de cronicidade do HIV e o discurso de um “fim da aids” sendo possível e próximo. Por meio de etnografias que atravessam narrativas de pessoas vivendo com HIV, em especial mulheres negras que moram nos Estados Unidos, Sangaramoorthy (2018) relata que viver com HIV é estar permeado por muitas complexidades, dores, estigmas, e que o próprio tratamento pode trazer danos ao corpo

⁷³ Retirado do site da Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81213977>. Acesso em: 02 jul. 2022.

⁷⁴ Trecho da fala do médico Artur Timerman presente nos minutos 66-67 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

durante o envelhecimento, além de compor rotinas e afetá-las de formas diversas. A autora propõe que o HIV seja visto como uma crise vivida e vivenciada por muitas pessoas mundo afora, e não uma doença crônica:

Se quisermos entender o discurso do “fim da aids” como um momento crítico que indica uma mudança na nossa compreensão do HIV e das vidas que ele impacta, então é imperativo que rastremos as maneiras pelas quais a lógica da cronicidade do HIV, como um sinal de progressão para um futuro livre de doenças, mascara a contínua desvantagem daqueles que são pobres e socialmente marginalizados. [...] Proponho uma reorientação dessa lógica de cronicidade para uma que considere o HIV como uma crise vivida e vivenciada por muitos no mundo [...] *A cronicidade do HIV, então, faz muito pouco para substanciar a lógica do “fim da aids”; antes, reforça a possibilidade infinita de sofrimento, pobreza e doença.* (SANGARAMOORTHY, 2018, p. 3-4, tradução e grifos nossos)

O documentário segue com falas que discutem a alta tecnologia existente atualmente no que condiz com o tratamento do HIV, sendo este considerado tecnicamente como “besta” e “fácil” pelo médico Ricardo Vasconcelos⁷⁵, porém, por ser uma infecção permeada por inúmeras outras questões além-biológicas – dimensões sociais e culturais atravessadas por desigualdades e marginalizações –, este tratamento que, potencialmente, poderia ser simples, torna-se altamente complexo. LGBTfobia, racismo, pobreza, machismo: problemáticas que se multiplicam e intensificam, vulnerabilizando diversos corpos e fragilizando suas vidas, levando ao que Micaela Cyrino chama no documentário de a aids ser um viés de “genocídio da população negra”⁷⁶. Complexidades que racham um muro ambíguo que tenta cronificar as existências com HIV e aids, na medida em que invisibiliza uma gama de situações que vulnerabilizam, marginalizam, gerando sofrimentos e mortes.

Carué Contreiras⁷⁷, médico e ativista, afirma em sua fala presente no documentário:

A gente fala muito da violência e das mortes, dos homicídios LGBTfóbicos, né? A gente tá sempre contando e isso é muito importante. Mas, ninguém fala do número de LGBTs mortos por aids. Em 2015, morreram 3600 homens gays, bissexuais e mulheres trans/travestis de aids, que é um número dez vezes maior do que os mortos por violência. Ou seja, se a gente pode considerar isso um genocídio, e acho que no sentido amplo da palavra genocídio acho que pode ser considerado, *o principal mecanismo do genocídio LGBT, dos homens gays, bissexuais, das mulheres trans e transexuais não é a violência, é a aids.*

⁷⁵ Trecho da fala do médico Ricardo Vasconcelos presente nos minutos 68-69 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

⁷⁶ Trecho da fala da artista e ativista Micaela Cyrino presente nos minutos 70-71 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

⁷⁷ Trecho da fala do médico e ativista Carué Contreiras presente nos minutos 72-73 do documentário *Carta para além dos muros* (2019). Grifos nossos.

Palavras que visibilizam as facetas da matança existente por meio da aids e dos silêncios que escondem, mascaram e desviam as atenções, como se esta questão fosse resolvida. A aids torna-se também uma faceta de violência contra a população LBGTQIA+, deixando-a à mercê da morte ao estigmatizá-la, marginalizá-la, vulnerabilizá-la.

Olhar para as violências que acontecem com as populações historicamente tratadas como minorias e dissidências, como mulheres trans, travestis, homens gays e bissexuais, é de extrema importância, já que a aids é também uma forma de violentar, de deixar morrer, na medida em que estes corpos marginalizados são também vulnerabilizados, seja pela falta de informação ou de condições econômicas, sociais, físicas e psicológicas de se prevenirem e se tratarem. Corpos que, em suas marginalidades e infâmias, desvalorizados, excluídos, são deixados para a morte, como argumenta Michel Foucault (2013):

Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população. [...] Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* a morte. (FOUCAULT, 2013, p. 149-150)

Pensando com Foucault (2013), percebemos que estas tramas de controle da vida se enveredam nas relações entre saúde e doença, corpo e sexualidade, permeando completamente a pandemia de HIV/aids e as subjetividades por ela afetadas. Nestes caminhos, evidenciamos um Estado que se fortalece a partir do controle da vida, fornecendo também diagnósticos, acompanhamentos terapêuticos e medicamentos para muitos poderem viver, na medida em que deixa tantos outros à mercê da morte. Tais tensões entre deixar morrer e fazer viver na pandemia de HIV/aids, sobretudo no Brasil, são evidenciadas por Fernando Seffner e Richard Parker (2016): consistem no duplo atrito entre ampliar as questões biomédicas que fornecem exames e medicamentos, e reforçar as situações de estigma e discriminação. Deixar-morrer pode ser de forma físico-biológica, em decorrência da aids e de outras complicações orgânico-psicológicas, como o suicídio, também uma morte social-subjetiva, a partir da invisibilidade, marginalização e silenciamento das experiências afetadas pelo vírus.

Ao fim do documentário, as ideias sobre prevenção, ações intersetoriais, gênero e sexualidade são alinhavadas por meio da educação, que é considerada por falas como possibilidades de prevenir novas infecções, combater o estigma, atuando no cuidado com o

corpo e a vida. “PEP, PrEP, profilaxias diversas”⁷⁸ existentes tornam-se conhecidas por Caio apenas após ser diagnosticado como reagente ao HIV⁷⁹. Por que ele não teve acesso a estas formas de prevenção? Será que a sua e tantas outras infecções poderiam ter sido prevenidas? Teria o Estado também responsabilidade nestas situações? O trabalho na educação assume grande importância para mobilizar acerca do HIV nas escolas, nas casas, nas ruas... em todos os territórios em que exista desejo, movimento de vida, sendo potência de criar cenários outros de prazer e experimentação dos corpos. Este campo dialoga intensamente com o ensino de ciências e biologia e eis então a importância de nos atentarmos para tal.

Tramas compõem as cenas do documentário por entre prevenções combinadas e moralidades. Fala-se em indetectabilidade. Indetectável = Intransmissível? Hoje é consenso científico de que pessoas vivendo com HIV indetectáveis não transmitem o vírus por vias sexuais. Assim, tais evidências levaram o Ministério da Saúde do Brasil a emitir uma nota informativa oficial, embasada em publicações biomédicas, em 2019, que afirma que “evidências científicas recentes corroboram a afirmação de que pessoas vivendo com HIV (PVHIV) em terapia antirretroviral (TARV) e com carga viral indetectável há pelo menos seis meses não transmitem o vírus HIV por via sexual” (BRASIL, 2019, p. 1), informando também sobre a importância de se divulgar – sobretudo às pessoas vivendo com HIV/aids e aos profissionais da saúde – estes conhecimentos cientificamente construídos que são consenso mundo afora, participando também do cuidado da saúde e do combate ao estigma imposto como marca-eterna aos corpos infectados pelo HIV. É importante também enfatizar que atingir a indetectabilidade do vírus demanda condições de acesso a um diagnóstico e tratamento adequado, sendo ainda um privilégio não disponível a muitos sujeitos que vivem com o vírus, estando distante de suas realidades. Nesses aprenderes possíveis a partir de tal pandemia, percebemos que uma das principais barreiras no que diz respeito à vida das pessoas com HIV e aids é o estigma atrelado às desigualdades, levando tantos a não se testarem, não aderirem aos medicamentos antirretrovirais, não terem acesso a um diagnóstico e tratamento, desencadeando inúmeras mortes.

⁷⁸ A PEP consiste na Profilaxia Pós-Exposição ao HIV e a PrEP na Profilaxia Pré-Exposição ao HIV. Ambas são métodos de prevenção ao HIV a partir de medicamentos antirretrovirais, sendo a PEP utilizada após e a PrEP antes de uma possível exposição e contágio ao vírus. Ambas são oferecidas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde do Brasil. Para mais informações acerca de tais métodos, sugiro visitar a página do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-entre-prep-e-pep>. Acesso em: 27 jun. 2022.

⁷⁹ Trecho da fala do personagem Caio presentes no minuto 79 do documentário *Carta para além dos muros* (2019).

Atritos em (des)educações. Movimentos (des)educativos que agenciam afetos além das noções biomédicas, mas também sensíveis e subjetivos. “O vírus está muito mais presente no nosso imaginário do que no nosso corpo propriamente dito”⁸⁰. A partir destas problematizações, estaria o filme enveredando uma educação menor em HIV/aids? Um estudo menor da vida?

Cenas compostas por notícias dos desmontes das políticas públicas em relação ao HIV e à aids no Sistema Único de Saúde brasileiro participam do encerramento da produção audiovisual. Um trecho das cartas de Caio Fernando Abreu acompanhado pela música *Blues da Piedade*, de Cazuza, caminha para a finalização fílmica:

Aceito todo dia. Conto para você porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende. Sei também que, para os outros, esse vírus de *science fiction* só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazuza: “Vamos pedir piedade, Senhor, piedade, pra essa gente careta e covarde”. (ABREU, 2014, p. 131)

O personagem Caio lê este trecho de Abreu (2014, p. 131) de forma abreviada, porém decidimos citá-lo amplamente aqui. Assim, as narrativas audiovisuais se findam ao som de Cazuza e a música *Blues da Piedade* enquanto uma pessoa de costas caminha pelo centro paulistano. Em seguida, ainda ao som da canção, diz-se que o filme é uma homenagem a Caio Fernando Abreu e todas as pessoas que morreram devido à aids no Brasil e no mundo, narra-se um pouco sobre o personagem Caio e fecha-se com notícias dos anos de 2018 e 2019 anunciando o desmonte, sucateamento e precarização das políticas públicas relacionadas à prevenção e ao tratamento do HIV/aids no Brasil. Segue-se com os créditos e, após eles, Jacqueline Cortês aparece em uma última fala, lembrando das experiências felizes vividas na *Boate Medieval* (1971-1984) e de seus bons encontros com Alcides. Jacqueline, mulher trans e ativista em HIV/aids, foi a primeira pessoa a falar no documentário, sentada ao lado das portas vermelhas, relatando suas vivências e os encontros com o seu amigo que morreu em decorrência da aids. O filme finaliza-se também com uma fala dela sobre suas vivências com Alcides, porém não focando em seu adoecimento e morte, e sim em seus momentos de alegria, desejo e potência de vida.

⁸⁰ Trecho da fala presente no minuto 83 do documentário *Carta para além dos muros* (2019) feita pelo cantor e youtuber Gabriel Estrela sobre experiências de viver com HIV, a indetectabilidade atingida por meio dos medicamentos antirretrovirais, tornando-o intransmissível e reduzindo sua quantidade de vírus em seu corpo a praticamente zero.

3.3 Infecções, contágios e pistas de uma educação e(m) biologia menor

E se nos pusermos a pensar em educar como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca? No deserto de nossas escolas, na solidão sem fim – mas superpovoada – de nossas salas de aula não seremos, cada um de nós, cães e ratos cavando nossos buracos?

Sílvio Gallo (2002, p. 170)

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017), ao dialogarem com as obras de Kafka, mobilizam uma literatura menor. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 35). Esta literatura menor se faz em territórios maiores, na medida em que encontra ou cria brechas. Os autores apresentam três características principais para pensar nessa literatura menor:

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida). (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 39)

Esta literatura menor é feita pelas minorias, nas línguas das minorias e forjando os territórios minoritários. É, em sua criação, um ninho de devires, potência desterritorializadora, agenciamento coletivo altamente político. Em diálogo com o conceito de Literatura menor de Deleuze e Guattari (2017), Sílvio Gallo (2002, p. 172) realiza um “deslocamento conceitual” e coloca-se a pensar em uma educação menor:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO, 2002, p. 173, grifos nossos)

Educação como revolta aos duros muros que se colocam como currículos rígidos, professores autoritários, grades horárias e grades das escolas. Mobilizar uma educação menor é revoltar-se e resistir perante estas durezas, engendrando formas outras de nelas incidir, mesmo que molecularmente.

A escola aglutina e os processos de escolarização (CORRÊA; PREVE, 2011) são atravessados por noções biomédicas, pelos dispositivos biopolíticos (FOUCAULT, 2019), reforçando-os. As aulas de ciências e de biologia são territórios propícios para a manutenção

de tais discursos e práticas em torno do controle da vida, de sua disciplinarização. Mobilizar uma educação menor carrega a potência justamente de incidir nestes territórios educativos – tanto na escola quanto outros –, fissurando as suas articulações em torno das redes de saber-poder que se engendram na manutenção de estigmas e da biomedicalização da vida.

Se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle. (GALLO, 2002, p. 175)

O que escapa à norma que rotula e marginaliza? De que modo um documentário que instaura formas outras de narrar a pandemia de HIV/aids nos afeta ou pode nos afetar? Será que tal produção audiovisual foge do discurso maior biomédico-patologizante? A partir dela, é possível rizomar linhas intensivas que atentam para os corpos que são afetados por estas linhas de enunciação? Uma educação menor em diálogo com um documentário sobre HIV/aids? Uma educação menor em diálogo com perspectivas outras de ver e lidar com a vida? Uma educação sobre a vida... Uma biologia menor?

Sandro Santos e Matheus Martins (2020) realizam outro “deslocamento conceitual”. Em diálogo com Deleuze, Guattari e Gallo, Santos e Martins (2020) propõem uma educação em biologia menor:

A educação em Biologia menor está implicada num regime que desfaz uma totalidade orgânica que encerra subjetividades e experiências do sujeito. Uma máquina de resistência (GALLO, 2016) que arranca o lugar fixador dos corpos, gêneros e sexualidades, modificando-os “n” vezes, mergulhando-os num campo de ligações e operações com o campo biológico, social, histórico, dentre outros. Uma biologia menor produz um processo de afirmação e abertura de reinvenções de modos singulares dos corpos, gêneros e sexualidades, possibilitando esburacamentos e/ou fissuras em sua educação maior. (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 149)

Uma biologia menor, como propõe Santos e Martins (2020), que possibilite rachar a biologia maior, criar fissuras nas noções científicas que reduzem os corpos e suas experiências a apenas suas organicidades. Resistir e devir em linhas de fuga: abrir-se à multiplicidade, às diferenças que existem nas pluralidades de formas de vida. Fugir do que disciplina cegamente, do que anestesia o corpo vibrátil (ROLNIK, 2016), do que apenas ensina a obedecer, do que segrega as minorias na medida em que as produz como existências marginais, que invisibilizam e silenciam experiências, que exclui.

A biologia, campo de conhecimento que, como afirma Luís Henrique dos Santos (2000, p. 254), “tem uma história que, longe de ser natural, é construída no tempo, tendo suas marcas, compreensões, valores... O natural da História Natural/da Biologia é uma narrativa, entretecida por outras histórias, que dá sentido e coerência ao mundo”. Biologia, narrativas construídas, forjadas em meio a interesses políticos, culturais, sociais e econômicos, se mostra como “territórios movediços, compostos por ditos e vistos sempre provisórios e em disputa, correndo o risco, a todo o momento, de esburacarem e se desmancharem nas fissuras” (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 150). Fissuras que quebram, racham, espaço rico para a proliferação de diferenças: “são n(as) fissuras que interessamos e apostamos na existência de possibilidades de inventar outras educações em biologia, de outros modos e desde outros lugares, insurgências de uma biologia menor” (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 150). Pensar, junto de Santos e Martins (2020), em possibilidades de uma biologia menor e nos movimentar por entre perguntas...

De que modo abrir espaços na biologia maior? Como abrir espaços para outras possibilidades de corpos, gêneros e sexualidades? Seria possível fazer alianças com o menor? Como agenciar um funcionamento menor da biologia que esburaca a sua educação maior? A quem se aliar? Com isso, temos interessado pelos devires e pelas fissuras que arrastam os ditos da educação em biologia para lugares outros, lugares que ela ainda des-conhece, e, pelas suas potencialidades de inventar outras educações em biologia. (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 150)

Mesmo que não tenha tal pretensão, um documentário pode rachar uma estrutura maior de produção e divulgação de conhecimentos, em suas densas redes de saber e poder. As suas narrativas carregam a potência de infectar alguns muros já ultrapassados: muros do preconceito, do estigma, da biologização e da medicalização extrema da vida, muros que não se atentam às múltiplas subjetividades e aos processos que incidem nelas, à diferença e ao desejo, em suma, à vida, apresentando modelos únicos de existência, cerceando os devires e multiplicidades, logo, matando a vida mesmo em vida. Poderíamos incidir nestes duros muros paradoxais, rachando-os pela abertura ao diferente, ao que destoa das normalidades, ao que foge dos padrões na medida em que instaura modos outros de viver?

Pelas imagens, sons, trajetos e histórias perpassados no documentário, buscamos possibilidades de romper com as noções estigmatizantes que rotulam as experiências afetadas pelo HIV e pela aids como monstruosas, como reflete Vinícius Bastos (2020):

Uma figura HIV soropositiva monstruosa precisa ser criada e recriada pelos discursos normativos como a outra, estando assim subordinada à HIV soronegativa para fazer

desta desejável ou um status de saúde a ser preservado, seja na rede sociotécnica científica, nas redes sociais, na escola, ou em qualquer outra trama social. (BASTOS, 2020, p. 216)

Enfrentar as imagens de monstrosidade e estigmatização das vidas afetadas pelo HIV e pela aids é também criar novas pedagogias, anti-pedagogias-hegemônicas, educações menores, biologies menores. Seja em um hospital, em um cinema, em uma casa, em uma rua ou em uma escola, afirmar a diferença e a multiplicidade que existe na vida é forjar uma educação em biologia menor. Poderíamos conectá-las com uma educação em saúde menor?

Um professor de Biologia pode ir além das abordagens biológico-higienistas redutoras da vida e produtoras de medo/estigma social ao trabalhar com educação em saúde, desenvolver processos mais afetivos e transformadores do modo de pensar. Isto não implica no abandono do conhecimento biológico, mas sim usar do mesmo para pensar juntamente com modos de vida e não para impor modelos de como os modos de existência e práticas devam ocorrer. (BASTOS, 2020, p. 237)

Continuando nas pistas menores, de uma educação-(em)-biologia menor, Vinícius Bastos (2020) realiza outro “deslocamento conceitual” ao também dialogar com Deleuze, Guattari e Gallo, mobilizando uma educação em saúde menor ao forjar como caminho os estudos em torno de uma educação em HIV/aids. O autor propõe que pensar nessas possibilidades outras de educar não é abandonar o conhecimento biológico, mas abrir-se às diferenças existentes na vida, não utilizando das ciências para produzir padrões e formas únicas de existir.

Como podemos nos afetar com esse documentário? Quais educações possíveis ele agencia? Que relações outras pode imbricar em torno das ciências? Em que ele nos desloca e permite pensar em uma biologia menor? Como nos permite mobilizar uma educação menor? Com ele, seria possível uma educação em biologia e saúde menor?

O filme tensiona as ciências ao fugir de um discurso médico-biológico maior que retira a dimensão subjetiva das pessoas e as reconhecem exclusivamente como corpos orgânicos, organismos seccionados e, no caso do HIV/aids, existências doentes, marginalizadas, minimizadas, na medida em que são intensamente escrutinadas, vigiadas, disciplinadas, normalizadas e normatizadas. Este discurso maior é paradoxal, pois, na medida em que coloca estes corpos infectados como monstruosos e anormais, engendra uma série de discursos, mecanismos e práticas para enquadrá-los às normas.

Pelo documentário, encontramos brechas para pensar em perspectivas outras: olhares que reconheçam e enfrentem o estigma, a violência e a marginalização que incide nas minorias,

como homossexuais, travestis/transsexuais, mulheres, negros e pobres, observando suas modulações em diversas facetas nas interseções com o HIV e a aids; olhares que percebam e visibilizem a vida que existe nos corpos infectados pelo vírus, as histórias e memórias que compõem a trama que foi e continua sendo traçada em torno da aids; olhares que vazam à perspectiva que vê apenas um vírus e um humano infectado, indo ao encontro de desejos, possibilidades de vida, de dor e também de prazer que compõem com essas existências. Com estes outros micro-olhares, consideramos que o filme possibilita que seja possível engendrar educações e(m) biologia, saúde e HIV/aids menores, estando estas voltadas para o corpo, o desejo e a subjetividade, politicamente se afirmando em defesa da vida a partir da instauração de territórios menores altamente potentes, também infectantes, capazes de afetar aqueles que com eles se encontram.

Com *Carta para além dos muros* (2019), refletimos acerca de subjetividades produzidas e afetadas por uma pandemia que transpõe dimensões biológicas, médicas e epidemiológicas. Também nos encontramos com traços da história do HIV e da aids no Brasil, em conexões com lugares outros mundo afora. Pensamos nas vidas perdidas e nas tantas que continuam vivas e impactadas pelo vírus, nas novas tecnologias e possibilidades de viver e conviver com o vírus, como também que com um tratamento e cuidado eficaz das vidas com HIV é possível não desenvolver a aids, atingir a indetectabilidade e ter uma vida com potência, porém demandando atitudes políticas de acesso ao cuidado da saúde, de combate ao estigma, reconhecendo a vida que habita nos corpos humanos que coexistem com o vírus.

Um documentário, filme, literatura, educação ou biologia menor é sempre coletivo. Mesmo que germine em questões subjetivas que parecem unicamente pessoais, é, molecularmente, feito em manada, criado por múltiplas vozes e levando-as conjuntamente. Seriam as cartas de Caio Fernando Abreu também literaturas menores? Desterritorializando a língua, a biomedicina, altamente políticas e, mesmo no fundo de seu caráter autobiográfico, totalmente coletivas, partindo de suas experiências dissidentes como gay e soropositivo ao HIV, se conectando viralmente com tantas outras experiências e infectando quem lê, em movimentos de devires-minoritários: devir-homossexual, devir-soropositivo, e... Seria o documentário um filme menor? Ou, caso não seja, teria potências menores, cenas menores?

“Também no âmbito de uma educação menor corremos o risco da reterritorialização, da reconstrução da educação maior” (GALLO, 2002, p. 177). Falar das potências de um documentário não é isentá-lo de problematizações. Em fugas também é possível cair nas tramas maiores, nos flertes com discursos biomédicos, nas vozes que concentram-se nas vivências das

metrópoles e regiões mais ricas do país, nos discursos de cronicidade que aparentam certa tranquilidade em momentos os quais corpos marginalizados e dissidentes continuam vulneráveis à pandemia de HIV/aids – tanto à infecção e ao adoecimento quanto pelas redes moralistas que se tecem em torno dos discursos e práticas que circundam o vírus e a doença –, enquanto diversos corpos infectados pelo HIV continuam padecendo pela aids e também pelo estigma.

Resta cultivar a atenção às frestas que se abrem e, nelas, encantar-nos com o que é possível vazar. Mantermo-nos abertos e atentos a tudo que chega. Talvez seja nas brechas que um encontro entre corpos forja que exista a potência de afetar-se: corpos-cinema, corpos-aula, corpos-biologia, corpos-educação, corpos-literatura, corpos-e... quem sabe, nestes encontros-férteis seja possível fecundar vidas. Talvez seja infectando a biologia maior, contaminando os campos científico-duros com perspectivas outras, filosóficas, sociológicas, artísticas, antropológicas, em movimentos que causem estranhamento e atritos, que encontremos força para saltar ou rachar os muros maiores. Nestes encontros menores, é possível abrir-nos à diferença, pensar em perspectivas outras de saúde, e educação, e biologia, e literatura, e cinema, e... viralizar pelos territórios possíveis. “A vida grita. E a luta continua” (ABREU, 2014, p. 132).

4 OS VENTOS DO NORTE TAMBÉM PODEM MOVER MOINHOS? “COMO SOBREVIVER A UMA PRAGA” E RESPOSTAS À PANDEMIA DE HIV/AIDS⁸¹

Este texto foi escrito em meados de 2020. Assim como os demais, carrega marcas daquele período que também era o primeiro ano da pandemia de covid-19. Sua produção ocorreu, inicialmente, direcionada à publicação em um dossiê sobre Educação, Gênero, Sexualidade e suas conexões com os estudos decoloniais, na *Revista Bagoas: Estudos Gays – Gênero e Sexualidade*. Naquele primeiro ano – de doutorado e de pandemia de covid-19 – imergi em muitas leituras, diálogos, debates, cursos, *lives*, também encontros com produções artísticas que tangenciavam e eram atravessadas pelo HIV e pela aids. Debrucei-me no documentário estadunidense *Como sobreviver a uma praga* (2012), originalmente em inglês como *How to survive a plague*, inspirando o título deste capítulo.

Inicialmente, publiquei esta seção como artigo em tal revista e, posteriormente, o revisei e adaptei, assim como os demais capítulos produzidos em cartografias audiovisuais, para compor a tese. Alguns traços temporais foram mantidos para situá-lo. Em decorrência da chamada do periódico⁸², voltada para as interfaces dos estudos entre educação, corpo, gênero, sexualidade e questões decoloniais, imbriqueei-me na trama tecida entre os ventos do Norte e do Sul. Para tal, a partir das filosofias da diferença, imergi em uma contaminação e flerte com os estudos decoloniais – território que percebo altamente potente mas que era, para mim, ainda novo –, em tentativas de descolonizar os meus olhares, as minhas escritas e, quem sabe, encontrar brechas possíveis nas produções advindas do Norte global.

A partir das narrativas audiovisuais tangenciadas pelos movimentos de luta contra a aids, sobretudo nos Estados Unidos nas décadas de 1980 e 1990, busquei formas de pensar e mobilizar a educação menor em HIV/aids. As imagens foram convertidas para o preto e branco por exigência da revista e assim decidi mantê-las. Estive atento tanto às pedagogias traçadas pelo filme quanto aos possíveis desdobramentos deste em diferentes espaços, como nas casas, nas escolas, e... e... e... que seguem reverberando na quinta década da pandemia de HIV/aids.

⁸¹ Este capítulo foi, inicialmente, publicado como artigo: SALES, Tiago Amaral. Os ventos do Norte também podem mover moinhos? “Como sobreviver a uma praga” e respostas à epidemia de HIV/AIDS. **Bagoas: Estudos gays: Gêneros e Sexualidades**, Natal, v. 14, n. 22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22759>. Acesso em: 17 mar. 2022.

⁸² Até 13/07/2022, período dos últimos ajustes nesta tese antes de sua defesa, as informações das pessoas que organizaram o dossiê em que este capítulo foi inicialmente publicado não constavam na respectiva revista, nem no editorial, expediente ou seção de notícias e chamadas. Em razão disso, não estão aqui presentes tais dados, diferentemente do texto anterior e do seguinte, ambos também compondo cartografias audiovisuais anteriormente publicizadas em periódicos.

4.1 Sentindo os ventos...

Para mim, se considero, pestes, tormentas, guerras, são produtos da mesma força cega, operando uma vez através de micróbios inconscientes, outra vez através de raios e águas inconscientes, outra vez através de homens inconscientes.

Fernando Pessoa (2019, p. 87)

O mundo? Sua história impiedosa e trágica é o meu passado.

Clarice Lispector (1978, p. 89)

Os anos 2020 começaram marcados por pandemias, guerras, crises econômicas, mortes, intensificação das desigualdades socioeconômicas, mudanças climáticas, inúmeros refugiados e poucos refúgios⁸³. Seriam, como propôs Bernardo Soares – pseudônimo de Fernando Pessoa – em seu diário, no *Livro do Desassossego* (2019), frutos de forças cegas e inconsequentes? Perguntas em aberto. Sei que todas estas impiedosas tragédias, estes acontecimentos de vida-e-morte são também a minha história. Reconhecê-la é pensar no que é possível fazer a partir do que foi feito, buscar caminhos para seguir e, quem sabe, criar formas outras de viver e de habitar o mundo.

A partir de 2020, o mundo passou a coexistir com a pandemia de covid-19, o que levou a milhões de mortes humanas⁸⁴. No início da emergência pandêmica, enquanto um número considerável de pessoas falecia diariamente, setores econômicos insistiam em um retorno imposto de uma pretensa normalidade pré-pandêmica que movimentasse o consumo desenfreado e cego; laboratórios e grandes empresas farmacêuticas, com muitos investimentos, corriam na tentativa de encontrar vacinas e tratamentos eficazes para conter o “novo” vírus. Na medida em que os imunizantes foram produzidos, demorou-se um certo tempo para que fossem distribuídos mundo afora, concentrando-se inicialmente nos países mais ricos, do Norte global. Estes acontecimentos evidenciam variadas táticas de gestão e controle da vida e da morte. No Estado-nação brasileiro, ao observar as práticas iniciais de desincentivo ao uso de máscaras e medidas profiláticas do contágio, em alguns momentos, pareciam novas formas bio-necropolíticas (BENTO, 2018; FOUCAULT, 2003, 2019; MBEMBE, 2018), em outros percebíamos que eram antigas engrenagens se atualizando aos novos contextos: múltiplas formas de gerir a vida e a morte. Estariam esses setores industriais, farmacêuticos e estatais de fato preocupados

⁸³ Inspirado em Haraway (2016, p. 2) “Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios”.

⁸⁴ O número de casos confirmados e mortes pela covid-19 continuou aumentando nos meses seguintes da escrita inicial deste texto. Com a vacinação, este cenário se alterou e a pandemia se mostrou de outras formas. Porém, com o constante surgimento de novas variantes, a dificuldade de vacinação a nível global e baixa adesão populacional aos imunizantes, a pandemia seguiu em curso, de diferentes formas na medida em que mudaram as temporalidades e localidades.

com o número de vidas perdidas ou apenas à procura de fontes certamente muito lucrativas? Para além do bem e do mal⁸⁵, do julgamento moral, fica evidente que, nos territórios pandêmicos, os “bons-mocismos” (bio)médicos, geralmente, não passam de estratégias de *marketing*: todas estas instituições estão sempre motivadas por múltiplos interesses que se tramam fora dos bastidores que a população tem acesso.

Enquanto tensiono este contexto pandêmico, aproveito para lembrar de um retrovírus que continua em movimento, adentrando na sua quinta década de pandemia, levando milhares de pessoas à morte até os dias de hoje: o HIV, vírus potencialmente causador da aids. O local de começo das infecções ainda é questionável e apresenta uma considerável incerteza, mas registros apontam que em “1959 um homem que morreu de pneumonia no Congo teve, anos mais tarde, a comprovação de que era um caso de infecção pelo HIV, confirmado a partir de amostras guardadas de seu sangue” (RACHID, 2020, p. 118), mas só anos depois a sua existência foi noticiada.

Na década de 1980, ocorreu uma explosão de casos de infecções pelo HIV e mortes pela aids mundo afora, ganhando maior destaque sobretudo em países do Norte global. Em “junho de 1981, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos publica um relatório sobre cinco homens homossexuais, previamente saudáveis, apresentando pneumonia por um fungo [...] que não atinge pessoas com sistema imunológico normal” (RACHID, 2020, p. 118), mas demorou um tempo para o termo “AIDS” ser cunhado. Segundo Rachid (2020), em:

Julho de 1982 é proposto o termo AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) pela primeira vez em uma reunião em Washington com líderes da comunidade gay, burocratas federais e membros do CDC para substituir o termo anterior, GRID (Deficiência Imunológica Relacionada a Homossexuais), pois as evidências mostravam que não era exclusiva de homens homossexuais. (RACHID, 2020, p. 118)

A aids tem uma história sinuosa repleta de invisibilidades, negligências, descasos, estigmas, equívocos, marginalização e violências. Quando ganhou visibilidade, a maioria dos casos identificados concentrava-se em homens gays, sendo cunhado o termo GRID (Deficiência Imunológica Relacionada a Homossexualidade, traduzindo à língua portuguesa). Mesmo com a comprovação de que a infecção poderia atingir pessoas independentemente do gênero e orientação sexual, utilizou-se o termo “grupo de riscos”, associando-a a homens que fazem sexo

⁸⁵ Inspirado no título do livro *Além do bem e do mal*, de Nietzsche (2005), a partir da proposição de uma visão que fuja do binarismo e da dualidade entre bem e mal, pensando nas possibilidades de cartografar um território, estando atento ao que nele emerge.

com homens, usuários de drogas injetáveis, profissionais do sexo e hemofílicos, negligenciando atenção para outros grupos⁸⁶.

Anselmo Alós (2019), ao pensar nas narratividades e discursividades relacionadas à aids, realiza um percurso entre produções literárias, cinematográficas e artísticas. O autor afirma que o surgimento da aids marcou intensamente múltiplas subjetividades e, em especial, a de homens gays:

Antes do advento da aids, todas as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) pareciam facilmente administráveis com o uso de antibióticos. ISTs virais (tais como o condiloma acuminado, o herpes e as hepatites) estavam muito longe de serem consideradas mortais. É inegável o impacto que a pandemia de HIV/aids teve na associação da sexualidade homossexual (em especial da masculina) à morte e à doença. Mas, provavelmente, o impacto maior se deu com relação às maneiras que os próprios homens gays se relacionam com a sua identidade sexual e com as suas práticas sexuais. O advento da aids alterou profundamente o que é e o que se espera (em termos de práticas sexuais) de um homem gay. Determinados slogans, práticas e atitudes outrora louvados em função de sua elevada voltagem política, tais como o livre uso do corpo, o exercício dos prazeres e o rechaço à monogamia (encarada como o baluarte da política e da moralidade sexual heteronormativa) passaram a ser taxados como comportamentos de risco, abandonados e rejeitados pelas próprias comunidades gays. A liberdade sexual, a poligamia e a experimentação de estados alterados de consciência através do uso de drogas recreativas passam a ser consideradas não mais como posturas anárquicas de liberdade política ou de vanguarda sexual, mas como atitudes irresponsáveis, autodestrutivas, quando não suicidas. (ALÓS, 2019, p. 7)

Práticas, desejos e existências foram intensamente marcados com o surgimento da aids e sua produção discursiva, como disserta Alós (2019). Percebo que, de maneira diferente, mas passível de ser conectada, a pandemia de covid-19 também fortificou as linhas de medo e pânico em torno do sexo não reprodutivo, da poligamia, dos encontros entre múltiplos corpos: a emergência pandêmica, assim como a da aids, serviu para fortalecer valores morais familistas e monogâmicos embebidos em assepsias, em medos dos encontros corpóreos, das relações com parcerias múltiplas, em discursos e práticas biomédicos que hipervalorizam o contato restrito apenas entre pessoas de uma mesma casa ou um mesmo relacionamento monogâmico-familiar.

No início do aumento de casos de aids, consistindo na década de 1980 até meados da década de 1990, não existiam tratamentos eficazes para a infecção pelo HIV. Assim, um grande número de pessoas morreu pelo mundo. Negligências estatais e artimanhas da indústria farmacêutica marcaram este período, precarizando a vida das pessoas com aids e ocasionando

⁸⁶ Para mais informações sobre estes trajetos da aids, sugiro a leitura do livro *A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós* de Eduardo Jardim (2019) e o capítulo *Marcos históricos da aids no Brasil e no mundo* presente no livro *Sentença de vida – histórias e lembranças: a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo*, de Marcia Rachid (2020).

na morte de muitas delas. No meio desse caos, surgiram movimentos sociais⁸⁷ que lutaram por melhorias no tratamento da aids, sempre na tentativa de preservação da vida dessas pessoas.

É nesse cenário que se passa o documentário *Como sobreviver a uma praga* (2012), dirigido por David France, escrito por David France, T. Woody Richman e Tyler H. Walk, produzido por Howard Gertler e David France por meio da *Public Square Films*⁸⁸, sendo considerado um dos cinco melhores documentários do ano de 2012 pelo jornal *The New York Times*, definido como “uma história notável de perda, amor e ativismo durante os piores anos da epidemia de AIDS”⁸⁹. Em tradução literal, seu título é, em português, *Como sobreviver a uma praga*, e constrói narrativas a partir das vivências em momentos críticos da pandemia, deixando em aberto múltiplas conexões possíveis com a atualidade.

As cenas se passam nos Estados Unidos, acompanhando o ACT UP, que é a “sigla da *AIDS Coalition to Unleash Power* (Coalizão da AIDS pelo empoderamento), um coletivo internacional de ação direta em defesa das pessoas que vivem com HIV/AIDS” (ACT UP, 2016, s. p.). ACT UP também é uma expressão em inglês que, ao ser traduzida à língua portuguesa, significa “agir/reagir”, podendo ser também associada a um comportamento rebelde.

Sobre o coletivo ACT UP, Eduardo Jardim (2019) afirma:

O ACT UP, criado em 1987, foi o grupo de maior destaque nesse contexto. Um pequeno círculo se formou em Nova York, reunindo-se todas as segundas-feiras à noite, com o objetivo de providenciar suporte material e psicológico para a população doente. Em seguida, foram criados meios de forçar o governo e os laboratórios farmacêuticos a acelerar a produção e a comercialização de medicamentos. Àquela altura, a única droga disponível era o AZT, extremamente tóxica e nem sempre eficaz. Seria preciso esperar mais de dez anos pela liberação de novos remédios. Por este motivo, os dois lemas da organização foram: Silêncio = Morte e Remédios em nossos corpos. (JARDIM, 2019, p. 24)

O documentário traz narrativas de momentos de dor, sofrimento, raiva e, sobretudo, luta. Muita luta. Períodos em que a pandemia de HIV/aids se apresentava com facetas outras em relação aos tempos atuais. A incerteza marcava a vida e a morte das pessoas infectadas pelo vírus, em decorrência dos tantos desconhecimentos epidemiológicos e escassas possibilidades

⁸⁷ Múltiplas organizações se articularam na luta contra a aids no Brasil e no mundo. No Brasil, organizações como a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids (RNP+), o Grupo de Incentivo à Vida (GIV), Grupo de Apoio ao Portador e Prevenção à Aids (GAPPA), as Pastorais da Aids, dentre outros, marcam a pluralidade de movimentos populares mobilizados em torno de tal questão. A nível internacional, um exemplo é o ACT UP, coletivo abordado nos filmes cartografados neste e no capítulo seguinte.

⁸⁸ Informações presentes no site oficial do documentário. Disponível em: <https://surviveaplague.com/see-the-doc>. Acesso em: 19 set. 2020.

⁸⁹ Presente na página do jornal *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/12/16/movies/a-o-scotts-25-best-films-of-2012.html?pagewanted=all>. Acesso em: 19 set. 2020.

de tratamento. A partir da produção audiovisual, penso nas potências que esta carrega, nos afetos e atravessamentos com ela mobilizados, e em possibilidades de conexões rizomáticas entre diferentes campos de saber, embrionando educações possíveis.

Fui, com o documentário, provocado a pensar em cenários do passado e ventos do Norte. Utilizo aqui a imagem das regiões geográficas como forma de pensar de acordo com a localização de cada acontecimento. O Norte diz respeito ao norte global, em especial ao Estados Unidos e à Europa ocidental, regiões que se consolidaram historicamente, a partir de discursos e práticas que colonizaram nossa forma de ver e viver no mundo, como centros de poder econômico, político, epistemológico, médico, cultural e educativo. Penso também com o Sul, em referência ao Brasil e outros países da América Latina, por exemplo. Segundo a concepção de Boaventura Sousa Santos (2020, p. 15), “[...] o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural”. Espaço-do-Sul, território das minorias, englobando os povos marginalizados, subalternizados, vulnerabilizados, mas também resistentes e constantemente criadores de formas outras de viver e habitar o mundo. Para cada Sul, existem saberes-do-Sul.

O pensar pelo Norte é historicamente marcado por características colonizatórias e hegemônicas. Mas será que alguns ventos que vêm do Norte também podem nos ajudar a ventar em direções outras aqui no Sul? Para tal, reflito juntamente da produção audiovisual, de suas narrativas, das atuações do coletivo ACT UP e das ressonâncias imagético-sonoras e artísticas que afetaram o meu sangue latino⁹⁰.

Decido me aventurar nas histórias e geografias abordadas no documentário, traçando uma cartografia audiovisual em escritas-encontros das forças nele desenhadas, e em como estas reverberam em mim. “No movimento de sua pesquisa, o cartógrafo encontra-se com coisas, corpos, ações, paixões, algo que o inquieta e que convém; mapeia movimentos de territorialização das linhas; indica movimentos de desterritorialização” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 171). Coloco-me no movimento de cartografar, deglutindo múltiplos elementos (ROLNIK, 2016) que pudessem compor nas escritas-afectivas que aqui construí pelos encontros vividos, digerindo com o corpo todo na produção de um pesquisar entre educação e cinema.

Penso na educação como algo que acontece, sobretudo, pelo encontro (GALLO, 2010): encontro físico-corporal, visual, auditivo, encontro com o outro. Ao tangenciar questões em

⁹⁰ Inspirado na música “Sangue Latino” de autoria de João Ricardo e Paulinho Mendonça, gravada no álbum 1973 da banda Secos e Molhados.

torno do HIV e da aids, do corpo, do desejo e da vida, percebo que estas cartografias também se conectam com temas caros à educação em ciências e biologia, permitindo mobilizações por vir nestes campos. Dessa forma, ensaio educações menores (GALLO, 2002) em HIV/aids que se façam com e a partir das imagens cartografadas.

Nestas escritas, estive atento aos bons encontros com as narrativas audiovisuais, em suas potências pedagógicas. Pedagogias do cinema? “Uma pedagogia do cinema, antes de estar relacionada a certos conteúdos, se constitui como forma de conhecer e compartilhar conhecimento” (MIGLIORIN; BARROSO, 2016, p. 17). Pelo cinema, também se aprende e se educa: nos encontros entre imagens, corpos, afetos, perceptos, experiências, criam-se pedagogias.

Por intermédio de um documentário, é possível percorrer uma gama de vivências, dialogando com a realidade de quem assiste e de quem produz, na medida em que possibilita também transportá-los para universos outros, costurando experiências. Ocorrem processos de aprender pelas imagens e sons: diálogos com os movimentos lá existentes, conexões. Assim, o objetivo deste capítulo é mobilizar as forças, potências e afetos possíveis por meio do encontro com o documentário *Como sobreviver a uma praga* (2012), pensando nas educações que nele habitam, dialogando com diferentes referências acadêmicas e artísticas.

Cartografar é percorrer os afetos, percebendo que, ao sermos por eles atravessados, também aprendemos. Movimentar-se pelas forças presentes no documentário *Como sobreviver a uma praga* (2012), escutar as formas que ele me inquieta, permitindo pensar e devir. Perambular pelas potências e afetamentos possíveis a partir dele, nos encontros de quem assiste a produção audiovisual. O documentário é fruto de uma polifonia que permeia períodos históricos e sociais de grande importância para o mundo e, em especial, para as populações LGBTQIA+⁹¹ e as pessoas que, de alguma maneira, foram e continuam sendo afetadas pelo HIV e a aids. Dessa forma, as escritas que se seguem não buscam narrar ou resumir o que se passa neste filme em totalidade, mas dar vazão às percepções e inquietações, estando abertas às ressonâncias por ele possibilitadas e em diálogo com pensamentos outros de tempos variados. Para tal, percorro o documentário e trago também alguns recortes de cenas nele presentes que me impactaram, mapeando-o, cartografando-o.

⁹¹ Sigla utilizada para englobar os corpos e experiências dissidentes à norma heterossexual e cisgênera, remetendo aos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, entre outros.

4.2 Entre ventos e ventanias⁹²: Como sobreviver a uma praga?

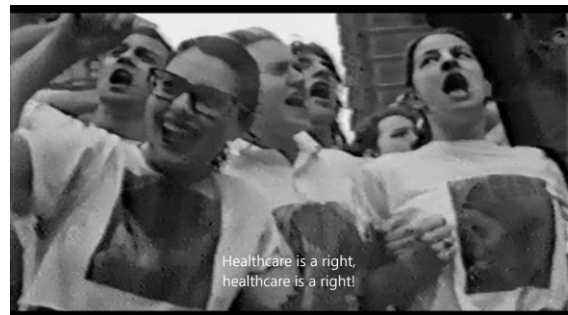
Imagens e sons de um tempo em que a aids era uma rápida e certa sentença de morte: assim começa o documentário lembrando da fatalidade abrupta que consistia em descobrir-se vivendo com HIV e adoecer pela aids no início do aumento de casos da pandemia, que aconteceu na década de 1980. Cenas de pessoas com aids em estado avançado abrem o documentário e, ainda no primeiro minuto, contextualiza-se: no sexto ano da pandemia, “sem drogas para tratar a doença, aids é quase 100% fatal”⁹³.

As narrativas da produção concentram-se nas experiências que aconteceram na cidade de Nova York, um dos epicentros da pandemia em suas reverberações nos Estados Unidos naquele momento, mas também percorrendo acontecimentos que surgiram em outras cidades do país. Rapidamente, parte-se para o ACT UP, movimento de luta em defesa da vida das pessoas com HIV/aids. O coletivo é movido por uma raiva: força potente em direção à sobrevivência, à conservação da vida que vibra nas pessoas acometidas pela aids, ao fim de uma política mortífera descarada.

Imagem 3 – Lutas e protestos



Imagem 4 – Lutas e protestos



Legenda: Cenas presentes no documentário no minuto 1 e 5, respectivamente, mostrando os encontros do ACT UP. Fotos convertidas para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

O ACT UP marca uma resposta em relação à pandemia de aids nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo. Um posicionamento movimentado pela raiva, potência de preservação da vida. Sobre a raiva, o pensamento de Paulo Freire (2018) parece profícuo para somar nestas reflexões:

⁹² Inspirado na música *Vento, Ventania*, composta por Álvaro, Bruno, Sheik, Miguel, Coelho e Beni, integrantes da banda Biquini Cavado, presente no álbum *Descivilização*, lançado em 1991.

⁹³ Fala presente no primeiro minuto do documentário e tradução minha.

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva⁹⁴, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 2018, p. 41)

A raiva, naquele momento, era, quem sabe, a única possibilidade de lutar pela vida. Um grito em luta, em movimento, em esperança. Raiva justa, não odiosidade. Raiva que movimentava em direção à união, à solidariedade, ao abraço e ao grito. Raiva, linha de fuga explosiva que tangencia acontecimentos e abre espaços necessários para a vazão.

Somado à raiva está o grito que, como diz Clarice Lispector (1973, p. 87, grifos meus), salva: “*O que me salva é o grito. Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do atrás do pensamento-sentimento. Sou um objeto urgente*”. Corpos-objetos urgentes protestando na tentativa de escapar: fugir da morte anunciada ao ser infectado por um vírus que atingia massivamente a população gay, negra, pobre, periférica, vulnerabilizada, marginal, em um período no qual não existia tratamento eficaz e tampouco o interesse governamental, industrial e científico em produzi-lo. Muitos foram deixados à própria sorte. Restava-lhes o grito como resistência e(m) forças de vida.

Assim como a luta e a participação do grupo ACT UP estiveram presentes ao longo do documentário e do enfrentamento da pandemia de aids na cidade de Nova York, o grito ecoava no coletivo, na potência das formas corpóreo-viscerais de luta. Unidos, pessoas vivendo com HIV/aids, familiares, amigos, profissionais da saúde e outros corpos aliados participaram da organização e militância do coletivo.

Entre cenas e retratos de tempos outros da aids – que, a depender da localização social-econômico-geográfica, não são tão diferentes dos atuais – o documentário atravessa períodos históricos e a quantidade registrada de vidas ceifadas. Durante o caminhar do filme, é retratado cronologicamente o número de pessoas que morreram em decorrência da aids. Decido trazer estas informações para compor as escritas-encontros. No ano de 1987, atingiu-se a marca de 500.000 mortes.

As narrativas audiovisuais vão atravessando histórias de luta, de esperança, de vida, de morte e, em muitos momentos, de desespero.

⁹⁴ O autor exemplifica esta “justa raiva” em nota de rodapé: “A de Cristo contra os vendilhões do Templo. A dos progressistas contra os inimigos da reforma agrária, a dos ofendidos contra a violência de toda discriminação, de classe, de raça, de gênero. A dos injustiçados contra a impunidade. A de quem tem fome contra a forma luxuriosa com que alguns, mais do que comem, esbanjam e transformam a vida num desfrute” (FREIRE, 2018, p. 41).

- O QUE NÓS QUEREMOS?
- A CURA!
- QUANDO NÓS QUEREMOS?
- AGORA!⁹⁵

Gritos em um protesto do ACT UP em 24 de março de 1987 exigem a cura, na tentativa de manter existências vivas. Décadas depois, os desejos-esperanças-utopias de curas possíveis à infecção pelo HIV para todos seguem vivos e vibrantes, nutrindo esperanças e expectativas de tantos. Seguramente, expurgar totalmente o vírus do corpo humano é uma tarefa muito difícil, mas, talvez, hoje possam existir curas⁹⁶ pelo deslocamento das relações humano-vírus para coexistências outras, pelo enfrentamento maciço contra o estigma e a sorofobia⁹⁷, pela pesquisa em suas funcionalidades perceptivas e afetivas, pela educação em seus trajetos com as potências menores e minoritárias, pela arte em suas múltiplas formas de afectar e (re)escrever histórias positHIVas⁹⁸.

No coletivo, as pessoas se fortalecem. Cenas de reuniões do grupo, de protestos, de corpos adoecidos pela aids, de luta, de vida e de morte vão se entretecendo. Coletivo-protesto-doença-vida-morte. Vírus? Protestar, gritar, exigir o direito de permanecer vivo ou, pelo menos, de morrer com dignidade. Protestos nas ruas, em praças, hospitais, igrejas, laboratórios, congressos. Coletivos, na força-do-bando, gritam.

Euforia. Esgotamento.

Respiros.

Magreza. Manchas. Sarcoma de Kaposi. Bactérias, protozoários, fungos. Pneumonia. Morte? Aids.

Relatos compõem a narrativa filmica: cientistas, militantes, enfermeiras, pacientes. Grupo, solidariedade. Personagens famosos participam destes trajetos ativistas e da produção audiovisual, como o escritor Larry Kramer e o ator Jim Eigo.

⁹⁵ Presentes no nono minuto do filme e tradução minha.

⁹⁶ A dimensão da cura da infecção pelo HIV é algo que tem movimentado múltiplas pesquisas nas últimas décadas e alguns poucos casos bem sucedidos confirmados, geralmente por meio do transplante de medula de doadores resistentes ao vírus, tática altamente cara e letal. Notícias midiáticas – muitas vezes sensacionalistas – pulverizam comentários em torno da possibilidade de curar a infecção. Mobilizo tal dimensão aqui a partir da percepção de que outras curas podem ser possíveis: não a cura biomédica associada necessariamente à exclusão total do vírus nos corpos humanos, mas curas subjetivas – que não excluem a importância de se investir nos avanços biotecnológicos para a cura orgânico-corporal – por meio do expurgo ao estigma e da produção de formas outras de viver e de conviver com o vírus em nossa sociedade.

⁹⁷ Preconceito contra pessoas vivendo com HIV/aids, logo soropositivas (possuindo anticorpos) ao HIV.

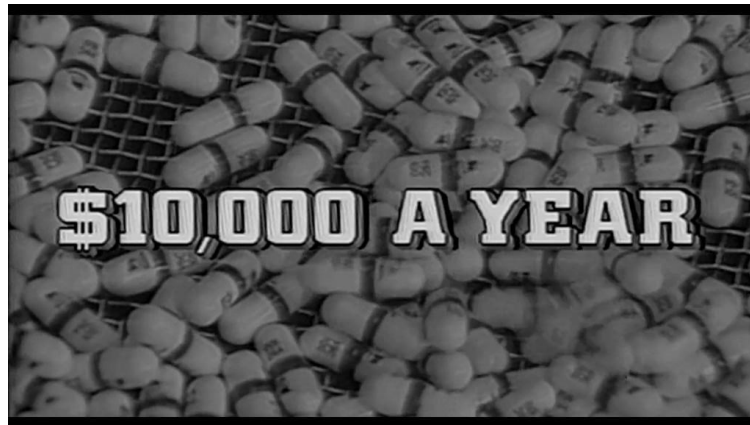
⁹⁸ Em referência às variações mobilizadas em torno da sigla HIV com a palavra positivo/positividade, tangenciadas geralmente no movimento social em HIV/aids, misturando, neste caso, as noções de positividade relativa à infecção e presença de anticorpos com uma positividade no sentido de bons encontros.

A resistência frente à morte pela aids exigiu um grande conhecimento dos militantes acerca das engrenagens do campo de saber e poder científico. Assim, reuniões aconteciam para discutir artigos científicos e compreender campos biotecnológicos, farmacopolíticos⁹⁹, espaços que possibilitavam esperanças ao entender o que acontecia nos corpos infectados.

Tratamentos? Medicamentos?

AZT: abreviação para zidovudina, nome da primeira substância produzida e cientificamente eficaz no tratamento da infecção do HIV. Porém, devido ao monopólio da indústria farmacêutica, seu tratamento chegou a custar 10.000 dólares por ano. O ativista Peter Staley afirma que o “AZT foi a droga mais cara na história. Eles cobram 10.000 dólares em um ano [Imagem 5]”¹⁰⁰, seguido por cenas de um protesto e a marca de 800.000 vidas perdidas pela aids no mundo, alcançada no ano de 1988.

Imagem 5 – O preço



Legenda: Registro do minuto 20 do documentário com imagem de comprimidos e a mensagem “\$10,000 A YEAR” traduzido por “\$10.000 POR ANO” referente ao valor anual em dólares gasto com o tratamento pelo A.Z.T. Foto convertida para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Hospital. Dor. Vazio. Descanso? Entre cenas de hospitais, doença e morte, Barbara Starrett conta que “[...] uma das piores coisas quando pessoas morriam no hospital, eles os colocavam em sacos de lixo pretos. Isso era realmente horrível. E nem todo salão de funeral receberia pacientes que morreram de aids”¹⁰¹. Contextos pandêmicos? Cenas que se repetiram em diversos lugares do Brasil e do mundo com a pandemia de covid-19.

⁹⁹ Inspirado em Preciado (2018).

¹⁰⁰ Fala presente no minuto 20 do documentário e tradução minha.

¹⁰¹ Fala presente no minuto 21 do documentário e tradução minha.

Imagem 6 – Vazios



Legenda: Registro do minuto 21 do documentário. Foto convertida para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Vazios na cama, na maca, no corpo, no hospital (Imagem 6). Drogas não-comprovadas, experimentais. Corpos, ensaios, fragilidades da vida. Com a cena da cama em um hospital e a situação de cobaia, recorde do ensaio do artista Paulo Buenoz (2009) e as dobras poéticas (im)possíveis a partir da vivência como um corpo-cobaia em um experimento para a aprovação de um remédio para tratamento da aids:

Quais as reais consequências do corpo físico? O fígado vai resistir? O que de mim vai conseguir sobreviver? O que tal droga/medicamento injetada no corpo realmente desencadearia nas minhas sensações? Aquele líquido estranho sendo penetrado não sei onde, agindo por caminhos desconhecidos. Eu nunca mais seria o mesmo. (BUENOZ, 2009, p. 242)

Tentativas, tentativas e mais tentativas: qual o custo para tentar manter a vida? Biopolíticas. Interesses farmacocômicos, caminhos solitários. Coragem?

Jim Ego afirma: “pessoas com aids, o que a maioria delas pensava sobre era ‘Oh, drogas, como eu consigo isso fora do mercado?’”¹⁰², devida impossibilidade e lentidão em conseguirlas legalmente. E, assim, as cenas seguintes chegam a um grande protesto no *United States Food and Drugs Administration – F.D.A.* (Administração de Comidas e Drogas dos Estados Unidos), com o depoimento de um militante sendo levado preso que relata que “Nós não sabemos para onde eles estão nos levando. Nós estamos aqui porque esse governo tem os

¹⁰² Fala presente nos minutos 23 e 24 do documentário, tradução minha.

recursos para lidar com a epidemia de aids, e eles não farão isso a menos que nós os forcemos”¹⁰³.

Moralismos. Silenciamentos. Violências. Mortes. “Silence = Death” (Silêncio = Morte, em português), diz o lema do ACT UP.

Imagem 7 – Lutas pela vida



Imagem 8 – Lutas pela vida



Imagem 9 – Lutas pela vida



Legenda: Registros de protestos do ACT UP presentes no documentário nos minutos 26, 27 e 34, respectivamente. Fotos convertidas para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Protestos, militâncias, movimentos, respostas (Imagens 7, 8 e 9). Certezas? Nenhuma.

Lutas. Procuras por possibilidades: tratamentos para a aids e para as doenças oportunistas que acompanhavam estados avançados da infecção pelo HIV. Atitudes adentrando espaços proibidos, como no protesto que aconteceu em uma reunião do F.D.A. na tentativa de aprovar um remédio para o tratamento do citomegalovírus, vírus causador de infecção oportunista que atinge pessoas em estado de aids e, em muitos casos, leva à cegueira. Na Imagem 9, protestantes do ACT UP levantam cartazes com frases “SEE THE LIGHT. DHPG

¹⁰³ Fala presente no minuto 27 do documentário, tradução minha.

WORKS.” e “THE FDA IS MAKING PEOPLE WITH AIDS GO BLIND”, traduzidos por mim como “VEJA A LUZ. DHPG FUNCIONA” e “O FDA ESTÁ FAZENDO PESSOAS COM AIDS FICAREM CEGAS”¹⁰⁴.

Narrativas afetivas e discursos médicos permeados por saberes fármaco-bioquímico-moleculares entrecruzam-se na explicação da atuação de antirretrovirais, em tensionamentos entre estes diferentes campos que, na materialidade prática destas vidas, se borram.

Viradas, revoluções, mudanças, marcas. Um corte: é o ano de 1989¹⁰⁵ e mais de um milhão e duzentas mil pessoas morreram pela aids no mundo. Neste mesmo momento histórico, lideranças da igreja católica continuam a condenar o uso de preservativos, negligenciando a pandemia que mata ao lado e dentro de seus templos. Políticas em torno da vida que deixam morrer tantos, ou melhor, fazem morrer¹⁰⁶. Ao fazer morrer, essas políticas se constroem em torno da morte, se fortificam com os óbitos, nutrem um Estado assassino que tem desejos: “o desejo é pela eliminação sistemática daqueles corpos que poluem a pureza de uma nação imaginada, um tipo de ‘correia de transmissão’ de uma Europa também imaginada: branca, racional, cristã, heterossexual” (BENTO, 2018, p. 4).

Desejos mortíferos por um Norte “puro”: Norte inexistente, irreal, cuja tentativa de sua construção mata milhões de pessoas há séculos em múltiplos genocídios. Norte que se negou a dar olhos e mover moinhos na preservação da vida das pessoas infectadas pelo HIV, devido ao fato de sua grande maioria ser formada, naquele momento inicial de explosão da pandemia, por gays, negros, usuários de droga, hemofílicos, transexuais, travestis. Também é a recusa destas existências, das possibilidades de elas perseverarem e habitarem o mundo. O HIV e a aids foram – e continuam sendo – utilizados como forma de deixar morrer (FOUCAULT, 2005), sobretudo, corpos já marginalizados, corpos-do-Sul.

Mas junto de todo poder, está também uma resistência: “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem reviravolta eventual; toda relação de poder implica, pois, pelo menos de maneira virtual, uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 2014a, p. 138). No documentário e nas atuações do ACT UP, as resistências e estratégias de embate construídas são movidas pela raiva e pelo desejo de viver, produzindo microfissuras que permitem vazar em meio às tramas de violência e abuso da vida das pessoas com HIV/aids. Manifestações contra o moralismo, gritos na tentativa de abrir olhos e de infectar espaços tidos como sagrados

¹⁰⁴ Cenas presentes no minuto 34 do documentário em referência à droga para o tratamento do citomegalovírus. Tradução minha.

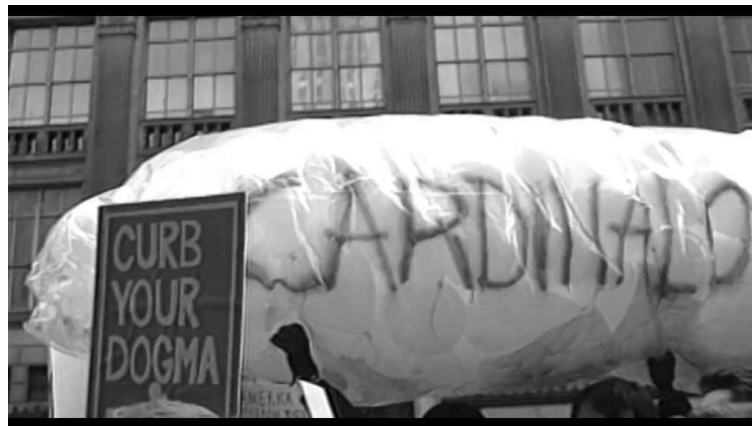
¹⁰⁵ Registro presente no minuto 40 do documentário.

¹⁰⁶ Inspirado na aula de 17 de março de 1976 de Michel Foucault (2005).

– as igrejas e as próprias instituições familiares, por exemplo – que se negam a olhar para a ferida-pandêmica que sangra, dói e mata tantas pessoas. Tais movimentos poderiam também atravessar e, quiçá, rachar os muros escolares em educações menores? Como o ensino de ciências e biologia pode se articular ativamente com estas questões?

Os protestos retratados nas cenas atuam na consolidação da resposta em relação à negação do Estado-nação do direito e da possibilidade de vida, de cuidado, de prazer e de gozo dos corpos infectados pelo HIV e adoecidos pela aids. São movimentos de subversão, de roubo das conquistas garantidas apenas aos que se afiliam ao modelo heterossexual-familiar-reprodutivo, forjando aberturas ao prazer, à experimentação, à diferença.

Imagem 10 – Tensões e fricções



Legenda: Cena de protesto em frente à igreja católica de São Patrício, em Nova York, com um balão que remete a um preservativo externo gigante com nome de um líder religioso, presente no minuto 45 do documentário. Foto convertida para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Após as cenas de protestos dentro e fora da igreja de São Patrício, em Nova York, segue-se o discurso do líder católico do espaço na qual ocorreu a manifestação, dizendo que “Estes protestantes acreditam que os protestos vão resultar em alguma mudança de comportamentos, mudanças de atitudes possivelmente. A igreja vai ensinar que atividade homossexual é pecaminosa até o fim dos tempos. Isso não vai mudar”¹⁰⁷. Quase trinta anos depois, pensamentos como estes, infectados pelos vírus-ódio e vírus-preconceito continuam se fazendo presentes, como no discurso da pastora Ana Paula Valadão¹⁰⁸ ao afirmar em um evento que a

¹⁰⁷ Fala presente no minuto 46 do documentário e tradução minha.

¹⁰⁸ A líder evangélica afirmou, segundo a revista *IstoÉ*, que a “Aids é consequência da homossexualidade”, como traz o título da matéria. Segundo o site, Ana Paula afirmou que “Muita gente acha que isso é normal. Isso não é normal. Deus criou o homem e a mulher e é assim que nós cremos. Qualquer outra opção sexual é uma

aids existe devido aos homossexuais. Tanto se avançou em quesitos biomédicos em relação ao tratamento e à prevenção do HIV e da aids, mas alguns vírus discursivos não foram deixados no passado e continuam a disseminar germes mortíferos: o ódio, a desinformação, a segregação, a aversão, o preconceito: máquinas de moer gente, de matar fisicamente e matar em vida. Quantos são mortos por estes discursos diariamente?

De volta ao caminhar-documental, sou transportado para cenários-em-atrito. Discussões por entre protestos e cenas de violência policial. Territórios em disputa. Embates por meio da luta, do grito, seja ele na rua, nas igrejas, nos congressos, nos funerais. As cenas adentram lugares proibidos, invadindo espaços negados. Disputas-territoriais sangrentas. Luta pela vida. E chega-se em 1990, ano em que se registra o marco de um milhão e setecentas mil vidas perdidas para a aids.

escolha do livre arbítrio do ser humano. E qualquer escolha leva a consequências”. Disponível em: <https://istoe.com.br/cantora-ana-paula-valadao-afirma-que-aids-e-consequencia-da-homossexualidade/>. Acesso em: 18 set. 2020.

Imagem 11 – Entre silêncios e gritos



Imagem 12 – Entre silêncios e gritos



Imagem 13 – Entre silêncios e gritos



Legenda: Cenas presentes no minuto 59 do documentário. Na Imagem 11, é possível ver faixas com frases como “114,000 AMERICANS DEAD OF AIDS. IS THIS YOUR NATIONAL PLAN, GEORGE?”, traduzida por “114.000 AMERICANOS MORTOS PELA AIDS. É ESSE O SEU PLANO NACIONAL, GEORGE?”, em referência ao então presidente estadunidense, George Bush. Já na Imagem 12, é possível ver o, naquele momento, presidente dos Estados Unidos da América, George Bush, jogando golfe, seguida por cena de beijo entre dois homens no gramado de golfe na Imagem 13, intercaladas por protestos que aconteciam em crítica-denúncia-repúdio-pedido-de-socorro ao governante. Fotos convertidas para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Cenas de protestos (Imagens 11 e 13) contra o, naquele momento, presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, e o seu silêncio mortífero e negligente em relação à pandemia de HIV/aids e às mais de 114 mil mortes pela aids naquele país até então, intercaladas com ele jogando golfe (Imagem 12). Silêncio cínico. Silêncio que, como enfatiza o ACT UP, é igual a morte¹⁰⁹. Mas sua omissão não calou os corpos que lutavam para viver. A estagnação foi combatida com gritos.

O artista Ray Navarro performa remetendo Jesus em protestos na rua e em vídeos, denunciando as políticas mortíferas de Estado baseadas na negligência, propagação de desinformação e fundamentalismo religioso. Na Imagem 14, é possível vê-lo em um vídeo incentivando o uso de preservativos. Gritos. Últimos gritos?

¹⁰⁹ Um dos lemas do ACT UP é “Silence = Death” em inglês, traduzido ao português por “Silêncio = Morte”.

Jesus tem aids? Suspiros finais, vida *until the end...*

Deus tem aids, por Marcos Visnadi (2018):

Jesus no caminho
quanto sangra, Senhor e balbucia
umas palavras em aramaico que se perdem
entre os estalos do chicote, os gritos de alívio do povo

língua santa no cangote de ninguém
dois mil anos Te aguardando e Tu não vens
guardo cada gole de saliva
na esperança de dar

de beber, sozinho, engulo
não tem oferta que Tu venhas buscar
paciência

conto as cópias de vírus no meu próprio sangue
balbucio em português outras palavras que se perdem
entre buzinas de automóveis, meu corpo produz líquidos

[...]

Entre atraques com rapazes babacas
entre amores de verdade e caras casados faz décadas
nos rabos um gosto de látex
que as mulheres não farejam

o filho de Deus
um vírus manso
Pôncio Pilatos e Barrabás
renova Teu medo da morte

agradece
a companhia indiferente
os covardes que gaguejam e Te negam

é como qualquer outra coisa
essa esponja encharcada de vinagre
mata a sede e dá saúde até que acabe
(VISNADI, 2018, p. 202-204)

Imagem 14 – Jesus tem aids?



Legenda: Registro presente no minuto 62 do documentário. Na cena, o artista Ray Navarro em uma performance remete a Jesus e fala sobre o uso de preservativos. Foto convertida para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Ápices? Incertezas em níveis insuportáveis. Cuidados. Sarcoma de Kaposi¹¹⁰ na Imagem 15. “Manchas” da morte? Protestos em laboratórios de tratamentos para câncer e HIV/aids. Luta, luta, luta... O ano é 1991 e mais de dois milhões e quatrocentas mil pessoas morreram por aids.

Imagem 15 – Marcas



Legenda: Registro do minuto 64 do documentário. Na cena, uma pessoa com Sarcoma de Kaposi recebe cuidados no tratamento do câncer. Foto convertida para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

¹¹⁰ Nome de câncer comumente presente em pessoas com estados avançados de aids e imunodepressão.

Confusão. Brigas. Desarticulação. Cansaço. Exaustão. Enfraquecimento do grupo. Na Imagem 16, um grito... “PLAGUE! WE ARE IN THE MIDDLE OF A FUCKING PLAGUE!”, grita Larry Kramer. Traduzindo parte de seu discurso:

PRAGA! NÓS ESTAMOS NO MEIO DE UMA PRAGA FODIDA! [...] PRAGA! 40 MILHÕES DE PESSOAS INFECTADAS É UMA PRAGA FODIDA! NÓS ESTAMOS NO PIOR CENÁRIO QUE JÁ ESTIVEMOS DENTRO! [...] E eu digo para vocês no ano 10 [da pandemia de HIV/aids] a mesma coisa que disse a vocês no ano de 1981 quando existiam 41 casos: até que tenhamos nossos atos juntos, todos nós, estamos praticamente mortos.¹¹¹

Imagem 16 – Gritar!



Legenda: Registro de Larry Kramer durante seu grito-discurso-manifesto. Foto convertida para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Grito. Raiva. Revolta. Narrativas de separação de movimentos, desorganização. Ausência de lideranças. Logo o ano é 1992 e ultrapassa-se a triste marca de mais de três milhões e trezentas mil mortes devido a aids no mundo. Esperança?

Inibidores de protease¹¹². Mesclando relatos médicos e cenas de protestos, o documentário compõe narrativas de dramas na trama daquele momento. Deixar morrer e fazer viver: Estado e medicina a um fio da escolha de liberar medicamentos novos mascarada de descoberta recente.

Cenas de luta política. Luto político. Lut(o)(a). (En)Lutar?

¹¹¹ Parte do discurso de Larry Kramer registrado no minuto 71 do documentário: “PLAGUE! 40 MILLION INFECTED PEOPLE IS A FUCKING PLAGUE! WE ARE IN THE WORST SHAPE WE HAVE EVER, EVER, EVER BEEN IN! [...] and I say to you in year 10 the same thing I said to you in 1981 when there were 41 cases: Until we get our acts together, all of us, we are as good as dead”. Tradução minha.

¹¹² Classe de medicamentos antirretrovirais que se apresentaram como uma revolução no tratamento do HIV/aids.

EnLutar coletivamente: construir tapetes gigantes (Imagens 17 e 18) com histórias dos que se foram pela aids. Costurar existências com dores, saudades, raivas, paixões, tristezas, amores, em movimentos de memória e solidariedade. Tecer as lembranças em militâncias, em lutas poéticas de vida e de morte. Afetos materializados que tomaram conta das proximidades da Casa Branca, centro governamental dos Estados Unidos. Protesto-ato-intervenção-luto coletivo em movimentos de união e solidariedade. Cenas que vibram o corpo e o transportam para tempos outros.

Tempos de um funeral político policiado (Imagens 17, 18, 19, 20, 21 e 22). Memória pelos que “não deu tempo”¹¹³. Caixas com cinzas levadas ao âmago da necrobiopolítica¹¹⁴ estadunidense e mundial – situada pelos sujeitos na Casa Branca. Em um manifesto emocionante, muitas pessoas trazem o que resta de seus entes queridos que morreram em decorrência da aids até o centro governamental de racismo estatal¹¹⁵ e jogam o que ficou materialmente dos corpos-físicos-positHIVos (Imagens 18 e 20). Levando a morte para a porta dos que fecham os olhos, que matam pelos silêncios. Gritos: “BRINGING THE DEAD TO YOUR DOOR! WE WON’T TAKE IT ANYMORE!”, traduzidas para “TRAZENDO A MORTE PARA SUA PORTA! NÓS NÃO VAMOS ACEITAR ISSO MAIS!”¹¹⁶.

Imagem 17 – Encontros afetivos



Imagem 18 – Encontros afetivos



¹¹³ Inspirado em Mosé (2018).

¹¹⁴ Inspirado nos conceitos de necrobiopoder e necrobiopolítica cunhados por Bento (2018).

¹¹⁵ Inspirado no conceito de racismo de estado, proposto por Foucault (2005).

¹¹⁶ Gritos presentes no documentário no minuto 80 e tradução minha.

Imagem 19 – Encontros afetivos



Imagem 20 – Encontros afetivos



Imagem 21 – Encontros afetivos



Imagem 22 – Encontros afetivos



Legenda: Registros do protesto realizado nos entornos da Casa Branca, sede do governo dos Estados Unidos, presentes entre os minutos 78 e 82 do documentário. Nas Imagens 17 e 18 é possível ver a confecção dos tapetes; na Imagem 19, a presença policial; na Imagem 20, a presença de memórias físicas e afetivas. Imagem 21: encontros-afetivos. Imagem 22: encontros: cinzas de alguém que provavelmente morreu em decorrência da aids jogadas na frente da casa branca em protesto. Fotos convertidas para preto e branco.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Territórios em disputa. Saudades que tem nome. Chega 1993 e atinge-se também a marca de quatro milhões e setecentas mil vidas perdidas pelas bio-necro-políticas movimentada por meio da aids. Novos medicamentos vão surgindo e, junto deles, outras disputas para que sejam testados e cheguem nas pessoas que neles veem últimas chances de vida. Passos vagarosos e com pouca eficácia em perspectivas macro. Corpos com pressa: o tempo se esvai. Esperança?

Em 1994, passa-se a triste marca de seis milhões e duzentas mil mortes. Nesse mesmo ano, uma promissora classe de medicamentos antirretrovirais¹¹⁷ chega, trazendo animadores resultados ao frear o ciclo de replicação do HIV. Imbricam-se, então, novas disputas para sua aprovação no FDA. Embates, atritos e lutas. Interesses econômico-industriais *versus* vidas

¹¹⁷ Medicamentos utilizados para tratamentos de infecções por retrovírus, como o HIV.

humanas em seus limites. Saquinavir¹¹⁸. Doentes em estado terminal recebendo placebo. Método científico? Ética?

Falácia.

Desabafos... com esperanças efetivadas: “[19]93 até [19]95 foram os piores anos. Era um tempo realmente assustador. Eles foram os piores anos. E então nós tivemos sorte¹¹⁹”, relata David Barr. Retratos de sobrevivências e de vidas em resistências: David Barr, Mark Harrington, Derek Link, Gregg Gonsalves, Specer Cox, Gregg Bordowitz, Peter Staley... Retorna-se para o ano de 1995 e a marca de oito milhões e duzentas mil pessoas mortas pela aids é passada. Para eles, não deu tempo... *Para eles, não deu*, por Viviane Mosé (2018):

Éramos nus
Na década de oitenta.
A liberdade se impunha.

Corpos expostos,
Almas compartilhadas
Cabeças.

Olhos famintos de mundo,
Mas veio a peste:

No umbigo da busca
No plexo
O osso duro de roer
A morte
A nos ceifar pelo sexo

Saint Claire foi o primeiro
A desaparecer.
Tião Sá foi o segundo
A ser consumido
Por aquela foice esquisita.

Depois foi Cristina
A perder corpo
Pouco a pouco
Até tombar de dor
Na madrugada.

E eu nem estava.

Nunca pude esquecer
Seus gestos mínimos
Sua delicadeza.

Nem fui capaz de apagar
Os olhos de Tião, na praia
Me dizendo, cara

¹¹⁸ Nome de um dos primeiros antirretrovirais da classe dos inibidores de protease desenvolvidos e que é relatado no documentário.

¹¹⁹ Relato de David Barr, presente no minuto 95 do documentário e tradução minha.

Agora foi comigo.

Pouco depois ninguém mais
Morria.
Mas para eles não deu tempo.
Para eles não deu
(MOSÉ, 2018, p. 115-116)

O documentário segue, trazendo relatos da virada para uma nova era na pandemia: tempos em que existem combinações terapêuticas capazes de frear a replicação viral e o adoecimento. Me lembro – salvo as tantas diferenças entre estes períodos e as respectivas pandemias – dos momentos em que começou-se a vacinação em massa na pandemia de covid-19, da alegria coletiva vivida por diferentes grupos – como idosos, profissionais da saúde, da educação e de outros setores priorizados inicialmente, pessoas com “comorbidades” e deficiências, decrescendo com as idades, até chegar nos adolescentes e nas crianças – com o momento tão esperado por muitos de receber tais compostos e, meses após a imunização de milhões de pessoas, perceber o decréscimo no número de internações e mortes, sobretudo nos sujeitos vacinados. Ressoa em mim palavras de esperança pelos ventos: “vejo a tristeza e trago a esperança em seu lugar...”¹²⁰ Na pandemia da aids, esta nova era foi construída e movimentada pela militância por meio do intenso trabalho pela aceleração de testes, aprovação de drogas, dentre outras lutas e disputas. Mas se com o advento da terapia antirretroviral mais complexa e eficaz conhecida como coquetel “para muitos deu tempo”, para tantos outros não deu... e continua não dando tempo, visto que a aids – juntamente dos dispositivos e das políticas a ela associados – é, ainda, causadora de grande número de mortes¹²¹.

A melhoria do tratamento antirretroviral trouxe efeitos fenomenais. Pessoas em situações críticas de adoecimento se recuperando e, em pouco tempo, tornando-se indetectáveis¹²². A saúde de tantos foi se regenerando. E agora? E o futuro? Novos dilemas, novos problemas, novas situações exigindo respostas também novas. Percebe-se, assim, que medicamentos potentes não são capazes de, sozinhos, enfrentar e resolver os múltiplos dilemas associados à pandemia de HIV/aids, visto que estes são intensamente perpassados por questões morais e subjetivas, como por meio da dimensão do estigma.

¹²⁰ Música Palavras ao Vento, composta por Marisa Monte e Moraes Moreira.

¹²¹ Segundo o site da UNAIDS (2022, s. p.), “em 2018, cerca de 770.000 [570.000—1,1 milhão] de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS em todo o mundo”.

¹²² Chama-se de indetectável quando a pessoa vivendo com HIV possui quantidade tão baixa de cópias do vírus em seu organismo que não é detectado por exames moleculares. Hoje, por meio de diversos estudos científicos, sabe-se que uma pessoa indetectável torna-se também intransmissível nas relações sexuais. Assim, *Indetectável = Intransmissível*, ou *I=I*.

Dessa forma, o documentário caminha para o fim. Entre relatos da quantidade de companhias farmacêuticas produzindo os medicamentos antirretrovirais inibidores de protease e possíveis mortes evitadas, altera-se o cenário dos militantes: cenas na praia, em climas-outros. Para eles, deu tempo. Praia-esperança. Outras questões a serem enfrentadas.

Finaliza-se lembrando dos que não tiveram tempo de esperar, e dos tantos outros que, mesmo com as mudanças biomédicas e novos tratamentos, continuam não dando tempo¹²³. Também o próprio diagnóstico positivo ao HIV, devido ao estigma, mata em vida. Para muitos, continua não dando tempo. Que os ventos continuem, independentemente de suas procedências, movendo moinhos em direção a mundos outros...

4.3 O que venta no Sul?

Quantos somos? Quantos podemos ser?
Quantos de mim e quantos de nós?

Paulo Buenoz (2009, p. 268)

Ressonâncias dos nortes, conexões com os suís. “Jurei mentiras e sigo sozinho, assumo os pecados. Os ventos do Norte não movem moinhos”¹²⁴, mas podem inspirar ventos outros, ressoar no Sul, afetar também na potência de instaurar diferenças, fecundando em porvires outros. A pandemia de HIV/aids atinge o mundo de maneiras variadas, de acordo com cada região e período. Pensar em HIV e aids é atentar aos recortes histórico-temporais e geográficos. Se, hoje, com o advento da terapia antirretroviral com medicamentos potentes é possível, segundo as narrativas biomédicas, viver com HIV tendo qualidade de vida, mesmo assim a aids continua matando milhares de pessoas diariamente, se disseminando em todos os continentes, independentemente de faixa etária, gênero e orientação sexual – não excluindo que alguns grupos são mais vulnerabilizados em determinados contextos espaço-temporais do que outros, estando mais susceptíveis à infecção e adoecimento.

Atualmente, mesmo “com quase 40 anos de resposta [à pandemia], a AIDS ainda é a principal causa de morte de mulheres com idades entre 15 e 49 anos, e cerca de 6 mil jovens com idades entre 15 e 24 anos são infectadas pelo HIV a cada semana”, afirmam as Nações

¹²³ Informações presentes nas cenas finais do documentário, no minuto 103. Trazem frases que, traduzidas para o português consistem, respectivamente, em: “O número de pessoas que morre porque não pode acessar drogas para a aids: 2.000.000 todo ano”; “O número de pessoas que morre porque não pode acessar drogas para a aids: 5.500 todo dia”; “O número de pessoas que morre porque não pode acessar drogas para a aids: 4 todo minuto”. Tradução minha.

¹²⁴ Música Sangue Latino, de autoria de João Ricardo e Paulinho Mendonça, gravada no álbum 1973 da banda Secos e Molhados.

Unidas Brasil¹²⁵. Até o ano de 2018, tal adoecimento tinha encerrado a vida de cerca de 32 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo a UNAIDS¹²⁶.

Também mata-se em vida, com os rótulos médicos, com os preconceitos, com as aversões, com as marcações e com os silenciamentos. Além de findar com a vida biológica de tantos humanos, muitas experiências que acompanham a vivência com o HIV são mortas socialmente a partir dos diagnósticos e pelo que isso provoca no âmbito social, devido ao estigma que ainda circunda o vírus, permeado de tabus, moralismos, culpas, ódios, levando muitos a não se testarem e outros já em tratamento a abandoná-lo, além de potencialmente desencadear processos de adoecimentos físico-psicológicos. Segundo o estudo publicado pela UNAIDS Brasil, intitulado de *Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS BRASIL*, “64,1% das pessoas entrevistadas já sofreram alguma forma de estigma ou discriminação pelo fato de viverem com HIV ou com AIDS”¹²⁷. Assim, percebo que os dilemas em relação ao HIV/aids vividos nas décadas de 1980 e 1990 retratados no documentário hoje já são outros, mesmo que muito do passado permaneça presente. Mortes continuam existindo, mas em diferentes decorrências. Eis a importância de lembrar o que aconteceu, de cultivar a memória, de forjar narrativas da história da pandemia, estando atento ao que ventura hoje, ao que contemporaneamente nos é demandado atenção.

No Brasil, país com mais de 800 mil pessoas vivendo com HIV/aids¹²⁸, grande parte destas não sabe da presença do vírus em seus corpos¹²⁹ e podem descobrir em estágios avançados da infecção. “Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos... Meu sangue latino”¹³⁰. Com milhares de mortes anuais em decorrência da aids¹³¹, percebo que, definitivamente, acreditar que esta é uma questão resolvida é uma visão equivocada. Como

¹²⁵ Presente no site oficial das Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/aids-ainda-e-a-principal-cao-de-morte-de-mulheres-em-idade-reprodutiva-no-mundo>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹²⁶ Segundo o site oficial da UNAIDS (2022, s. p.), “32 milhões [23,6 milhões—43,8 milhões] de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS desde o início da epidemia (até o fim de 2018)”.

¹²⁷ Dado divulgado no site da UNAIDS. Disponível em: <https://unaids.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹²⁸ Em matéria publicada pelo Ministério da Saúde no ano de 2019, afirma-se que “estima-se que 866 mil pessoas vivam com o vírus HIV no Brasil”. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45465-brasil-mais-do-que-dobra-o-tempo-de-sobrevida-de-pessoas-com-aids>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹²⁹ Segundo o Ministério da Saúde, em matéria publicada no ano de 2019, “135 mil brasileiros vivem com HIV e não sabem”. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/135-mil-brasileiros-vivem-com-hiv-e-nao-sabem>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹³⁰ Música Sangue Latino, de autoria de João Ricardo e Paulinho Mendonça, gravada no álbum 1973 da banda Secos e Molhados.

¹³¹ No site oficial do Ministério da Saúde, divulga-se o número de mortes pela aids no Brasil: “10,9 mil em 2018”. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/135-mil-brasileiros-vivem-com-hiv-e-nao-sabem>. Acesso em: 19 set. 2020.

educadores engajados com as ciências e a vida, qual é a nossa responsabilidade e possibilidade de agência perante tudo isso?

Que os ventos – do Norte, Sul, Leste e Oeste – ventem nas terras brasileiras, em misturas híbridas e contagiosas, em multiplicidades, inspirando-nos a pensar em posicionamentos para seguir lidando com as epidemias e pandemias na atualidade, nos contextos do Brasil e para o Brasil: não nos fechando, mas, na medida em que nos encontramos e nos abrimos às experiências de outros territórios, podemos debruçar no aqui e agora, e traçar os possíveis a serem seguidos. Pensar com ventos do Norte – e Leste, Oeste – não é, necessariamente, se perder do Sul: é abrir-se às multiplicidades, pegar as potências das ressonâncias que atravessam corpos e vidas para mover moinhos aqui, lá e acolá, muitas vezes criando seus também nos nortes – ou vendo os que lá já existem –, desterritorializando, subvertendo.

Ventar com o Sul e pelo Sul. Com a força dos moinhos em movimentos latinoamericanos, lutar contra a colonialidade do poder que insiste em permanecer, matando e marginalizando tantos conhecimentos, epistemologias, corpos e vidas do Sul, inspirado no estudioso decolonial Aníbal Quijano em seu texto *Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina* (2005). Criar linhas outras de existências.

Ventar no Sul, em um devir-vírus, se impregnando com a força e o desejo de mudança que movimentou tantos na luta pela possibilidade de um tratamento, de receber atenção e cuidado, de ser respeitado e socialmente incluído, e de ir além: de poder viver, de ser ativamente atuante nos processos que permeiam a sua existência e de habitar o mundo. As problemáticas em torno do HIV e da aids são muitas e dialogam com questões relacionadas à homofobia, machismo, racismo, classe social e localização geográfica, demandando estratégias múltiplas ao seu enfrentamento. Um caminho, quem sabe, seja agir como um corpo-vírus, infectando os espaços com posicionamentos, gestos e cultivos em defesa da vida, agenciando pensamentos, reflexões, dobras, inflexões.

O HIV é mais que um vírus biológico: é também vírus discursivo, social, cultural, histórico. Atravessa toda a sociedade – de maneiras diferentes de acordo com cada grupo – mas continua marginalizando grupos determinados na sombra de um passado de dor e sofrimento que segue perdurando: até hoje se associa HIV/aids à homossexualidade, como infecção exclusiva de pessoas com determinadas características, presente em falas como de Valadão,

citada acima, mas percebam um grande paradoxo: no Brasil, o grupo de pessoas heterossexuais vivendo com HIV/aids e se infectando anualmente é muito grande¹³².

Neste mesmo caminho, percebo, por exemplo, o descaso com o cuidado e as políticas públicas que atendam a homens heterossexuais, como afirmam Andréa Leal, Daniela Knauth e Márcia Couto (2015, p. 152): “os homens heterossexuais foram esquecidos tanto das intervenções quanto da produção científica sobre HIV/AIDS”, sendo “urgente lançar um olhar sobre de que forma os cruzamentos entre categorias como gênero, classe social, raça/etnia, fase de vida, faixa etária, entre outros afetam o comportamento e as estratégias preventivas acionadas pela população masculina” (LEAL; KNAUTH; COUTO, 2015, p. 152). Entendo que esse olhar que se articule com diferentes dimensões da vida deve perpassar também pelas vivências femininas, negras, indígenas, da cidade e do campo, do Norte, Sul, Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste brasileiro, das capitais, também dos interiores. As experiências das diferenças, das minorias, das dissidências. Pensar com ventos do Sul é mobilizar o que demanda o Sul, com suas especificidades e necessidades de atenção. O que venta nos corpos?

Mesmo com grande incidência em heterossexuais no Brasil, pensar em HIV/aids não é fechar os olhos para situações criadas histórico-cultural-socialmente que geram maior vulnerabilidade para alguns corpos, como em relação aos homens que realizam sexo com outros homens, que têm, estatisticamente, chances de se infectar pelo vírus maior do que homens que não realizam estas práticas¹³³.

Outros grupos também altamente vulnerabilizados são mulheres trans e travestis, usuários de drogas, profissionais do sexo, pessoas em situação de rua, camadas mais pobres, mulheres em relacionamentos abusivos, negros, dentre outros. Analisar as vulnerabilidades é compreender as sinuosidades das vivências de cada lugar, de cada Sul, como também as tramas do poder colonial que marginalizam e vulnerabilizam estas vidas. “A vulnerabilidade não está, de modo essencial, no corpo da mulher, do jovem negro, do indivíduo gay, das travestis, transexuais ou transgêneros, do usuário de drogas, mas nas relações sociais que constroem essas vidas como vidas que não importam”, afirmam Fernando Seffner e Richard Parker (2016, p. 6),

¹³² No boletim epidemiológico publicado pelo Ministério da Saúde no ano de 2018, afirma-se que a partir de dados colhidos entre 2007 e 2018, percebeu-se que “entre os homens, no período observado, verificou-se que 59,4% dos casos foram decorrentes de exposição homossexual ou bissexual e 36,9% heterossexual, e 2,6% se deram entre usuários de drogas injetáveis (UDI). Entre as mulheres, nessa mesma faixa etária, nota-se que 96,8% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual e 1,6% na de UDI” (BRASIL, 2018, p. 7).

¹³³ O site do Ministério da Saúde traz que um “Estudo do Ministério da Saúde mostra que homens que fazem sexo com homens têm 11 vezes mais risco de contrair o vírus da aids, se comparados com homens que mantêm relações sexuais apenas com mulheres. Atualmente, 0,4% da população heterossexual masculina está infectada pelo HIV, contra 4,5% dos que mantêm relações homossexuais”. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-homens-que-fazem-sexo-com-homens-hsh-2002>. Acesso em: 19 set. 2020.

na medida em que refletem que a solidariedade é um caminho de luta contra os movimentos de vulnerabilização da vida perante a aids.

Todos somos vulneráveis para a infecção pelo HIV, porém cada grupo necessita de atenção e cuidado próprios: pensar pelo Sul é também pensar localizado, de dentro para dentro, dialogando com o fora, o Norte, o Leste, o Oeste. E indagar: por que alguns grupos morrem mais do que outros? Por que o preconceito continua a marginalizar, esconder e ceifar em vida as pessoas vivendo com HIV/aids, levando-as a processos de adoecimentos, mortes físicas e sociais?

Será que podemos nos inspirar, na imbricação de uma educação menor (GALLO, 2002) que seja militante, coletiva e política, com a raiva transformadora do ACT UP, assim como a força e solidariedade de tantas instituições do Brasil, como o Grupo de Incentivo à Vida – GIV¹³⁴, Grupo pela Vidda¹³⁵ e a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/aids (RNP+)¹³⁶? E a partir desses contágios afectivos, em um devir-vírus, em forças coletivas-solidárias, ventar nas práticas educativas cultivadas nos encontros que se fazem nas escolas, nas mídias, nas produções audiovisuais, nos espaços acadêmicos, nos hospitais, nas ruas, nos currículos de ciências e biologia, nas boates, nas saunas, nos cemitérios. Estar atento ao que e como podemos aprender com um filme (MEYER; SOARES 2005), às pedagogias imbricadas nas narrativas cinematográficas (LOURO, 2000; MIGLIORIN; BARROSO, 2016) que racham os muros maiores. Desnortear!

“Desnortear, desejando sair de um norte, de uma direção, de uma linha de ajuste” (ANDRADE; CARVALHO, 2019, p. 929). Se perder das linhas duras que ditam caminhos certos em direções prontas, escolhidas, acabadas, na (des)construção contínua e intensa de uma liberdade-emancipatória-descolonizante que possibilite criar mundos outros pelo Sul, para o Sul, por-e-para os corpos dissidentes que tanto morreram e ainda morrem *day after day*, dia após dia. Já que o “[...] o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida” (BENTO, 2018, p. 14), nos resta gritar. Ventar com gritos que

¹³⁴ “Somos um grupo que luta pelos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS, e das populações mais vulneráveis à infecção pelo HIV”, diz a página oficial do Grupo de Incentivo à Vida - GIV em seu site. Disponível em: <http://giv.org.br/GIV/Quem-Somos/index.html>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹³⁵ “O Grupo Pela VIDDA do Rio de Janeiro (GPV-RJ) foi fundado em 24 de maio de 1989, pelo escritor Herbert Daniel. Trata-se do primeiro grupo fundado no Brasil por pessoas vivendo com hiv e aids, seus amigos e familiares”, diz a página oficial do Grupo Pela Vidda em seu site. Disponível em: <http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/quem-somos/>. Acesso em: 19 set. 2020.

¹³⁶ Para mais informações sobre a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (RNP+ BRASIL), acessar o site disponível em: <http://www.rnpvha.org.br/> Acesso em: 19 set. 2020.

acabem com os silêncios que ainda restam e insistem em invisibilizar tantas vidas e deixar morrer tantas pessoas, na potência de pensar e criar mundos outros e outros e outros...

5 120 BATIMENTOS POR MINUTO: EDUCAÇÃO, CURRÍCULOS E O QUE PODE UM FILME NOS AFETAR EM RELAÇÃO AO HIV/AIDS?¹³⁷

Este capítulo foi escrito de forma a ser direcionado ao dossiê *Sexualidades, Currículos & Cinema* da *Revista Diversidade & Educação*, espaço no qual foi publicado inicialmente. Tal organização foi mobilizada por Anderson Ferrari¹³⁸; Roney Polato de Castro¹³⁹; Felipe Bastos¹⁴⁰; e, Raphael De Boer¹⁴¹.

Um certo encanto em mim ressoou ao me encontrar com o filme *120 Batimentos por Minuto* (2017) e, a partir desses atravessamentos, percebi que seria interessante materializar em palavras escritas e reflexões teóricas o que me inquietava nele. A chamada da revista na qual ele foi inicialmente publicado trouxe elementos que permearam o texto. A inusitada proposta de tecer conexões entre os estudos que conectam a sexualidade, as produções audiovisuais e o campo dos estudos educacionais do currículo me possibilitou deslocar-me em minhas leituras, caminhando pelas vizinhanças frutíferas ao campo das filosofias da diferença, seguindo no objetivo de mobilizar educação menores em HIV/aids. Por meio do flerte com os estudos curriculares pós-estruturalistas, encontrei-me com leituras desse campo e olhei de formas outras ao filme escolhido para ser cartografado, atento às possibilidades de contaminar currículos outros, escolares ou não.

O filme escolhido para movimentar esta escrita, *120 Batimentos por Minuto* (2017), permitiu me transportar para cenas de tempos outros da pandemia de HIV/aids, conectando com as escritas presentes nesta tese relacionadas à militância em HIV/aids nas suas contagiosas

¹³⁷ Este texto foi inicialmente publicado como artigo na *Revista Diversidade e Educação*: SALES, Tiago Amaral. 120 batimentos por minuto: educação, currículos e o que pode um filme nos afetar em relação ao HIV/AIDS?. *Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 9, n. 1, p. 272-304, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v9i1.12959>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12959>. Acesso em: 16 jun. 2022.

¹³⁸ Doutor em Educação, pesquisador em “educação, gênero, sexualidade, currículo e homossexualidade” e professor na Universidade Federal de Juiz de Fora. Informações retiradas do Currículo Lattes do organizador do dossiê. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1349390714783997>. Acesso em: 04 jul. 2022.

¹³⁹ Doutor em Educação, pesquisador em “processos educativos, sexualidades e relações de gênero; artefatos culturais e pedagogias culturais de gênero e sexualidade; estudos foucaultianos e estudos pós-críticos em educação” e professor na Universidade Federal de Juiz de Fora. Informações retiradas do Currículo Lattes do organizador do dossiê. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8537816801948657>. Acesso em: 04 jul. 2022.

¹⁴⁰ Também organizador do dossiê *Dossiê Temático – Gênero, Sexualidade e Ensino de Biologia – entre práticas, políticas e resistências* da *Revista de Ensino de Biologia (REnBio)*, espaço no qual foi inicialmente publicado o capítulo 2. Doutor em Educação, pesquisador “na área de educação escolar, com foco em ensino de ciências e biologia, cultura, gênero e diversidade sexual e preconceito” e professor de ciências e biologia no Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora. Informações retiradas do Currículo Lattes do organizador do dossiê. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6430970460987731>. Acesso em: 04 jul. 2022.

¹⁴¹ Doutor em Letras/Inglês, pesquisador na “área de estudos de cinema, gênero, sexualidade, *queer*, linguagens e mídias”, e professor na Universidade Federal do Rio Grande. Informações retiradas do Currículo Lattes do organizador do dossiê. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8623129927099070>. Acesso em: 04 jul. 2022.

educações menores e, sobretudo, com as reflexões a partir do documentário *Como sobreviver a uma praga* (2012), às narrativas do coletivo ACT UP e aos movimentos de luta contra a aids das décadas de 1980 e 1990. Uma dimensão que percebi ser tratada fortemente no filme e que foi a principal a me atravessar e movimentar a presente escrita foi a da intensidade do desejo, da vida, do prazer e do tesão relacionados às existências marcadas pelo HIV e pela aids, criando narrativas outras em relação à doença, aos ambientes hospitalares, à luta e à morte.

5.1 Imagens, sons, educações: encontros

Um encontro entre corpos. Cinema? Televisão, sala de casa, quarto, computador, celular, sala de cinema, palco de festival. Um ambiente em que seja possível que o foco se direcione às imagens e sons. Uma sala escura com boa acústica, um corpo com o seu *notebook*, um celular no ônibus com um fone de ouvido. Um corpo-*humano* e um corpo-*filme* podem ganhar intensidades a partir das suas multiplicidades de encontros. Imagens, sons, narrativas, sensações. Atravessamentos. Como um filme pode nos afetar? De que maneiras estes afetos atuam em nossos corpos, subjetividades e vidas? Pensar no encontro entre corpo-e-filme é ver a vida que habita em uma produção audiovisual, nos processos que levaram à sua criação e produção, como também nas educações por ela engendradas.

O cinema e as diversas produções audiovisuais atuam nos processos de construção de nossas subjetividades, visões e experimentações do mundo e dos nossos desejos, instaurando pedagogias. Guacira Lopes Louro (2000, p. 424) trata “o cinema como uma pedagogia cultural”. Para a autora,

Muitos espaços e processos sociais, além da escola, constituem-se em instâncias educativas. As formas pelas quais essas instâncias interpelam os sujeitos diferem, contudo, daquelas em ação nas escolas e, conseqüentemente, também seus efeitos podem ser distintos. (LOURO, 2000, p. 422)

O cinema também assume-se como instância educativa e possibilidade de engendrar aprenderes, porém, seu encontro com os corpos humanos não é neutro e nem recebido em passividade, como afirma Louro (2000):

Mulheres e homens não são, diante dessa e de outras instâncias formativas, passivos receptores de mensagens, normas ou códigos. Eles e elas participam ativamente dos processos pedagógicos em ação. Distintas relações do sujeito com a imagem filmica podem ocorrer: acolhida, ruptura, conformidade, resistência, crítica ou imprevisíveis combinações dessas e de outras respostas. (LOURO, 2000, p. 424)

Diferentes conexões podem acontecer no encontro entre corpo, imagem e som. Um conceito importante para pensar nas produções audiovisuais é o endereçamento. As formas como produções audiovisuais endereçam o que se produz ao público influenciam diretamente como serão percebidas pelas pessoas e os afetos a serem agenciados. Estes endereçamentos não são lineares, nem tampouco inocentes, como afirma Elizabeth Ellsworth (2001):

As relações entre a forma como os textos cinematográficos endereçam seu público e a forma como os espectadores reais lêem os filmes não são nítidas ou puras – elas tampouco são lineares ou causais. E a busca por relações nítidas e puras, lineares e causais não é uma busca inocente. (ELLSWORTH, 2001, p. 40)

A partir das não-linearidades, confusões, diferenças e atritos, os encontros podem se potencializar.

Se fosse possível obter ajustes perfeitos entre as relações sociais e a realidade psíquica, entre o eu e a linguagem, nossas subjetividades e nossas sociedades seriam fechadas. Completas. Acabadas. Mortas. Nada a fazer. Nenhuma diferença. Não haveria nenhuma educação. Nenhuma aprendizagem. (ELLSWORTH, 2001, p. 56)

A aprendizagem acontece nas diferenças e nos encontros por elas engendrados, sejam estes agenciados pelo cinema ou pelos espaços que se propõem a desenvolver práticas educativas, como é a escola. “Que tal se, da mesma forma que ocorre entre um filme e seu espectador, a relação de um estudante com o currículo fosse um evento confuso e imprevisível que constantemente excedesse tanto a compreensão quanto a incompreensão?” (ELLSWORTH, 2001, p. 60).

Envolto nessas conexões entre os estudos pedagógico-educacionais e as linguagens audiovisuais, penso nos *encontros-educativos* que acontecem por meio dos *encontros-cinema*. Encontros entre imagens, sons, histórias e geografias. Encontros permeados por afetos que atuam na construção de subjetividades, em produções de aprendizados pelo corpo que vê, escuta e sente: um corpo que vibra. *Aulas-cinema? Currículos-audiovisuais?*

O currículo não se limita a contextos escolares, permeando outras instâncias da vida humana – e, quiçá, não humana. Pensando a partir das teorias pós-estruturalistas e suas contaminações com a educação, Tomaz Tadeu da Silva reflete que “o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (SILVA, 1999, p. 139). O autor afirma que:

Se é o conceito de “cultura” que permite equiparar a educação a outras instâncias culturais, é o conceito de “pedagogia” que permite que se realize a operação inversa. Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. [...] Da perspectiva da teoria curricular, poderíamos dizer que as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo. (SILVA, 1999, p. 139)

Para os campos dos estudos culturais, somos sujeitos imersos em uma cultura na medida em que também estamos dentro da sociedade, interagindo uns com os outros. Teço estas escritas em contaminações destes campos com as filosofias da diferença, percebendo que, nos nossos encontros, engendramos processos, criamos artefatos, bem como aprendemos a partir dessas conexões que fazemos em nossos trajetos. Essas produções culturais carregam e forjam saberes curriculares nos corpos que com elas se encontram. Sendo as produções audiovisuais também criações culturais localizadas em contextos específicos, quais saberes e práticas curriculares carregam? E quais afetos esses currículos fílmicos podem agenciar?

Tomaz Tadeu (SILVA, 2002), em outro texto, pensa no currículo a partir de leituras de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Baruch Spinoza, afirmando que:

Em geral, um currículo é definido por um conjunto de saberes. [...] E se o currículo, em vez disso, fosse concebido como um encontro, uma composição? Isso não mudaria tudo? Poderíamos começar por imaginar que corpos, os mais heterogêneos, os mais disparatados, os mais improváveis (“sorvete flambado com suspiro”), se encontram e se combinam no currículo, para compor um agenciamento-curriculo particular. [...] Corpos de todo tipo. Humanos. Animais. Animados. Inanimados. Institucionais. Lingüísticos. Uma mistura variada. Ao infinito. Encontro de corpos, considerados sempre sob duas relações: a de movimento, com maior ou menor velocidade, e a dos afectos [...]. Fazer do currículo, pois, uma pura experiência spinoziana. Deleuziana. Cultivar os bons encontros. Aqueles que nos ajudam a nos apartar do efêmero e do contingente para experimentar um gostinho do infinito e do eterno. Criar afectos e perceptos que, como as obras de arte, sejam como experiências de eternidade. Porque tem a imanência de uma vida, um currículo assim jamais deixa o solo. Mas ele se torna leve. (SILVA, 2002, p. 55-56)

Assim, me coloquei em movimentos de traçar cartografias por meio dos afetos possíveis a partir do encontro entre corpos – meu corpo, corpos-filme, outros corpos, corpos-e... –, pensando nos currículos (im)possíveis em um filme: currículos em brechas, encontros e fugas. Forjei uma cartografia audiovisual em intensidades, modulações e velocidades, misturando-se com o assistir-e-afetar-se audiovisual que permeia mais do que os olhos e os ouvidos: atravessa todo um corpo que vibra (ROLNIK, 2016), na medida em que se conecta com o filme.

Esta é uma cartografia que vai em ziguezagues (DELEUZE; PARNET, 1995) caminhando com o filme, pelo filme, vazando do filme, indo em outras direções. Como a

produção audiovisual pode me atravessar e quais afetos pedem passagem a partir desse nosso encontro? O que aprendo com as suas cenas e narrativas? De que formas sou deslocado, desestabilizando noções pré-existentes? Quais marcas são forjadas na minha subjetividade nestes encontros? Que potências as produções audiovisuais carregam de incidir nos processos de (des)subjetivação meus e de outras pessoas que com elas se encontrem? O que é possível transbordar de suas imagens e sons em aprendizagens que se façam em múltiplos espaços, como na escola?

O filme que me afetou e embrionou a produção dessa cartografia foi *120 Batimentos Por Minuto* (*120 Battements par Minute*, 2017). Produzido na França pelo diretor marroquino Robin Campillo, as narrativas presentes no audiovisual se passam nos anos 1990, também na França, em meio à explosão da pandemia de HIV/aids, em momentos em que não existiam tratamentos eficazes, sendo a infecção pelo vírus potencialmente fatal. Nessa ausência de possibilidades terapêuticas disponibilizadas pelas ciências médicas, demandava-se imensa luta coletiva e ativismo para tentar preservar a vida dos corpos infectados pelo vírus. Em cenários de horror, doença e morte, intensificados por negligências e silêncios estatais e científicos, os personagens do filme forjam territórios de enfrentamento de instituições opressoras, na luta constante pela vida, buscando afirmar seus desejos, mesclando imagens da fragilidade e finitude da vida com a força, o prazer, o desejo e o tesão de uma existência.

Apresentado no Festival de Cannes no ano de 2017 e premiado com o *Grand Prix*, a sua sinopse¹⁴² traz que:

Começo dos anos 1990. Com a aids já tendo ceifado incontáveis vidas por aproximadamente dez anos, ativistas do ACT UP – Paris multiplicam ações para combater a indiferença geral. Nathan, um recém-chegado no grupo, tem seu mundo mexido por Sean, um militante radical, que joga suas últimas partículas de força na luta.

Meu encontro com a produção audiovisual ocorreu por meio das redes sociais, ao acompanhar páginas que discutem temas relacionados à sexualidade, ao corpo, ao HIV/aids, às infecções sexualmente transmissíveis (IST) e às temáticas que se relacionem às pessoas

¹⁴² O trecho original da sinopse encontrava-se em inglês, sendo “Early 1990s. With AIDS having already claimed countless lives for nearly ten years, Act up-Paris activists multiply actions to fight general indifference. Nathan, a newcomer to the group, has his world shaken up by Sean, a radical militant, who throws his last bits of strength into the struggle”. Já a ficha técnica afirma que o responsável pela direção é Robin Campillo, pela música é Arnaud Rebotini, pelo roteiro e diálogo são Philippe Mangeot e Robin Campillo, pela direção de fotografia é Jeanne Lapoirie, pela edição do filme é Robin Campillo, pelo som é Jean-Pierre Laforce, Valérie Deloof e Julien Sicart. Tradução minha. Disponível em: <https://www.festival-cannes.com/en/films/120-battements-par-minute>. Acesso em: 25 fev. 2021.

LGBTQIA+. Ao assisti-lo, fui afetado pela potência e cuidado que este percorre por temas tão sensíveis e caros que se referem aos movimentos de luta das pessoas vivendo com HIV/aids, como também às subjetividades dos grupos historicamente marginalizados e estigmatizados, os quais mais são vulnerabilizados à infecção pelo HIV e adoecimento pela aids, assim como impactados pelo estigma e preconceito que tangenciam tal pandemia: dissidências de corpo, gênero e sexualidade perante a norma cis-hetero-branca, imigrantes, pobres, e... e... e... Por se compor em torno dessas questões, percebo tal produção audiovisual como uma importante ferramenta capaz de tangenciar a educação em ciências e biologia, tanto em espaços escolares quanto não escolares, em seus atravessamentos com questões curriculares que permeiam as dimensões do corpo, da vida, do desejo, dos vírus, da pandemia de HIV/aids e de outras IST.

O filme se passa em plena ascensão da pandemia de HIV/aids, período no qual um grande número de pessoas era acometido pela doença e morria sem ter sequer acesso a tratamentos eficazes. Trilho essas cartografias durante outra pandemia¹⁴³ que também deixa milhões de mortos mundo afora. Busco possibilidades de fuga de um deserto-subjetivo instaurado em territórios pandêmicos¹⁴⁴, cerceando os desejos e a vida que em nós habita.

Imbricar nas cartografias audiovisuais é estar aberto às forças e potências que vibram no filme, aos afetos que me atravessam, estando atento às linhas duras instauradas e às possíveis brechas e linhas de fuga a serem produzidas, fugindo da pretensão de construir certezas absolutas. Cartografar em fugas?

“Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada”, afirmam Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998, p. 30). Nessas fugas-cartográficas pelos trajetos audiovisuais, não busco trazer certezas nem instaurar verdades concretas sobre uma produção, mas pensar com ela, aquém e além dela, a partir dela, em conexões com o que vaza e contamina quem assiste. A partir de narrativas que ressoam acontecimentos ficcionais do passado, me afeto em movimentos para pensar no contemporâneo, no que nos atinge agora, buscando desestabilizar imagens e noções que insistem em permanecer, associadas às moralidades que estigmatizam as experiências afetadas pelo HIV e pela aids.

¹⁴³ Em referência à pandemia de covid-19.

¹⁴⁴ Inspirado em Paulo Buenoz (2009).

5.2 Trajetos: Cartografias em batimentos, cenas e afetos

Silêncio. Batimentos. Velocidades. Conversas no escuro. No silêncio, força para o grito, o protesto, o posicionamento, a manifestação. O caos toma conta das cenas iniciais, instaurando outros ritmos. Um corte. Na cena seguinte, ocorre uma apresentação do coletivo ACT UP.

O filme se passa na França, em meio às movimentações do ACT UP em Paris. Participar do movimento militante era automaticamente ser visto, lido, reconhecido, marcado e rotulado como soropositivo para o HIV. As cenas iniciais são acompanhadas por uma tensão a todo momento entre vida e morte, saúde e doença. Nas cores vibrantes que as compõem, surgem anúncios de óbitos. A morte é tida pelos militantes como política, sendo uma marca do coletivo-ativista, para lembrar a todo momento que uma pandemia estava em curso e matando tantos diariamente.

Cenas que inquietam em pulsações, imagens e afetos. Vida-sangue. Coletivo-protesto. Protesto-sangue. Protesto-vida. Protesto-celebração-vida em meio à morte. Protesto-raiva em meio à vida. Protesto em defesa da vida, impulsionado pela raiva, raiva-política. Diálogos, atritos, impasses que movimentam um coletivo-manada.

Franny ouve uma emissão sobre lobos. Eu lhe digo: gostarias de ser um lobo? Resposta ativa – é idiota, não se pode ser um lobo, mas sempre oito ou dez lobos, seis ou sete lobos. Não seis ou sete lobos ao mesmo tempo, você, sozinho, mas um lobo entre outros, junto com cinco ou seis outros lobos. O que é importante no devir-lobo é a posição de massa e, primeiramente, a posição do próprio sujeito em relação à matilha, em relação à multiplicidade-lobo, a maneira de ele aí entrar ou não, a distância a que ele se mantém, a maneira que ele tem de ligar-se ou não à multiplicidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 54-55)

Um devir-lobo, como propõem os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). Devir-lobo pela força em manada. Não se é lobo sozinho, assim como não se luta nesse ativismo em defesa da vida individualmente. O coletivo é a potência e força da matilha, não aniquilando subjetividades, mas movimentando e ganhando impulso pelas diferenças e, também, pelos atritos e explosões. Entre correntezas de conservadorismo, ódio e invisibilidade da doença, o grupo grita, rumina, flui, faz ecoar intensidades e tensionamentos que, na maioria das vezes, produzem estranhamentos, ruídos, estrondos, desconfortos.

Cenas de reuniões que se misturam com protestos. Invasões de laboratórios, rompendo com a hierarquia exploratória e mortífera das grandes farmacêuticas por meio de explosões de vida. Narrativas de uma manifestação dentro de um grande laboratório e sede de uma indústria, presentes na Imagem 23. Invasão ou ocupação do poder-farmacêutico-científico? Tentativa de

subverter as relações estabelecidas, de pegar para si a tecnologia lá produzida antes que seja tarde demais.

Bombas de tinta cor-de-sangue mancham, contaminam e marcam por onde os ativistas passam. O sangue que permite a vida e movimenta o corpo, também potencialmente ocupado por vírus e outros seres diminutos, conecta com imagens da aids, do sexo, do prazer e da dor.

Imagem 23 – Protestos: invasão-ocupação laboratorial



Legenda: Sequência de dois registros de cenas dos minutos 19 e 20 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

As cenas migram do confronto no protesto no laboratório ao atrito em espaços públicos, em aglomerações, risos e conversas dos ativistas enquanto andam de metrô, sendo atravessados por olhares cortantes de outros personagens no vagão, que questionam e tentam conter as suas presenças. Existências estas que fogem à heteronormatividade: gays, vivendo com HIV e aids, marginais. Confronto em vidas-protesto.

Cenas que continuam pela cidade de Paris vista através da janela do metrô. Rapidamente, acontecem uma pausa e mudança de foco, sem que as imagens parem, para que um personagem ingira os seus comprimidos. “Há momentos que me dou conta de como a aids mudou minha vida. É como se eu vivesse mais intensamente as coisas, como se eu visse o mundo de outro modo. Como se ele tivesse agora mais cores, mais barulhos, mais vida. De manhã, principalmente” relata Sean¹⁴⁵ logo após tomar suas pílulas. Há vida ali, onde se diz não haver. Tal reflexão-desabafo rapidamente cede espaço para risos que desencadeiam afetos em movimentos que migram da sensibilização à ironia. Na irônica fala de Sean, deixa-se no ar micropartículas de dúvidas de até onde a aids mudou sua vida ou não, porém acordar pelas manhãs continua sendo difícil, talvez mais até do que antes, relata o personagem.

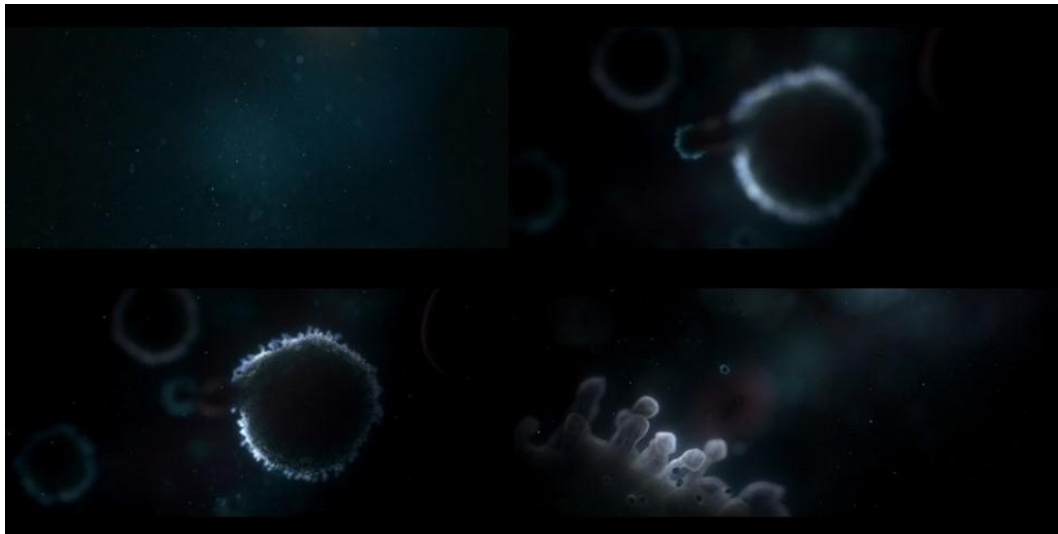
A partir da fala de Sean, antes da virada irônica, recorro da reflexão desenvolvida por Gilles Deleuze ao ser entrevistado por Claire Parnet em seu abecedário (1995), relatando que a

¹⁴⁵ Fala realizada nos minutos 22 e 23 do filme.

doença e uma “saúde fraca” o auxiliaram no processo de estar à escuta da vida. Esta fragilidade desencadeada por processos de adoecimento pode engendrar sensibilidades outras em relação ao mundo. Na infecção, no diagnóstico e no adoecimento existe vida, não na iminência de seu fim – mesmo que corra este risco –, mas no transbordamento, na imanência e potência pura que uma vida é (DELEUZE, 2002).

As cenas no metrô se misturam com *flashes* de dança, boate e música. Flertes, luzes, vidas pulsantes. Beijos intensos em movimentos de celebração, em ecstasy-vida. Micropartículas podem ser vistas pela luz povoando todo o território. Vírus? Na Imagem 24, é possível ver partículas compondo paisagens virais. Adentrando vidas, corpos e histórias, as diminutas existências viralizam e compõem paisagens.

Imagem 24 – Partículas-vírus ou paisagens-virais



Legenda: Sequência de quatro registros de cenas dos minutos 25 e 26 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

No filme, o vírus e a aids também são personagens e compõem paisagens multiespécies, como propõe a antropóloga Anna Tsing (2019). A autora afirma que “A paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado” (TSING, 2019, p. 17). Vírus, microscópicas possibilidades de “vida”¹⁴⁶, compõem as paisagens audiovisuais, participando de histórias, afetando vidas humanas e não humanas, mutando-as e transformando-as, atuando em subjetividades e formas de existência.

¹⁴⁶ Coloco entre aspas o termo “vida” que se refere ao vírus em decorrência das discussões presentes nas ciências biológicas acerca da categorização ou não do vírus como ser vivo, questão esta que não é foco neste trabalho. Questiono nesta tese: O que é uma vida?

Vírus que adentram corpos, percorrem os órgãos e infectam as células de defesa. Microvidas capazes de causar intensas mudanças, desvios, transformações, mutações e estragos. A aids, doença que levou e continua levando tantos à morte, também entra como personagem e compõe os territórios corporais, subjetivos, geográficos e históricos. Vidas afetando outras vidas e carregando a possibilidade de encerrar uma existência, mas também de imbricar em formas outras de lidar com o estar vivo, com o constituir um corpo e com o habitar o mundo.

As cenas que se seguem permeiam estudos em bando, novamente em devir-lobo. Os ativistas debruçam-se sobre temas como antirretrovirais, transcriptase reversa, moléculas, infecções, contagiando-se com conhecimentos biomédicos-científicos em desejos de instaurar resistências ao poder médico. Ódio ao poder-médico, como comenta Deleuze: “Tenho um profundo ódio, não pela pessoa dos médicos que, em geral, são encantadores, mas pelo poder médico e pela maneira como usam este poder” (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 49). Mas, como reflete o filósofo francês Michel Foucault (2013, p. 155-156), “não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente”. A vida cria possíveis fugas e enfrentamentos entre redes capilares que tentam capturá-la, em tramas de poder-e-resistência.

Os movimentos sociais do ACT UP, nas narrativas filmicas, se fortaleciam em uma educação militante e menor (GALLO, 2002) pelo estudo coletivo, como na Imagem 25, por meio da compreensão dos territórios científicos que, mais do que nunca, adentravam e precisavam adentrar os corpos-vivos naquele momento infectados pelo HIV. As novas moléculas bioquímicas antirretrovirais carregavam a potência da esperança ao possibilitarem outras formas de tratamento ao HIV e à aids que fossem mais fortes e eficazes que os poucos medicamentos naquele momento disponíveis.

Imagem 25 – Educação militante: saberes e práticas em resistências



Legenda: Registro da cena presente no minuto 27 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Cenas de diálogos que se entremeiam com chuva, plantas, água em gotículas, micropartículas que molham e povoam o solo, na medida em que o alimentam. Conversas discutem as possíveis esperanças de fuga ao AZT¹⁴⁷, antirretroviral disponível naquele momento como tratamento para a infecção pelo HIV, porém apresentando pouca eficácia, alta toxicidade e muitos efeitos colaterais. A ânsia por novas opções de tratamento aumenta e a luta pela vida também. Tais dimensões de militância constituem-se a partir do coletivo que não se conforma com tal contexto o qual está inserido, demandando mobilizações para nele incidir, e é justamente nesta coletividade, em micropolíticas ativas (ROLNIK, 2018) que reside o potencial educativo dessas experiências.

O jovem Nathan questiona, nesta cena do diálogo, por estudos relacionados às vacinas para o HIV. Em tons de sarcasmo, é respondido que o coletivo foca a sua atenção em outras questões além dos imunizantes, pois muitos não tiveram tempo de esperá-los. As demandas são urgentes, não negando a importância da vacina e de diversas possíveis formas de prevenção, mas, naquele momento, a atenção voltava-se para remédios que impedissem que mais vidas fossem rapidamente levadas pela aids.

Enquanto o diálogo continua sobre vacina e outros trâmites do grupo, um integrante silenciosamente vai desfalecendo e cai no chão. O personagem é Jérémie, um jovem homem gay que, segundo as narrativas filmicas, fora infectado recentemente e, rapidamente, apresentou graves pioras. Nas cenas, ele é levantado com auxílio de seus novos companheiros de militância. Há pouco chegara ao coletivo trazendo muitas dúvidas. Entre o desejo por imunizações para evitar a infecção, a urgência explode de um corpo que, em pouco tempo de convivência com o vírus, é enfraquecido e fragilizado.

As cenas seguintes se passam em novas reuniões enquanto Jérémie apalpa silenciosamente seus gânglios no pescoço e toma uma pílula, em meio ao cotidiano-militância e suas demandas. As reuniões consistem em encontros que acontecem entre corpos marcados pela aids e diretamente por ela afetados e, mesmo nessa condição histórico-politicamente produzida de marginalização, preconceito e estigma, também vivenciam discriminações e negações realizadas dentro das próprias condições de dissidência: ativistas relatam que, ao tentarem divulgar medidas de prevenção à infecção, foram agredidos por homossexuais que não queriam ser associados à pandemia de HIV/aids. Mas como grupos socialmente excluídos e

¹⁴⁷ AZT é abreviação para o medicamento antirretroviral zidovudina, um dos primeiros a serem disponibilizados para tratamento da infecção pelo HIV e adoecimento pela aids.

vulnerabilizados assumem posturas de negação das condições às quais foram submetidos? Talvez, revisitar a história da pandemia possa ajudar a compreender essas cenas.

A chegada da aids coincidiu com o fortalecimento dos grupos conservadores que, no caso dos Estados Unidos, se integraram na campanha e, posteriormente, na gestão de Ronald Reagan na presidência (1981-1989). A aids tinha tudo para se tornar um alvo preferencial. [...] Sua transmissão se deu, em um primeiro momento, por via sexual, e ela logo se espalhou no meio homossexual. Para os conservadores, isto só poderia ser resultado da depravação e da decadência dos costumes. (JARDIM, 2019, p. 42-43)

O conservadorismo abocanhou a aids como um prato cheio para nutrir suas posturas violentas e estigmatizantes em relação aos corpos já marginalizados, como de homossexuais, pessoas trans e travestis, prostitutas, negros e usuários de drogas. “Incide sobre a AIDS, como uma luz que não elabora contornos, indefinidos fluxos de problematizações sociais que ela parece reunir; como um – lago ou um abismo – que recebe muitos afluentes nascidos em locais muito diferenciados”, afirma o escritor e ativista Herbert Daniel (DANIEL; PARKER, 2018, p. 90), ao refletir nas tantas camadas de preconceito que existem em torno da doença, criando um imenso estigma e violência institucionalizada ela associado.

Talvez, por viverem entre tantas condições de marginalização e violência social, com subjetividades feridas com tamanha dor e estigma, estes sujeitos homossexuais das cenas do filme – como também de tantos cenários fora da ficção existentes no passado e presente – possam preferir tentar se esquivar da associação realizada violentamente entre eles e a aids. Ligação esta que foi criminosa, rotulando homossexuais como corpos castigados pela doença, como reflete Jardim:

A peste e a aids foram, nessas visões, castigos diferentes enviados por Deus para corrigir os pecados dos homens. O flagelo da peste foi lançado contra comunidades inteiras, como os egípcios no caso do Êxodo, e os habitantes de Londres e de Orã, nos livros de Daniel Defoe e de Camus. Já a aids atacou determinados setores da população – os grupos de risco. Foram quatro esses grupos: homossexuais masculinos, usuários de heroína, hemofílicos e haitianos. Por este motivo, a aids foi chamada de “doença dos quatro h”. A noção de grupo de risco foi criada pela Epidemiologia em meados do século XX. Inicialmente, ela serviu para indicar a probabilidade da ocorrência de uma doença, ou de qualquer outro fator relacionado à saúde em uma população, durante um período de tempo. Era uma indicação estatística. Com a chegada da aids, vários outros significados se agregaram, desvirtuando o conceito original. A noção de grupo de risco deixou de ter um valor estatístico e passou a designar entidades culturalmente definidas, como homossexuais e usuários de drogas injetáveis. Estas comunidades, definidas na forma de tipos – o gay, o drogado – já não eram consideradas sujeitas a risco, mas passaram a ser elas próprias um perigo para o resto da população. Apenas mais um passo e atribuiu-se a elas a responsabilidade pela doença. (JARDIM, 2019, p. 44)

Excluídos e marginalizados, os grupos mais afetados pela aids encontravam-se intensamente vulnerabilizados por estas condições – sociais, históricas, morais, religiosas... – às quais foram submetidos. Surge então uma densa trama a se desenrolar: como discutir sobre prevenção e vulnerabilidade às infecções sem rotular estes grupos mais afetados como os únicos possíveis de serem infectados pelo vírus? Tramas delicadas, pois, naquele momento, era urgente pensar em medidas para frear a pandemia viral, porém a pandemia subjetiva também ganhava força ao estigmatizar ainda mais estes corpos já excluídos socialmente.

As cenas se seguem com diálogos em propostas para festas-militâncias coletivas, para uma parada que tomará as ruas. Um *slogan* é sugerido: “Talvez seja a minha última parada”. A finitude da vida é deixada mais nítida a partir da doença e a frase sugerida considera esta fragilidade intensificada pelo vírus.

Segue-se com um corte. Entre a preparação-festiva e a celebração, a cena seguinte ocorre em uma escola. Pode-se dizer que todo o filme é educativo pelas fissuras que provoca e nos afetos que engendra, mas este embate com as perspectivas de educação escolar é um marco: o coletivo organiza uma invasão-forçada em uma sala de aula de jovens, sem a autorização da direção, contrariando uma educação maior para poder falar de prevenção, aids, sexualidade e cuidado com a vida. Sobre a educação maior, o filósofo e educador Sílvio Gallo (2002) afirma que:

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, [...] pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos. (GALLO, 2002, p. 173)

Em meio à educação maior “a serviço do poder” (GALLO, 2002, p. 173), acontece uma ruptura, uma fissura nos muros institucionais, uma rachadura dos paradigmas morais, da dureza escolar, do conservadorismo, dos olhares que reprimem e que estigmatizam, na medida em que também produzem modos de ser marcados por tais violências. Uma tentativa de quebra do estigma. Ao adentrarem de forma forçada nas salas de aula, os ativistas instauram uma educação menor. Sobre tal possibilidade, Gallo (2002) afirma que:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO, 2002, p. 173)

Os militantes em seus movimentos de matilha, em devir-lobo, instauram uma educação menor. Os professores entram em choque, em estados de revolta e raivosidade em relação à ação política que lá ocorria por meio do ataque dos ativistas. Muitos alunos se interessam pelos temas até então marginalizados, excluídos e silenciados. Outros entram em negação de suas capacidades biológicas e sociais de serem afetados pelo vírus, como se a aids fosse apenas uma questão do outro, e não algo possível de acometer a qualquer um.

Percebo que o filme como um todo imbrica educações menores na medida em que agencia narrativas de resistências perante as educações moralizadoras, instaurando possíveis fugas e criando outras formas de mobilizar tais questões. Ele possibilita tangenciar noções minoritárias aos agenciamentos de saberes importantes a serem vividos em-pelo cinema e conecta com diversas potências em educações menores, sobretudo em ciências e biologia, nas suas reverberações na saúde e em HIV/aids¹⁴⁸, atravessando múltiplos currículos.

As cenas seguem com Nathan distribuindo materiais informativos sobre prevenção sexual durante o protesto no pátio escolar. Ele oferece-os para uma aluna e é repreendido em um gesto preconceituoso dela que, ao se reconhecer heterossexual, entendia equivocadamente que não precisava se proteger e prevenir, pois não poderia ser infectada pelo HIV e acometida pela aids.

Logo após a fala estigmatizada e equivocada, uma cena instaura um corte entre homofobia e desejo. Sean beija Nathan em sua boca no meio do pátio escolar, retomando o gesto de afeto ativo e desejo para este território educativo repleto de moralidades e conservadorismo. A professora e pesquisadora Bell Hooks (2013, p. 262) afirma, ao refletir na importância do erotismo na educação, que “quando Eros está presente na sala de aula, é certo que o amor vai florescer”. A potência do desejo traz força para seguir em lutas coletivas em educações menores, seja nas salas de aula, nos pátios escolares, nas ruas, nos grupos de discussões, nas militâncias coletivas e nas narrativas audiovisuais.

¹⁴⁸ Outros importantes trabalhos que dialogam com estas discussões são: *EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENOR: análise de uma proposta de experimentação diante a epidemia de hiv e aids* de Vinícius Colussi Bastos (2020), no qual o autor reflete acerca de possibilidades de uma educação em saúde e HIV/aids menor; *Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor* de Sandro Prado Santos e Matheus Moura Martins (2020); *Sexualidades e gêneros e educação em biologia menor e cartografias de suas pequenas redes em livros didáticos – PNLD/2018* de Sandro Prado Santos, Fabrício Aparecido Gomes da Silva e Matheus Moura Martins (2021); e *Educação em biologia menor: livros didáticos e redes possíveis de desterritorialização de gêneros e sexualidades* de Sandro Prado Santos, Elenita Pinheiro de Queiroz Silva e Matheus Moura Martins (2021), sendo que estes três últimos trabalhos cartografam as conexões entre ensino de biologia, gêneros, sexualidades e educação em biologia menor.

Uma nova quebra. Cenas de dança, música, luzes. Vida. Um filme que fala de aids é – ou, ao menos, deveria ser –, antes de tudo, um filme que fala de vida. De vida que pulsa em batimentos que aceleram dentro do peito, do corpo, do beijo, do atrito dos corpos. Vidas que pulsam, que movimentam-se pelo tesão. Tesão esse que pode descarrilar-se em movimentos mortíferos, mas, sem ele, não existe vida. *120 Batimentos Por Minuto* (2017) é um filme sobre contaminações: “uma experiência de relação com o outro, seja esse outro alguém que se expõe às contaminações com a vida ou alguém que as evita através das estratégias defensivas as mais variadas”, como reflete o artista Paulo Buenoz (2009, p. 235) ao relatar as experiências de um CorpoCobaia em uma pesquisa de novos remédios para a aids.

Novamente um beijo. Cenas que migram da boate para o quarto de Sean, acompanhado de Nathan. Uma transa sorodiferente¹⁴⁹, um diálogo sobre prevenção. Cuidados em múltiplas formas de contatos entre-corpos que fogem à falocêntrica percepção das relações sexuais como apenas penetração peniana. Prevenção no sexo oral pelo também uso do preservativo externo. Prazer além de qualquer medo ou risco. “Positivos / e vivos / de pulso e impulso / e vão sem medo” (PÊRA, 2018, p. 140). Diálogo, conversa, troca, abertura. Ressonâncias do desejo contaminadas com a dor que permeia e é permeada pela aids. Uma fuga à condenação da morte social ao se infectar pelo HIV, “poder de contornar o deserto subjetivo que se desenha em torno da AIDS, em sua relação com o(s) outro(s), qualquer (quaisquer) que seja(m), quanto este(s) teme(m) o contágio” (BUENOZ, 2009, p. 235).

Conversas entre Sean, uma pessoa que vive com HIV, e Nathan, uma pessoa que, até onde saiba, não vive com HIV. Ambos se envolvem corporalmente e afetivamente. Dialogam sobre cuidados mútuos. Nas relações sexuais, práticas consentidas – excluindo casos de abusos e violências –, os sujeitos lá envolvidos são responsáveis por suas escolhas: usar ou não o preservativo, como também outros métodos de prevenção, são decisões em movimentos de corresponsabilidade de todos. Sean, ao relatar como se infectou, comenta que “quando você contamina alguém, você é 100% responsável. Quando você é contaminado, também”¹⁵⁰.

Saliento que o termo “contaminar/contaminação” pode carregar uma carga de estigma e preconceito, existindo discussões, principalmente nos movimentos sociais de HIV/aids, sobre a problemática de usá-lo, podendo participar da associação dos corpos vivendo com HIV/aids às noções estigmatizantes de “sujeira” e “impureza”. Também existem ações de resistência em tentativas de criar outros sentidos para o uso da palavra e pensar na potência – artística, poética,

¹⁴⁹ Utiliza-se o termo sorodiferente para relações em que uma pessoa tem sorologia positiva para o vírus HIV e a outra pessoa não.

¹⁵⁰ Fala presente no minuto 49 do filme.

e... – da “contaminação”, produzindo discursos e práticas menores a fim de fugir de noções higienistas de limpeza e pureza as quais, muitas vezes, permeiam as práticas pedagógicas realizadas nas aulas de ciências e biologia. Particularmente, prefiro o uso de “infectar/infecção” quando penso, escrevo e falo em infecções virais, como pelo HIV, ao invés de “contaminar/contaminação”, por entender que corpos vivendo com quaisquer vírus-biológicos – seja o HIV, Sars Cov 2, dentre outros – não foram contaminados pelos vírus, mas sim infectados. No caso da fala presente no filme, o termo utilizado foi “contamina/contaminado” (*contaminé*, em francês) e escolhi mantê-lo.

Nestas cenas, as imagens do filme focam nos corpos, também no preservativo, no prazer e no gozo. Retratos de sexo, diálogo e memórias. Os corpos-nus, experimentando-se, movimentando os seus desejos, são permeados por histórias, lembranças, dores e delícias. O Sarcoma de Kaposi, um comum em pessoas com aids caracterizado pela presença de grandes manchas escuras, povoa as cenas, tanto nas recordações de Nathan de outras transas, quanto no desabafo de Sean, relatando também ter o câncer em algumas partes do corpo.

Novos cortes acontecem em direção a cenas festivas, em uma parada de celebração nas ruas, como na Imagem 26. Mistura-se o protesto, a festa e o desejo. Remédio? Drogas? Gritos? Vidas? Tudo isto e muito mais, misturados em euforias. Tudo, menos a morte. Talvez porque a morte se dissolva nestes trajetos cinematográficos como apenas um acontecimento dentre tantos outros, um fragmento da vida, seja ela em decorrência da aids ou não. Brilhos de celebração viralizam pelas cenas.

Imagem 26 – Celebração-viral ou contaminações de vida



Legenda: Sequência de seis registros de cenas presentes nos minutos 56 e 57 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Novas mudanças. Cenas de reuniões. Atritos entre a militância e os laboratórios farmacêuticos. Desavenças dentro da própria militância. Os territórios atravessados pelo filme estão repletos de disputas a todo momento. Nele, o tesão e a tensão coexistem, se entremeiam, tensionam, misturam e se separam. Me recordo de algumas mobilizações agenciadas no artigo *Entre tesões, tensões e prevenções: HIV/aids e contaminações com as obras da artista Adriana Bertini*, publicado na *Revista ClimaCom*:

Talvez sejam pelas mesmas porosidades e fissuras que nos deixam mais vulneráveis às contaminações que encontremos fugas para pensar em caminhos possíveis por onde o desejo encontre passagem, sendo terreno fértil para a proliferação de embriões de possibilidades de viver e de ter tesão em meio às tantas tensões. (SALES, 2020a, p. 26)

A morte, parte de uma existência, dissolvida viralmente pelos trajetos fílmicos, em alguns momentos ganha maior intensidade. Falar de aids é falar de vida. Falar de vida é falar também de morte. Falar de aids é falar de morte. Tantos milhões que faleceram, tantos milhares que continuam perdendo suas vidas todos os dias. O adoecimento e óbito fazem parte

intensamente deste momento em que se passam as narrativas audiovisuais, no início da década de 1990, em que a militância convive com incontáveis perdas e lutas diárias.

Na continuação do filme, Jérémie e Sean têm seu estado de saúde agravado. As cenas se misturam com registros documentais de protestos do ACT UP. Em instantes, Jérémie adocece, é internado e morre. Uma morte que afeta todos pela velocidade que ocorreu, pela impotência de pouco ou, muitas vezes, nada poder fazer para impedi-la. Um luto político é organizado para marcar a perda que a matilha sofreu pela morte do companheiro militante. A partir de tais acontecimentos, questiono: como é viver próximo da aids, da infecção e da morte em potencial? Como estes sujeitos que experienciaram tais situações foram por elas marcadas? E, contemporaneamente, de que maneiras vive-se proximamente ao vírus? Não estaríamos, todos nós, (con)vivendo com o HIV e, também, de múltiplas formas, impactados pelos discursos e práticas em torno da aids?

Em carreata pelas ruas de Paris (Imagem 27), o coletivo segue em gritos, em movimentos de memória, defesa da vida e protesto em relação ao caos pandêmico vivido e tanto negligenciado.

Imagem 27 – Lutas e lutos políticos

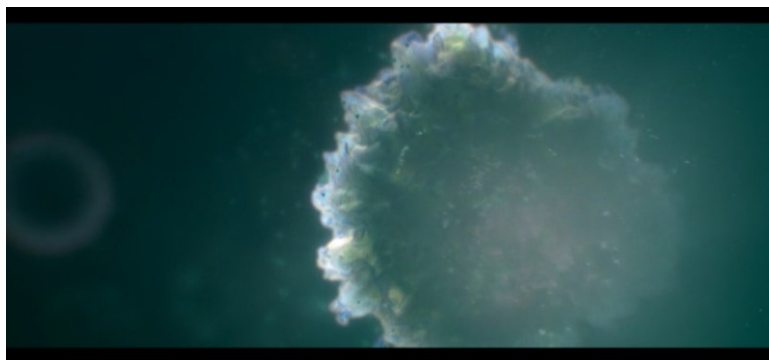


Legenda: Sequência de dois registros de cenas presentes nos minutos 73 e 74 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Do velório-político pelas ruas, um deslocamento em closes transporta as próximas cenas para a cama, onde Sean e Nathan, em tons frios-escuros, se olham em silêncio. A imagem de um anticorpo repleto de micropartículas virais toma conta da tela (Imagem 28), se dissolvendo em líquidos e pessoas nadando. Quanto tempo resta para cada um?

Imagem 28 – Devires: danças anticorpos-vírus



Legenda: Registro de cena presente no minuto 74 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Uma reunião repleta de atritos preenche as cenas seguintes. Pautas múltiplas e, em muitos momentos, também conflitantes constituem o coletivo ACT UP. Um ato rapidamente reprimido que tentava distribuir seringas descartáveis para usuários de drogas injetáveis, em tentativas de prevenção entre tantos moralismos¹⁵¹.

Kelly Gavigan e colaboradores (2015) refletem nas educações existentes e emergentes dos movimentos de HIV/aids, pensando em uma pedagogia do tratamento e na urgência de se desenvolver uma pedagogia da prevenção.

O conceito de pedagogia do tratamento desenvolvido por ativistas de HIV/AIDS no início da expansão do tratamento para o HIV, reconhece a necessidade de fazer mais do que simplesmente “colocar comprimidos dentro do corpo das pessoas”, hoje precisamos desenvolver a pedagogia da prevenção para facilitar a resposta e o empoderamento daqueles em risco de infecção pelo vírus. A pedagogia do tratamento foi desenvolvida para ajudar as pessoas a transformar a promessa de acesso a tratamento em uma realidade em suas vidas. É igualmente importante, hoje, incorporar a pedagogia da prevenção no esforço pelo “fim da AIDS”, e permitir que os milhões em risco de infecção pelo HIV assumam o controle de todo o leque de opções de prevenção disponíveis. (GAVIGAN *et al.*, 2015, p. 4)

Estas pedagogias do tratamento buscavam “transformar as pessoas HIV positivas em donas do seu próprio tratamento” (GAVIGAN *et al.*, 2015, p. 4), empoderando-as. Estes movimentos sociais também lutavam para construir estratégias de prevenção que melhor os atendesse, fugindo de discursos biomédicos estigmatizantes e que limitavam a vida a processos biológicos, e o HIV/aids às questões infecciosas.

¹⁵¹ Tais atos estão ligados às questões em torno da redução de danos, mobilizadas no Brasil por serviços da rede de atenção à saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs), importantes na luta antimanicomial e defesa das minorias no país.

A pedagogia da prevenção, segundo a definição que adotamos aqui, vai muito além da capacidade de ler. Inclui a capacidade de processar e avaliar informações de saúde para tomar decisões baseadas no que é melhor para cada pessoa, de negociar e exigir o direito a essas opções e de discutir essas decisões com os parceiros e pares. A capacitação para a prevenção não significa apenas o processamento das informações, mas um processo de “conscientização” e de empoderamento que permite às pessoas colocarem os conhecimentos em prática. (GAVIGAN *et al.*, 2015, p. 13)

Nos trajetos-militantes do filme, as narrativas audiovisuais atravessam o que entendo como possibilidades de pedagogias do tratamento e da prevenção, inspirados em Gavigan e colaboradores (2015). No tratamento, estas pedagogias acontecem ao empoderarem as pessoas vivendo com HIV e aids para terem acesso aos medicamentos disponíveis e lutarem pelos que ainda estavam em fase de testes, também adentrando laboratórios e enfrentando grandes indústrias farmacêuticas e o Estado que se silenciava perante um genocídio. Na prevenção, tais pedagogias ocorrem ao abordar-se o uso do preservativo associado ao desejo, ao não colocar a pessoa com aids como sujeito sem vida e desejos, também ao protestar nas ruas, becos e escolas, discutindo acerca de diferentes possibilidades de transmissão e prevenção ao HIV/aids. São pedagogias que percebo como menores – inspirado em Gallo (2002) e na discussão de uma educação menor –, articulando saberes científicos com a complexidade da subjetividade humana.

A aids e o vírus são personagens presentes no filme que vão se entremeando por todas as cenas. Nathan relata como a doença perpassa sua vida sexual desde as suas primeiras relações, mesmo não tendo se infectado. Uma presença que afetou subjetividades diversas em corpos que vivem e convivem com o HIV. Enquanto Nathan relata sobre uma revista que teve contato anos antes, aparece em cena imagens de um casal gay aparentemente saudável e, posteriormente, o mesmo casal com um dos dois em estado terminal de aids. Essas fotos se referiam a Kenny Ramsauer, uma pessoa que faleceu em decorrência da aids e tornou-se uma figura emblemática ao ter fotos publicadas de seu corpo todo desconfigurado pelo adoecimento. Em *flashes*, aparecem registros dele com o rosto modificado e disforme, e a pele repleta de manchas de Sarcoma de Kaposi. Será que estas pedagogias do medo que se instauravam naquele período, lembradas no filme, perduram até hoje? E em quais espaços? Como as instituições médicas atuam nestes processos? De que formas a escolarização e, sobretudo, as disciplinas de ciências e biologia também participam da manutenção e atualização de tais discursos e práticas pedagógicas em torno do horror e do pânico? Nas narrativas fílmicas, ao ressoarem em torno do discurso de que todos os homossexuais morreriam em decorrência da aids, tais educações

maiores levaram Nathan a ficar anos se restringindo nas suas experimentações corporais de desejo e prazer.

Nas próximas cenas Sean vai enfraquecendo gradativamente em decorrência da aids enquanto Nathan cuida dele. São movimentos em pedagogias de carinho e acolhimento, afectivos em suas menoridades. Ocorre um corte no filme entre Sean na cama recebendo líquidos intravenosamente com a ajuda de Nathan e os dois em uma boate com música e som. Em seguida, uma nova mudança nas narrativas audiovisuais transita para uma reunião. Sean está cada vez mais fraco. Durante uma reunião do coletivo-militante, *flashes* de memórias povoam as cenas: Sean em consultas médicas, Sean em um hospital. Quanto tempo resta? Quantos anticorpos? Seu corpo sobreviverá ao Sarcoma de Kaposi, às infecções oportunistas?

Imaginações que materializam-se em cenas de festas, paradas... Mas, novamente, uma questão me inquieta: Quanto tempo resta para Sean? Quanto tempo resta a tantos os outros infectados pelo vírus? Será que conseguirão sobreviver até que os laboratórios farmacêuticos liberem os medicamentos há anos pesquisados, mas morosamente dificultados para que cheguem às pessoas acometidas pela aids?

Cenas de uma viagem à praia. Junto de Sean e Nathan, também vai uma sacola de objetos biomédicos. Uma última viagem ao mar? Uma quebra. Sean aparece na cena seguinte novamente em um hospital. Furos na pele, exames, um corpo magro medicamente escrutinado enquanto assiste na televisão notícias de um mundo lá fora, transbordando os muros do hospital, assim como desejava Caio Fernando Abreu em suas primeiras cartas para além dos muros (2014). Uma visita, diálogos sobre dor, infecção e remédios que possam aliviar a, naquele momento, insustentável e destrutiva doença que devora o corpo de Sean. A primeira visita vai embora e Nathan chega. Sean está muito mal, com dores e diversas infecções oportunistas.

“Tudo dói. Não sei mais se é febre ou medo ou ambos. Eu estou com medo. Eu estou com muito medo o tempo todo”¹⁵², desabafa Sean enquanto chora, acompanhado de Nathan. Nathan se aproxima e o beija em sua boca. A mão de Nathan adentra a calça de Sean, que permanece deitado na cama hospitalar, magro e com manchas de Sarcoma de Kaposi espalhadas pelo corpo. Enquanto se acariciam, Sean treme de prazer entre resquícios das lágrimas que existiam momentos atrás. Um gozo nítido aparece em cena, juntamente dos risos dos dois. Sean, em estado avançado de aids, repleto de marcas causadas pelo câncer e de infecções oportunistas, é visto e reconhecido por Nathan como uma pessoa viva, dando vazão para seus desejos, seu prazer, sua existência, seu tesão (Imagem 29).

¹⁵² Falas presentes no minuto 107.

Imagem 29 – Transa ou desejos em fluxos entre corpos-vivos



Legenda: Sequência de dez registros de cenas presentes nos minutos 109 e 110 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

O desejo e o prazer relacionados à aids, no filme, são permeados por dispositivos biomédicos e marcas do corpo, compondo as experiências subjetivas afetadas pela pandemia

de HIV/aids. Uma vigília médica adentra a vida, mas não consegue limitá-la. Estes corpos permeados pelos olhares médicos insistem em manter-se vivos enquanto lá existir a potência de assim permanecer. O antropólogo Néstor Perlongher (1987, p. 92, grifos meus), ao refletir sobre as tramas biomédicas em torno da aids, pensando na aids como um dispositivo, afirma que “a vida não se mede apenas, como quer a instituição médica, em termos de prolongação da sobrevivida (ou da agonia), mas também em intensidade do gozo. *A dimensão do desejo não deveria ser negligenciada, se é que se trata de salvar uma vida*”. Enquanto existe vida, ela não deve e nem pode ser negligenciada caso a intenção seja a preservação de uma existência. Silenciar e esconder a intensidade do gozo e a dimensão do desejo, como reflete Perlongher (1987), é caminhar em direção à morte.

Após a transa no ambiente hospitalar, cenas de carinho, cuidado e acolhimento ganham espaço. Em seguida, novamente um corte. Registros de um protesto (Imagem 30) que toma as ruas de Paris e quebra os silêncios da noite, da negligência e das políticas de morte. Todos se deitam no chão enquanto alguns pronunciam palavras de força e denúncia. Nathan chora. Quantos já morreram? Quantos mais morrerão?

Imagem 30 – Protestos, lutas e lutos coletivos em tentativas de quebrar silêncios

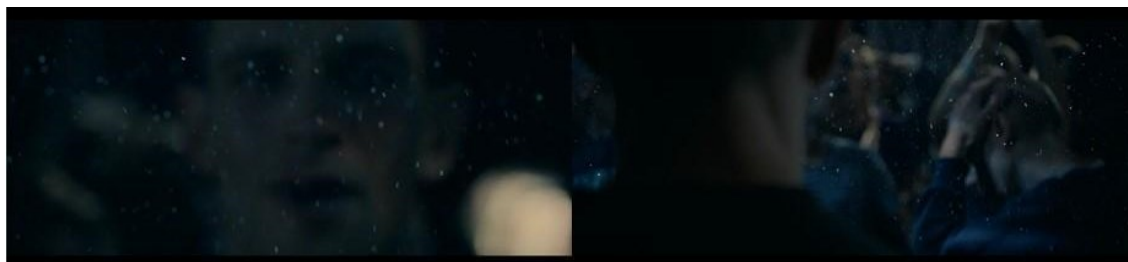


Legenda: Sequência de dois registros de cenas presentes no minuto 113 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Cenas que migram das ruas para uma boate. Os personagens mantêm-se vibrando em potência, até que a vida acabe. Mesmo com a morte, muito do que existia em quem se foi segue ressoando nos que permanecem. Nathan olha para os lados, mas parece que algo lhe falta. Na Imagem 31, micropartículas se disseminam por todo o ar. Vírus? Quem poderá escapar? Todos são tomados por estas microvidas contagiantes que preenchem os espaços entre danças, músicas, celebração e vida. Os personagens, em devir-vírus, se infectam subjetivamente pelos encontros e desejos.

Imagem 31 – Contágios subjetivos



Legenda: Sequência de dois registros de cenas presentes no minuto 115 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Envoltos, circundados, tomados, preenchidos por micropartículas. Um respiro. Em seguida, Sean aparece em cena no hospital. Um delírio? Sonho? Na Imagem 32, o registro de uma cena de um rio vermelho. Sangue? Morte? Vida? Fluidos vitais de tantos que se foram graças aos silêncios governamentais? Vermelho que preenche cidades e campos, em um rio-vaso-sanguíneo de vida e de morte.

Imagem 32 – Rio-vaso-sanguíneo em contaminações



Legenda: Registro de cena presente no minuto 117 do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Inicia-se uma nova cena. Sean chega ao apartamento de Nathan, onde permanecerá. A mãe de Sean está lá e o ajuda. Sean chora inconsolavelmente. Em seguida, ele aparece deitado, depois recebe ajuda de Nathan e de sua mãe para levantar. Enquanto toma banho deitado em uma banheira, sua mãe e Nathan olham para outros lados, até ouvirem um grito seu de ajuda. Sean, na próxima cena, aparece mais uma vez deitado, completamente esgotado: falta-lhe forças. A vida vai se esvaindo. Em seguida, registros de uma conversa entre ele e Nathan deixam implícito um acordo misterioso, quase secreto. Um alívio combinado para frear a dor. Uma espera. Uma seringa, uma substância. Injeta-se no tubo que adentra intravenosamente o corpo

de Sean. Esconde-se os vestígios. Apaga-se as luzes. Nathan se deita novamente e tenta dormir. Algum tempo depois, acorda, e olha para o seu companheiro. Um medo de encostá-lo e descobrir o que já se sabia. Um toque que acontece em um corpo já sem vida.

Um grito de aviso, o anúncio de uma morte. Cenas de lágrimas. Constatações de especialistas provam que aquele corpo na cama deitado já não está mais vivo. Pouco tempo depois chegam visitas no apartamento, em movimentos de conforto e despedida coletiva. Um corpo que é vestido para um adeus. Uma mãe que conversa com seu filho já sem vida enquanto tenta vesti-lo – será que a vida de Sean findará ali? Não existiriam outras formas de permanecer vivo em memórias, em intensidades, em afecções?

Um café preparado, um beijo de cumprimento, um abraço de acolhimento, um estranhamento e desconforto constante. A pessoa que aparenta maior tranquilidade nesse momento é a mãe de Sean, estranhamente calma, paradoxalmente distante e presente.

As cenas seguintes acontecem em um velório na própria casa de Nathan, território dos últimos instantes de vida de Sean. Despedidas, um café, um luto compartilhado. Uma nota é escrita coletivamente para a imprensa. Com 26 anos, Sean morreu de aids. A mãe solicita que o adjetivo “coragem” esteja presente no texto redigido para anunciar a morte do ativista. Ocorre um pedido dos companheiros de luta e militância para a mãe de Sean: que seja possível para ele um enterro político. Sabendo que esta era a vontade de seu filho, ela autoriza.

O dia amanhece, a vida de muitos continua. Cenas de Nathan transando com outro companheiro de militância se misturam com um protesto do ACT UP em um banquete requintado. Na manifestação, as cinzas de Sean são jogadas nas comidas servidas no evento da indústria biomédica, como era a sua vontade. Um luto político, cinzas que se viralizam em um grito de anúncio de mais uma vida ceifada. As cenas se entremeiam: luto-protesto-desejo se misturando em beijos, gritos, corpos, danças. Existências que agonizam e também tremem de prazer. Desejo e dor, vida e morte, saúde e doença se misturam entre luz e escuridão que também se contaminam.

Delírios? Músicas? Batimentos acelerados?

Silêncio.

5.3 Transbordamentos e contágios afetivo-educativos

Nesta rede planetária de tecnocosmos, ciberespaço, reprodução regulada por computador, exploração genética, pedofilia em rede, fast-food googleano, bioética, biodiversidade, DNA, células tronco, idiotia comunicacional, automatismos informatizados, besteiras mecânicas e industriais, a Educação nos livra da

Epistemologia da Pureza Essencial e da sua correspondente apreensão de seres, fenômenos e coisas estáveis, ao fazer a Diferença Pura, com sua capacidade de se multiplicar? Ou nos encaminha, no máximo, até a variedade e a diversidade multiculturais, como sendo o Bem Máximo?

Sandra Corazza (2010, p. 150)

O silêncio ao fim do filme dá espaço para um turbilhão de sensações que me atravessam. Pelo meu encontro com ele, os atravessamentos borbulham. Ao me afetar, também aprendo com a produção audiovisual e seus saberes traçados, designados, construídos. Deslocado e inquieto nesta “rede planetária de tecnocosmos” (CORAZZA, 2010, p. 150) onde limites da vida humana-inumana-natural-artificial se borram e mostram-se produções, vejo as existências humanoides sendo altamente ciborgues¹⁵³, como reflete Donna Haraway (2000).

Localizado atualmente em períodos cronologicamente distantes, aparentemente, dos momentos retratados nas narrativas do filme *120 Batimentos por Minuto* (2017), mas envolto em fortes conexões com os afetos lá potencializados, penso: De quais formas um filme pode vaziar saberes importantes de serem tangenciados em currículos? Quais currículos são tensionados nesta e a partir desta produção audiovisual no que diz respeito à educação, à sexualidade, ao HIV/aids, ao desejo, à saúde, à doença, à vida e à morte? Como eles reverberam em nossos dias?

Currículos não estão associados exclusivamente às escolas e lugares de educação institucionalizada, mas se fazem presentes em todos os territórios possíveis de se instaurar aprendizados e pedagogias. A partir do diálogo com autores do campo das filosofias da diferença como Deleuze, Guattari e Foucault, a pesquisadora Sandra Mara Corazza (2010) me inquieta a pensar em currículos (im)possíveis entre territórios neoliberais nos quais continuar respirando e permanecer vivo exige lutas diárias:

Neste momento de fascínio pela globalização econômica reprodutora e cultural homogeneizadora (em que comunidades e indivíduos portam um niilismo absoluto ou um pessimismo atávico), qual currículo, dentre os que conseguimos produzir, mantém-nos em devir-revolucionário (no domínio do indestrutível), para nos confrontar, radicalmente, aos abismos econômicos, sociais, tecnológicos, políticos? (CORAZZA, 2010, p. 149)

¹⁵³ Sobre as existências ciborgues, Haraway (2000, p. 37) afirma que “Neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação”.

Corazza (2010, p. 153) propõem a procura por um currículo que se baseie em geografias, um geocurrículo: “Quando designa as condições, das quais se desvia para criar a novidade, o pensamento curricular reconhece que a historiografia fornece apenas a atualização de variáveis para a forma histórica; enquanto a geografia lança eixos e orientações virtuais para um currículo poder devir”. Devir em um currículo a partir de pontos de vista, um currículo como perspectivas, em movimentos de diferença, traçando cartografias, pois “não há vazio entre pontos de vista (em nosso caso, currículos) porque o espaço vazio não existe, já que tudo é força” (CORAZZA, 2010, p. 157). Assim, me coloco no movimento de pensar em um território curricular que seja:

Leque a dobrar-se e desdobrar-se, dramatiza estranhos potenciais. Dotado de leveza, fantasia existências fragmentárias. Curvilíneo e turbilhonar, informa a bandidagem de naturezas descontínuas. Atravessador do Rubicão, tematiza a sua estética múltipla, que complica vários currículos. Abertura ao futuro, pensa de outra maneira: afirmativamente. Roubado ao além, reparte aprendizagens sem fim no espaço aberto. Alquimista em deslocamento, não entroniza a vida como sobrevivência. Arabesco esfumado de contornos, deixa-se ativar pela vida. Fabulosa reserva rizomática, existe para reinventar a vida. Sísmico, em labirintos, faz circular nuances infinitas da vida, pelas quais vale a pena constituir novos modos de existência. (CORAZZA, 2010, p. 161)

Quais pontos de vista um filme possibilita? Quais brechas abre a partir de seus saberes e práticas mobilizados? Quais currículos são possíveis de serem tangenciados ao filme *120 Batimentos por Minuto* (2017)? Quais currículos podem ser forjados a partir do e com o filme? Das salas de cinema para as casas, escolas, e... Pode o encontro com um filme ser aula? Filme, território de aprendizados, currículos-audiovisuais.

Nas narrativas audiovisuais de *120 Batimentos por Minuto* (2017) agenciam-se currículos em torno da história do HIV/aids, em especial no início da década de 1990 na França. Mas, mais do que focar apenas naquele período e local, o filme permite traçar cartografias em torno de experiências e subjetividades associadas ao vírus e os processos a ele relacionados: diagnóstico, vida com o vírus, adoecimento, morte com o vírus, luta pela preservação da vida mesmo com o vírus.

Pedagogias audiovisuais são circunscritas pelas experiências dos personagens e pelas narrativas construídas no filme, traçando saberes que podem compor com minoridades curriculares e educacionais. Pedagogias do cinema? Cezar Migliorin e Elianne Barroso (2016) refletem acerca de uma pedagogia do cinema:

Uma pedagogia que não somente se concretiza pelo desejo de educar, o que certamente não é privilégio desses cineastas, mas, pela forma como criam, com a singularidade dos meios do cinema, um modo de pensar e efetivar essa educação na produção de sentidos a partir de elementos reais. O cinema como uma “aproximação crítica da realidade”, como diria Paulo Freire (1996) em relação ao lugar do professor e do estudante. (MIGLIORIN; BARROSO, 2016, p. 17)

São imbricadas pedagogias de luta pela vida, de resistência, de desejo e de vida. Os personagens, militantes no ACT UP de Paris, lutam em defesa do direito da vida das pessoas infectadas pelo HIV e em estado de aids, como também pela dissolução das tramas que se desenvolvem em torno da aids na forma de dispositivos, como reflete o filósofo Paul B. Preciado (2018):

Enquanto teóricos *queer* formulavam sobre a performatividade de gênero e ativistas *queer* resistiam aos efeitos colaterais disciplinares das políticas de identidade gays e lésbicas, ativistas do ACT UP inventaram as primeiras estratégias que no contexto do neoliberalismo já poderiam ser chamadas de “ativismo antifarmacopornográfico”: a luta contra a aids tornou-se a luta contra os dispositivos geopolíticos e culturais de produção da aids – o que inclui modelos biomédicos, campanhas publicitárias, organizações governamentais e não governamentais de saúde, programas de sequência de genoma, indústrias farmacológicas, propriedade intelectual, biopatentes, marcas, definições de grupo de risco, ensaios e protocolos clínicos... (PRECIADO, 2018, p. 355-356)

A luta do movimento focava-se na dissolução de dispositivos que agenciavam vidas e subjetividades. No filme, além da dimensão de militar, são delineadas narrativas em torno da existência dos personagens, mostrando-os não como apenas militantes e/ou pessoas com HIV/aids, mas corpos vibrantes e transbordantes em desejos, rizomando militância-luta-vida em narrativas audiovisuais.

As cenas não se limitam à luta, pois a maior força existente acontece pelos movimentos em potências de vida, se entrelaçando com o vigor do desejo, do protesto, do tesão, e... Assim, traçam-se educações menores capazes de incidir tenuamente em currículos múltiplos, na medida em que dissolvem dispositivos historicamente arquitetados em torno da aids, também devolvem subjetivamente a potência de vida e o desejo que foram anteriormente capturados por dispositivos biomédicos e políticas necrófilas produzidas em torno das pessoas com HIV e aids.

Em narrativas que se misturam em climas festivos, permeadas de partículas-virais, a produção cria trajetos-currículos que se confundem entre militância, festa, dor, celebração, sofrimento, tesão, morte, luta e vida. Estas micropartículas que permeiam as cenas, em batimentos que aceleram e em intensidades, propõem pedagogias do contágio. Não uma

infecção biológico-material pelo HIV, mas contagiar-se subjetivamente¹⁵⁴ em vidas, potências, desejos. Permeiar-se pelo outro, pelas diferenças.

Mobilizar estas múltiplas dimensões da pandemia de HIV/aids por meio das narrativas audiovisuais em meio à pandemia de covid-19 é olhar com outros ângulos para como tais territórios pandêmicos se sobrepõem, misturam e afetam. Paisagens virais são atravessadas por discursos e práticas biomédicos capilarizados em todos os espaços. O desejo é asépticamente cerceado, na medida em que os contatos são vigiados. Tais perspectivas tangenciam o ensino de ciências e biologia, na medida em que são também por ele produzidas, reforçadas e atualizadas. Existiria alguma saída para tais situações?

Santiago Diaz (2020) propõem, ao pensar nos impactos pandêmicos contemporâneos com a covid-19, uma contra-pedagogia do contágio:

A contra-pedagogia do vírus é um contágio minúsculo, ínfimo e quase imperceptível que desarruma toda a nossa integridade; é como o desejo, o vírus é erótico – uma erótica viral? – porque nos infecta e nos potencializa, singular e coletivamente, à força de nos refazer em todas as relações, em tudo o que fazemos, sentimos e necessitamos. O vírus desdobra toda uma contra-pedagogia da vida organizada, do tempo regulado, da continuidade infértil das rotinas. Talvez seja hora de deixar passar o vírus e sua pedagogia erótico-política. [...] Além disso, torna-se necessária a elaboração de uma ética desejante que nos torne dignos do que essa erótica do contágio nos faz sentir, porque o sabemos: o desejo contagia e a paixão transborda. [...] A pergunta que fica é evidente: como imaginar uma proliferação, uma propagação, um devir, um contágio sem filiação ou produção hereditária? A erótica do contágio nada tem de paixão ou filiação identitária: há uma necessidade imperiosa que se transforma na aberrante atitude de trans-figurar toda valorização ingênua e fazer da desobediência mais minúscula, cuidada na proximidade, no mínimo toque. (DIAZ, 2020, p. 170)

Em movimentos-contágios, instauram-se (contra)pedagogias, militâncias e micro-educações nos trajetos audiovisuais, movidos pelo desejo em forças de vida. “A potência contra-pedagógica do vírus é trazer-nos este antigo saber: que a vida prolifera heterogeneamente entre os corpos, entre as espécies, entre os ‘reinos’, que compõem a infinita e inalcançável presença contemporânea do vivente” (DIAZ, 2020, p. 171). No filme, o vírus também escreve as narrativas lá instauradas, ensinando possibilidades de contagiar não com

¹⁵⁴ No artigo *Entre tesões, tensões e prevenções: HIV/Aids e contaminações com as obras de Adriana Bertini* (SALES, 2020a), reflito um pouco nesta dimensão dos contágios e contaminações subjetivas. Um trecho presente no texto que acredito que pode ajudar nesta compreensão é: “O que fazer com tanto estigma, discriminação, preconceito, silêncio e desinformação nessa pandemia? Penso em caminhos por meio da informação e da abertura subjetiva a contaminações - reforço que aqui digo contaminação jamais fazendo apologia a possíveis infecções forçadas e intencionais a qualquer ser biológico-infecioso, mas sim remetendo aos processos afetivos-subjetivos de se abrir ao que de diferente existe no outro e nos permitir ser atravessado por isso, nos tornando também outros. Qual é a nossa abertura para a diferença? Para pensar e falar em sexo e sexualidade e prevenção e IST e corpo e gozo e dor e amor e afeto e diferença e... e... e...” (SALES, 2020a, p. 23).

morte, mas com uma vivacidade potente, ensaiando formas de infectar os saberes e práticas curriculares. A vida não se encerra a partir da infecção, da soropositividade ou da doença, pois, enquanto o corpo está vibrando, continua vivo. E, mesmo após a morte, permanece presente nas marcas e afetos engendrados nos tantos outros que são afetados, que se misturam, que se contagiam subjetivamente por uma existência. São contágios-memórias, contágios-desejos, contágios-f(r)estas, contágios-lutos, contágios-lutas.

A partir dessa complexidade instaurada nos currículos-audiovisuais, os personagens não são reduzidos ao ativismo, assim como as pessoas infectadas e adoecidas não são limitadas ao vírus e à doença. Pelo contrário, mobiliza-se prazer, tesão e vida, mesmo na iminência da morte. *120 Batimentos por Minuto* (2017) é um filme que retoma à pessoa que vive com HIV e aids o direito e a agência ativa ao prazer, à vida, ao desejo, ao tesão e ao gozo¹⁵⁵.

Herbert Daniel, no começo da década de 1990, denunciava a morte civil que matava a pessoa com aids antes mesmo de sua morte biológica. Ao viver com aids, ele afirmava que “o doente é visto como um morto, para quem nada adianta fazer, senão esperar o óbito” (DANIEL; PARKER, 2018, p. 46), na medida em que enfrentava esse espaço de morte civil e lutava por um posicionamento coletivo de reconhecimento da vida existente nas pessoas com HIV e aids.

O filme *120 Batimentos por Minuto* (2017) é uma produção que atua em movimento inverso ao de fortalecer a morte em vida das pessoas com HIV e aids. Na medida em que traça cenas de festas, celebrações, desejos e potências da vida, mesmo que povoadas por micropartículas virais, ele caminha na direção contrária das políticas que Michel Foucault (2013, p. 150) anunciava relacionadas ao poder sobre a vida que se caracterizavam por “um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte”. O filme, mais do que deixar viver, impulsiona a vida, movimentando-a e fortificando-a, na medida em que traça narrativas contrárias às posições estatais-industriais de deixar tantos corpos dissidentes à própria sorte, logo, mortificando-os, reduzindo-os aos diagnósticos e processos de adoecimento. Assim, carrega uma potência imensa de infectar a educação em ciências e biologia – e saúde e... – a mobilizar esta agência de vida, da força e do desejo presente nos corpos infectados – ou não – por algum agente viral, ao invés de marcá-los como destituídos da capacidade e possibilidade de tais dinâmicas intensivas.

No filme, enquanto há vida, também há movimento, desejo, força e potência. Nele, não se deixa que o estigma cerceie o tesão. Não se nega a dimensão de sofrimento relacionado à

¹⁵⁵ Muitas destas reflexões são inspiradas nos encontros vividos no curso *COMO ELIMINAR MONSTROS: DISCURSOS ARTÍSTICOS SOBRE HIV/AIDS*, organizado e ministrado por Ronaldo Serruya e Fabiano de Freitas, que tive a alegria de participar em três edições no ano de 2020.

infecção, adoecimento e morte, mas permite-se acolhimentos e lutas em bandos, em matilha. O filme não nega a dor, mas possibilita com ela a instauração de refúgios. “Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios” (HARAWAY, 2016, p. 2). Nas narrativas audiovisuais, forjam-se territórios seguros para as existências e os prazeres – mesmo em meio ao terror viral atravessado por necrobiopolíticas (BENTO, 2018) –, espaços engajados com a militância, com o combate ao estigma, com o grito e com o silêncio, quando necessário. O que pode uma educação em ciências e biologia que teça alianças com estas percepções? Como criar refúgios às multiplicidades em nossas ensinagens? Eis algumas perguntas para permanecerem ressoando em nossas docências-vidas.

Em climas festivos e vibrantes, da luta ao luto, a produção audiovisual não deixa que o estigma mate o tesão e o prazer que movimenta uma existência. Assim, em suas cenas instauram-se educações menores por vir, traçam-se possibilidades de contagiar múltiplos currículos com a vida, desarticulando estigmas e consolidando perspectivas das potências do desejo, de resistências em defesa do encontro e da multiplicidade. Em devir-lobo (DELEUZE; GUATTARI, 2011), os personagens caminham em direções de vida, até ao se relacionarem com a sua morte e a de outras pessoas. Assim, mesmo que dentro de um filme advindo de espaços maiores da produção cinematográfica europeia, são engendradas pedagogias passíveis de tangenciar currículos em movimentos-resistências pelos territórios menores de uma educação e de um cinema.

Do amor

existe

isso

que te torna mais vivo

isso

que te torna mais dentro e mais febre

isso

que te acelera e dispersa o abrigo

e te fere e te turva

e te fissa

então

fera

arisco

e desperto entre as coisas

que tecem seus riscos

na vida

acendes em cada sentido

um maquinário

íntimo de vibrações

sobre o visco silente

de todo toque

que aqui se invente

fluido infinito no horizonte

disso

e por

isso

sententes

pressentes

a saliva a seiva

a carne abstrata

do presente

animal à espreita

no coração
à espera
do sumo absurdo
dos sussurros
do ciclo secreto
das trocas
rubro líquido
pulsando
pulsando

Thiago Moraes (2018, p. 121-122)

Infecção

Sutil encontro

Membranas

Gotículas

Contatos

Em milésimos de segundo, mudança de cenas

Outras cenas

Outras figuras

Outras... vidas?

Penetrando um corpo

Corpos em comunhão

Combustão descarrilando em dor

Desestabilizando todo um mundo

A partir de um sutil contato

De um encontro efêmero

Que perdura

Ad eternum?

Até que a morte os separe?

Para sempre diferentes

Amém.

Tiago Sales (2022c, p. 508)

6 O QUE PODEM AS EDUCAÇÃO MENORES EM HIV/AIDS?

Um pouco de possível, senão eu sufoco...

Gilles Deleuze (2013, p. 135)

Deleuze (2013), na belíssima entrevista *Um retrato de Foucault*, ao falar do trabalho de seu amigo, o filósofo Michel Foucault, poucos anos após a sua morte, afirma que “O pensamento jamais foi questão de teoria. Eram problemas de vida. Era a própria vida. Era a maneira de Foucault sair dessa nova crise: traçando a linha que lhe permitisse sair dela, e estabelecendo novas relações com o saber e o poder. Mesmo que às custas da própria vida...” (DELEUZE, 2013, p. 135). Tal experiência laboral de se debruçar no pensamento, nas modulações que incidem na produção dos sujeitos, nas redes de saber e poder, era algo intenso e, em muitos momentos, também difícil. Talvez, em alguns deles, insuportável. Assim, Deleuze reflete que Foucault necessitou de um pouco de possível para habitar o mundo, para seguir trabalhando com o pensamento imbricado com a vida, para existir sem sufocar, enquanto houvesse meios para tal, enquanto conseguisse, até o fim.

Ao me debruçar em torno da pandemia de HIV/aids, em meio à pandemia de covid-19, em territórios que se mostravam hostis à vida, foi-me demandado como necessidade para imbricar-me nos movimentos de pesquisa-vida também a busca de possíveis para não sufocar. Senti, neste habitar entre-pandemias, que estava em um deserto¹⁵⁶ inóspito, mas, como refletem Deleuze e Guattari (2019, p. 56), “o deserto é povoado”. Restava, então, ver os possíveis que proliferavam e que se apresentavam como fecundos à vida que urgia. Mobilizar educação menores é, justamente, atentar-se às circunstâncias viáveis que residem nas frestas, nas minoridades, nas fissuras que se abrem em espaços múltiplos e inusitados.

Quais possíveis habitam na educação para mobilizarmos em caminhos menores as questões em torno do HIV e da aids? De que maneiras podemos pegar o que foi experienciado e produzido com muito sangue e às custas de incontáveis vidas nas últimas décadas em tal pandemia para pensar na de covid-19 e em outras emergências por vir? O que pulsa em torno das diferentes formas de narrar os territórios do HIV e da aids? Como as imagens e os sons nos ensinam? Como podemos (nos) educar a partir destes encontros entre corpos e filmes? De quais formas colocam em questão os enunciados científicos e biomédicos hegemônicos? Como

¹⁵⁶ Inspirado no “deserto subjetivo que se desenha em torno da AIDS, em sua relação com o(s) outro(s), qualquer(qualsquer) que seja(m), quando este(s) teme(m) o contágio”, proposto por Paulo Buenoz (2009, p. 235) em seu potente ensaio *CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações* ao mobilizar os atravessamentos vividos por um corpo que foi cobaia de experimentos para a produção de remédios para tratamento da aids.

tangenciam as narrativas por vir, em vias de serem maquinadas, de outras pandemias? Quais linhas duras consolidam e quais linhas de fuga instauram? Como, com elas e a partir delas, podemos problematizar o que temos produzido em nossas práticas em espaços formais de escolarização no que tange às ciências da natureza? De que maneiras podemos mobilizá-las em nossas aulas, no ensino de ciências e biologia, pelos sinuosos, desviantes e desafiantes caminhos de uma educação menor? O que pode uma educação menor em HIV/aids? E, quiçá, o que poderiam múltiplas educações menores em HIV/aids, em agenciamentos coletivos, em movimentos político-militantes?

Diferentes perspectivas de educação são aqui tangenciadas, em flertes teórico-conceituais, para pensar nas questões em torno do HIV e da aids. A educação menor (DELEUZE; GUATTARI, 2017; GALLO, 2002), com seu caráter coletivo, político e militante, é o fio condutor que percorre as proposições de processos educativos que aconteçam pelos encontros (GALLO, 2002), que se façam nas modificações de uma vida, se diferindo da escolarização (CORRÊA; PREVE, 2011). As experiências permeadas pelas cotidianidades, atravessadas pela cultura, também imbricam modos de aprender (SILVA, 1999). As questões curriculares são vistas, assim, para aquém e além dos espaços escolares (SILVA, 1999), como encontros e composições (SILVA, 2002), podendo também devir (CORAZZA, 2010). As potências cinematográficas são mobilizadas para agenciar formas de infectar os saberes curriculares (ELLSWORTH, 2001), sobretudo no campo de ciências e biologia. Os filmes são tangenciados com as suas potências educativas a partir das afecções neles imbricadas, percebendo que muito é possível aprender com e a partir deles (MEYER; SOARES, 2005). O cinema é, assim, afirmado como pedagogia a qual se insere e se produz na cultura (LOURO, 2002), concretizando-se com as criações singulares e “produção de sentidos a partir de elementos reais” (MIGLIORIN; BARROSO, 2016, p. 17).

Para iniciar este trajeto final da tese, animado por estas e tantas outras leituras e inquietações, ensaio escritas de três cenas literárias, em linhas que se tecem no entre – ficção, realidade, e... –, que possam puxar fios e tecer caminhos por vir em educações menores em HIV/aids. São narrativas que dizem por si só, que versam em torno do desejo, da vida, do silêncio, da saúde, do segredo, da visibilidade, da dor, da doença, da morte, da incerteza, do estigma, do prazer, dos conhecimentos científicos, das pedagogias em torno do corpo, dos encontros. Cada uma delas atravessa e é permeada nos detalhes pelos filmes cartografados nos capítulos anteriores. Nelas, assim como nas produções audiovisuais, é possível questionarmos

quais são os diferentes espaços nos quais nos educamos, e como as experiências neles vividas produzem modos de ser e de estar no mundo.

Inspirado em Deleuze (1997, p. 9), em *Crítica e Clínica*, que afirma que “A literatura é uma saúde”, percebo nas artes maneiras de vislumbrar saúdes outras, em seus desvios das normas e prescrições, de me movimentar, visto que “A doença não é processo, mas parada do processo” (DELEUZE, 1997, p. 13).

Escrever é um caso de devir, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível. (DELEUZE, 1997, p. 11)

Neste devir-literário, busco imbricar-me na “invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida. Escrever por esse povo que falta...” (DELEUZE, 1997, p. 15), lembrando que escrever “‘por’ significa ‘em intenção de’, e não ‘em lugar de’” (DELEUZE, 1997, p. 15). Escrever, assim, implica-se na criação de “um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário. Talvez ele só exista nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, dominado, sempre em devir, sempre inacabado” (DELEUZE, 1997, p. 14). Não seriam os filmes também a criação de povos que faltam, com as potências de suas minoridades, produzindo narrativas da pandemia de HIV/aids com estes tantos por ela intensamente afetados, na instauração de movimentos, de saúdes?

Em devir-vírus, em sutilezas ficcionais que tangenciam múltiplos cotidianos, mobilizei três cenas dispostas a seguir que carregam a força infectante de materializar a potência de nos educar em HIV/aids a partir das imagens e sons *cotidianos* e *filmicos*, com seus *atravessamentos* e *(des)encontros*. Nelas, temos pistas de educações em HIV/aids menores possíveis, necessárias e urgentes, na medida em que também marcam uma educação maior hegemonicamente em vigor.

6.1 Narrativas em cena

6.1.1 Cena 1: Cotidianos

Em um dia útil qualquer – existiria dia inútil? –, em meados de 2022, Renata acorda às 5:20, fica na cama mais dez minutos, levanta, lava o rosto, troca de roupa, arruma os cabelos,

engole algumas coisas, escova os dentes e, rapidamente, sai de casa. Depois de um longo tempo de trabalho dentro de seu lar, ainda é um pouco difícil chegar tão cedo ao seu destino laboral. Antes de partir, pega a sua mochila com a sua caixa de ferramentas cotidiana: dois livros didáticos, um de literatura, três cores de pincéis, um apagador, um absorvente para aqueles dias, uma garrafa de água, algumas pílulas, uma maçã e certa dose de coragem necessária. Nos ônibus lotados, ela usa uma máscara, mas a maioria das pessoas lá já deixaram tal aparato biomédico de lado, como se o risco anunciado pela sua presença já houvesse desaparecido. No caminho, ela tenta ler um pouco nos quase cinquenta minutos de trajeto. Ao chegar no trabalho, em um bairro periférico, permanece com o rosto coberto, tirando rapidamente o material que o protege apenas para tomar um café. Adolescentes a cumprimentam na entrada e ela retribui com um aceno e palavras de bom dia. Sentira falta deste contato humano nos meses de ensino remoto: Renata é professora de ciências no ensino fundamental e de biologia no ensino médio em uma escola pública de uma cidade brasileira interiorana de porte médio. Naquele dia, as duas primeiras aulas serão a continuação do tema vírus e das infecções por estes seres causados. Para trabalhar as questões em torno do HIV e da aids, ela conseguiu unir dois horários seguidos em uma mesma turma, coisa que só foi possível graças ao acordo que tivera com a professora de geografia, sua amiga. Tal movimentação ocorreu, pois aquelas aulas seriam um pouco diferentes das dinâmicas comuns: a turma se deslocaria para a sala de vídeo e assistiriam juntos a um filme. Pontualmente, às 7:00, ela entra na sala e, rapidamente, convida os estudantes para pegarem os cadernos e estojos, descendo ao outro espaço escolar. Por volta das 7:10, após deslocar e acalmar a turma – o que não foi tão difícil, pois estavam ainda tranquilos e sonolentos no começo do dia –, apagam-se as luzes e começa-se a sessão cinema na escola. Cenas de Brasis contam a história de uma pandemia em suas reverberações abaixo da linha do Equador. São narrativas de luta, de memória e de resistência coletiva. O documentário *Carta para além dos muros* (2019) é assistido nestes dois horários e, logo em seguida, retornam à sala. A professora sabe dos tantos impactos que tal pandemia teve no mundo, sobretudo nos corpos dissidentes e nas minorias, como pessoas LGBTQIA+, habitantes dos países da África Subsaariana e comunidade negra, mas também afetando muitas brasileiras, mulheres cis, como ela. Assim, escolhera utilizar aquele espaço de educação formal para, além da mobilização de conhecimentos orgânico-virológicos realizados na semana anterior, também tangenciar a dimensão militante e coletiva por meio das imagens e sons pelo filme, retomando-as no próximo encontro para dar prosseguimento aos conteúdos a serem trabalhados. Nos últimos minutos de aula, Renata pede à turma, como tarefa para casa, que escrevam uma breve resenha sobre o

filme focando na dimensão do estigma em torno da pandemia de HIV/aids, pensando em como ele afeta a todos e de que maneiras cada um pode nele incidir, tanto em sua manutenção quanto em sua desconstrução. Tatiana, uma das alunas, chorou em silêncio na sala escura durante a exibição do documentário, passando despercebida pelos colegas e pela professora. Ninguém da turma sabe, mas ela tem um segredo: a jovem vive com HIV desde o seu nascimento, se infectando verticalmente – na gestação, no parto ou na amamentação. A sua mãe, poucos anos após o seu nascimento, repentinamente adoeceu e rapidamente veio a óbito. Casada, transou com apenas um homem em sua vida, que também morreu de aids. Tatiana, sempre apaixonada pelos conteúdos das ciências da natureza, se emocionou com o filme por se ver naquelas narrativas, tanto pela presença de outras pessoas vivendo com HIV, inclusive através de transmissão vertical, quanto pelas ausências lá presentes. Com as cenas, foi possível lembrar das muitas outras crianças e adolescentes que conhecera nas salas hospitalares chorando de dor e de medo de agulhas, fazendo exames, consultando e tomando remédios. Criadas por tios e avós em decorrência da perda de seus pais, algumas delas nem estão mais vivas. Ela também sentiu que nunca nos seus processos de escolarização reconheceram afirmativamente, de fato, a sua existência, visto que a vivência com HIV e aids era sempre colocada como condição de alguém perigoso, uma coisa do outro, logo distante. Pela primeira vez, sentiu as questões em torno de tal pandemia atravessadas nos espaços da escola em uma lógica que fugia duplamente das narrativas biomédicas hegemônicas e das moralistas-estigmatizantes. Mas, apesar de tal sensibilização, decidiu – assim como o personagem Caio presente no filme que acabara de ver e de tantas outras pessoas que conhecera nos cotidianos médicos – continuar com tal questão reservada para ela, coisa que aprendera com a sua avó desde a descoberta do “bichinho”, nome dado ainda criança para o ser que com ela vive, por medo da reação de seus colegas e de outros professores. Mas, no fundo, ela suspeita que algumas pessoas no espaço escolar saibam de sua condição de saúde, visto que desde criança tinha que tomar remédios, muitas vezes em momentos de aula, e vocês sabem como é... isto gera certa suspeita. Na atividade extraclasse, Tatiana materializa sutilmente em palavras os seus sonhos de um mundo sem preconceitos, e que a cura à infecção pelo HIV seja possível, sustentando a sua esperança por um tempo por vir em que não seja mais necessário tomar remédios todos os dias.

6.1.2 Cena 2: Atravessamentos

Na sexta-feira, Jorge sai do trabalho mais cedo. O seu novo emprego é em uma multinacional com sede em algumas capitais do Brasil, a qual libera os funcionários no último dia da semana no horário do almoço. Fazem isso para tentar transparecer uma imagem de *great place to work* mas, na prática, era um serviço cansativo, como os outros geralmente também são. Ele começa a planejar o final de semana, ainda sem muitas expectativas. Na empresa, poucos sabem de seu passado e de sua história, e assim preferem continuar – não que tenha vergonha ou nada desse tipo, apenas gosta de sua privacidade e de certo anonimato. Depois de um tempo sem ficar com ninguém, decide usar no celular alguns aplicativos de encontros. No primeiro, colorido e com fundo branco, já por ele conhecido, coloca algumas fotos de rosto e de corpo inteiro, junto de uma breve descrição – quase um currículo profissional, mas com outros fins. Percebe que, diferente da última vez que usara a rede, alguns meses antes, é possível demarcar se tinha tomado as vacinas da covid-19. Felizmente, estava com as três doses em dia. Naquela tarde, decide, também, experimentar outra rede de encontros que seus amigos tanto falam. Esta era destinada, sobretudo, ao público masculino que se relaciona com outros homens, mas também vê algumas pessoas trans e travestis por lá. Nela, ele decide não deixar pública uma foto de seu rosto. Pensa em colocar um registro de seu corpo apenas de cueca, sem a face, mas opta por observar misteriosamente, ao menos por enquanto. Segue atento e percebe que pode colocar informações em seu perfil, assim como no outro aplicativo já conhecido, mas de formas diferentes. Decide anunciar por lá que era um homem trans e, apesar de não ter nenhuma imagem sua, recebe uma série de mensagens de todos os tipos: curiosas, desejosas, chatas, invasivas e hipersexualizantes. Mesmo em total sigilo, lhe enviam imagens de nudez explícita, o que o espanta um pouco. “É assim que aqui funciona então”, pensa. Ao percorrer a nova tecnologia, vê também uma opção nomeada de *Saúde Sexual*, a qual apresenta a possibilidade de demarcar o *Status HIV* e período de último exame. Ele, como homem trans bissexual, fora, desde os momentos em que percorria as suas travessias desviantes de corpo, gênero e sexualidade, marcado também pelas pedagogias que se faziam em torno da pandemia de HIV/aids. O temor perante a morte, o sexo, o prazer e o desejo foram introjetados ao se reconhecer – e ser reconhecido – pertencendo a grupos específicos intensamente vulnerabilizados e estigmatizados, gerando medo sobretudo dos encontros. Mas, após atingir a maioria e sair de casa, também aprendeu que tais questões não competem exclusivamente às pessoas trans e aos homens que se relacionam com outros homens. Decidiu, a partir dos

dezoito anos, que poderia ser quem era, se relacionar e ser feliz, custe o que custasse. Já havia passado por tanta coisa nas transições e demarcações de seu território que merecia uma dose de leveza. Aprendeu muito disso com amigxs trans e não-heterossexuais que também precisaram viver estas e outras travessias e afirmações de seus modos de vida. Tomou a escolha de ter alguns cuidados, como usar a camisinha com quem transava. Lhe ensinaram isso na escola e nas campanhas midiáticas: preservativo sempre – exceto no caso de adentrar em um relacionamento monogâmico, espaço no qual normalizou-se, com certa ingenuidade, não ser necessário. Nas aulas sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) – termo hoje em desuso, substituído por infecções sexualmente transmissíveis (IST) –, nos cantos dos livros didáticos de ciências e biologia e nos discursos de alguns de seus professores, aprendera vagamente acerca das relações corporais entre homem/pênis-e-vagina/mulher, e a reprodução heterossexual, o que pouco ou quase nada teve de relação com a sua vida, não fazendo muito sentido e caindo rapidamente no esquecimento. Até o nome dado às camisinhas – masculina e feminina – era transfóbico, mas lera em páginas de conteúdo LBTQIA+ que estas poderiam ser, respectivamente, chamadas de preservativo externo e interno. Adaptou, dentro do possível, tais ensinamentos às suas práticas desejosas que rompiam tal lógica cisheteronormativa mas, às vezes, achava extremamente confuso pensar em como aplicar aquele método em suas práticas de desejo. Quando se apaixonava, acabava deixando tal capa protetora de lado depois de alguns encontros – coisa que suas amigas cis e heterossexuais faziam até mais rápido do que ele, e, quando ainda com receio, existindo o único medo de engravidar. O amor, suas entregas e seus riscos. Jorge acabara de sair de um último relacionamento e, por isso, decidiu voltar a usar os aplicativos de encontro. Na nova rede que estava a se aventurar, além das narrativas cisfalocentricas e dos anúncios de prostituição, vê alguns perfis descritos como “casado com mulher/sigilo” e “macho hétero, só sexo”, deixando-o inquieto e questionando aquilo tudo, já que é um espaço sobretudo de pegação entre-homens gays e bissexuais. Começa a entender o que a medicina chama de homens que fazem sexo com outros homens (HSH) e que o desejo, por mais que se tente, não cabe em caixinhas. Se sente confuso: a identidade e suas fissuras se borram... Percebe também que algumas pessoas demarcavam aquela opção de “saúde”, mas muitas mantinham ela sem nenhuma informação. *Status HIV: Negativo e Negativo, usando PrEP* eram as principais opções publicizadas, quando respondidas. Viu, de relance, uma pessoa colocando *Positivo, não detectável* em seu perfil e pensou: “nossa, que coragem!”. Coragem da verdade ou rendimento aos dispositivos pedagógicos médico-confessionais virtuais? Exposições, silêncios, silenciamentos, forças afirmativas e confissões quase a céu aberto:

permeavam os fundos negros entre máscaras sigilosas que, no anonimato das telas do celular, insistem em dizer: diga, diga, diga. Enquanto isso, Jorge sentiu uma inquietação. “É um outro universo!”, pensou. Aprendera um pouco com os seus amigos e companheiros de trajetória acerca da dimensão das outras tecnologias de prevenção às IST por meio de remédios, como a PrEP e a PEP, inclusive precisando recorrer certa vez a esta segunda, juntamente da pílula do dia seguinte, em um momento, depois de uma noite de muita bebedeira e tesão. Também vira rapidamente nas redes sociais que o gel lubrificante, algumas vacinas – como as de hepatite A, B e HPV – e até beber água participam do que vem se chamando de *Prevenção Sexual Combinada*, e que pessoas vivendo com HIV em tratamento tendem a não adoecer pela infecção e desenvolver a aids, podendo atingir a indetectabilidade, logo intransmissibilidade. Questionou: por que nada daquilo fora também dito em outros espaços, como na escola e nos grandes veículos de comunicação? Pensou que, talvez, nem os seus antigos professores soubessem disso naquele momento, ou que alguns daqueles conhecimentos e tecnologias fossem mais recentes que a sua imersão no ensino básico alguns anos antes. Sobre as mídias, refletiu que o moralismo dificultava a propagação de narrativas aprofundadas e problematizadoras em torno da prevenção. Lembrou de um documentário que assistira há cerca de dois anos que narrava a luta, sobretudo de corpos dissidentes e minorias, como ele, nos Estados Unidos, contra a aids. As pessoas lá traçavam, coletivamente, maneiras de *como sobreviver a uma praga* (2012). Sentira, no momento que viu o filme, certo desconforto e reconhecimento. Pensou: “cara, e se fosse eu naquele tempo, será que sobreviveria?”. Com todos aqueles atravessamentos, Jorge se lembrou que há mais de dois anos não fazia exames de rotina para as IST e decidiu que, naquela mesma tarde, iria para um centro de testagem e tratamento de sua cidade, vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS), fazer “O Teste”.

6.1.3 Cena 3: (Des)encontros

Após seis meses de pandemia, um flerte breve que começou nos corredores de uma empresa de *call center* em janeiro de 2020 logo tomou proporções mais intensas. Pedro e Júlio se conheceram no trabalho, quando ainda acontecia ao modo presencial, pouco antes da emergência da covid-19 e, mais do que química, tiveram uma explosão em seus encontros. Com as medidas de isolamento decretadas, decidiram que, por morarem longe de suas famílias e em bairros vizinhos, se encontrariam sempre e apenas os dois, fazendo companhia um ao outro. Gostavam, além das carícias íntimas, de cozinhar e de assistir a filmes juntos. Para a noite de

sábado, depois de uma semana intensa de *home office*, em decorrência do cansaço, decidiram pedir uma pizza e tomar um vinho no apartamento de Pedro. Já faziam quase oito meses que estavam nesse rolo sério – monogamicamente imposto em decorrência da crise sanitária, mas até que vinha dando certo. Era uma noite especial, sentiram, e para acompanhar os comes e bebes, Pedro sugeriu um filme: *120 Batimentos por Minuto* (2017). Ao ler a sinopse, Júlio acha interessante, apesar de ficar um pouco incomodado com a temática. Mesmo assim, ambos concordam em assisti-lo. Enquanto fazem o *download* em plataformas virtuais, se deliciam com os aperitivos e com a companhia um do outro mas, antes que percebam, o filme já fora baixado. Deitam juntos na cama e apagam as luzes. Um beijo antecede o apertar o *play*. O *notebook* fica entre eles, mas as mãos se acariciam em gestos ternos de carinho. As cenas francesas retratam imagens de afagos e de amor, como as que experimentavam em seu relacionamento, mas também de luto, dor e tristeza. A história da pandemia de HIV/aids é marcada pelo sangue de incontáveis pessoas que morreram nas últimas quatro décadas e dos tantos que seguem vivendo com o vírus, algo que fica evidente nas narrativas audiovisuais que assistiam. Um certo desconforto os afetava com as imagens e os sons: sentiam, de diferentes formas, que aquela história era deles também. Ambos ficam inquietos. Júlio se recorda do medo que os seus pais tinham e nele criaram ao ensinarem, desde criança, que homossexuais, em geral, morriam de aids, doença que o pastor da igreja que frequentavam dissera ser um castigo divino pelo pecado do homossexualismo – termo estigmatizante que categoriza a relação homoafetiva como doença. Tal questão o levava a passar grande parte de sua vida beijando apenas meninas e sem transar com ninguém, barreira que custou a superar nos seus processos de se reconhecer e afirmar gay. Já Pedro se inquieta por outros motivos: guardava um segredo. As cenas seguem e, em um momento ápice do filme, o personagem Sean, extremamente adoecido pela aids e internado em um ambiente hospitalar, transa com Natan naquele mesmo espaço. Eles se emocionam. As imagens e sons continuam e caminham para um final intenso, como todo o filme era. Após isso, reina um silêncio. Ambos estão impactados, cada um à sua maneira. Pedro sente que aquela noite era também um momento de contar um pouco mais de sua vida a Júlio, por isso escolhera tal filme a ser assistido em sua casa. Ele também tinha medo da aids em sua infância e adolescência, ambas marcadas por pedagogias moralistas de pânico, terror e aversão. Na escola, nos anos em que cursara o ensino básico, ouvira, brevemente, em algumas aulas de ciências e biologia e em palestras pontuais marcadas por imagens amedrontadoras de corpos adoecidos, sobre prevenção sexual – sobretudo acerca da camisinha, do anticoncepcional e da pílula do dia seguinte em relações cisheterossexuais –, porém, apesar das tentativas da gestão e

de seus professores que tanto admirava em tentarem quebrar barreiras morais para trabalhar tais questões, em decorrência dos currículos normativos hegemônicos, praticamente nada fora ensinado acerca das possibilidades de cuidar-se nas relações que fugiam da cisheteronormatividade. Dentro de casa, menos ainda havia aprendido sobre aquilo: não existia espaço para tais diálogos, apenas o silêncio se fazia presente. Aprendera muito na vida fora da escola, nas relações, nas práticas e nos encontros. Cerca de dois anos antes daquela noite, ao tentar ter acesso à PrEP – método de prevenção ao HIV que, naquela época, era recentemente disponibilizado, em conta-gotas, nos postinhos do SUS de sua cidade, mesmo já sendo antigo e de fácil aquisição em outros países – e realizar os exames necessários, recebera um resultado inesperado: reagente para HIV. Pensou: “putz, não deu tempo!”. Seu mundo desabou naquele momento. Com aquele diagnóstico, parecia que os seus maiores medos se concretizavam, mas, com o passar dos dias, meses e anos, por meio do acolhimento e de uma intensa rede de apoio de amigos, profissionais da saúde e de conhecer outras pessoas em uma Organização Não Governamental (ONG) que também viviam com o vírus, viu que não era bem assim: existia muita vida pela frente. Naquela época em que estavam juntos, ele tomava dois comprimidos diariamente e, desde o início de seu tratamento, em 2018, atingira a indetectabilidade. No começo tivera alguns efeitos colaterais – enjoo, insônia, tontura – mas que, com o tempo, passaram. Após o filme, ele, com muita coragem e certo medo, narra a sua história para Júlio. Ambos vinham tendo uma convivência corporal intensa, de muito desejo e prazer, mas escolheram juntos neste tempo por manter o preservativo mesmo sem, até então, terem outros diálogos mais profundos acerca da prevenção. Após Pedro relatar tais questões, Júlio – mesmo bem informado, sobretudo pelas conversas com amigos, pelas publicações em redes de divulgação de notícias voltadas ao público LGBTQIA+ e por suas pesquisas pessoais, sabendo que, nas vivências com HIV em tratamento antirretroviral, tende-se a atingir a indetectabilidade e que *Indetectável = Intransmissível (I=I)*, além das novas configurações da infecção pelo HIV – fica assustado. Pedro tenta entendê-lo e lembra de como foi difícil no “começo de tudo”. Conversam um pouco mais sobre e depois Júlio desvia para outro assunto. Cerca de uma hora depois, ambos ficam em silêncio e dormem. No outro dia, Júlio acorda cedo, se despede de Pedro com um beijo no rosto e vai para a sua casa. Na semana seguinte, Júlio pede a Pedro que permaneçam um período sem se verem, pois precisava de um “tempo”.

6.2 Afecções em cena

Eu sou o HIV que você não vê...

Rita Lee e Roberto Carvalho

Rita Lee, desde meados da década de 1980, canta acerca do *vírus do amor*¹⁵⁷ e do *HIV que você não vê*¹⁵⁸, mas que está aí, no gosto azedo do medo que apresenta real perigo. Eram períodos de muito terror e incontáveis mortes diárias em torno da aids. Mas, nas décadas que se seguiram após a criação de tais músicas, muito mudou. Poderíamos hoje tecer outras musicalidades e produções artísticas em torno do HIV e da aids? O que tem sido criado contemporaneamente? Escritas, canções, séries, filmes? O que está em movimento nesta pandemia nos anos 2020? O que permanece vivo destes momentos iniciais da pandemia e que insistimos em assim manter? O que de novo tem surgido?

O HIV que não vemos está por aí em corpos humanos, vivos. Por que segue não visto? Eis a problemática do silenciamento (BOCCHETTI, 2022). E será que precisamos vê-lo sempre? Corremos, assim, também o risco de cair nas táticas confessionais (FOUCAULT, 2013), no perigo de pressionar todos para o compartilhamento das suas verdades íntimas, de suas práticas sigilosas. Questões epidemiológicas, tramas biopolíticas (FOUCAULT, 2019), ambas tão caras à educação em ciências e biologia. Aí também habita o perigo de rotular e segregar as vivências soropositivas, quando localizadas e marcadas, a lugares distanciados da vida e de seus prazeres, como reflete Emerson Inácio (2016):

O Corpo passa da dimensão do prazer à dimensão do dever e dela, à restrição própria ao que se considera no senso comum como abjeto, sendo, pois, corpos que importam como vida tratável, mas jamais como lugar de gozo. Restringe-se, assim, o corpo à sua condição de porta-vírus, de entidade plena no discurso, mas distanciado da Vida e dos seus Prazeres. (INÁCIO, 2016, p. 489)

Eis um cuidado necessário ao trabalhar tais questões, seja nas salas de aula, em nossas práticas docentes no ensino de ciências e biologia, seja nos espaços de cuidado da saúde, seja aonde for: não cair de amores pelo dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2019), pelas teias biomédicas traçadas em torno da aids como um dispositivo (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009; PERLONGHER, 1987). Foucault (2010b, p. 106) já nos alertou em meados da década de 1970:

¹⁵⁷ Música *Vírus do Amor*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho.

¹⁵⁸ Música *O gosto do Azedo*, de Beto Lee.

“Não caiam apaixonados pelo poder”. É preciso ter cuidado com as nossas relações e alianças com os conhecimentos científicos, e em como mobilizá-los em nossos cotidianos.

As narrativas presentes nas Cenas 1, 2 e 3, em lampejos literários, borram fabulação e realidade, atravessando processos de produção de discursos, práticas, subjetividades, silêncios, silenciamentos e modos de mobilizar falas, permeadas por tais dispositivos. Nas linhas ficcionais não existem mentiras: são múltiplas histórias de vida, povos criados e que falam por si a partir de suas experiências e de seus aprendizados cotidianos. Os segredos são revelados por um cartógrafo que tudo vê, buscando se manter paradoxalmente distante e próximo. Pelo caráter de serem “apenas” cenas, consistem em recortes breves de cotidianos banais e intensos, deixando linhas em aberto para afecções e aprendizagens por vir.

Os filmes *Carta para além dos muros* (2019), *Como sobreviver a uma praga* (2012) e *120 Batimentos por minuto* (2017) são situados nas narrativas criadas e atravessadas nas cenas, não como centralidades das histórias, mas como elementos que lá se fazem presentes, que carregam potências pedagógico-educativas, junto de tantos outros elementos que compõem territórios existenciais. As produções audiovisuais estão lá, ensinando, mas não são os únicos meios de aprender: compartilham os espaços com múltiplos agenciamentos educativos: a escola, as redes sociais, as relações pessoais, os encontros, a vida que urge e que ensina diariamente a como habitar o mundo e seguir intensamente vivo.

Os breves ensaios das Cenas 1, 2 e 3 buscam tensionar a dimensão da educação em HIV/aids por meio dos afectos, das sensibilizações possíveis. Estas escritas iniciais, em si, atravessam diferentes territórios educativos – a escola, o trabalho, a casa, a rua, os filmes. A vida é – na tese e nestas cenas –, em suma, o principal espaço da educação, visto que aprendemos por estarmos vivos (RIGUE; DALMASO, 2020).

Entre o início da década de 1980, com a emergência pública e midiaticizada dos primeiros casos catalogados da aids que, rapidamente se pulverizaram mundo afora na consolidação de uma pandemia que levou dezenas de milhões de pessoas a óbito até os anos 2020, período em que tal morte coexiste com múltiplas possibilidades terapêuticas e preventivas com antirretrovirais, muito mudou. No Brasil, rapidamente uma nova pandemia superou o número de vidas ceifadas pela aids: a de covid-19¹⁵⁹. Não há quem tenha passado ileso a estas duas emergências pandêmicas: todos somos por elas impactados.

¹⁵⁹ Segundo o Boletim Epidemiológico – HIV/aids (2022) “Desde o início da epidemia de aids (1980) até 31 de dezembro de 2020, foram notificados no Brasil 360.323 óbitos tendo o HIV/aids como causa básica” (BRASIL, 2022, p. 23). No dia três de julho de 2022, o site do Ministério da Saúde registrava a marca de 671.858 mortes em decorrência da covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

Ao reconhecer todas estas questões em movimento em torno da pandemia de HIV/aids, indago: será que nós também temos mudado? Será que as ensinagens escolares em ciências e biologia, em torno de tais questões, se atualizaram ou seguem próximas do mesmo que se educava décadas atrás? Que discursos e práticas têm sido produzidos contemporaneamente? Como temos nos relacionado com os vírus, com o medo, com o adoecimento, com o cuidado de si e do outro, com os desejos, com os sonhos de uma cura à infecção e ao estigma, com as possibilidades materializadas em tecnologias? Ao nos afirmarmos como educadores em ciências e biologia, de quais formas temos nos articulado em nossas práticas educativas no combate aos preconceitos que se entrelaçam com moralidades em torno de tal território pandêmico? Temos nos empenhado na popularização das formas de prevenção e de tratamento ao HIV/aids e às outras IST, abrindo-nos às mudanças constantes neste campo? Será que as pedagogias em torno da moral familiar-cristã e do terror que ressoavam nos primeiros anos de emergência da pandemia continuam sangrando atualmente? Como seguimos atualizando muito do que nos marca e fere cotidianamente em relação ao corpo, ao desejo e ao prazer?

A partir das Cenas 1, 2 e 3, fica evidente a presença de uma educação maior em HIV/aids em diferentes espaços, à serviço dos interesses estatais, aliada à biomedicalização da vida e à manutenção do estigma, sustentada em linhas duras e segmentares que investe no controle dos corpos por meio de pedagogias do medo e do terror. Também salta aos olhos que mobilizar educações menores em HIV/aids pode acontecer de múltiplas formas e em territórios variados, dentro e fora da escola, como ocorre por meio das linhas de fuga que vão germinando. Salas de aula, ruas, casas, redes sociais, filmes: espaços educativos. Será que toda educação maior é sempre traumática ou ruim? De que formas podemos diminuir as dicotomias? Como seria possível transitar por entre diferentes linhas – duras, segmentares e de fuga (DELEUZE; PARNET, 1998) – nas ensinagens e aprendizagens?

Nas Cenas 1, 2 e 3, as produções audiovisuais aparecem em relances por meio dos diferentes encontros lá suscitados, permeiam as histórias, abrem possíveis afecções e, logo, também formas de aprender e de ensinar. Nesta tese, fiz a escolha de adensar o olhar aos filmes, infectando-os e contagiando-me com narrativas outras – como nas escritas literárias, poéticas e musicais que permeiam este trabalho de seu início ao fim –, mas ressalto que mobilizar educações menores em HIV/aids pode acontecer com materiais diversos: as ferramentas são muitas, demandando serem escolhidas e movimentadas pelos educadores.

Os filmes mobilizados nos capítulos anteriores nos dão pistas de educações menores em HIV/aids, não como formulários e prescrições a serem seguidos, mas como inspirações,

afecções, trajetos por vir. Com as narrativas audiovisuais temos pistas de como agenciar transbordamentos possíveis à educação em ciências e em biologia e... em espaços escolares e não escolares, e... e... e... nos caminhos múltiplos, contagiosos, afectivos, inspirados no devir-vírus, no fecundo contágio pela vida que nos interpela nos diferentes espaços e tempos que percorremos.

Mobilizar as narrativas filmicas aqui cartografadas nos anos 2020, enquanto ainda estamos sendo afetados pelos atravessamentos da emergência da pandemia de covid-19, apresenta-se com certas particularidades: a proliferação de saberes e práticas biomédicos em múltiplos espaços cotidianos os quais, anteriormente, não se faziam (tão) presentes; a intensificação das políticas higienistas, do distanciamento, da aversão ao outro, do medo, do pânico e, também, do perigo e da proximidade com a morte. Tais questões são tangenciadas sutilmente nas Cenas 1, 2 e 3, que abrem esta seção por meio das máscaras, das vacinas e do isolamento, relacionado à covid-19, juntamente da inquietação dos personagens perpassados pelas tramas das ciências médicas, e afetados pelo estigma que permeia o HIV e a aids. Estas instâncias imbricadas em percepções advindas das conexões entre-pandemias, ora sutilmente e ora explicitamente, compõem as minhas escritas advindas dos encontros com as produções audiovisuais, visto que, mesmo que a sua criação e publicização tenha sido anterior à covid-19 como doença (re)conhecida, o nosso encontro se fez após tal período e carrega as marcas de leituras e experiências imbricadas nesses contextos.

As narrativas literárias presentes nas Cenas 1, 2 e 3 também trazem a dimensão da presença dos filmes em cotidianos, afetando diretamente diferentes pessoas, imbricando na produção e movimentação de modos de vida, educando. Que atravessamentos já não foram experimentados a partir de encontros com estas e outras produções? Quantos estão em vias de acontecerem? Como podemos mobilizarmo-nos para tal, articulando-as em nossas vidas e práticas pedagógicas? Eis a potência do por vir.

O documentário¹⁶⁰ *Carta para além dos muros* (2019), ao tecer narrativas audiovisuais em torno da história da pandemia de HIV/aids no Brasil, conecta-as com acontecimentos globais e narrativas de outros territórios. O seu título, inspirado nas cartas para além dos muros produzidas por Caio Fernando Abreu, posteriormente publicadas no livro *Pequenas Epifanias* (2014), nos convida a transpor as tantas barreiras para nós impostas, também as que ajudamos

¹⁶⁰ Parte destas considerações finais foram apresentadas no 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (9º SBECE/6º SIECE), que aconteceu de forma remota no ano de 2022, com o título de: *Pistas de uma educação menor em HIV/aids: reflexões a partir de filmes*.

a construir. Caio relata nas escritas, entre poéticas e mistérios, os processos em torno da sua descoberta¹⁶¹ e vivência com HIV. A partir de tal interlocução, o filme tece paralelos com a vida de Caio, um personagem recém diagnosticado como um corpo infectado pelo vírus. Múltiplas narrativas vão se trançando: a de Caio F. Abreu, a do personagem Caio recém diagnosticado, a de tantos outros sujeitos que atuaram na história do HIV e da aids no Brasil e no mundo, seguindo nas lutas até os tempos atuais. Percebo que o filme traça variadas rotas nas vidas afetadas pela pandemia de HIV/aids, não focando na perspectiva única do sofrimento e da morte – por mais que ela também seja real e esteja presente em muitos momentos –, mas da militância, do desejo, da força coletiva. São pedagogias da memória que carregam a potência de afetar quem assiste, como ocorreu com a personagem Renata na cena 1. Assim, engendra educações menores em HIV/aids, ressoando em possibilidades outras de narrar uma pandemia, para além dos já saturados e naturalizados discursos biomédicos que pouco ou quase nada trazem de relação com as vidas que são atravessadas pelo HIV e pela aids.

O documentário estadunidense *Como sobreviver a uma praga* (*How to survive a plague*, 2012) se passa sobretudo nos anos iniciais da pandemia de HIV/aids, retratando movimentos do Coletivo ACT UP, principalmente na cidade de Nova Iorque. Nas escritas mobilizadas a partir dele, busquei cartografar as narrativas fílmicas e suas pedagogias na procura de educações menores em HIV/aids, infectadas também por teorias decoloniais e pelos estudos do Sul. A interlocução teórico-epistemológica entre filosofias da diferença e estas outras correntes de pensamento ocorreu a partir do desejo de encontrar – e criar – conexões entre as narrativas audiovisuais advindas geograficamente do Norte global com transbordamentos contemporâneos e urgentes do Sul. Para tal, percebi que, mesmo localizando sobretudo nos Estados Unidos, os personagens lá presentes são corpos-do-Sul, historicamente estigmatizados, lutando pelas suas vidas, enfrentando descasos estatais e negligências biomédico-mercado-lógicas. A história da pandemia de HIV/aids é também a nossa história, como percebe Júlio na Cena 2, e eis a urgência e importância de tecer narrativas de memória, como no documentário. Será que se estivéssemos em outros momentos, como nas décadas de 1980 e 1990, nós sobreviveríamos a estes territórios pandêmicos? E quem passou por todos estes anos de pandemia, de que formas foi marcado? A morte é personagem no filme, assim como o luto e a luta. Tais dimensões – da luta e do enlutar-se – tecem-se em conexões viscerais. A educação menor imbricada nas narrativas audiovisuais impulsiona a luta, o desejo de permanecer vivo e

¹⁶¹ Tal processo de diagnóstico ocorreu por meio d“O Teste”, também presente ao fim da cena 2, com Jorge indo realizá-lo.

a solidariedade – mobilização tão importante nos movimentos sociais de HIV/aids no Brasil e no mundo. Busquei, a partir do filme, encontrar inspirações nos ventos do Norte que pudessem chegar ao Sul e mobilizar formas de lutas, de resistência e de ensaiar modos outros de narrar – e habitar – a pandemia de HIV/aids, com os múltiplos impactos e afecções possíveis a partir dela.

Em *120 Batimentos por Minuto* (*120 Battements par Minute*, 2017), as cenas se passam na França, sobretudo em Paris, na década de 1990, período de grande terror em torno da pandemia de HIV/aids. Percebo, nos anos 2020, que muitos dos resquícios morais, de pânico, medo e preconceito que circundavam o HIV e os processos de adoecimento por ele possivelmente desencadeados naqueles anos iniciais da emergência viral seguem em curso, se intensificando com a emergência da covid-19, como por intermédio do fortalecimento da noção biomédica-estigmatizante de “grupos de risco”. Tais questões ficam evidentes, na Cena 3, com a reação de pânico suavemente disfarçada por Júlio perante a coragem de Pedro dizer suas verdades íntimas, não conseguindo – ou desejando – reagir de outra forma que não fosse aversiva e de fuga, ficando nítido muito do que segue em curso no que tange tal relação humano-vírus¹⁶². Encontrar com produções contemporâneas de momentos outros do passado da pandemia movimenta possibilidades de vislumbrar quais imagens permanecem pulsando nos anos 2020, e que cartografias são traçadas a partir delas.

Em *120 Batimentos por Minuto* (2017), assim como em *Como sobreviver a uma praga* (2012), os militantes do Coletivo ACT UP travam lutas contra laboratórios científicos e instituições estatais, mobilizando-se na defesa do direito à saúde e aos tratamentos possíveis à aids e às infecções oportunistas. Para além das batalhas por produtos biomédicos, os sujeitos presentes nas narrativas filmicas exigem que sejam reconhecidos como vivos, que possam existir intensamente, desejar com vontade, fugindo da morte civil que Herbert Daniel (DANIEL; PARKER, 2018) denuncia. Os personagens pulsam, demandam vida, supitam, proliferam, expandem e se contagiam com a força que neles vibra. O vírus e a aids também são personagens no filme, compartilhando as cenas com os humanos em potências multiespécies (TSING, 2019), em devir-vírus. Nas imagens e sons, o desejo salta aos corpos, mesmo nos adoecidos e próximos à morte, em cenas que nos ensinam, atravessam e produzem formas múltiplas de permear saberes curriculares ao se engendrarem como manifestos pela vida, pelo prazer e pelo tesão, na força coletiva, no contágio afectivo vivido nos encontros.

¹⁶² A história entre Pedro e Júlio, sem um final decisivo, deixa em aberto a potência do por vir, com seus diferentes desfechos possíveis.

6.3 Borrando imagens, criando vidas outras

Como infectar a educação em ciências e biologia com a potência que habita nestes filmes? De quais formas podemos mobilizá-las nas salas de aula, nos museus, na divulgação científica, nas reflexões em torno das relações humano-vírus? As conexões entre ciências, artes e filosofias se materializam nestas escritas, nas imbricações autorais, nos ensaios de formas outras de se relacionar com a pandemia de HIV/aids, de viver a pandemia de covid-19 a partir das afecções advindas dos encontros com os filmes. Pelas narrativas imagético-sonoras é possível aprender. Com elas, carregamos a potência de educar. Elas, ao nos afetarem, também nos ensinam e nós podemos, junto delas e a partir delas, nos movimentar, mudar, friccionar o que trazemos de percepções antigas, modificando-as.

Com os filmes, é possível experimentar outras formas de nos relacionarmos com os vírus, com os desvios às normas, com as dissidências e minorias (DELEUZE, 2013) que existem e que nós também somos, com as questões menores (DELEUZE; GUATTARI, 2017), com as múltiplas formas de vida. Todas estas dimensões habitam nas escolas, nas salas de aula, nos museus, nos parques, nos cinemas, nas ruas, nas casas. Estão nas capitais e no interior, nas zonas centrais e nas periferias, nas diferentes existências que habitam variados espaços e tempos. O HIV está nos corpos humanos, tanto como materialidade biológica quanto como discursos e práticas, nas moralidades, nos racismos (FOUCAULT, 2005), nas práticas assépticas, nas palavras cortantes, na plastificação do desejo, na produção de formas aceitáveis de prazer, atravessado por diferentes dispositivos (FOUCAULT, 2019). A aids, tanto a nível enunciativo quanto adoecimento, convive conosco – ainda, sim! –, faz morada em nós, em nossos dizeres e fazeres, na nossa sociedade, em nossas vidas, sendo também por nós produzida e atualizada: ela está aqui, não está distante.

Os encontros e atritos entre corpos desejosos podem continuar acontecendo. Na verdade, mais do que possíveis, eles são necessários para seguirem movimentando as engrenagens capitalistas em indústrias como as ligadas à procriação humana e à pornografia¹⁶³, por exemplo. Mas as ciências nos dizem: é preciso cuidado. Nesta afirmação, movimentam-se ensinagens

¹⁶³ Preciado (2018), em *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* traça interessantes e importantes mobilizações em torno do sistema farmacopornográfico que permeia e movimenta o capitalismo contemporâneo. Neste livro, o filósofo tece percepções acerca de como a reprodução humana e a produção de dispositivos em torno do gênero e da sexualidade são necessários ao capitalismo: sem eles, nada nestes moldes existiria. Já Rolnik (2018) em *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* disserta acerca da necessidade vital da cafetinagem de nossos desejos para movimentar o neoliberal sistema colonial capitalístico. A educação em ciências e biologia, em seus discursos e práticas, tem atuado junto destas engrenagens e dispositivos pontuados por ambas as autorias.

que nos ditam, dentre outras, as seguintes questões: use camisinha e máscaras! Tome remédios, mais e mais! Distancie-se de alguns! Escolha bem com quem e com quantos se relacionar! Se vacine!

Ao problematizar estas narrativas científico-biomédicas não pretendo coadunar com discursos que negam os saberes historicamente produzidos nas ciências e, muito menos, dizer que o uso de preservativos, proteções faciais, medicamentos e imunizantes seja “errado” ou “ruim”. Defendo que tais produções podem e necessitam ser utilizadas para a garantia da saúde, da potência de vida e dos bons encontros. Os conhecimentos deveriam ser mobilizados pela e para a nossa existência em sua força e vivacidade, e não a serviço do mercado neoliberal. Assim, busco aqui problematizar os dispositivos biomédicos tecidos em torno do corpo, dos encontros, dos desejos, dos prazeres, juntamente dos discursos e práticas produzidos a partir deles, como, por exemplo, na própria produção do que se entende por sexo, na manutenção da monogamia e da família heterossexual, questões densamente investidas na educação em ciências e biologia.

E a nós, educadores em ciências e biologia, professores, formadores, o que nos é cobrado pela sociedade, pela direção escolar, pelos órgãos gestores, pelas grades curriculares? O que temos ensinado? De que forma temos mobilizado os conhecimentos das ciências da natureza em nossas ensinagens? O que podemos fazer com e a partir do que temos feito? Estaríamos em uma terra arrasada ou ainda há algo a se criar? O que nos resta? O que podemos? Como nos articula(r)mos com tais questões em torno da pandemia de HIV/aids? De que maneiras podemos aprender com a força dos movimentos sociais em HIV/aids para imbricarmo-nos em educações menores em ciências, em biologia, em saúde, em HIV/aids? Poderíamos nos infectar com a potente promiscuidade rizomática que acontece a partir do habitar múltiplos territórios de pensamento, desejo e vida, mobilizando-a em nossas práticas educativas e de pesquisa?

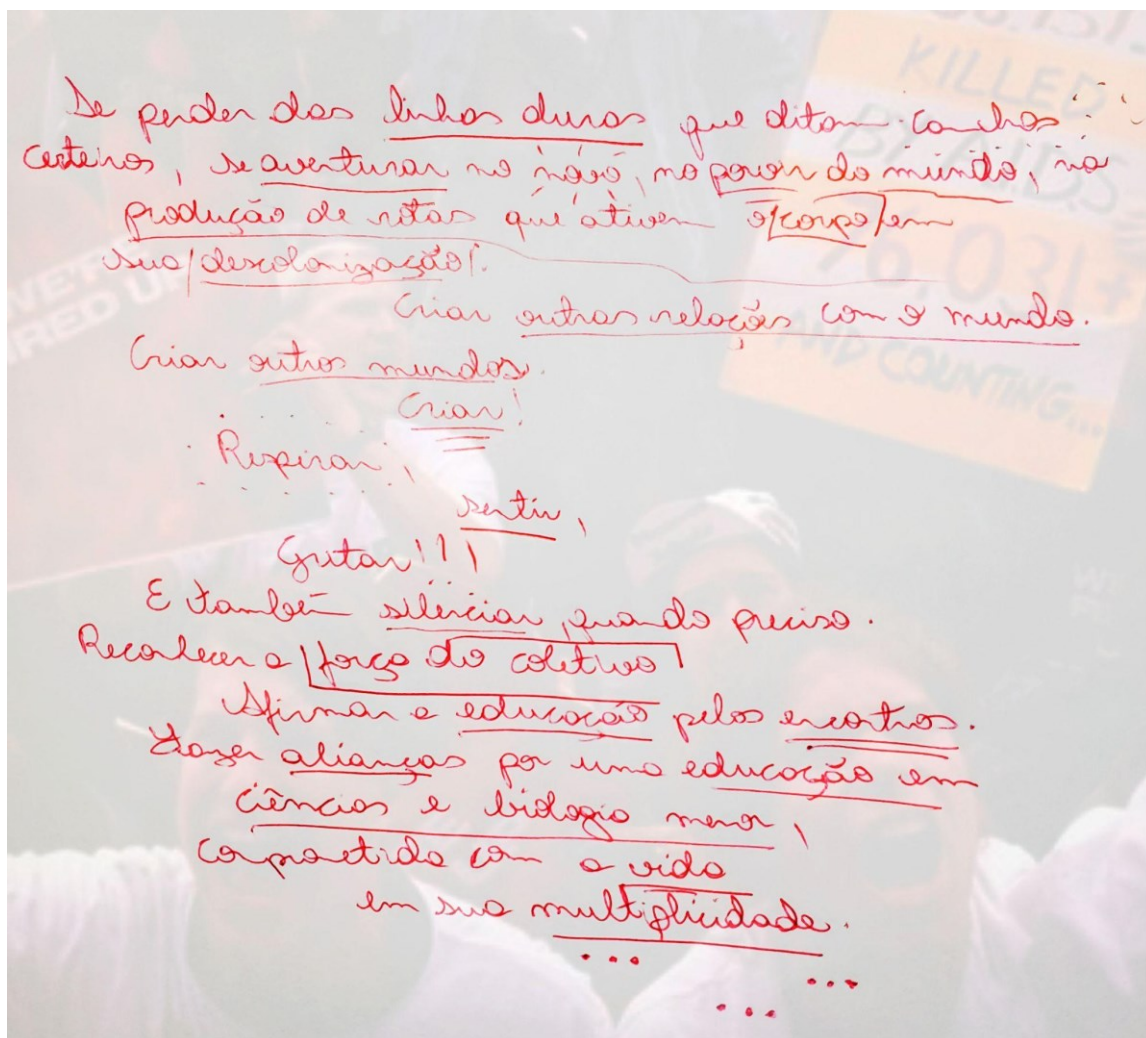
Néstor Perlongher (1987)¹⁶⁴, desde os primórdios da emergência da pandemia de HIV/aids, nos dá importantes pistas para pensar nestas questões:

Seria preciso, talvez, conceber uma política sexual diferente, que não desconhecêsse a multiplicidade dos desejos eróticos nem tentasse disciplinar pedagogicamente os perversos e seus prazeres. Trata-se de oferecer a melhor informação possível, mas afirmando simultaneamente o direito de dispor do próprio corpo e da própria vida [...]. A vida não se mede apenas como quer a instituição médica, em termos de prolongação da sobrevivência (ou da agonia), mas também em intensidade de gozo. A dimensão do desejo não deveria ser negligenciada, se é que se trata de salvar a vida. (PERLONGHER, 1987, p. 91-92)

¹⁶⁴ Repito parte desta referência, citada anteriormente no quinto capítulo, por perceber que a mesma carrega potências possíveis de seguir ressoando em intensidades por aqui.

Invisto, assim, na possibilidade de infectar a educação em ciências e biologia com a força do desejo, com a potência do prazer, com a vazão do gozo que evidencia a dimensão transbordante da vida. Como gesto singelo de um jovem e sonhador professor de ciências e biologia, de um pesquisador que se compromete com uma educação que se faça a partir dos encontros, com a força do coletivo, busquei, mais uma vez, colocar-me no exercício de experimentar com os filmes, com as escritas e com as imagens, criando cartografias outras. Para tal, revisei as suas fotografias deles registradas, também os últimos parágrafos na íntegra dos artigos já publicados que compõem os capítulos 3, 4 e 5. Depois, escrevi com tinta vermelha, em folhas de papel, o que senti seguir vibrando em cada um daqueles finais dos textos, sobrepondo em um registro de um dos filmes, embaralhando-os e gerando as imagens que se seguem.

Imagem 33 – Outras linhas



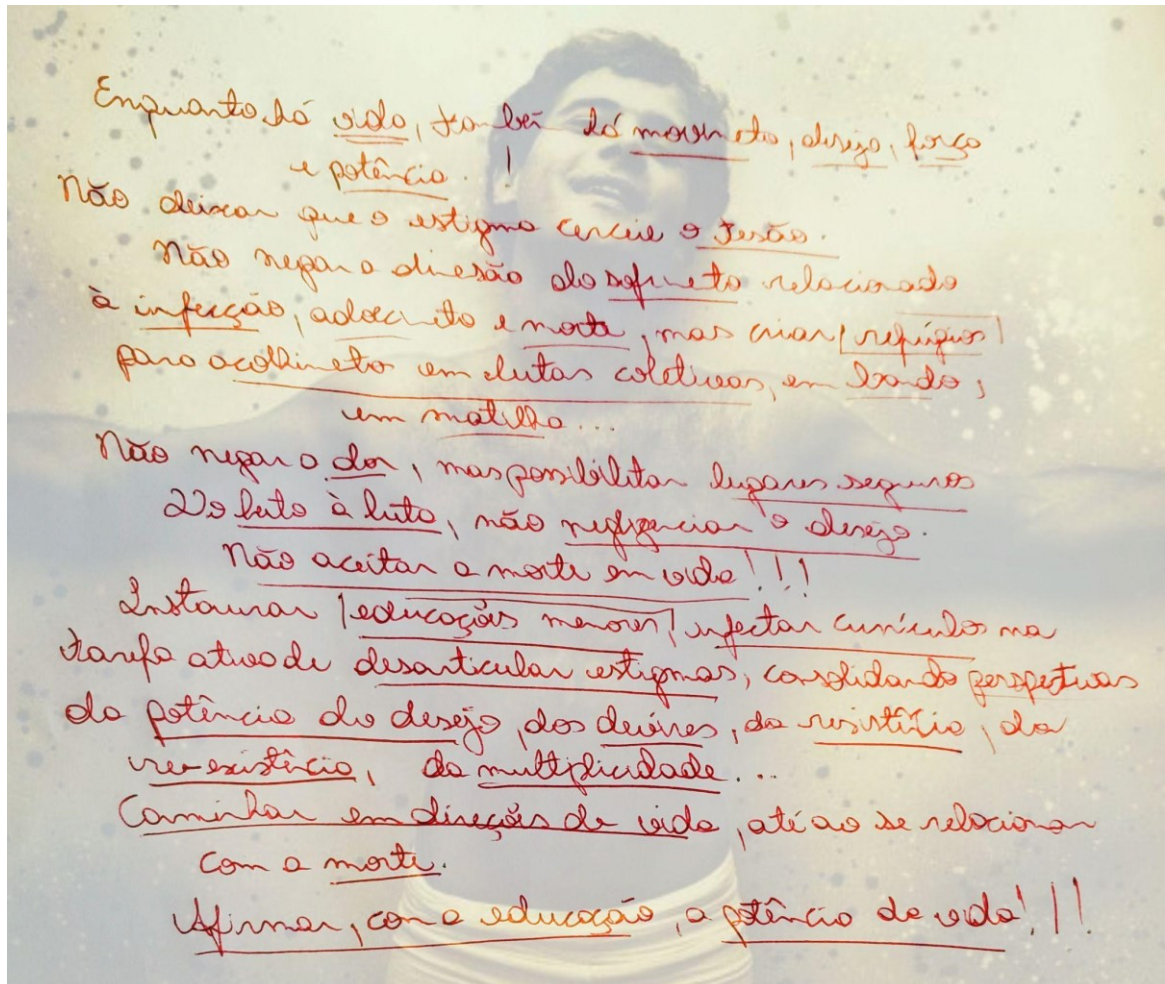
Legenda: Manipulação digital do autor, sobrepondo escritas em papel com fotografia do filme.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012).

Ver as linhas duras que marcaram a minha longa formação docente durante toda uma escolarização que seguiu na graduação-mestrado-doutorado, reconhecê-las e, a partir disso, buscar caminhos outros que somem, que multipliquem. Investir nas linhas de fuga. Puxar estes fios e trançá-los com a possibilidade de criar outras relações com as ciências, com a educação e com a vida. Escrever em vermelho, feito sangue, pois ele é o fluido vital que produziu esta tese e toda a minha trajetória: sangue, muito sangue! Sangue do meu corpo que transborda nos múltiplos momentos de estudo e de imersão, nas inquietações, nos deslocamentos, nas leituras, nas militâncias, nos sofrimentos, nas alegrias, nas lutas, nas cenas, nos cortes, nas veias, nos furos, nas peles, nas mucosas, nos contatos, nos dias e nas noites aqui me debruçando, nas incontáveis e indizíveis vivências que se materializam nestas linhas. Sangue que jorra nos/dos/pelos encontros. Sangue dos que vieram antes de mim e que me possibilitaram aqui estar. Sangue de um coletivo que comigo se junta na luta pela educação, pela saúde, pela ciência, pela arte, pela poética, pela filosofia... na luta pela vida!

Criar outros mundos. Embarcar na força do grito, como nos ensina Clarice Lispector (1973). Aprender a ver a potência do silêncio (BOCCHETTI, 2022), quando necessário. Educar. Estudar. Pesquisar. Ensinar. Fazer alianças, pois juntos somos mais fortes. Saber que em cada escrita no singular existe um pouco de muitos. Reconhecer que em cada aula, dentro da multidão que permeia uma sala, abriga-se a diferença de cada vida. Nestas multiplicidades que atravessam a educação, nos colocamos criativamente na busca de, cotidianamente, atualizar as nossas práticas docentes, como a professora Renata, na Cena 1? Lembramos da existência de estudantes como Tatiane, na mesma escrita que abre esta seção final? Chegamos a considerar que nossos colegas e alunos possam viver com HIV? Que possam ter perdido alguém para a aids? Que possam, eles mesmos, quase terem partido por tal adoecimento? Que os discursos e práticas em torno da pandemia de HIV/aids os matem um pouco diariamente? Quiçá, que estes tantos enunciados que nos passam também nos ceifem em vida? Reconhecemos a nossa porosidade, fragilidade e vulnerabilidade perante estes atravessamentos pandêmicos? Nos vemos em meio a estas questões ou insistimos em acreditar que tudo isso é algo distante, que somos puros, inabaláveis e imortais? E caso percebamos a nossa relação com tudo isso, investimos na manutenção ou dissolução do estigma?

Imagem 34 – Por uma educação aberta à vida!



Legenda: Manipulação digital do autor, sobrepondo escritas em papel com fotografia do filme.

Fonte: *Carta para além dos muros* (2019).

Reconhecer a vida que resiste e que pulsa, que (se) reinventa nas cenas fílmicas, nas escritas feitas e nas por vir, nas salas de aula, nos corpos, nos consultórios médicos, nas ruas. Ver a vida que pulsa dentro de todos nós. Estar atento às possibilidades de vibrar aqui e agora. Viver apesar de (LISPECTOR, 2019b). Viver com. Criar outras relações com os vírus, perceber que as pandemias são, quiçá, mais sobre os humanos e suas posturas no Antropoceno (TSING, 2019) do que sobre os microorganismos que compartilham o planeta conosco.

Nesta abertura à diferença, perceber os possíveis (DELEUZE, 2013) que se abrem para infectarmos currículos. Estar poroso às pedagogias que se produzem em espaços diversos, como nos aplicativos e redes sociais tangenciados na Cena 2 com as derivas de Jorge, e nos filmes. Perceber o medo que circunda a pandemia de HIV/aids, como na tensão entre Pedro e Julio, na Cena 3, seja pelo desconhecimento de suas mudanças, seja pelo reconhecimento da seriedade

da infecção, da possibilidade de morte, ou pelo estigma que insiste em se atualizar nas táticas de rotular certas vidas soropositivas ao HIV, marcadas por diagnósticos biomédicos, como contaminadas, sujas, inferiores e não dignas do gozo e da existência em potência.

Buscar os possíveis para lidar com a dor e a morte que nos acompanham dentro e fora das salas de aula, dentro e fora dos ambientes hospitalares, dentro e fora de nossas casas, dentro e fora de nossos corpos: a dor de estar vivo, de acordar, de nos mexer, de sair dos casulos, de mudar, de ter atritos, de lutar para modificar algo que não acreditamos e que para nós não faz sentido, de mutarmo-nos, como trocar os dentes de leite, atuar na militância ou finalizar uma pós-graduação, feito uma cigarra depois de um longo período submersa na terra sugando a seiva vegetal, ao sair do subsolo, em sua belíssima metamorfose¹⁶⁵, deixando dolorosamente as cascas, a pele que não serve mais, ganhando asas e indo cantar ao mundo, mesmo que brevemente; as mortes e os lutos a ela associados que marcam e instituem justamente a vida, que anunciam a mudança, que fissuram o estabelecido e agenciam devires, que nos permitem renascer, sermos outros, transformar¹⁶⁶. Múltiplas potências fazem morada nestas relações com o corpo, com a vida, com a morte, com a deriva e com o mundo.

Também é importante, como ensina Rolnik (2018, p. 196) em suas *sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente*, não aceitar o inaceitável, “não ceder à vontade de conservação das formas de existência e à pressão que esta exerce contra a vontade de potência da vida em seu impulso de produção de diferença”, não tolerar o intolerável,

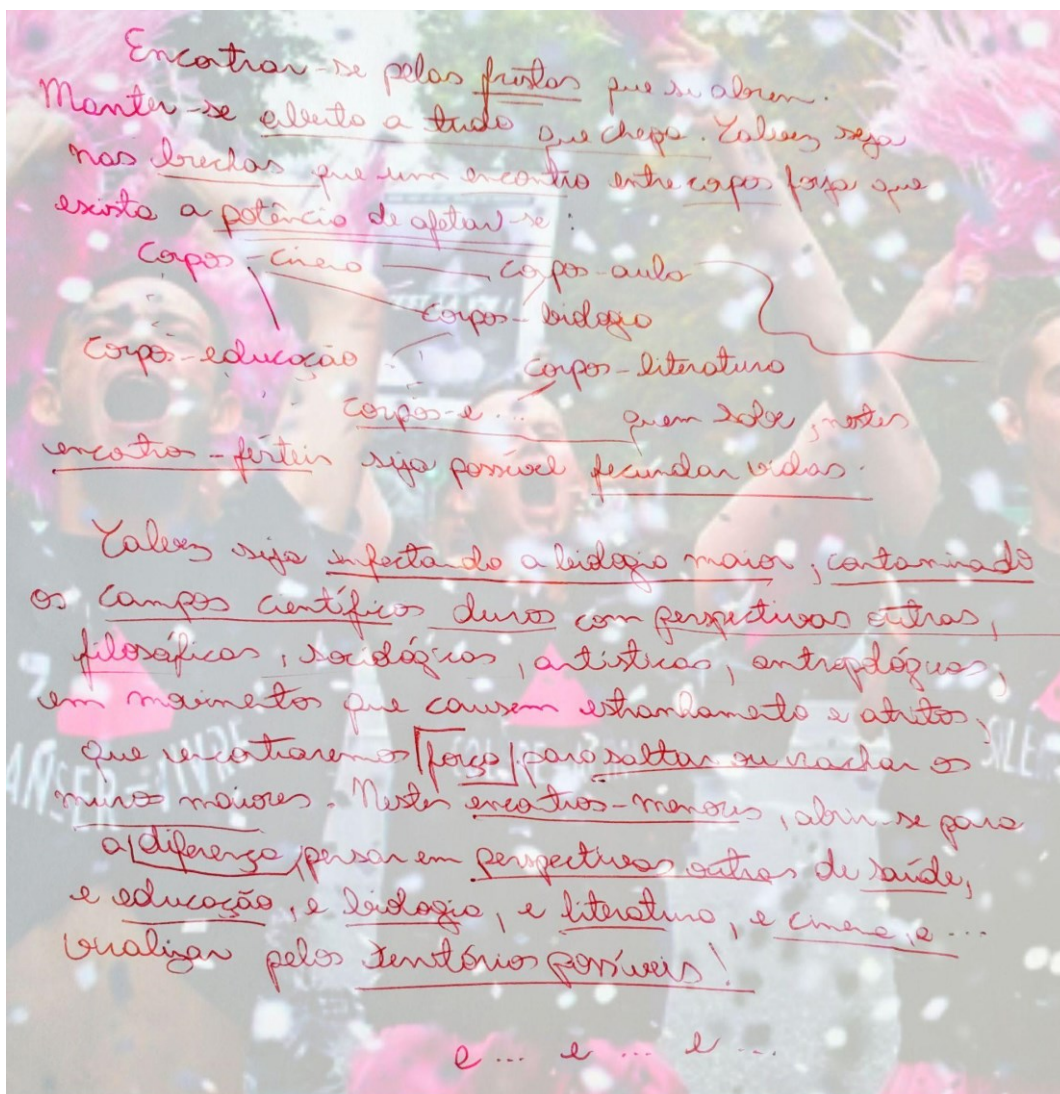
Não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida, o que implica mantê-la o mais possível fecunda a cada momento, fluindo em seu processo ilimitado de diferenciação de formas e valores; não negociar o inegociável: tudo aquilo que obstaculiza a afirmação da vida, em sua essência de potência de criação. Aprender a distingui-lo do negociável: tudo aquilo que se poderia aceitar e reajustar porque não debilita a força vital instituinte, mas, ao contrário, gera as condições objetivas para que se produza um acontecimento, cumprindo-se assim seu destino ético; praticar o pensamento em sua plena função: indissociavelmente ética, estética, política, crítica e clínica. Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro (humano e não humano), modo de existir – toda vez que a vida assim exigir. (ROLNIK, 2018, p. 196-197)

¹⁶⁵ Inspirado no livro *Metamorfoses*, do filósofo italiano Emanuele Coccia (2020).

¹⁶⁶ Três cartografias que invisto na potência da mudança e transformação da vida em diferentes situações são: *Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo* (SALES, 2020b); *Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia* (SALES, 2022a); *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES; ESTEVINHO, 2021).

Juntamente disso, não cair de amores pelo poder (FOUCAULT, 2010b). Reconhecer os microfascismos que habitam em nós e, a partir de tal atenção direcionada, investir em mudanças possíveis. Colocar-se ativamente na afirmação, com a educação, da potência da vida.

Imagem 35 – Corpos, f(r)estas, educações, e...



Legenda: Manipulação digital do autor, sobrepondo escritas em papel com fotografia do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017).

Cavucar um território, abrir espaços, encontrar frestas e, quando não achá-las, movimentar-se para criá-las. Dentro do possível, sempre. Criar f(r)estas possíveis. Nas salas de aula, nas nossas ensinagens de ciências e biologia, nas nossas práticas militantes, na alegria dos nossos bons encontros. Manter o nosso corpo vibrátil (ROLNIK, 2016) poroso ao que nos chega, ao que lemos, ao que vemos, ao que ouvimos: ao que nos afeta. Ter atenção ao que nos atravessa, ao que se esbarra conosco em nossos caminhos. Nos deliciar com o que assistimos,

criar relações com o que sentimos. Mobilizar imagens e sons na educação e, – por que não? – na escolarização, ver a força que eles carregam de nos ensinar, de com eles aprender.

Investir na criação de relações outras com os vírus na educação em ciências e biologia é tecer alianças com perspectivas para além dos discursos e práticas biomédicos, como mobiliza Coccia (2020) em suas reflexões acerca da metamorfose que produz a vida:

Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, flutuando – a pura potência da metamorfose. Eis o que é o porvir, uma força de desenvolvimento e reprodução da vida que não nos pertence, que não é propriedade exclusiva de um indivíduo, nem mesmo comum e compartilhada, mas sim uma potência flutuante na superfície de todos os outros corpos. Precisamente porque ela é livre, essa força circula de corpo em corpo. Ela está ao dispor de todos, suscetível de ser apropriada por cada um dentre eles. Mas, assim como apropriar-se de um vírus significa contaminar-se, transformar-se, metamorfosear-se, apropriar-se do futuro significa expor-se a uma mudança irreparável. (COCCIA, 2020, p. 209)

No vírus habita a potência do porvir, da mudança, da metamorfose (COCCIA, 2020). Com ele, em devir-vírus, é possível infectar diferentes campos, como a educação em ciências e biologia maior, já que “o pensamento se dá sempre por contágio, a educação também, nossa micropolítica fecunda é contagiosa, a revolta e as dissidências são contagiosas...” (DIAZ, 2020, p. 171). Assim, é possível fissurar a educação maior. De dentro dela: no Estado, nas empresas, nas escolas, nas universidades, nas ruas, nos laboratórios. Ocupar, fazer morada sem perder a força do devir-nômade. Fazer alianças: múltiplas conexões! Rizomar com as filosofias, as artes, as ciências. Devir-com: ver a minoria que todos somos, cada um à sua maneira. Atentar-se às potências minoritárias, reconhecer a força de uma educação menor. Fissurar as moralidades, colocar-nos abertos às experimentações.

Reconhecer os riscos e potências de estarmos vivos, sem cair no perigo maior de perder a alegria de viver, visto que, como já nos ensinou Perlongher (1987, p. 92), “Seria paradoxal que o medo da morte nos fizesse perder o gosto da vida”. Para tal, demanda-nos uma coragem de estar vivo, de dizer a verdade, de cuidar de nós e dos outros, de afirmar a educação, de lutar por territórios abertos à multiplicidade.

Uma pista sobre como mobilizar estas múltiplas educações menores nos foi dado por Fernand Deligny (2018, p. 114) em *Os vagabundos eficazes*: “O que queremos para esses moleques é ensiná-los a viver, não a morrer”. Para tal proposta afirmativa da vida, necessita-se de uma relação educativa que não destrói e corrói as existências, ao contrário, uma relação de composição, desterritorialização, devir, feito a potência viral infectiva e afectiva que adentra os

espaços, não causando a doença, e sim a saúde da mudança, da metamorfose, da abertura à mutação, ao porvir.

6.4 Linhas finais, caminhos abertos

Nas narrativas audiovisuais aqui mobilizadas habita constantemente a tensão entre desejo e medo, vida e morte, saúde e doença. Linhas de fuga são nelas embrionadas na instauração de formas – e não fôrmas!¹⁶⁷ – outras de narrar uma pandemia: por meio da força da vida, do desejo, da potência e da luta, mesmo em momentos de esgotamento. Com elas, nos infectamos rizomaticamente com a possibilidade de imbricar na educação em ciências e biologia, em gestos ativos de instaurar fissuras.

A partir dos filmes proliferam possibilidades de mobilizar educações menores em HIV/aids, fugindo dos discursos biomédicos, incidindo fraturas nas imagens moralistas e estigmatizantes em torno das relações humano-vírus, do corpo e do prazer, do tesão, do desejo e da vida. Eles são, mais do que objetos, a materialização de alguns caminhos possíveis, mas não os únicos. Existem múltiplas possibilidades por vir e ferramentas a serem utilizadas.

As narrativas audiovisuais traçam pedagogias do desejo, da luta pela vida, da potência que habita no coletivo. A força de tais ações coletivas-militantes fissa tramas hegemônicas, instaurando minoridades. Nelas habitam as possibilidades de engendrar educações menores que confrontem os dispositivos imbricados em torno do corpo, do desejo, da vida, associados à sexualidade e, também, à aids. Forjam-se educações militantes, políticas e coletivas – logo, menores –, em defesa e afirmação da vida, ativamente se posicionando no combate ao estigma em torno do HIV e da aids, na desconstrução de pré-conceitos, na possibilidade de experimentar-se, de agenciar bons encontros e com eles aprender, de mobilizar pelo corpo os desejos, de dar vazão aos fluxos, de vibrar intensamente.

Os filmes, ao infectarem diferentes espaços, como atravessado nas escritas das Cenas 1, 2 e 3 que abrem este texto final e tangenciado nas Imagens 33, 34 e 35 que caminham ao seu fim, movimentam tais fissuras, agenciam formas outras de narrar uma pandemia e de nos

¹⁶⁷ Inspirado no potente e sensível texto *Por um Ensino de Biologia que se permita escutar a voz dos passarinhos e desenhar o cheiro das árvores*, de Sandra Bastos (2020, p. 43, grifos meus), e nas seguintes provocações: “Por isso, provooco meus alunos (futuros professores de Ciências e Biologia) a pensarem e planejarem suas aulas como eventos calorosos que proporcionem bons encontros. Encontros alegres que os inspirem a sonhar e colocar em prática *outras formas (nunca fôrmas!)* de nos construir professores. Formas que nos forcem a pensar que a docência se trama na rua, no pátio, nas praças, no supermercado, no dia a dia, no mundo lá fora... lá onde o vento faz a curva...”.

relacionarmos com os vírus, em possíveis convivências que, como percebemos, são inevitáveis ao habitarmos o mundo. Resta a nós, educadores em ciências e biologia e... nas salas de aula, nos museus, nos cinemas, nas praças, nas ruas, nos caminhos múltiplos da vida, e... e... e... a contínua tarefa de cultivarmos a sensível, potente e sutil capacidade de estarmos atentos às afecções possíveis a partir de tais encontros, de manter o nosso corpo vibrátil (ROLNIK, 2016) poroso e em movimento, de articularmos possibilidades de nos contagiarmos com tais produções, mobilizando-as, dentro de nossas caixas de ferramentas (FOUCAULT; DELEUZE, 2019) da docência-vida, em nossos cotidianos e práticas educativas, de criar modos outros de ensinarmos e de nos educarmos com e a partir dos trajetos audiovisuais.

Ao mobilizarmos as questões em torno do HIV, da aids e da educação, os caminhos não estão prontos, demandam serem construídos, no enfrentamento do estigma, no questionamento dos dispositivos médicos, do preconceito, das linhas que descarrilam em mortes, das tensões que cerceiam o desejo – questões que, mais uma vez, reforço: são fortemente produzidas e atualizadas no ensino de ciências e biologia, mas não precisam assim continuar sendo: é possível criar outras relações e traçar diferentes caminhos. Habitar os territórios pandêmicos não é algo simples, demanda-nos muita força e atenção para agenciar bons encontros, mesmo quando a vida, em risco, parece estar próxima do fim¹⁶⁸.

“É preciso estar atento e forte, não temos tempo pra temer a morte”¹⁶⁹, já nos ensinaram Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal Costa. São “tempos difíceis, mas não impossíveis”, recorda Gallo (2019, p. 1). É necessário seguir, organizando encontros, articulando educações nas minoridades possíveis e nos movimentando, fazendo alianças com as ciências, as artes, as filosofias, na força do coletivo. As pistas para os trajetos por vir na produção de formas outras de educar em HIV/aids são muitas, os caminhos são múltiplos. Nada está acabado, tudo está

¹⁶⁸ Me recordo e me inspiro nesta afirmação a partir das potentes mobilizações de Perlongher (1987, p. 87-88, grifos meus): “Envolvidos numa rede de encontros sociais, os corpos produzem intensidades. Por sinal, os afetos e repulsões entre os corpos, suas sensações, são eles próprios intensivos, isto é, modulam-se segundo limiares de intensidade, cuja produção transtorna e atravessa os próprios corpos, extremando ou subvertendo até a organização fisiológica do organismo. Daí que procuras muito fortes de intensidade, de êxtase nas sensações, possam tensionar o corpo até o limite de sua resistência, até as portas da morte e da desagregação. O desejo tenderia ao excesso, à desmesura, à fuga. Os caminhos são variáveis. A busca extremada de intensidade pode percorrer as vias da orgia, da perversão radical e sistemática, até a extenuação e a repetição apática dos gestos. Linha de fuga sempre fronteira, ela pode beirar o abismo da destruição ou da autodestruição, desencadeando uma paixão de abolição. Tanto o perverso que perambula pelas bocas do perigo, quanto o consumidor de drogas que se obstina na exacerbação até o impossível de uma vertigem frenética estariam mergulhando (ou naufragando?) nas areias movediças onde a intensificação do desejo roça a morte. No entanto, essa procura desenfreada não é estritamente suicida, embora o suicídio possa aparecer, à maneira de um acidente ou de uma tentação, na complexidade de seus meandros. *Essa demanda de intensidade é essencialmente afirmativa – afirma a vida tensionando-a e tensionando o corpo, viajando na experimentação dos seus limites*”.

¹⁶⁹ Música *Divino, Maravilhoso*, de Gilberto Gil e Caetano Veloso, eternizada na voz de Gal Costa.

em movimento. É possível agenciar diferentes rotas e, quiçá, formas outras de trilhar as antigas estradas. Uma potente pista, então, é estar aberto ao sutil e intenso contágio afectivo presente nas imagens e sons, ao mundo que nos circunda e que também constituímos, aos devires infectantes, ao desejo e à força transbordante da vida.

A vida grita. E a luta continua...
Caio Fernando Abreu (2014, p. 132)

REFERÊNCIAS

120 BATIMENTOS por minuto. Direção: Robin Campillo. Produção: Robin Campillo. França: Sesc TV, 2017. 1 vídeo (143 min).

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

ACT UP. **Manifesto Queer Nation**. Tradução de Roberto Romero. Belo Horizonte: Caderno de Leituras n° 53, 2016. (Série Intempestiva).

ALÓS, Anselmo Peres. Corpo infectado/corpus infectado: aids, narrativa e metáforas oportunistas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-11, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n357771>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5d7MBcZ3rcnVPg7Qd4ZvQ5s/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; CARVALHO, Daniela Franco. Vermelhos ritmos e(m) biológicas: sonoridades de ruptura com o esperado na singularidade de viver mulher. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, n. 4, p. 926-940, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i4.8654805>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654805>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 52-75.

BASTOS, Sandra Nazaré Dias. Por um Ensino de Biologia que se permita escutar a voz dos passarinhos e desenhar o cheiro das árvores. *In*: FERREIRA, Márcia Serra *et al.* (Orgs.). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 149-162.

BASTOS, Vinícius Colussi. Educação em saúde menor: análise de uma proposta de experimentação diante a epidemia de hiv e aids. *In*: FALEIRO, Wender; SANTOS, Sandro Prado; SANGALLI, Andreia (Orgs.). **Ciências da Natureza para a diversidade**. Goiânia: Kelps, 2020. p. 212-240.

BELOQUI, Jorge. A polaridade vida-morte e a AIDS. *In*: PAIVA, Vera (Org.). **Em tempos de AIDS: sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores, viva a vida**. São Paulo: Summus Editorial, 1992. p. 27-31.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: quem pode habitar o estado-nação?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, p. 1-16, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MjN8GzVSCpWtxn7kypK3PVJ/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BIATO, Emília Carvalho Leitão. Mil saúdes por vir: arte e escritura na docência. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 23, n. 1, p. 133-151, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2021v23n1p133-151>. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4041>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BOCCHETTI, André. Corpos, silêncios e disciplinas: sobre modos de confinamento e suas educações possíveis. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, p. 1-24, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0114>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/tJkX5TtwfHPFkYgxLnbGBTs/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.313, de 13 de novembro de 1996**. Dispõe sobre a distribuição gratuita de medicamentos aos portadores do HIV e doentes de AIDS. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19313.htm. Acesso em: 29 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: HIV/Aids 2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf/view>. Acesso em: 03 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: HIV/Aids I 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HIV AIDS 2018: Boletim Epidemiológico**. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>. Acesso em: 19 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota informativa nº 5/2019-.DIAHV/SVS/MS**: informa sobre o conceito do termo indetectável = intransmissível (i = i) para pessoas vivendo com hiv (pvhiv) que estejam em tratamento e com carga viral do hiv indetectável há pelo menos 6(seis) meses. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/legislacao/nota-informativa-no-52019-diahvsvsms>. Acesso em: 18 out. 2020.

BUENOZ, Paulo Lima. CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações. **Bagoas: Revista de Estudos Gays: Gênero e Sexualidades**, Natal, v. 3, n. 4, p. 233-270, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2305>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BUTTURI JUNIOR, Atílio. O hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 637-657, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138655542019582>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/KgpnJBsDxVskHPqBLDc3FBp/?lang=pt#>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BUTTURI JUNIOR, Atílio; LARA, Camila de Almeida. As narrativas de si e a produção da memória do hiv na campanha O cartaz HIV positivo. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 2, p. 393-411, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180208-12217>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/tWtfRnpVwVXMr7G6bSYRG6d/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CARTA para além dos muros – HIV e Aids no Brasil #PrecisamosFalarSobreIsso. Direção: André Canto. Produção: Larissa Barbosa. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (54 min).

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1. ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

COMO sobreviver a uma praga (*How to survive a plague*). Direção: David France. Produção: Howard Gertler e David France. Estados Unidos: Public Square Films, 2012. 1 vídeo (110 min).

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 103-127.

CORAZZA, Sandra Mara. Os sentidos do currículo. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 149-164, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24120>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CORRÊA, Guilherme; PREVE, Ana Maria. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 37, n. 2, p. 181-202, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/652>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS**: a terceira epidemia: ensaios e tentativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2018.

DELEUZE, Gilles. ¿Qué es un dispositivo? In: BALIBAR, Étienne *et al.* (Orgs.). **Michel Foucault**: Filósofo. Barcelona: Gedisa, 1989. p. 155-163.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2019. (v. 1).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011. (v. 2).

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários – educadores**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DIAZ, Santiago. Contra-pedagogia do contágio. **Ecos**, Niterói, v. 2, n. 10, p. 169-172, 2020. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3071>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-76.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Coleção Ditos & Escritos IV).

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense, 2010a. (Coleção Ditos & Escritos V).

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. O saber gay. **Ecopolítica**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 2-27, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23545>. Acesso em: 29 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 118-140. (Coleção Ditos & Escritos IX).

FOUCAULT, Michel. **Repensar a Política**. Rio de Janeiro: Forense, 2010b. (Coleção Ditos & Escritos VI).

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso (1984). *In*: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense, 2014b. p. 215-237. (Coleção Ditos & Escritos IX).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os Intelectuais e o Poder. *In*: FOUCAULT, Michel (Org.). **Microfísicas do Poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. p. 129-142.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

GALLO, Sílvio. “Tempos difíceis, mas não impossíveis”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-5, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-ed01>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/HLyNgV5FyThNw3GtZ3YjFvH/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

GALLO, Sílvio. Em torno da educação menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 169-178, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>. Acesso em: 04 fev. 2021.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. *In*: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos Cotidianos**. 1. ed. Petrópolis: De Petrus, 2010. (v. 1). p. 231-246. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/GalloEuOutroOutros.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

GALLO, Sílvio. O que é filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 49-68, 2000. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-6248-2000-034>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10418>. Acesso em: 16 jun. 2022.

GAVIGAN, Kelly *et al.* Pedagogia da Prevenção: reinventando a prevenção do HIV no século XXI. **Perspectiva Política**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2015/11/PolicyBrief_portugues_jan2016.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 1-7, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Orgs.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 1, n. 29, p. 479-505, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i29.118885>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>. Acesso em: 22 set. 2022.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

KURY, Bruna; CAPELOBO, Walla. Desejo que sobrevivamos pois já sobrevivemos. **Glac para ler com o corpo!**, São Paulo, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.glacedicoes.com/post/desejo-que-sobrevivamos-pois-ja-sobrevivemos-bruna-kury-e-walla-capelobo>. Acesso em: 19 jan. 2021.

LAPOUJADE, David. **Existências Mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417>. Acesso em: 29 ago. 2022.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: 29 ago. 2022.

LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, Daniela Riva; COUTO, Márcia Thereza. The invisibility of heterosexuality in HIV/AIDS prevention for men. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 143-155, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201500050011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/ZBFVH45gk8VTD3bvc4JSTQq/?lang=en>. Acesso em: 29 ago. 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019a.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019b.

LOURO, Guacira Lopes. Chega de saudade. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, v. 1, n. 19, p. 11-20, 2012. DOI: <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v0i19.5351>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5351>. Acesso em: 29 nov. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 423-446.

LOURO, Guacira Lopes. Chega de saudade. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, n. 19, 2012. DOI: <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v0i19.5351>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5351>. Acesso em: 22 set. 2022.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 157-175, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200009>. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642459>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MARTIN, Denise. Mulheres e Aids: uma abordagem antropológica. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 33, p. 89-101, 1997. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i33p88-101>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35032>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer**: poesia + hiv / aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. *In*: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

MIGLIORIN, Cezar; BARROSO, Elianne Ivo. Pedagogias do cinema: montagem. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 44, n. 46, p. 15-28, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2016.115323>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/115323>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MORAES, Thiago Ponce. Do Amor. *In*: MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer**: poesia + hiv / aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 121-122.

MOSE, Viviane. Para eles não deu. *In*: MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer**: poesia + hiv / aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 115-116.

NANCY, Jean-Luc. 58 indícios sobre o corpo. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 42-57, 2012. DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2012.2710>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2710>. Acesso em: 29 ago. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

O ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze. Direção: Pierre-André Boutang. Produção: Claire Parnet. Paris: Éditions Montparnasse, 1995. 2 vídeos (306 min).

OLIVEIRA, Leonardo Kozoroski; CORRÊA, Guilherme Carlos. Saúde e educação: pistas de uma clínica da diferença. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 3, p. 12-32, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18616/ce.v9i3.6128>. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6128>. Acesso em: 29 ago. 2022.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v.

23, n. 3, p. 159-178, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000300010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/6YjGVFn6qZpqdGcPVtWFbWn/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

PELBART, Peter Pál. Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. **Instituto de Estudos Avançados (Iea) da Universidade de São Paulo**, São Paulo, p. 1-20, 2008. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, n. 1, p. 125-157, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/29/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

PÊRA, Amora. Amor Contágio. *In*: MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv / aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 138-140.

PERLONGHER, Néstor. **O que é AIDS**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. 2. ed. Jandira: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2019.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 1-31, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/KCnb9McPhytSwZLLfyzGRDP/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

RACHID, Marcia. **Sentença de vida: histórias e lembranças: a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo**. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2020.

RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Estar vivo: aprender. **Revista Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 3, p. 130, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18616/ce.v9i3.6354>. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6354>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993. DOI: <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujetividade/article/view/38134>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SALES, Tiago Amaral; VAZ, Tamiris; GARLET; Francieli Regina; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; LOURENÇO, Keyme Gomes; BORGES, Nicole Cristina Machado. Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar. **Alegrear**, Campinas, v. 26, p. 375-392, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-44>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SALES, Tiago Amaral. A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença. **Pro-Posições**, Campinas. No prelo.

SALES, Tiago Amaral. Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 466-482, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.358>. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/358>. Acesso em: 3 jul. 2022.

SALES, Tiago Amaral. Entre tesões, tensões e prevenções: HIV/Aids e contaminações com as obras de Adriana Bertini. **ClimaCom**, Campinas, v. 7, n. 19, p. 1-2, 2020a. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/entre-tensoes-prevencoes-2/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SALES, Tiago Amaral. Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia. **Ecos**, Niterói, v. 11, n. 2, p. 233-250, 2022a. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3045>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SALES, Tiago Amaral. Formação? Tempo? Pesquisa? Uma carta à pós-graduação. **Alegrear**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 87-93, 2021. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar28-7/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SALES, Tiago Amaral. Palavras violentas, palavras que cortam, rachar as palavras: flertes, encontros e devires entre Leonilson e Foucault. In: SOUSA JUNIOR, Manuel; SALES, Tiago Amaral (Orgs.). **Foucault, arte e educação**: ensaios possíveis. 1. ed. Itapiranga: Schreiben, 2022b. p. 123-131.

SALES, Tiago Amaral. Travessias em poéticas virais. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 10, n. 1, 2022c. DOI: <https://doi.org/10.9771/rf.v10i1.45597>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45597>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SALES, Tiago Amaral; CARVALHO, Daniela Franco. “The AIDS Memorial”: histórias de amor, perda e lembranças em pedagogias de afetos. **Textura**, Canoas, v. 56, n. 36, p. 168-196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29327/227811.23.56-9>. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/6652/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SANGARAMOORTHY, Thurka. Chronicity, crisis, and the ‘end of AIDS’. **Global Public Health**, [s. l.], v. 13, n. 8, p. 982-996, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/17441692.2018.1423701>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2018.1423701>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTIAGO, Silviano. SIM. In: MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv / aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 27.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Luís Henrique dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 229-256.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **Revista de Ensino de Biologia da Sbenbio**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 141-152, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i1.314>. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/314>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; MARTINS, Matheus Moura. Educação em biologia menor. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 382-398, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/1984-5499.2021.v23.33778>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/33778>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Fabricio Aparecido Gomes da; MARTINS, Matheus Moura. Sexualidades e gêneros e educação em biologia menor e cartografias de suas pequenas redes em livros didáticos – PNLD/2018. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 9, n. especial, p. 552-575, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v9iEspecial.12626>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12626>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SANTOS, Sandro Prado; SOUZA, Marcos Lopes de; BASTOS, Felipe. Apresentação. **Revista de Ensino de Biologia da SBenBio**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 5-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.604>. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/604>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SEFFNER, Fernando; PARKER, Richard. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 293-304, 2016. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0459>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/MTZ5T7N97xXVjcGX5qxWsPh/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 47-57, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola (Orgs.). **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

UNAIDS. **Estatísticas mundiais sobre o HIV**: resumo informativo. Brasília: UNAIDS, 2020. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/11/2020_11_19_UNAIDS_FactSheet_PORT_Revisada.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

UNAIDS. Estatísticas. **Site UNAIDS**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://unaid.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

UNAIDS. **Filme escreve ‘uma nova Carta para Além dos Muros’ para acabar com o estigma sobre o HIV**. UNAIDS, Brasília, 7 out. 2019. Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/10/filme-escreve-uma-nova-carta-para-alem-dos-muros-para-acabar-com-o-estigma-sobre-o-hiv/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

VAZ; Tamiris; ESTEVINHO, Lucia. Potencia del aullido para existencias singulares en manada. **La Deleuzina - Revista online de filosofia**, [s. l.], v. 1, n. especial, p. 12-22, 2020. Disponível em: <http://www.ladeleuziana.org/wp-content/uploads/2020/10/3.-Vaz-y-Estevinho.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VISNADI, Marcos. Deus tem AIDS. *In*: MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer**: poesia + hiv / aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 202-204.